"Matt Haig tem grande empatia pela condição humana, conhece a luz e a escuridão de uma alma e usa esse conhecimento para construir excelentes histórias." — NEIL GAIMAN



COMO PARAR O TEMPO

MATT HAIG

Harper Collins

MATT HAIG

COMO PARAR O TEMPO

Tradução
Carla Bitelli e Flávia Yacubian

HarperCollins
Rio de Janeiro, 2017



Título original: How to Stop Time
Copyright © Matt Haig, 2017

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Harper Collins Brasil, um selo da Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Rua da Quintanda, 86, sala 218 - Centro - 20091-005
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Telefone: (21) 3175-1030

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H174c
Haig, Matt
Como parar o tempo / Matt Haig; tradução Carla Bitelli, Flávia Yacubian. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

Tradução de: How to stop time
ISBN: 9788595082151

1. Ficção inglesa. I. Bitelli, Carla. II. Yacubian, Flávia. III. Título.

17-44166 CDD: 823
CDU: 821.111-3

Sumário

PARTE UM: A Vida entre as Efeméridas

Sri Lanka, três semanas atrás
Los Angeles, duas semanas atrás
Londres, agora
Londres, 1623
Londres, agora
Londres, 1860
Londres e St. Albans, 1860-1891
Londres, 1891
Londres, agora
Suffolk, Inglaterra, 1599
Londres, agora
Suffolk, Inglaterra, 1599
Londres, agora
Suffolk, Inglaterra, 1599

PARTE DOIS: O homem que era a América

Londres, agora
Arranha-céus

Floresta
St. Albans, Inglaterra, 1891
Oceano Atlântico, 1891
Nova York, 1891
Londres, agora

PARTE TRÊS: Rose

Bow, próximo a Londres, 1599
Londres, agora
Hackney, perto de Londres, 1599
Londres, agora
Londres, 1599
Londres, agora
Londres, 1599
Londres, agora
Londres, 1599
Hackney, redondezas de Londres, 1599
Londres, agora
Paris, 1928
Londres, agora

PARTE QUATRO: O Pianista

Bisbee, Arizona, 1926
Los Angeles, 1926
Londres, agora
Um interlúdio sobre o piano
Londres, agora
Londres, 1607–1616
Londres, agora
Canterbury, 1616–1617
Londres, agora
Paris, 1929
Londres, agora

PARTE CINCO: O retorno

Plymouth, Inglaterra, 1768
Londres, agora
Taiti, 1767
Dubai, agora
Plymouth, Inglaterra, 1772
Algum lugar sobre a Austrália, agora
Huahine, Arquipélago da Sociedade, 1773
Oceano Pacífico, 1773
Byron Bay, Austrália, agora
Canterbury, Inglaterra, 1617
Byron Bay, Austrália, agora
Londres, agora
La Forêt de Pons, França, o futuro

Sobre o autor

Para Andrea

Eu sempre penso no que Hendrich disse para mim, há mais de século, em seu apartamento nova-iorquino.

— A primeira regra é não se apaixonar — disse ele. — Há outras regras, mas esta é a principal. Nada de se apaixonar. Nada de ficar apaixonado. Nem pense em amor. Se seguir esta regra, vai ficar tudo relativamente bem.

Eu observei através da fumaça curvilínea do charuto dele, até o Central Park, cujas árvores haviam sido arrancadas pelo furacão.

— Acho que nunca mais vou amar — falei.

Hendrich sorriu, malandro como ele só.

— Que bom. Você pode, é claro, amar comida, música e champanhe e as raras tardes ensolaradas de outubro. Pode amar cachoeiras e o cheiro de livro antigo, mas não pode amar pessoas. Está ouvindo? Não se apegue às pessoas, e tente sentir o menos possível por aquelas que conhecer. Porque, de outro modo, aos poucos enlouquecerá…

PARTE UM

A Vida entre as Efeméridas

Eu sou velho.

Isso é o mais importante que tenho a contar. E no que vai ser mais difícil acreditar. Se me visse, diria que tenho por volta de quarenta anos, mas você erraria por muito.

Eu sou *velho* — velho como uma árvore ou moluscos ou um quadro renascentista.

Para você ter uma ideia: eu nasci há bem mais de quatrocentos anos, no terceiro dia de março de 1581, no quarto dos meus pais, no terceiro andar de um pequeno *château* francês que costumava ser meu lar. Fazia um dia quente para aquela época do ano, era o que contavam, e minha mãe pedira à parteira que abrisse todas as janelas.

— Deus sorriu para você — disse minha mãe.

Embora eu pense que ela poderia acrescentar — caso Ele exista — que o sorriso tornara-se uma carranca desde então.

Minha mãe morreu há muito tempo. Eu, por outro lado, não.

Sabe, eu sofro de uma condição.

Por um bom tempo, pensei nisso como uma doença, mas esta não é a palavra certa. Doença sugere enfermidade e definhamento. Melhor dizer que sofro de uma condição. Uma condição rara, mas não única. Uma sobre a qual ninguém sabe a respeito até adquiri-la.

Não consta em nenhuma publicação médica oficial. Nem tem um nome oficial. O primeiro médico respeitado que a nomeou, pelos idos de 1890, chamou-a de “anageria”, mas, por motivos obscuros, o fato não veio a público.

* * *

A condição se desenvolve na puberdade. O que acontece depois… bem, não é muita coisa. No começo, o “doente” não vai perceber. Afinal, todos os dias as pessoas acordam e veem no espelho o mesmo rosto do dia anterior. Dia após dia, semana após semana, até mês após mês, as pessoas não mudam de forma perceptível.

Mas conforme o tempo passa, em aniversários ou outros eventos anuais, as pessoas começam a notar que você não está envelhecendo.

A verdade é que aquele indivíduo não parou realmente de envelhecer. Eles envelhecem, sim. Apenas muito mais vagarosamente. A velocidade do envelhecimento nas pessoas com anageria varia um pouco, mas em geral é em uma proporção de 1:15. Às vezes é um ano a cada 13 ou 14 anos, mas comigo é mais próximo de 15.

Então, não somos imortais. Nossas mentes e corpos não estão em estase. É apenas que, de acordo com a última conclusão da ciência, vários aspectos de nosso processo de envelhecimento — a degeneração molecular, a reticulação celular de um tecido, as mutações celulares e moleculares (incluindo as mais importantes: no DNA nuclear) — seguem outra escala de tempo.

Meu cabelo ficará grisalho. Posso ficar careca. Osteoartrite e perda auditiva são prováveis. Meus olhos sofrerão de presbiopia. Um dia, perderei massa muscular e a mobilidade.

Uma característica da anageria é que proporciona um fortalecimento do sistema imunológico, protegendo-o de muitas (senão todas) infecções virais e bacterianas, mas, no final, isso também começa a se perder. Não quero entediá-lo com ciência, mas parece que nossa medula óssea produz mais células-tronco hematopoiéticas — precursoras dos glóbulos brancos — durante nosso auge, embora seja importante ressaltar que não estamos protegidos de ferimentos ou desnutrição, e não dura para sempre.

Portanto, não me imagine como um vampiro sexy, permanentemente no auge da virilidade. Embora eu deva dizer que parece permanente quando, de

acordo com a aparência, apenas uma década se passou entre a morte de Napoleão e a primeira vez que um homem pisou na lua.

Um dos motivos pelos quais as pessoas não sabem a nosso respeito é porque a maioria não está preparada para acreditar.

Seres humanos, como regra, simplesmente não aceitam coisas que não se encaixem em sua visão de mundo. Então, é possível dizer “eu tenho 430 anos de idade”, mas a reação seria, em geral, “você é louco?”. “Ou talvez prefira morrer.”

Outra razão pela qual não nos conhecem é que somos protegidos. Por um tipo de organização. Qualquer um que descobrir nosso segredo, e acreditar nele, tende a ter sua curta vida encurtada. Então, o perigo não existe apenas entre humanos comuns.

Existe também entre nós.

Sri Lanka, três semanas atrás

Chandrika Seneviratne estava deitada sob uma árvore, a uns cem metros atrás do templo. Formigas subiam pelo seu rosto enrugado. Seus olhos estavam fechados. Ouvi um farfalhar acima. Olhei e vi um macaco me encarando com olhos críticos.

Eu havia pedido ao motorista do *tuk-tuk* para me levar ao local de observação de macacos perto do templo. Ele me contara que esse tipo castanho-avermelhado com o rosto quase sem pelos era um macaco *rilewa*.

— Em sério risco de extinção — contara o motorista. — Não sobraram muitos. É aqui que eles ficam.

O macaco zuniu para longe. Desapareceu entre as folhas.

Toquei a mão da mulher. Fria. Supus que ela estivera deitada ali, sem ser descoberta, por mais ou menos um dia. Continuei segurando a mão e me peguei chorando. Eram emoções difíceis de definir. Uma onda crescente de arrependimento, alívio, dor e medo. Fiquei triste por Chandrika não estar ali para responder minhas questões. Mas também aliviado por não precisar matá-la. Eu sabia que ela teria de morrer.

O alívio se tornou outra coisa. Pode ter sido o estresse ou o sol ou os ovos *hoppas* que eu tinha comido no café da manhã, mas comecei a vomitar. Foi então que ficou claro. *Não posso mais fazer isso*.

Não havia sinal de telefone no templo, então esperei para ligar para Hendrich do meu quarto de hotel na velha cidade-forte de Galle, escondido atrás da

minha tela antimosquito, suado, encarando o ventilador de teto inútil.

— Você fez o que tinha que ser feito? — perguntou ele.

— Sim — eu disse, a meio caminho da verdade. Afinal, o resultado era o que ele esperava. — Ela está morta. — Então fiz a pergunta de sempre: — Vocês a encontraram?

— Não — disse ele, como sempre. — Não encontramos. Ainda não.

Ainda. A palavra que me prendia por décadas. Mas, dessa vez, eu estava mais confiante.

— Agora, Hendrich, por favor. Eu quero uma vida comum. Não quero fazer isso.

Ele suspirou, cansado.

— Preciso ver você. Já faz muito tempo.

Los Angeles, duas semanas atrás

Hendrich estava de volta a Los Angeles. Ele não vivia ali desde a década de 1920, então pensou que seria seguro, que ninguém estaria vivo para se lembrar dele. Ele tinha uma casa grande em Brentwood, que servia como quartel-general para a Sociedade Albatroz. Brentwood era o bairro perfeito para ele. Uma terra perfumada pelo gerânio, com casas grandes escondidas atrás de cercas altas e paredes e cercas-vivas, onde não havia pedestres nas ruas, e tudo, mesmo as árvores, parecia perfeito ao ponto da esterilidade.

Fiquei chocado ao ver Hendrich sentado ao lado de sua piscina enorme, em uma espreguiçadeira, com o laptop no colo. Normalmente, ele parecia sempre o mesmo, mas dessa vez estava diferente. Parecia *mais* jovem. Ainda velho e artrítico, mas, bem, melhor do que era há um século.

— Oi, Hendrich. Você está bonito.

Ele assentiu, como se eu não estivesse contando nenhuma novidade.

— Botox e lifting.

Ele não estava brincando. Nesta vida, ele era cirurgião plástico aposentado. A história era que tinha se mudado de Miami para Los Angeles depois da aposentadoria. Dessa forma, poderia evitar a questão de não ter antigos pacientes por lá. O nome dele atual era Harry Silverman. (“Silverman. Não gosta? Parece um super-herói velho. Que é o que sou.”)

Sentei na outra espreguiçadeira. A empregada, Rosella, apareceu com dois smoothies da cor do pôr do sol. Notei as mãos dele. Velhas. Manchas senis e pele flácida e veias azul-anil. Era mais fácil mentir pelo rosto do que pelas

mãos.

— Espinheiro-marítimo. Que maluquice. É uma bosta. Experimenta.

O louco sobre Hendrich é que ele se mantém totalmente a par dos tempos. Desde sempre, penso eu. Com certeza desde os anos 1890. Séculos atrás, vendendo tulipas, deveria já ser assim. Estranho. Ele é mais velho do que todos nós, mas está sempre na crista da onda.

— O negócio é que, na Califórnia, a única maneira de parecer que está envelhecendo é parecer que está rejuvenescendo. Se você pode mexer a testa depois dos quarenta, o pessoal desconfia.

Ele me contou que ficou em Santa Bárbara por alguns anos, mas se entediou.

— Santa Bárbara é agradável. É o paraíso, com um pouco mais de trânsito. Mas nada acontece no céu. Eu tinha uma casa nas montanhas. Bebia o vinho da região todas as noites. Mas estava ficando louco. Vivia tendo ataques de pânico. Eu vivi por mais de setecentos anos sem nunca ter um ataque desses. Testemunhei guerras e revoluções. Tudo bem. Mas chego em Santa Bárbara e acordo na minha mansão, com o coração a mil, me sentindo preso dentro de mim. Los Angeles, entretanto, é outra coisa. Los Angeles me acalmou na hora, vou te contar…

— Sentir calma. Deve ser bom.

Ele me observou, como se eu fosse uma obra de arte com significado obscuro.

— O que foi, Tom? Saudades de mim?

— Algo do tipo.

— O que foi? A Islândia foi tão ruim assim?

Eu vivi na Islândia por oito anos antes da minha breve missão no Sri Lanka.

— Era solitário.

— Mas eu pensei que quisesse ficar solitário, depois de Toronto. Disse que a solidão real é entre a gente. E, além do mais, isso é o que somos, Tom. Solitários.

Inspirei, como se fosse mergulhar na frase seguinte.

— Não quero mais ser isso. Quero pular fora.

Não houve uma reação. Nem piscou. Olhei para as mãos enrugadas dele, as articulações inchadas.

— Não existe *fora*, Tom. Você sabe. Você é um albatroz. Não é uma efemérida. É um albatroz.

A ideia por trás do nome é simples: os albatrozes, naquele tempo, eram considerados criaturas com vidas extensas. A verdade é que só vivem por uns sessenta anos; bem menos que, digamos, os tubarões da Groenlândia, que vivem quatrocentos, ou o molusco que os cientistas chamaram de Ming, porque havia nascido durante a dinastia Ming, mais de quinhentos anos atrás. Mas, enfim, nós éramos albatrozes. Ou albas, para facilitar. E todos os outros humanos na Terra eram chamados de efeméridas, pois este inseto aquático vive o ciclo completo de sua vida em um dia ou, para uma das subespécies, em cinco minutos.

Hendrich nunca se referia a outro humano comum a não ser como efeméride. Eu achava essa terminologia — que já estava arraigada em mim — cada vez mais ridícula.

Albatrozes. Efeméridas. Que bobagem.

Apesar de tanta idade e inteligência, Hendrich era basicamente imaturo. Era uma criança. Uma criança incrivelmente antiga.

Isso era o deprimente de conhecer outros albas. Percebíamos que não éramos especiais. Não éramos super-heróis. Éramos apenas *velhos*. E, em casos como o de Hendrich, não importava quantos anos, décadas ou séculos haviam se passado, porque sempre se vivia dentro dos parâmetros de sua personalidade. Nenhuma passagem de tempo, ou mudança de local, poderia mudar isso. Não havia como escapar de si mesmo.

— Acho um desrespeito, para ser sincero — disse ele. — Depois de tudo que fiz por você.

— Eu agradeço o que fez por mim… — hesitei. O que ele havia feito por mim? O que ele prometera não foi cumprido.

— Você entende *como* é o mundo moderno, Tom? Não é como nos velhos tempos. Não dá pra mudar de endereço e colocar seu nome no registro da paróquia. Sabe quanto tive de *pagar* para manter você e os outros membros a salvo?

— Então você vai economizar sem mim.

— Eu sempre deixei bem claro: é um caminho sem volta…

— Um caminho que eu nunca pedi pra percorrer.

Ele chupou o canudo e fez uma careta quando sentiu o gosto do smoothie.

— A própria vida é assim, não é? Ouça, garoto…

— Eu não sou um garoto.

— Você fez uma escolha. Foi sua escolha ver o dr. Hutchinson…

— E eu nunca teria feito essa escolha se soubesse o que aconteceria com

ele.

Ele mexeu a bebida com o canudo, depois colocou o copo na pequena mesa ao lado e tomou o suplemento de glucosamina para a artrite.

— Então eu precisaria ter mandado matar você. — Ele riu com seu grasnado, para mostrar que era uma piada. Mas não era. Claro que não. — Vou oferecer uma proposta. Vou lhe dar a vida que deseja, a que quiser, mas a cada oito anos, como sempre, vai ser chamado e, antes de escolher a nova identidade, vou pedir que faça algo.

Eu já tinha ouvido tudo aquilo antes, claro. Embora "a vida que deseja" nunca fosse isso de fato. Ele me daria um bando de opções dentre as quais eu escolheria. E minha resposta, claro, também soou familiar aos ouvidos dele.

— Alguma notícia dela? — Uma pergunta que fiz centenas de vezes, mas nunca havia soado tão patética e inútil.

Ele olhou para a bebida.

— Não.

Notei que ele respondeu um pouco mais rápido que o de costume.

— Hendrich?

— Não. Não tenho notícia. Mas, ouça, estamos encontrando pessoas novas em um ritmo incrível. Mais de setenta no ano passado. Você se lembra de quando começamos? Em um bom ano, eram cinco. Se ainda quer encontrá-la, seria loucura sair agora.

Escutei um barulho de água vindo da piscina. Levantei-me, fui até a beira e vi um ratinho, nadando sem esperança ao lado do filtro de água. Ajoelhei-me e recolhi a criatura. Ele correu na direção da grama bem aparada.

Ele me tinha em suas mãos, e sabia. Não havia como sair vivo. E mesmo que houvesse, era mais fácil ficar. Havia certo conforto… segurança.

— Qualquer vida que eu quiser.

— Qualquer vida que você quiser.

Tenho certeza que, Hendrich sendo Hendrich, pensava que eu exigiria algo extravagante e caro. Que eu pediria para viver em um iate na costa amalfitana, ou em uma cobertura em Dubai. Mas eu já havia pensado nisso e sabia o que dizer.

— Quero voltar para Londres.

— Londres? Você sabe que ela não deve estar lá.

— Eu sei. Só quero voltar. Me sentir em casa outra vez. Quero ser professor. De história.

Ele riu.

— Professor de história. No colegial?

— É “ensino secundário” na Inglaterra. Mas, sim, professor de história no colegial. Acho que seria uma coisa boa de fazer.

E Hendrich sorriu e olhou para mim levemente confuso, como se eu tivesse pedido frango em vez de lagosta.

— Perfeito. Sim. Bem, precisamos ajeitar umas coisas e…

E Hendrich continuou falando enquanto eu observava o rato desaparecer sob a cerca-viva, pelas sombras até a liberdade.

Londres, agora

Londres. A primeira semana de minha nova vida.

Escritório da diretora da escola Oakfield.

Estou tentando parecer normal. É um desafio cada vez maior. O passado tenta atravessar.

Não.

Já atravessou. O passado está sempre aqui. A sala cheira a café solúvel, desinfetante e tapete sintético, mas há um pôster de Shakespeare.

É aquele retrato de sempre. Entradas na testa, pálido, olhos sem vida de um chapado. Uma imagem que não se parece com ele de verdade.

Volto o foco à diretora, Daphne Bello. Ela está usando brincos de argola cor de laranja. Possui alguns cabelos brancos entre os negros. Sorri para mim. Um sorriso pensativo. O tipo de sorriso que ninguém é capaz de sorrir antes dos quarenta. O tipo que contém tristeza, desafio e diversão, tudo ao mesmo tempo.

— Faz muito tempo que estou aqui.

— É mesmo? — digo.

Lá fora, uma sirene de polícia a distância fica cada vez mais longe até desaparecer.

— O *tempo* — continua ela — é uma coisa estranha, não é?

Ela segura a borda do copo descartável de café com delicadeza ao colocá-lo ao lado do computador.

— A mais estranha — concordo.

Gosto da Daphne. Gosto da entrevista. Gosto de estar de volta à Londres, de volta a Tower Hamlets. E de fazer uma entrevista para um emprego comum. É tão maravilhoso se sentir, bem, *comum* para variar.

— Faz trinta anos que sou professora. Vinte aqui. Que deprimente. Todos esses anos. Estou tão velha. — Ela suspira pelo sorriso.

Sempre acho graça quando falam isso.

— Não parece — é o que se deve dizer, então eu digo.

— Cavalheiro! Pontos extras! — Ela dá uma risada que sobe dois oitavos.

Imagino a risada como um pássaro invisível, algo exótico, de Santa Lúcia (de onde o pai dela é), voando para o céu cinza atrás da janela.

— Oh, ser jovem como você. — Ela dá uma risadinha.

— Quarenta e um não é jovem — falo, enfatizando o número absurdo. *Quarenta e um. Quarenta e um. É o que eu tenho.*

— Você está muito bem.

— Acabei de voltar de viagem. Deve ser isso.

— Um lugar bacana?

— Sri Lanka. Foi bacana. Alimentei tartarugas no mar…

— Tartarugas?

— Sim.

Olhei pela janela e vi uma mulher com um bando de alunos uniformizados seguindo na direção do parquinho. Ela para, se vira na direção deles, e vejo seu rosto enquanto fala palavras que não escuto. Ela usa óculos e jeans e um cardigã comprido que se move suavemente com o vento, e ajeita o cabelo atrás da orelha. Ela ri de algo que um aluno fala. A risada ilumina seu rosto e eu fico encantado por um instante.

— Ah — diz Daphne, para meu constrangimento, quando ela vê para onde olho. — Essa é a Camille, nossa professora de francês. Ela é única. As crianças a amam. Ela sempre os leva para fora… aulas de francês ao ar livre. É esse tipo de escola.

— Sei que você fez coisas incríveis aqui — digo, redirecionando a conversa.

— Eu tento. Nós todos tentamos. Mas às vezes são causas perdidas. Essa é minha única preocupação com o seu currículo. Suas referências são incríveis. E eu chequei todas…

Fico aliviado. Não por ela ter checado as referências, mas por ter tido alguém que atendeu o telefone ou respondeu o e-mail.

— …mas não estamos na área rural de Suffolk. Aqui é Londres. Tower

Hamlets.

— Crianças são crianças.

— E são crianças ótimas. Mas essa região é diferente. Elas não têm os mesmos privilégios. Minha preocupação é que você tenha vivido numa bolha.

— Você iria se surpreender.

— E muitos estudantes aqui precisam se esforçar para compreender o presente, quanto mais a história. Eles só se preocupam com o mundo ao redor. Ganhar a atenção deles é o segredo. Como você daria vida à história?

Essa pergunta era fácil.

— A história não precisa ganhar vida. Ela já *é* viva. Nós somos história. A história não são os políticos, reis e rainhas. História é todo mundo. É tudo. É o seu café. É possível explicar muito da história do capitalismo e do império e da escravidão apenas falando sobre café. A quantidade de sangue e sofrimento necessária para que possamos sentar aqui e beber café nesses copos descartáveis é impressionante.

— Perdi a vontade de beber.

— Oh, perdão. O ponto é: a história está por toda parte. É necessário apenas que percebam isso. Assim entendemos um lugar.

— Certo.

— A história são as pessoas. Todos amam história.

Daphne me olha com dúvida, o rosto contraindo-se para o pescoço enquanto as sobrancelhas se levantam.

— Tem certeza?

Aceno de leve com a cabeça.

— Só é preciso fazer com que percebam que tudo o que dizem e fazem e veem é apenas o que dizem e fazem e veem por causa de tudo que aconteceu antes. Por causa de Shakespeare. Por causa de todos os humanos que já viveram.

Olho pela janela. Estamos no terceiro andar e há uma bela vista, mesmo com a garoa da Londres cinza. Vejo uma antiga construção georgiana pela qual passei muitas vezes.

— Aquele lugar, aquele lugar ali. Aquele com as chaminés? Era um hospício. E ali — aponto para outro prédio baixo e de tijolos — era o velho matadouro. Eles pegavam os ossos para fazer porcelana. Se tivéssemos passado em frente a eles duzentos anos atrás ouviríamos o lamento das pessoas consideradas loucas pela sociedade de um lado e, de outro, o do gado…

Se, se, se.

Aponto os telhados inclinados a leste.

— E logo ali, numa padaria, na rua Old Ford, era onde Sylvia Pankhurst e as sufragistas da zona leste se encontravam. Elas tinham uma placa grande, em letras douradas, que dizia: "votos para as mulheres", não tinha como não ver, perto da antiga fábrica de fósforos.

Daphne escreve algo.

— E você sabe tocar. Violão, piano *e* violino.

E o alaúde. E o bandolim. E a cítara. E a flauta celta, penso.

— Sim.

— Você dá um banho no Martin.

— Martin?

— Nosso professor de música. Ele não tem jeito. Não tem. Mal consegue tocar o triângulo. Mas pensa que é uma estrela do rock. Coitado.

— Bem, eu adoro música. Amo tocar. Mas acho difícil ensinar. Tenho dificuldade de conversar sobre o assunto.

— Diferente de história?

— Diferente de história.

— E você parece a par com o currículo atual.

— Sim — minto com facilidade. — Totalmente.

— E ainda é jovem.

Dou de ombros e faço a expressão que se deve fazer.

— Tenho 56, então 41 é jovem, acredite.

Cinquenta e seis é jovem.

Oitenta e oito é jovem.

Cento e trinta é jovem

— Bom, eu sou um quarentão bem velho.

Ela sorri. Aperta o botão da caneta. Aperta de novo. Cada um é um momento. O primeiro clique, a pausa entre o primeiro clique e o segundo clique. Quando mais se vive, mais difícil se torna. Agarrá-los. Cada pequeno momento que chega. Viver é mais do que o passado e o futuro. É estar aqui, de verdade.

O para sempre, disse Emily Dickinson, é composto de *agoras*. Mas como habitar o agora em que se está? Como impedir os fantasmas de outros *agoras* de entrar? Como, em resumo, se vive?

Estou divagando.

Vem acontecendo com frequência. Já ouvi falar nisso. Outros albas

falaram a respeito. Alcança-se a metade da vida, e os pensamentos ficam insuportáveis. As memórias incham. As dores de cabeça aumentam. A dor de cabeça de hoje não está tão forte, mas está lá.

Tento me concentrar. Tento me segurar àquele agora, poucos segundos atrás, no qual estava gostando da entrevista. Gostando da sensação relativa de vida comum. Ou a ilusão disso.

Não há vida comum.

Não para mim.

Tento me concentrar. Olho para Daphne, que balança a cabeça e ri, mas dessa vez mais suavemente, sobre algo que não revela. Algo triste, pressinto, pelos olhos subitamente vítreos.

— Bem, Tom, estou muita impressionada com seu currículo, devo dizer.

Tom.

Tom Hazard.

Meu nome — meu nome original — era Estienne Thomas Ambroise Christophe Hazard. Esse foi o ponto de partida. Desde então tive muitos, muitos nomes e fui muitas, muitas coisas. Mas, na minha primeira chegada a Londres, rapidamente cortei o excesso e me tornei apenas Tom Hazard.

Agora, usar este nome outra vez, parece uma retomada. Ele ecoa na minha cabeça. *Tom. Tom. Tom. Tom.*

— Você preenche todos os requisitos. Mas mesmo se não preenchesse, conseguiria o emprego.

— Sério? Por quê?

Ela levanta as sobrancelhas.

— Não há outro candidato!

Ambos rimos um pouco.

Mas a risada morre mais rápido que uma efemérida.

Pois então ela diz:

— Eu moro na rua Chapel. Sabe algo sobre ela?

É claro que sei algo sobre ela, e a pergunta me acorda como um vento gelado. A dor de cabeça pulsa com mais força. Imagino uma maçã explodindo no forno. Não devia ter voltado. Não devia ter pedido isso ao Hendrich. Penso na Rose, na última vez em que a vi, e naqueles olhos grandes e desesperados.

— Rua Chapel. Não sei. Não. Não, infelizmente não sei.

— Sem problema. — Ela dá um gole do café.

Olho para o pôster de Shakespeare. Ele parece me encarar, como um velho

amigo. Há uma citação abaixo da imagem.

Sabemos o que somos, mas não sabemos o que poderemos ser.

— Eu tenho um bom pressentimento sobre você, Tom. Precisamos confiar nos pressentimos, não acha?

— Acho que sim — concordo, embora nunca tenha confiado em nenhum tipo de sentimento.

Ela sorri.

Eu sorrio.

Levanto e vou até a porta.

— Nos vemos em setembro.

— Ah! Setembro. Setembro. Vai passar voando. O tempo, sabe? Isso é outra coisa sobre envelhecer. O tempo acelera.

— Bem que eu gostaria — sussurro.

Mas ela não ouve porque continua:

— E as crianças.

— Como é?

— As crianças são outra coisa que parece deixar a vida mais rápida. Eu tenho três. A mais velha tem 22. Se formou ano passado. Ontem mesmo estava brincando de Lego; hoje foi pegar as chaves para o apartamento novo. Vinte e dois anos num piscar de olhos. Você tem filhos?

Seguro a maçaneta. Este é um momento também. E dentro dele, milhares de outros se reavivam dolorosamente.

— Não — digo, pois é mais fácil que a verdade. — Não tenho.

Ela parece, por um breve instante, desconcertada. Penso que está prestes a comentar mas, em vez disso, diz:

— Até breve, sr. Hazard.

Vou até o corredor que também cheira a desinfetante, onde dois adolescentes se encostam na parede, encarando os celulares com a mesma devoção que padres dedicam a seus livros de oração. Viro-me e vejo Daphne olhando para o computador.

— Sim. Até breve.

Ao sair do escritório de Daphne Bello, e para fora da escola, estou no século XXI, mas também no XVII.

Enquanto ando os quase dois quilômetros até a rua Chapel — uma fileira de casas de aposta e calçadas e paradas de ônibus e postes de luz e grafites malfeitos — estou quase em transe. As ruas parecem largas demais. E quando

chego à Chapel, descubro o que eu já sabia, é claro: as casas não estão mais lá, substituídas por aquelas construídas no fim do século XIX, altas e de tijolos vermelhos, e austeras como a época em que foram projetadas.

Na esquina, onde havia uma pequena igreja abandonada, e um sentinela, há hoje um KFC. O plástico vermelho pulsa como uma ferida. Ando em frente com os olhos fechados, tentando captar em que altura da rua estivera a casa, e paro depois de mais ou menos vinte passos. Abro os olhos e vejo uma casa geminada que não carrega nenhuma semelhança com a casa na qual cheguei todos aqueles séculos atrás. Hoje a porta sem marca é de um azul moderno. As janelas revelam uma sala de estar com TV. Alguém está jogando videogame. Um alienígena explode na tela.

A dor de cabeça lateja e sinto fraqueza. Preciso dar um passo atrás, como se o passado fosse algo que pudesse deixar o ar rarefeito, ou afetar as leis da gravidade. Apoio-me em um carro, com cuidado, mas o suficiente para disparar o alarme.

E o barulho é alto, como um lamento de dor, uivando desde 1623, e me afasto rapidamente da casa, da rua, desejando poder me afastar assim facilmente do passado.

Londres, 1623

Eu me apaixonei apenas uma vez na vida. Creio que isso faça de mim um romântico, de certo modo. A ideia de que se tenha apenas um amor verdadeiro, ao qual ninguém se comparará é uma ideia bonita, mas a realidade é puro terror. Encarar todos aqueles solitários anos *depois*. Existir quando o seu propósito já se foi.

E meu propósito, por um tempo, foi Rose.

Mas depois que ela se foi, muitos dos bons momentos foram apagados pelo último. Um fim que foi também um começo terrível. Aquele último dia que tive com ela. Porque é esse dia, quando eu segui até a rua Chapel para vê-la, que definiu muitos outros ao longo dos séculos.

Então…

Eu estava na porta dela.

Eu havia batido e esperado e batido outra vez.

O sentinela, pelo qual eu passara na esquina da rua, aproximava-se.

— É uma casa marcada, rapaz.

— Sim. Eu sei.

— Você não deve entrar… não é seguro.

Estiquei a mão.

— Não se aproxime. Eu também fui amaldiçoado. Não chegue mais perto.

Era mentira, claro, mas foi o suficiente. O sentinela se afastou rapidamente.

— Rose — chamei —, sou eu. Sou eu. Tom. Acabei de ver Grace. Perto do

rio. Ela me avisou que você estaria aqui…

Demorou, mas ouvi a voz dela.

— Tom?

Fazia anos que não ouvia aquela voz.

— Oh, Rose, abra a porta. Preciso vê-la.

— Não posso, Tom. Estou doente.

— Eu sei. Mas eu não vou pegar. Tive contato com muitos portadores da peste estes últimos meses e não tive sequer um resfriado. Vamos, Rose, abra a porta.

Ela abriu.

E ela estava lá, uma mulher. Éramos da mesma idade, próximos, mas agora ela parecia ter quase cinquenta, enquanto eu ainda parecia um adolescente.

A pele dela estava cinza. Feridas cobriam seu rosto como linhas em um mapa. Ela mal ficava de pé. Senti culpa por tê-la feito levantar-se da cama, mas ela parecia feliz por me ver. Ela falava, com pouco coerência, enquanto eu a levava de volta até a cama.

— Você ainda parece tão jovem… Ainda é um rapazinho… quase um menino.

— Eu tenho uma ruga na testa. Olhe.

Segurei a mão dela. Ela não enxergava a ruga.

— Perdão — disse ela. — Perdão por tê-lo mandado ir embora.

— Foi o certo. Minha existência a colocava em perigo.

Devo dizer, caso necessário ser dito: não sei com certeza se as palavras que escrevo aqui foram exatamente as ditas. Provavelmente não. Mas é assim que me lembro dessas coisas, e tudo que podemos ser é fiéis às nossas memórias da realidade, e não à realidade em si, que são coisas semelhantes, mas não precisamente as mesmas.

Embora disto eu tenha certeza de cada palavra:

— Há uma escuridão que circunda tudo. É um êxtase horroroso.

E eu senti o terror do terror dela. Isto é, suponho, o preço que pagamos pelo amor: absorver a dor do outro como se fosse a nossa.

Ela entrava e saía do delírio.

A doença se apropriava mais dela, a cada minuto. Ela era então o oposto de mim. Enquanto para mim a vida se alongava quase que infinitamente até um ponto distante do futuro, para Rose, o fim galopava cada vez mais próximo.

Estava escuro na casa. Todas as janelas haviam sido cobertas por tapumes. Mesmo assim eu podia vê-la deitada na cama, em sua roupa de dormir

ensopada, o rosto brilhante como mármore pálido, manchas vermelhas e acinzentadas colonizando sua pele. O pescoço inchado com caroços do tamanho de ovos. Era terrível, uma espécie de violação, vê-la transformada desse jeito.

— Está tudo bem, Rose. Tudo bem.

Seus olhos arregalados de medo, quase como se algo estivesse dentro do crânio dela, empurrando de dentro para fora.

— Calma, calma, calma… Tudo vai ficar bem…

Era uma coisa ridícula de se dizer. Tudo não ficaria bem.

Ela gemeu um pouco. Seu corpo se contorceu de dor.

— Você precisa ir. — A voz dela estava seca.

Eu me abaixei e beijei sua testa.

— Cuidado — disse ela.

— Não tem perigo.

Na verdade, eu não tinha certeza. Pensava que sim, mas não havia como saber, tendo vivido apenas 42 anos nessa terra (e aparentando pouco mais que os 16 que Rose pensava que eu tinha). Mas eu não me importava. A vida havia perdido seu valor nos anos afastados dela.

Embora eu não visse Rose desde 1603, o amor ainda estava lá, tão forte quanto antes, e doía. Doía mais que qualquer dor física.

— Éramos felizes, não, Tom?

O fraco eco de um sorriso surgiu em seu rosto. Eu me lembrei de quando andávamos pelo Oat Barn, carregando baldes pesados de água, em uma há muito perdida manhã de terça-feira, felizes a conversar. Lembrei-me da alegria de seu sorriso e de seu corpo contorcendo de prazer, não de dor, e de tentarmos ser silenciosos para que sua irmã não acordasse. Eu me lembrei das longas caminhadas voltando de Bankside, desviando de vira-latas e escorregando na lama, confortado por nada mais que o pensamento de que ela estaria no fim da jornada para casa, que ela era meu propósito.

Todas essas vezes, todas essas conversas, todo esse *tudo*, reduzidos à verdade mais simples e elementar.

— Nós éramos… Eu amo você, Rose. Amo tanto.

Eu queria levantá-la e dar-lhe uma torta de coelho e cerejas e fazê-la ficar bem outra vez. Eu podia ver quanta dor ela se sentia, ela queria apenas morrer agora, mas eu não sabia o que isso significava. Eu não sabia como o mundo permaneceria de pé.

Havia algo mais que eu queria. Uma resposta que eu tanto esperava que ela

me desse.

— Querida, onde está Marion?

Ela me encarou por um longo tempo. Eu me preparei para notícias terríveis.

— Ela fugiu…

— O quê?

— Ela é como você.

Demorei um tempo para entender.

— Ela parou de envelhecer.

Ela falou devagar, entre suspiros e tosses e gemidos. Eu avisei que ela não precisava falar mais nada, mas ela sentia que devia.

— Sim. E as pessoas começaram a notar que os anos passavam e ela não mudava. Eu avisei que precisávamos nos mudar de novo e ela ficou muito perturbada, e Manning veio até nós…

— Manning?

— E nessa noite ela fugiu, Tom. Eu fui atrás dela, mas ela desapareceu. Nunca mais voltou. Não tenho ideia de para onde foi ou se está segura. Você precisa achá-la. Precisa cuidar dela… Por favor, seja forte, Tom. Você vai encontrá-la. Eu ficarei bem. Eu me juntarei a meus irmãos…

Eu nunca havia me sentido tão fraco, e, no entanto, estava disposto a lhe dar tudo, até mesmo o mito de minha força e felicidade futura.

— Serei forte, minha Rose.

Sua respiração era uma brisa fraca.

— Você será.

— Oh, Rose.

Eu precisava continuar falando o nome dela e ela precisava continuar ouvindo. Eu precisava que ela continuasse uma realidade viva.

Somos filhos do tempo; não paremos.[1]

Pediu que eu cantasse para ela.

— O que seu coração mandar.

— Meu coração está triste.

— Cante algo triste, então.

Fui pegar meu alaúde, mas ela queria apenas minha voz, e minha voz desacompanhada não era algo de que me orgulhasse, mesmo na frente da Rose, mas cantei, apenas.

Seus sorrisos, as primaveras que fazem minhas alegrias florescer,

Suas dores, os invernos do meu pesar…[2]

Ela sorriu um sorriso suave e preocupado e eu senti o mundo todo escapar, e queria escapar junto, ir aonde ela fosse. Não sabia como ser eu, meu eu incomum e estranho, sem ela. Tinha tentado, claro. Existi por anos sem ela, mas foi apenas isto: existência. Um livro sem palavras.

— Procurarei por Marion.

Ela fechou os olhos, como se tivesse ouvido a última coisa que queria ouvir.

Ela estava cinza como o céu de janeiro.

— Eu amo você, Rose.

E eu procurei em sua boca, na linha entre os lábios pálidos e rachados, a menor curva, a menor resposta, mas ela estava imóvel. A imobilidade assustadora. Ciscos de poeira eram as únicas coisas que se moviam.

Pleiteei com Deus, pedi e implorei e barganhei, mas Deus não barganha. Deus é teimoso e surdo e indiferente. E ela morreu e eu vivi e um buraco se abriu, escuro e profundo, e eu caí e continuei caindo por séculos.

---

[1] Henrique IV, de William Shakespeare. — Tradução: Carlos A. Nunes. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores. [N.T.]

[2] Versos da canção “Come again” de John Downland, compositor e alaúdista contemporâneo de Shakespeare. [N.T.]

Londres, agora

Ainda me sinto fraco. Minha cabeça lateja. Ando. Acho que vai ajudar aliviar as memórias da rua Chapel. Ando até o antídoto: Hackney. Alameda Well. Hoje chamada de rua Well. O lugar onde Rose e eu moramos juntos pela primeira vez, antes dos anos de sofrimento e separação e peste. Há muito não existem mais os chalés e estábulos e celeiros e lago e pomares. Sei que não faz bem andar por lugares que não são mais familiares, buscando por memórias que foram cimentadas, mas preciso ver.

Continuo andando. Devem ser as ruas mais movimentadas de Hackney. Ônibus e fregueses das lojas seguem rápido. Passo em frente a uma loja de celulares e um penhorista e uma lanchonete. E então eu vejo, do outro lado da rua: o lugar onde moramos.

Agora é um prédio de tijolo vermelho sem janela, com uma placa azul e branca. CANIL HACKNEY. É deprimente sentir sua vida apagada. O tipo de deprimente que o obriga a se apoiar numa parede ao lado de um caixa eletrônico e se desculpar ao senhor que protege a senha, explicando que não deseja roubá-lo, mas ainda assim precisa aguentar a encarada de alguém não muito seguro com a explicação.

Observo um homem com um terrier staffordshire deixar o prédio. Então percebo o que posso fazer. Como posso fazer as pazes com meu passado.

Atravesso a rua e entro.

Todos os outros cachorros do lugar estão latindo. Mas este está apenas

largado em sua cesta pequenina. É uma criatura estranha, de pelo cinza e olhos safira. O cachorro, acho, é muito digno para essa modernidade espalhafatosa, um lobo deslocado no tempo. Eu entendo.

O cão está ao lado de um brinquedo de morder intocado. Um osso de borracha amarela vistoso.

— Que raça é? — pergunto à voluntária do abrigo (no crachá, “Lou”). Ela coça o eczema no braço.

— Akita — responde ela. — Japonês. Bem raro. Parece um pouco o husky, né?

— Sim.

Este é o lugar, até onde sei. Este canil, com este lindo cachorro triste, é onde ficava nosso quarto de dormir.

— Qual a idade dele? — pergunto a Lou.

— É bem velho. Onze. Um dos motivos que dificultam a adoção.

— E por que ele está aqui?

— Foi resgatado. Morava numa sacadinha. Acorrentado. Situação precária. Olha. — Ela aponta uma cicatriz marrom-avermelhada na coxa dele, uma região careca. — Queimadura de cigarro.

— Ele parece deprimido.

— Tá mesmo.

— Qual o nome dele?

— Nunca soubemos. A gente chama de Abraham.

— Por quê?

— O prédio onde a gente o achou chamava Lincoln Tower.

— Ah. Abraham. Combina.

Abraham se levanta. Vem até mim e me encara com aqueles olhos azul-claros, como se tentasse me dizer algo. Não era minha intenção arrumar um cachorro. Não fazia parte dos planos para o dia. E, no entanto, cá estou eu dizendo:

— É este. Gostaria de levá-lo pra casa.

Lou me encara, surpresa.

— Não quer ver os outros?

— Não.

Noto a pele manchada no braço de Lou — rubra e inflamada —, e na minha mente é aquele dia frio de inverno, na sala de espera do dr. Hutchinson, entre os outros pacientes, enquanto aguardava ansiosamente por um diagnóstico.

Londres, 1860

Caíra uma nevasca. Após um período de tempo relativamente bom e sem grandes acontecimentos, a temperatura despencara bruscamente nos primeiros dias de janeiro. Foi a época mais fria que vivi em Londres desde 1814, o ano das piadas sobre Napoleão e o escândalo financeiro e a última Feira Gelada, quando os mercadores vendiam em barracas sobre o Tâmisa congelado.

Nessa época, estar ao livre significava mal conseguir movimentar o rosto. Era quase possível sentir o sangue começar a congelar. Eu mal podia enxergar durante minha caminhada de pouco mais de três quilômetros até a rua Blackfriars, e meu caminho era guiado por postes de luz, aqueles elegantes postes de ferro que já foram tão modernos. O hospital onde o dr. Hutchinson trabalhava na época ficava na Blackfriars, o Instituto Cutâneo de Londres para Tratamento e Cura de Doenças Não Infecciosas da Pele. Um nome cativante para os padrões vitorianos.

Claro, eu não tinha doença de pele. Nem irritação cutânea. Nem erupções. Não havia nada de errado com a minha pele, exceto que ela tinha 279 anos de idade e parecia séculos mais jovens; mas, de qualquer modo, meu corpo inteiro parecia mais jovem. Se ao menos minha mente pudesse ter trinta também.

O motivo pelo qual contatei o médico foi devido ao seu trabalho descobrindo e pesquisando uma aflição semelhante, porém oposta, chamada “progéria”.

A palavra é derivada do grego “pro”, que significa não apenas *antes* mas também *cedo*, e “gera”, que significa *velhice*. Velhice prematura. É o que é, basicamente. Uma criança nasce e, antes dos três anos, sintomas estranhos aparecem. Os sintomas se tornam mais assombrosos conforme a criança envelhece.

Os sintomas costumam ser associados à velhice: perda de cabelo, enrugamento da pele, ossos fracos, veias saltadas, juntas rígidas, falência renal e frequentemente perda da visão. Elas morrem cedo.

Essas crianças malfadadas sempre existiram. No entanto, a doença nunca foi reconhecida até a descrição do dr. Hutchinson do caso de um garoto de seis anos que perdia cabelo e apresentava atrofia cutânea.

Então, eu estava me sentindo razoavelmente otimista no caminho para vê-lo. Se alguém poderia me ajudar, seria ele. Sabe, eu tinha, na verdade, sentido dificuldades recentemente. Havia passado os últimos dois séculos procurando por Marion em Londres e no resto do país, ocasionalmente pensado ter visto alguém parecido com ela, e então fazendo papel de bobo. Eu me lembro em particular da surra que levei de um sapateiro bêbado em York on the Shambles, que acreditava que eu estivesse fazendo uma proposta indecente a sua mulher quando perguntei a ela quando tinha nascido. Eu tocava música sempre que recebia por isso, me mudando e trocando de identidade sempre que alguém suspeitava. Nunca juntei riqueza. O dinheiro que eu arranjava sempre soprava na brisa, gasto com aluguel e cerveja.

Houve muitas vezes que perdi totalmente a esperança na busca. Não só na busca por uma pessoa desaparecida, mas também por aquela outra coisa que eu havia perdido: significado. Um propósito. Ocorreu-me que seres humanos não vivem além dos cem anos porque simplesmente não aguentavam. Psicologicamente, quero dizer. Você se *acaba*. Não há *você* o suficiente para seguir em frente. Você fica muito entediado com a própria mente. Com o modo como a vida se repete. Como, depois de um tempo, não há mais sorriso ou gesto inédito. Não há mudança na ordem do mundo que não ecoe outras mudanças na ordem do mundo. E as notícias param de ser novidade. A palavra “novidade” torna-se uma piada. É tudo um ciclo. Um ciclo rodando lentamente para baixo. E sua tolerância pelos seres humanos, fazendo os mesmos erros de novo e de novo e de novo e *de novo* outra vez, começa a desaparecer. É como ficar preso na mesma canção, com um refrão que já foi do seu gosto, mas que agora lhe dá vontade de furar os tímpanos.

De fato, muitas vezes dá vontade de se matar. Às vezes pensei em

transformar a vontade em realidade. Por anos após a morte da Rose, eu me surpreendia com frequência nos boticários, contemplando a compra de arsênico. E recentemente havia voltado a esse estado. Em cima de pontes, sonhando com a não existência.

E eu provavelmente teria dado cabo se não fosse pelas promessas que fizera à Rose e à minha mãe.

Eu simplesmente não gostava da minha condição.

Ela me deixava solitário. E quando digo solitário, quero dizer aquele tipo de solidão que uiva através de você como o vento do deserto. Não era apenas a perda de pessoas conhecidas, mas também a perda de mim mesmo. A perda de quem eu fora quando estivera com elas.

Veja bem, eu amei apenas três pessoas na vida: minha mãe, Rose e Marion. Destas, duas estão mortas, e a vida da outra é apenas uma possibilidade. E, sem amor como âncora, eu fiquei à deriva. Eu fui ao mar, em duas viagens, me afogando na bebida, levado apenas pela determinação de encontrar Marion, e com a esperança de encontrar também a mim no processo.

Atravessei a nevasca. Estava de ressaca. Era necessário beber muito para me dar ressaca, mas eu me esforçava. A cidade parecia estar pela metade, por conta da neve, como se eu estivesse andando em um retrato turvo de Londres feito por Monet, um que ele pintaria em breve. Não havia ninguém, exceto na frente da Missão Cristã, onde homens em paletós largos e rasgados e boinas sobre as cabeças esperavam pela comida. Estavam tão imóveis, tão quietos, tão melancólicos, rígidos de frio.

Havia uma boa chance, percebi, de minha jornada não dar em nada. Mas o que eu poderia fazer? Estava tão desesperado para ver o médico, pois, se alguém no mundo fosse capaz de me contar sobre a minha condição, eu tinha certeza de que seria ele.

Eu nem sabia se ele estaria lá, por conta do tempo.

Assim que cheguei, a enfermeira, srta. Forster, me assegurou que o dr. Hutchinson *sempre* estava lá.

— Ele nunca faltou um só dia de trabalho na vida, eu ouso dizer — contara a srta. Forster, como tenho certeza que já tinha dito a muitos outros. Ela estava tão pura e branca com seu chapéu e seu avental imaculado que parecia feita da própria nevasca. — Você está com sorte. Todo mundo em Londres parece querer conversar com o dr. Hutchinson sobre suas aflições. — Ela me estudou, tentando adivinhar qual tipo de problema de pele eu teria.

Segui a srta. Forster três lances de escada acima e ela me disse que esperasse na sala bem mobiliada, repleta de poltronas caras de encosto alto com assento de veludo vermelho, além do papel de parede adamascado e o relógio de parede pomposo.

— Ele ainda está com um paciente — avisou ela, naquele sussurro reverente que se usa dentro da igreja. — Talvez tenha que esperar um bom tempo, sr. Cribbs.

(Eu era então Edward Cribbs, em homenagem a um antigo parceiro de bebedeiras de Plymouth.)

— Esperar é minha especialidade — falei.

— Muito bem, senhor — disse ela sinceramente e depois saiu. Lembro-me de ficar naquela sala com as pessoas cujos rostos estavam colonizados por manchas e erupções horríveis.

— Que tempo feio, não? — falei para uma mulher com uma erupção roxa inflamada cobrindo o rosto.

(Uma coisa que permaneceu constante através de quatro séculos foi o desejo do britânico de preencher o silêncio com conversas sobre o tempo, e não havia exceção em qualquer canto.)

— Oh, sim, senhor — respondeu ela, mas não foi além.

Por fim, a porta ao meu lado se abriu e por ela saiu um paciente. Ele estava bem-vestido, como um dândi, mas seu rosto estava coberto por manchas em alto-relevo, grossas, como uma cordilheira microscópica.

— Bom dia — ele falou para mim, sorrindo tanto quanto seu rosto permitia, obviamente tendo acabado de experimentar um milagre (ou a promessa de um).

Houve aquele hiato silencioso de salas de espera, e o relógio tiquetaqueou o silêncio até chegar a minha vez.

Entrei na sala e a primeira coisa que notei foi o dr. Hutchinson. Jonathan Hutchinson era um homem muito impressionante. Mesmo na era dos homens impressionantes, ele era formidável. Era alto e bem-vestido e possuía uma barba longa. A barba em particular merecia admiração. Nem filósofo grego nem náufrago ilhado, aquilo era algo muito cuidadosamente pensado e planejado. A barba ficava mais estreita e esparsa conforme descia até se tornar uma fina linha branca, um rabicho que desaparecia imperceptivelmente para o nada. Talvez fosse a natureza intensa daquela manhã que tenha me feito ver na barba uma metáfora para a existência mortal.

— Obrigado por me receber — falei, e imediatamente me arrependi. Me

fez parecer desesperado.

O médico conferiu o relógio de bolso. Ele repetiria o gesto mais algumas vezes durante a consulta. Provavelmente não estivesse de fato preocupado com as horas. Parecia uma mania. Uma bem comum, aliás. Da mesma forma que hoje se confere o smartphone.

Ele me encarou. Recolheu uma carta de sua mesa. Uma que eu havia escrito. Leu alguns trechos em voz alta.

— *Caro dr. Hutchinson* — sua voz era forte e seca, como um vinho do Porto —, *sou um grande admirador do seu trabalho, e me deparei com um artigo que escreveu sobre a descoberta de uma nova doença, na qual o corpo envelhece antes da hora… Eu também tenho uma condição estranha, semelhante em natureza, embora, se é possível, ainda mais incompreensível… me parece que você seja o único homem de toda a Cristandade capaz de me proporcionar uma explicação e assim desvendar um mistério de toda uma vida…*

Ele dobrou a carta com cuidado e a deixou sobre a mesa. Então, olhou-me cuidadosamente.

— Sua pele emana o vigor da saúde. É a pele de um homem saudável.

— Eu sou saudável. Meu corpo é. Mais saudável que a maioria.

— O que o aflige?

— Antes que eu comece a falar, preciso garantir que minha identidade permanecerá em sigilo. Se por acaso publicar descobertas a partir do meu caso, meu nome não aparecerá nos artigos. Isso é de extrema importância. Tenho essa garantia?

— É claro. Agora você aguçou minha curiosidade. Conte-me sobre o seu problema.

E então eu falei simplesmente:

— Sou velho.

— Eu não…

— Sou mais velho do que deveria.

Levou um segundo, mas então ele pareceu entender. A voz dele mudou. Tornou-se um pouco mais insegura. Ele precisava me perguntar, embora estivesse com medo.

— *Quão* velho?

— Mais velho do que o possível.

— A possibilidade é tudo que já aconteceu. O propósito da ciência é encontrar os limites da possibilidade. Quando os encontramos, e iremos

encontrá-los, não haverá mais magia, superstição, haverá apenas o que *existe*. Antes não era possível conceber um globo terrestre. Não cabe à ciência, e muito menos à medicina, satisfazer nossas expectativas quanto à Natureza. Justamente o oposto. — Ele me olhou por um longo momento. Depois, inclinou-se para a frente e sussurrou: — Peixe podre.

— Não compreendo.

Ele se recostou e apertou os lábios. Seu semblante estava pesaroso.

— Ninguém percebe a conexão entre peixe podre e a lepra, mas existe. Se comer muito peixe podre, desenvolverá a lepra.

— Oh, eu não sabia.

(Claro que, agora, no século XXI, posso afirmar com categoria que se comer peixe podre não pegará lepra, embora eu tenha vivido tempo suficiente para saber que daqui dois séculos pode ser provado que comer peixe podre causa, sim, a lepra, e que o dr. Hutchinson estava certo, afinal. Se viver o suficiente perceberá que cada fato comprovado mais tarde será desacreditado e depois provado outra vez. Quando eu era pequeno, o cidadão comum, fora da comunidade científica, ainda acreditava que a Terra fosse achatada porque eles andavam sobre ela e era isso que viam. Então, começaram a entender a ideia de uma Terra esférica. Mas, outro dia, eu estava folheando um exemplar da revista *New Scientist* em uma banca de jornal e o assunto era uma coisa chamada "princípio holográfico". Tem a ver com a teoria das cordas e mecânica quântica e como a gravidade age como um holograma. Enfim, a questão que dava um nó na cabeça é como essa teoria sugere que todo o universo é bidimensional em um horizonte cosmológico e que tudo que pensamos ter três dimensões é, na verdade, uma ilusão, como num filme 3D, e pode ser tudo uma simulação. Então, na verdade, o mundo, e tudo o mais, seria plano, afinal. Ou não.)

— Então, conte-me — continuou ele, lembrando a questão que ainda pairava no ar. Uma questão que eu sabia que deveria responder. — Quantos anos você tem?

Então, eu contei.

— Nasci no dia três de março, no ano de 1581. Eu tenho 271 anos de idade.

Esperei por sua risada, mas ele não riu. Encarei-o por um longo período, enquanto flocos de neve dançavam lá fora, como um espelho da minha mente em rodopio. Os olhos dele se estatelaram e ele beliscou o lábio inferior. Depois, disse:

— Bem. Aí está. Isso encerra a discussão. Agora posso ir em frente e lhe dar um diagnóstico.

Sorri. Que bom. Era o que eu procurava: um diagnóstico.

— Mas, para se tratar, precisará ir até o Bethlem.

Eu me lembrei de passar em frente ao local, de ouvir os gritos embotados lá de dentro.

— O Hospital Bethlem? Em… Bedlam?

— O próprio.

— Mas é um hospital para lunáticos.

— Sim, é um hospício. Lá você encontrará a ajuda necessária. Agora, por favor, tenho outras consultas.

Ele indicou a porta com a cabeça.

— Mas…

— Por favor, recomendo que visite o Bethlem. Eles o ajudarão com suas… ilusões.

O filósofo em voga à época era o alemão Arthur Schopenhauer, que ainda estava (por pouco) vivo. Eu o lia muito, o que devia ser desaconselhável. Ler Schopenhauer se sentindo melancólico era como tirar a roupa no frio. Uma frase dele me veio à mente.

Os homens consideram os limites do seu campo de visão como os limites do mundo.

Eu pensara que o dr. Hutchinson era o homem com a visão científica mais ampla, o mais apto a entender minha condição; perder essa crença me deixou enlutado. A morte da esperança. Eu estava além de qualquer campo de visão. Eu era um homem invisível.

Fiquei agitado. Peguei uma moeda do bolso.

— Veja. Veja esta moeda. É elisabetana. Olhe. Olhe. Minha filha me deu quando precisei partir.

— É uma moeda antiga. Um amigo possui uma moeda de prata do reino de Henrique VIII. *Halfgroat*, creio que este é o nome. E eu garanto que meu amigo não nasceu na era Tudor. E uma *halfgroat* é mais rara que um pêni.

— Eu não estou iludido. Juro. Estou vivo há muito tempo. Quando os britânicos acharam o Taiti, eu estava lá. Eu conheci o capitão Cook. Trabalhei para os Homens de Lorde Chamberlain…[3] Por favor, senhor, diga-me. Alguém mais o procurou? Uma garota… uma mulher… descrevendo a mesma condição. O nome dela era Marion, mas ela pode ter se identificado de outra maneira. Ela pode ter se disfarçado sob outra identidade.

Para sobreviver, muitas vezes precisamos…

Dr. Hutchinson parecia preocupado.

— Por favor, vá. Vejo que está ficando agitado.

— Claro que estou agitado. Você é o único que pode me ajudar. Preciso me compreender. Compreender por que sou assim.

Agarrei-o pelo braço. Ele puxou a mão, como se minha loucura fosse contagiosa.

— Estamos ao lado da delegacia de polícia. Se não for embora, chamarei, e eles o levarão.

Havia lágrimas nos meus olhos. Dr. Hutchinson tornou-se um fantasma borrado. Eu sabia que precisava ir embora. Sabia que deveria perder as esperanças, pelo menos por um tempo. Fiquei de pé, assenti e fui embora sem dizer mais nada. Eu me mantive, e a minha história, em segredo por mais 31 anos.

---

[3] Lord Chamberlain’s Men, companhia teatral para qual Shakespeare escreveu a maior parte das peças. [N.T.]

Londres e St. Albans, 1860-1891

Depois da consulta com dr. Hutchinson, eu caí em um estado além da frequente dor e inquietação e ansiedade e desespero de sempre — não senti mais nada. E quando eu não senti mais nada, quase tive saudade da dor; com dor, ao menos se sabe que se está vivo. Eu lutara contra isso, me forçando entre a vida e o barulho. Fora, sozinho, a algumas das novas casas de música, sempre sentando na frente, perto do coração do barulho e da risada, e eu cantava e ria, tentando sentir um pouco da alegria que enchia o lugar. Mas estava imune.

Em um dia escaldante de agosto, em 1880, eu saía de Whitechapel para St. Albans. Londres tornou-se demais para mim. Lembranças demais. Fantasmas demais. Era hora de ir para outro lugar. Penso que entendo minha vida como uma boneca russa, versões dentro de versões, uma sobre a outra, de forma que a vida anterior não seja vista de fora, mas esteja lá.

Por anos, pensei que a chave estava em montar novas cascas por cima das antigas. Manter-me em movimento, sempre mutante, sempre me transformando em outra coisa sob os olhos da sociedade.

St. Albans não era longe de Londres, mas era o suficiente. Era um lugar novo, como qualquer outro na Inglaterra, e encontrei emprego de ferrador. Hoje em dia as pessoas pensam no começo da década de 1880 como uma era industrial de fumaça e indústrias, mas, como todas as épocas, era um carrossel de muitos períodos em um só. O passado permanece e ecoa mesmo quando a modernidade ruge à frente. Ainda era a época do cavalo e

carruagem, e ferreiros estavam no auge.

Mas em St. Albans as coisas pioraram. Às vezes, eu me perdia por inteiro e apenas encarava o calor laranja da forja, mal dando conta de mim mesmo — ou de qualquer outra coisa. Por vezes, meu chefe, Jeremiah Cartwright, me dava uma cotovelada nas costas e dizia “desça das nuvens”.

Certa vez, sozinho, tomei uma atitude desesperada em busca de sensações. Levantei a manga, peguei um ferro escaldante, transformado em ferradura pelas chamas, e o apertei contra meu antebraço esquerdo. Eu o deixei ali, enquanto a pele chiava, cozinhando; cerrei os dentes e fechei os olhos para conter o grito.

Ainda tenho a cicatriz, um meio sorriso, e sinto um conforto estranho ao vê-la. Embora eu precise tomar cuidado. Outra coisa a se esconder. Uma marca distintiva, interferindo com o anonimato.

Deu certo, suponho. Senti a dor. Ela apareceu e gritou através de mim, com intensidade desnorteadora. Eu existia, percebi, pois para a dor ser sentida era necessário uma presença viva — um *eu* — para sentir. E havia garantia nisso, uma prova de realidade.

Mas eu ainda buscava prova de que não estava louco.

Então, um dia, algo me ocorreu: talvez eu tivesse prova. Eu era a evidência, e o tempo era a prova.

E assim decidi levar a evidência, pela última vez, ao dr. Hutchinson.

Londres, 1891

O dr. Hutchinson não sabia que era eu. Quero dizer, ele não teria reconhecido o nome na lista de pacientes pois da última vez eu era Edward Cribbs, e, agora, eu usava, a primeira vez desde a juventude, meu nome verdadeiro. Bem, primeiro nome verdadeiro. Tom. Não o huguenote Hazard, o Smith comum, mas o mais simbólico Winters.

Era um dia agradável — quatro de junho —, eu tinha chegado à cidade de carruagem a cavalo que pertencia (tanto o cavalo quanto a carruagem) ao meu chefe mal-humorado, o Jeremiah.

O Instituto Cutâneo de Londres para Tratamento e Cura de Doenças Não Infecciosas da Pele agora se chamava Clínica de Pele Londrina, mas, de resto, continuava o mesmo. O mobiliário de qualidade, os três lances de escada. Mesmo a sala do médico estava igual, embora mais cheia de coisas. A mesa repleta de papéis e livros abertos; a cadeira de couro rasgada. Era o mesmo lugar, em essência, mas parecia ter sido atingido por um ciclone.

O dr. Hutchinson, como a maior parte dos humanos, havia envelhecido mais do que o ambiente. A barba distinta tinha se tornando um fiapo cinza e esparso. O branco dos olhos amarelava. As mãos estavam retorcidas pela artrite e manchadas pelo tempo. E a voz cheia saía rouca entre suspiros. Ele era, em resumo, um homem comum, e o tempo fazia sua parte.

— Então, sr. Winters, não tenho nada aqui sobre você. — Ele não havia levantado os olhos desde minha entrada na sala. Ele apenas encarava o caos de papel sobre a mesa.

— Quando marquei a consulta não dei informações.

E foi quando ele olhou para mim. Primeiramente, notou minhas roupas sujas e mãos pretas, e deve ter pensado o que este homem malvestido estava fazendo em sua sala.

— Eu já paguei — avisei ao pigarrear. — Agora quero saber se me reconhece.

Ele me olhou. Nossos olhos se encontraram.

— A última vez que o vi, usava o nome Edward Cribbs. Lembra-se do nome? Lembra-se? Você recomendou que eu fosse para o hospício.

A respiração rouquenha ficou mais alta. Ele se levantou da cadeira de couro e veio até mim. Ele se postou a menos de trinta centímetros do meu nariz. Coçou os olhos velhos.

Um sussurro:

— Não.

— Você lembra, não? Lembra. Estou vendo. Trinta e um anos atrás.

Ele estava sem fôlego, como se a percepção fosse um monte escalado.

— Não. Não, não, não. Não pode ser. É um truque. Você deve ser Maskelyne ou Cooke.

(Maskelyne e Cooke eram a dupla de ilusionistas da época, que tinham acabado de fazer uma turnê por Londres.)

— Garanto que sou eu mesmo, senhor.

— Devo ter ficado louco.

Era deprimente que ele pudesse achar mais fácil questionar sua sanidade do que acreditar em minha realidade.

— Não, senhor, garanto que não. A condição sobre a qual falei, a minha condição, a condição que impede a força do tempo, a condição que parece uma benção, mas é uma maldição, ela é real. Eu sou real. Minha vida é real. Isso é real.

— Você não é um fantasma?

— Não.

— Não é um espectro da minha mente?

— Não.

A mão dele tocou meu rosto.

— Quando você nasceu?

— Eu nasci no dia três de março do ano de 1581.

— 1581 — repetiu ele, não como uma pergunta, mas como algo tão incrível que dever ser dito para ser absorvido. — 1581. 1581. Você tinha 85

anos quando o Grande Incêndio de Londres…

— Eu senti seu calor. Fagulhas queimaram minha pele.

Ele me encarou de uma nova maneira, como se ele fosse um paleontologista, e eu, um ovo de dinossauro prestes a eclodir.

— Ora, ora, ora. Isso muda tudo. *Tudo.* Diga-me: você é o único? Já conheceu alguém como você? Com essa… condição?

— Sim! Conheci um homem, durante a segunda viagem do capitão Cook, das Ilhas Pacíficas. O nome dele era Omai. Ele era uma coisa rara: um amigo. E também… minha filha Marion. Não a vejo desde sua infância. A mãe dela me contou que ela herdou a condição. Que ela parou de envelhecer aos 11 anos.

Dr. Hutchinson sorriu.

— Isso é uma enormidade.

E eu sorri também. Senti o alívio na alma de ser compreendido.

E a alegria permaneceu em mim até o corpo do dr. Hutchinson ser encontrado flutuando no Tâmisa 13 dias depois.

Londres, agora

Ainda tenho dor de cabeça.

Às vezes, quase parece não estar lá. Em outros momentos, há apenas dor e nada mais. E a dor sempre coincide com memórias. Não é dor de cabeça, é dor de memória. Dor de vida.

Não importa o que eu faço, nunca some completamente. Tentei de tudo. Ibuprofeno, litros de água, banho com óleo de lavanda, deitar no escuro, massagear as têmporas, respirar lentamente, ouvir alaúde e som de ondas na praia, vídeo de yoga antiestresse (no qual repeti o mantra "estou seguro, tudo bem deixar pra trás" cem vezes até ficar com medo da minha própria voz), assisti bobagem na TV, parei com a cafeína, diminuí a intensidade da luz na tela do laptop, mas ainda assim a dor permanece, como uma sombra persistente.

A única coisa que não fiz direito foi dormir. Meu problema com sono só aumenta ao longo das décadas.

Ontem à noite, não consegui dormir, então assisti um documentário sobre tartarugas. Não é a espécie com a maior longevidade, mas está no páreo, e algumas "vivem mais de 180 anos". Coloquei entre aspas pois as estimativas assim para efemérides costumam ser muito conservadoras. Olha só como erraram com os tubarões. Ou, bem, com humanos. Minha aposta é que exista ao menos uma tartaruga por aí com quase quinhentos anos.

Enfim, o que estava me deprimindo é que os humanos não são tartarugas. Elas estão por aí há cerca de 220 milhões de anos. Desde o período Triássico.

E não mudaram muito desde então. Os humanos, por sua vez, estão por aqui faz pouco.

E você não precisa ser um gênio para concluir: não temos muito tempo de sobra. As outras subespécies humanas — os neandertais, os denisovanos na Ásia, os chamados *hobbits* da Indonésia — se mostraram péssimos na corrida, e nós, provavelmente, também somos.

Tudo bem para uma efemérida. Tudo bem se você sabe que tem apenas mais trinta ou quarenta anos. Dá pra pensar pequeno. É fácil se imaginar uma coisa fixa, num país fixo, com uma bandeira fixa e um futuro fixo. Dá pra imaginar que essas coisas *significam* algo.

Quanto mais se vive, mais se nota que nada é fixo. Todos se tornarão refugiados se viverem o suficiente. Todos vão perceber que a nacionalidade não significa muita coisa a longo prazo. Todos teriam suas visões de mundo questionadas e desaprovadas. Todos perceberiam que o que define o ser humano é *ser humano*.

Tartarugas não possuem nações. Ou bandeiras. Ou armas nucleares estratégicas. Não possuem terrorismo ou referendos ou guerras comerciais com a China. Não têm playlists no Spotify para malhar. Não possuem livros sobre o declínio e a queda do império das tartarugas. Não fazem compras pela internet nem vão a restaurantes self-service.

Outros animais não têm *progresso,* é o que dizem. Mas a mente humana também não progride. Somos os mesmos chimpanzés exaltados de sempre, com armas maiores. Temos o conhecimento para perceber que somos apenas uma massa de partículas e *quanta*, como todo o resto, e, no entanto, tentamos nos apartar do universo em que vivemos, nos atribuir mais significado que a uma árvore ou pedra ou gato ou tartaruga.

Então, aqui estou, com a cabeça cheia de medos e dores humanos, o peito apertado pela ansiedade, pensando em quanto mais de futuro tenho à frente.

Tenho sorte se consigo três horas de sono. Antigamente, eu tomava um xarope calmante para tosse, recomendado pelo Hendrich, que continha morfina, portanto pararam de produzir quando proibiram os opiáceos cem anos atrás. Então, hoje eu tomo remédio pra gripe, mas ele não dá conta.

Eu devia ir ao médico, claro, mas não. É uma regra da Sociedade Albatroz. Nada de médicos. Pra nada. E foi fácil, por conta da culpa no caso do dr. Hutchinson, seguir essa regra. Eu já pensei que poderia ser um tumor, embora nunca tenha ouvido de um alba com tumor. E, obviamente, se fosse, seria de crescimento bem lento. Um que me daria ao menos mais uma vida normal à

frente. Mas, não, os sintomas não batiam.

Enfim, a dor de cabeça está lá, um dia antes do novo emprego. Bebo água e como cereal e então levo o Abraham para um passeio. Ele tinha passado a noite comendo o braço do sofá e não quero julgá-lo. Ele já tem problemas o suficiente.

Suponho que precisava de um cachorro problemático para pensar menos nos meus problemas. Akitas nasceram para as montanhas japonesas, então eu sabia que ele era uma espécie de companheiro, alguém feito para um ambiente mais nobre, sujeitado à sujeira e à poluição e ao concreto do leste londrino. Não era de se estranhar que mijasse no carpete e no sofá. Essa não era a vida que queria.

Andamos lado a lado, açoitados pela fumaça de escapamento.

— Havia um poço aqui — conto ao passarmos em frente a uma casa de apostas. — E aqui, bem aqui, todo os homens jogavam boliche depois da igreja dominical.

Um adolescente passa ao lado, com a barra da calça dobrada e uma camiseta gigante com o logo "The Hundreds", um eco distante do adolescente londrino do século XVII vestido com uma calçola bufante e um casaquinho. O rapaz levanta os olhos do telefone e me observa rapidamente, com olhos curiosos e críticos. Pra ele, sou apenas mais um maluco londrino, falando sozinho. Talvez, segunda-feira ele esteja entre meus alunos.

Atravessamos a rua. Passamos por um folheto grudado num poste. CANDLELIGHT CLUB. *Reviva os loucos anos 20 no melhor bar secreto de Londres*. Minha dor de cabeça piora. Fecho os olhos e uma memória ataca como tosse: tocando "Sweet Georgia Brown" no *piano bar* do Ciro, em Paris, a mão de uma desconhecida repousada sobre meu ombro.

Cheguei ao parque. Há anos não toco piano. Não ligo para isso na maior parte do tempo. Há muito me convenci de que o piano é como uma droga, sedutora e forte, e pode atrapalhar tudo, reavivar emoções mortas, afogá-lo em *eus* perdidos. Um colapso nervoso prestes a acontecer. Penso se algum dia tocarei novamente. Solto Abraham da coleira e ele permanece ao meu lado. Ele me olha, confuso, perplexo pelo conceito de liberdade.

Eu entendo.

Olho em volta e vejo um homem acompanhado de um bichon frisé discretamente recolher a merda com um saco plástico. Um esquilo corre ziguezagueando tronco acima. O sol reaparece por detrás de uma nuvem. Abraham se afasta, trotando.

É quando eu a vejo.

Uma mulher sentada num banco, lendo, a poucos metros. Eu a reconheço, algo raro. Mal presto atenção na aparência das pessoas. Rostos se confundem. Mas sei na hora que é a mulher que vi pela janela da sala da Daphne. A professora de francês. Ela parece ser inteiramente ela. É difícil ser única em uma espécie com tantos indivíduos. Ela tem estilo. Não digo por conta das roupas (blazer de veludo, jeans, óculos), embora essa parte esteja adequada. Quero dizer a maneira tranquila com que coloca o livro de lado e olha o parque. O modo como enche um pouco as bochechas e assopra e fecha os olhos e inclina a cabeça num convite ao sol. Desvio o olhar. Sou um homem num parque encarando uma mulher. Posso ser qualquer um. Não estamos mais em 1832.

Mas quando desvio o olhar, ela chama.

— Seu cachorro é uma graça. — Sotaque francês. Francês moderno. Sim. É a mulher que vi. Ela deixa Abraham cheirar sua mão. Abraham lambe, grato, e até balança o rabo.

— Você é gentil.

E então ela me olha de um jeito estranho. Por muito tempo. Não tenho a arrogância de pensar que sou tão atraente a ponto de ela não conseguir parar de me olhar. Na verdade, ninguém me olha *desse* jeito faz uns cem anos. No século XVIII, quando eu ainda parecia ter vinte anos, e minha dor era como uma cicatriz, sempre era alvo de olhares longos e demorados, mas não mais. Não. Ela me olha por outro motivo. E isso me perturba. Talvez ela tenha me visto também, na escola. É. Foi isso.

— Abraham! Abraham! Vem, garoto! Vem!

O cachorro vem com a língua de fora e eu o prendo outra vez. Eu me afasto, mas ainda sinto os olhos dela sobre mim.

Em casa, começo a olhar o planejamento das aulas para o sétimo ano, e o primeiro tópico na tela escurecida é “Caça às bruxas na era Tudor”, tema obrigatório no currículo.

Entendo o porquê disso tudo. Por que desejo me tornar professor de história. Preciso domar o passado. Isso é a história, ensiná-la e contá-la. É uma forma de dominá-la e ordená-la. Transformá-la em um animal de estimação. Mas a história que se viveu é diferente daquela que se lê num livro ou se vê numa tela. E algumas coisas do passado não são domesticáveis.

De repente, meu cérebro dói.

Eu me levanto e vou até a cozinha e me pego fazendo um bloody mary. Básico. Sem salsão. Coloco uma música para tocar, o que às vezes ajuda. Evito a Sexta do Tchaikovsky, e Billie Holiday, e a lista do Spotify com ondas do mar. Escolho “The Boys of Summer”, de Don Henley, composta ontem mesmo (na verdade, 1984). Eu gosto dela desde que a ouvi, na Alemanha, nos anos oitenta. Não sei por quê. Sempre me faz recordar minha infância, embora tenha sido escrita séculos depois. Me lembra as canções francesas emocionantes que mamãe costumava cantar, as que ela escolhia após nossa mudança para a Inglaterra. As tristes e nostálgicas. E eu penso, ainda com dor de cabeça, que a dor na cabeça de John Gifford, todo aquele tempo atrás, deve ter sido infinitamente mais forte. E fecho os olhos e sinto aquelas primeiras memórias surgirem, com o poder de deixar o ar rarefeito.

Suffolk, Inglaterra, 1599

Isto é o que eu me lembro. Minha mãe sentada ao lado da minha cama, cantando em francês e dedilhando seu alaúde feito de cerejeira, os dedos passando rápidos pelas cordas, como se fugissem de algo.

Música costumava ser sua fuga. Nunca via minha mãe mais calma do que quando estava cantando suavemente uma *air de cour*, mas nessa noite algo a perturbava.

Era uma bela cantora, e sempre fechava os olhos ao cantar, como se canções fossem sonhos ou lembranças; nesse dia, porém, os olhos dela estavam abertos. Encarava-me com uma ruga entre os olhos. A ruga que sempre aparecia quando pensava no meu pai ou nos problemas franceses. Parou de tocar. Largou o alaúde (um presente do duque de Rochefort quando eu ainda era um bebê).

— Você não muda.

— *Maman*, por favor, de novo não.

— Você não possui um pelo no rosto. Já tem 18 anos. Mas tem a mesma cara de cinco anos atrás.

— *Maman*, não posso mudar minha aparência.

— É como se o tempo tivesse parado para você, Estienne.

Ela ainda me chamava de Estienne em casa, mesmo que eu fosse sempre Thomas lá fora.

Tentei esconder minha preocupação e garanti:

— O tempo não parou. O sol ainda nasce e se põe. O verão ainda segue a

primavera. Eu venho trabalhando tão duro quanto qualquer um da minha idade.

Mamãe alisou o meu cabelo. Ela via apenas a criança que eu ainda parecia ser.

— Não quero que mais coisas ruins aconteçam.

Uma das minhas primeiras lembranças: o uivo de dor e ela enfiando o rosto na tapeçaria pendurada na parede de nossa ampla casa na França, no dia em que descobrimos que meu pai havia sido morto por um tiro de canhão no campo de batalha perto de Reims.

— Ficarei bem.

— Sim. Eu sei que você ganha um bom dinheiro empalhando os telhados, mas talvez devesse parar de trabalhar com o sr. Carter. Todos veem você no telhado dos Gifford, empalhando. E comentam. Todo mundo comenta. É um vilarejo.

A ironia era que, durante meus primeiros 13 anos de vida, envelheci rapidamente. Não de forma antinatural, mas certamente mais rápido que a média. Por isso o sr. Carter havia me selecionado. Eu era jovem, então ele podia pagar pouco, mas era alto e tinha ombros largos e fortes para um garoto de 13 anos. O problema era que um desenvolvimento tão rápido parecer parar abruptamente chamava ainda mais atenção.

— Devíamos ter ido a Canterbury — falei. — Ou Londres.

— Você sabe como fico em cidades. — Ela parou, pensou, alisou o casaco. Olhei para ela. Parecia errado minha mãe, que havia vivido a maior parte da vida em uma das melhores casas da França, ser obrigada a morar num chalé de dois quartos em um vilarejo cheio de mentes críticas neste recôndito da Inglaterra. — Talvez tenha razão. Talvez devêssemos…

Um som lá fora. Um grito terrível.

Rapidamente vesti a calça e calcei os sapatos e fui até a porta.

— Não, filho, fique.

— Alguém se feriu — falei. — Preciso ir.

Corri para fora, era crepúsculo, logo após o poente, quando o céu está um azul-claro frágil de casca de ovo. Havia luz o suficiente para ver as pessoas fazendo o mesmo que eu: correndo dos chalés até a alameda para ver a comoção.

Continuei a correr. E o vi.

Ele.

John Gifford.

Ele estava distante, mas facilmente reconhecível. Grande como um fardo de feno. Ele caminhava com os braços caídos de maneira estranha, como se fossem coisas mortas grudadas a ele. Vomitou, duas vezes, deixando poças azedas pelo caminho, e depois cambaleou para a frente.

A mulher dele, Alice, e os três filhos, seguiam atrás, como filhotes de cisne em pânico, gritando também.

Quando ele chegou ao jardim público, a vila inteira de Edwardstone parecia estar ali. Víamos o sangue. Escorria pelos ouvidos dele, e, depois de um acesso de tosse, também pela boca e nariz até a barba. Ele caiu ao chão. A esposa ficou ao lado, colocando a mão sobre a boca e o ouvido dele, tentando em desespero estancar o fluxo sanguíneo.

— Oh, John, oh, que Deus o salve, John. Oh, meu Deus... John...

Algumas pessoas na multidão rezavam. Outras protegiam as crianças daquela vista, pressionando o rosto delas contra suas roupas. A maioria, no entanto, encarava com fascinação sombria.

— Trabalho do Lúcifer — disse Walter Earnshaw, o amolador. De olhos arregalados e fedendo a lúpulo e ao que hoje chamamos de halitose, ele estava parado ao meu lado.

De barriga para cima, John Gifford aquietou-se, exceto por um tremor nos braços que gradativamente arrefecia. E então morreu, bem ali no jardim, na grama escura e encharcada de sangue.

Enquanto Alice caiu em cima dele, a dor aguda convulsionando para fora dela, os moradores ficaram ali parados, em silêncio anestesiado.

Parecia errado testemunhar uma dor tão íntima, então me virei para ir embora.

Mas enquanto eu passava por rostos familiares, via a esposa do padeiro, Bess Small, encarando-me com olhos acusadores.

— É, Thomas Hazard, melhor se afastar.

Na época, fiquei confuso. Mas, pouco tempo depois, lembrei-me delas como um aviso.

Virei-me, apenas uma vez, e vi John Gifford, imóvel como uma montanha, as grandes mãos mortas brilhando, então, continuei a andar, sob a lua, que olhava do céu como um rosto horrorizado.

Londres, agora

— Bruxas — digo, com voz de professor. Ou seja, uma voz que não é realmente ouvida.

Então esta é a vida que escolhi preterindo todas as outras. A vida de um homem de pé numa sala cheia de garotos de 12 anos que o ignoram.

— Por que vocês acham que as pessoas de quatrocentos anos atrás queriam acreditar em bruxas?

Observo a sala. Os rostos dão risadinhas ou estão com vergonha ou olham para o celular ou tudo isso ao mesmo tempo. São 9h35. Comecei há apenas cinco minutos. Não está indo bem. A aula, o dia, o emprego. Tudo mal.

Talvez lecionar não fosse um recomeço. Talvez fosse apenas a nova etapa numa longa fila de decepções.

Eu tinha — até o Sri Lanka — passado oito anos no norte da Islândia, a 16 quilômetros ao norte da vila de pescadores Kópasker. Eu quis a Islândia porque antes disso eu tinha passado alguns anos em Toronto. A melhor e mais feliz cidade do mundo, mas, apesar disso, ou por conta disso, me deixava triste, apenas morando em meu apartamento, nunca encontrando ninguém. Certa vez, fui ver um jogo de beisebol dos Blue Jays, mas ficar rodeado por tantas pessoas com as quais não poderia nunca me conectar foi o que me levou à Islândia. E toda a solidão da Islândia me fez querer uma vida comum.

Mas uma vida comum não é garantia de felicidade. E, claro, isto — ser professor —, era apenas fingimento. Talvez todos estivessem fingindo *algo*.

Talvez todos os professores e todos os alunos nesta escola fingissem *algo*. Talvez Shakespeare estivesse correto.

Talvez todo o mundo *fosse* um palco. Talvez, sem a atuação, tudo desmoronasse. A chave para a felicidade não era ser você mesmo, por que o que isso significava, afinal? Todos possuíam muitos *eus*. Não. A chave para a felicidade é encontrar a mentira que se encaixa melhor.

E, bem ali, encarando aqueles olhos de 12 anos zombeteiros, eu penso: esta é a mentira errada.

— Por que as pessoas acreditavam em bruxas? — repito.

Daphne passava pelo corredor lá fora. Ela sorri e faz positivo com ambos os dedões enquanto anda em ritmo rápido. Sorrio de volta, fingindo que aquilo é muito divertido e eu estou indo bem, nasci pra isso e já fiz isso antes, muitas vezes. Não como o cachorro velho aprendendo truques novos que realmente sou.

Repito a questão.

— O que fez as pessoas acreditarem em bruxaria?

Parece que uma menina na primeira fileira está erguendo a mão para responder… mas é só um bocejo.

Então eu respondo minha própria pergunta. Esforço-me para não recordar o que esse tópico me lembra. Tento cimentar as rachaduras na voz.

— As pessoas acreditavam em bruxas porque isso facilitava as coisas. As pessoas não precisam apenas de um inimigo, precisam de uma explicação. E costuma ser útil, em épocas turbulentas, quando a ignorância está por toda parte, que as pessoas acreditem em bruxas… Quem vocês acham que acreditavam nas bruxas?

— Idiotas — alguém fala. É um murmúrio, difícil de localizar.

Sorrio. Faltam 52 minutos de aula.

— Parece óbvio, mas não. Todo tipo de gente. A rainha Elizabeth I aprovou uma lei contra elas. Então o regente depois dela, rei James, que se considerava um intelectual, *escreveu um livro* sobre elas. A primeira tecnologia a espalhar notícias falsas não foi a internet, foi a prensa. Os livros solidificaram a superstição. Quase todos acreditavam em bruxas. E havia caçadores de bruxas que viajavam pelo país, procurando…

Uma dor aguda, uma piora da dor de cabeça, irradiando a partir do cérebro e me fazendo hesitar, perigosamente, no meio da frase.

A garota cansada da primeira fileira agora parece preocupada.

— Tá tudo bem, professor?

— Sim, só um pouco de dor de cabeça. Tudo bem.

Então outra voz. Outra menina, no fundo:

— Então como sabiam que uma pessoa era bruxa? O que eles faziam?

E a questão esvoaça pela minha mente como um corvo em uma sala escura.

O que eles faziam?

O que eles faziam?

O que eles faziam?

Suffolk, Inglaterra, 1599

Minha mãe era, como é de costume entre os pais, um ser humano bem complicado e contraditório. Moralista, mas amante devota do prazer (comida, música, a estética da natureza), religiosa, porém satisfeita em cantar uma *chanson* secular em forma de oração. Amante do mundo natural visivelmente ansiosa sempre que deixava o castelo. Frágil, porém dura e teimosa. Nunca soube quais das suas peculiaridades surgiram com a dor e quantas vinham de sua natureza inerente.

— Não há folha de grama, não há cor neste mundo que não exista para nos regozijar — ela me disse certa vez, pouco depois de chegarmos na Inglaterra. — É o que *monsieur* Cauvin fala.

Não gostava de *monsieur* Cauvin. Ou Calvino, devo dizer. Pois ele parecia ser a fonte de todos os nossos problemas. Bem, e fora mesmo. Mas eu pegara o bastão. E nossos problemas pioravam, rapidamente, e eu sabia — quando vieram e bateram à porta — que não havia lugar para nós. Não havia lugar no mundo onde estaríamos a salvo.

O caçador de bruxas, o *furador*, como era o chamado este profissional, chamava-se William Manning. Era um homem alto e sólido, de rosto quadrado, vindo de Londres. Cabelo ralo, mas ombros amplos e fortes, com mãos grandes de açougueiro. Era meio cego, ou aparentava ser, por conta da catarata no olho esquerdo. Nunca o vimos chegar no vilarejo, embora eu me lembre de acordar ao som de dois cavalos galopando na direção leste.

O outro cavaleiro era o Justiceiro da Paz. Nunca o conheci por outro nome

que não sr. Noah. Vestia-se bem e se considerava um cavalheiro. Também era alto, mas de pele acinzentada. Moribundo. Cadavérico (uma palavra que eu só aprenderia uns dois séculos mais tarde).

Éramos notícia no condado inteiro, embora não tivéssemos noção exata de nossa importância até o golpe duro na porta.

William Manning agarrou meu punho. Ele era forte. Ele apontou, com a mão livre, a pequena mancha cor-de-rosa na minha pele, mas tomou o cuidado de não tocá-la.

— A marca do demônio! — disse ele, com triunfo sombrio. — Veja, sr. Noah.

O sr. Noah olhou.

— Estou vendo. Muito sinistro.

Eu ri. Estava assustado.

— Não — expliquei. — É picada de pulga.

Eu ainda aparentava 13 anos. Eles esperavam a obediência de um garoto, não a insolência de um rapaz. O rosto de Manning tornou-se uma carranca — essa é a única forma, hoje e então, possível de descrever seu olhar. Mas, então, a atenção se virou para minha mãe.

— Dispa-se — ordenou ele, a voz baixa e firme.

Eu o odiei. Nesse exato instante. Eu nunca tinha sentido ódio de verdade antes. Apenas de forma abstrata, pelos homens que mataram meu pai. Mas nunca os vi. Ódio necessita de um rosto.

— Não — falei.

Minha mãe ficou confusa. Então, quando entendeu, disse não e os insultou em francês. Manning era um homem ignorante sob uma máscara de conhecimento, e não tinha ideia de que língua era aquela.

— Veja. Ela fala na língua do demônio. Está invocando espíritos malignos.

Foi nesse momento que ele pediu que a porta fosse fechada, quando um grupo de habitantes do vilarejo — inclusive Bess Small, a face repleta de desaprovação contente, ao lado da pobre Alice Gifford — já estava na frente de casa, animados com o desenrolar do drama. O sr. Noah fechou a porta. Fiquei entre Manning e minha mãe. O homem puxou a adaga e a colocou no meu pescoço.

Mamãe despiu-se. Chorava. Senti calor nos olhos. Medo e culpa. Era tudo minha culpa. Culpa da minha esquisitice física, da incapacidade do meu corpo de envelhecer.

— Se abrir a boca, sua mãe-bruxa será morta aqui mesmo, antes que você

ou Marbas possam impedir.

Marbas. O espírito infernal que curava todas as doenças. Eu ouviria esse nome muitas vezes nas horas por vir, conforme aquele dia de pesadelo prosseguisse.

Minha mãe ficou nua. Ali, ao lado da mesa e das tigelas de latão. E eu vi os olhos de Manning devorá-la, odiando-a pela tentação que sentia. Ele encostou a ponta da adaga contra a pele dela e furou, primeiro no ombro, depois no antebraço, depois perto do umbigo. Pequenas globos de sangue.

— Olhe o negror deste sangue, sr. Noah.

O sr. Noah olhou.

O sangue era cor de sangue. Pois era sangue humano. Mas o sr. Noah viu algo a mais nele, ou imaginou ver, pois estava impressionado pelo ar de autoridade de Manning.

— Sim, muito escuro.

As pessoas enxergam apenas o que decidem ver. Aprendi essa lição centenas de vezes, mas, nessa época, era novidade para mim. Minha mãe se encolhia a cada vez que a adaga a tocava, mas para Manning era fingimento.

— Vê a falsidade? Note a dor fingida no rosto dela. Parece que ela fez algum tipo de pacto. A morte incomum de John Gifford parece ser o preço pela juventude eterna do filho dela. Que troca malévola.

— Não temos nada a ver com a morte de John Gifford. Eu ajudei a empalhar o teto dele. Só isso. Minha mãe nunca o conheceu. Ela fica em casa a maior parte do tempo. Por favor, pare!

Não podia mais apenas olhar. Agarrei o braço do homem. Ele me atingiu na cabeça com o cabo da adaga, e com a outra mão me pegou pelo pescoço, e repetidamente bateu com o cabo no mesmo ponto, enquanto minha mãe gritava e eu pensava que meu crânio se abriria.

Caí ao chão. Zonzo e silencioso e desejando que meu corpo fosse forte como o do rapaz de 18 anos que eu era.

E, então, Manning avistou outra picada de pulga, dessa vez em minha mãe, perto do umbigo, como uma pequena lua vermelha próxima a um planeta.

— A mesma marca do garoto.

Minha mãe estremeceu. Destituída de suas roupas, ela não era mais capaz de falar.

— É pulga! — falei, a voz dolorida, desesperada e desafinada. — Uma picada de pulga.

E pressionei as mãos contra a pedra do chão para me apoiar e levantar.

Mas senti outra pisoteada na parte de trás da cabeça.

E depois, tudo escureceu.

Às vezes eu repito isso em sonho. Se pego no sono no sofá, lembro-me daquele dia. Lembro-me das gotas de sangue na pele de minha mãe. Lembro-me das pessoas na entrada de casa. E lembro-me de Manning e seu pé pisoteando, assustando-me e acordando-me a séculos de distância.

Sabe, tudo mudou depois. Não estou dizendo que minha infância havia sido perfeita até então, mas agora costumo querer voltar para aquela época *antes*. Antes de conhecer Rose, antes de saber o que aconteceria com minha mãe, antes, antes, antes… Apegar-me a quem eu era, bem no começo, quando era apenas um garotinho com um nome comprido que reagia ao tempo e envelhecia como todos os outros. Mas não há como chegar ao antes. Tudo que se pode fazer com o passado é carregá-lo, sentir seu peso aumentar lentamente, rezando para que ele não o esmague de vez.

Londres, agora

Na hora do almoço, corro até o supermercado aqui perto e compro um sanduíche de pastrami, umas batatinhas sabor sal e vinagre e uma garrafinha de suco de cereja.

Há fila para o caixa então faço algo que geralmente evito: o caixa self-service.

Como o resto do dia até o momento, não dá muito certo.

A voz de uma mulher invisível fica me avisando sobre um "item não identificado na área de ensacamento", embora os únicos itens na área de ensacamento sejam os que acabei de escanear.

— Por favor, peça ajuda a um membro da equipe — acrescenta ela, o robô futuro da civilização. — Item não identificado na área de ensacamento. Por favor, peça ajuda a um membro da equipe. Item não identificado na área de ensacamento…

Olho em volta.

— Oi? Licença?

Não há membros da equipe. Claro que não. Há, no entanto, um grupo de meninos adolescentes, todos usando uma variação do uniforme da Oakfield (camisa branca e gravata verde e amarela), na fila, latas e embalagens em mãos, olhando na minha direção. Estão falando algo, me identificando como o novo professor. E então risadas. Sinto a sensação mais familiar de todas: estou vivendo na época errada. E fico ali parado, apenas encarando a tela e escutando a voz, a cabeça doendo e minha alma questionando se Hendrich

tinha razão. Talvez eu não devesse ter voltado a Londres.

* * *

Pelo corredor que vai até a sala dos professores, passo pela mulher de óculos. A que eu tinha visto no parque, lendo. A professora de francês sobre a qual Daphne tinha falado. Aquela que me encarava de um modo constrangedor. Ela está usando calça vermelha de algodão, uma polo preta e sapatos de verniz brilhante. O cabelo está preso atrás. Uma aparência confiante e civilizada. Ela sorri.

— É você. Do parque.

— Ah, sim — digo, como se estivesse me lembrando naquele momento. — Era você. Sou o novo professor de história.

— Que engraçado.

— É.

Ela sorri e franze o cenho, como se eu a confundisse. Vivi o suficiente para conhecer essa expressão. E temê-la.

— Oi — digo.

— Oi, você — diz ela, com um leve sotaque francês. Penso na floresta. Na minha mãe cantando. Fecho os olhos e vejo uma semente de sicômoro flutuando em espiral sob o céu azul brilhante.

Sinto a familiar claustrofobia. Confinamento. Como se o mundo não fosse grande o suficiente para me esconder nele.

E é isso.

Preciso continuar andando, como se também pudesse me afastar dos pensamentos dela.

Depois do meu primeiro dia de aula, estou em casa e Abraham deitou a cabeça sobre meu colo. Ele dorme, perdido em sonhos caninos. Ele se remexe e estremece, como uma imagem vacilante, presa entre dois momentos. Gane baixinho. Penso quais serão as lembranças que revive. Coloco minha mão sobre ele, acariciando para acalmá-lo. Aos poucos, a movimentação cessa. Não emite mais som algum, exceto o da respiração.

— Tá tudo bem — sussurro. — Tá tudo bem, tudo bem, tudo bem…

Fecho os olhos e vejo a forma estatuesca de William Manning tão claramente quanto se ele estivesse na sala.

Suffolk, Inglaterra, 1599

William Manning encarou o céu crepuscular com expressão severa. Havia algo de teatral nele, como se estivesse em um palco. Essa era bem a natureza da época: a era de Marlowe e Jonson e Shakespeare — tudo era espetáculo. Até a justiça. Até a morte. Especialmente isto. Estávamos a 16 quilômetros de Edwardstone, mas o vilarejo inteiro estava lá. Você pode pensar que os julgamentos de bruxas eram corriqueiros no século XVI, mas não. Era um entretenimento raro, e as pessoas vinham de longe para assistir, vaiar e se sentir seguras em um mundo onde o mal podia ser explicado, encontrado e destruído.

Manning falou comigo, mas também com a multidão. Era um ator. Poderia ser um dos Homens de Lorde Chamberlain.

— Seu destino será decidido por sua mãe. Se ela for inocente, se afogará, e você viverá. Se ela viver, sobreviver à banqueta, então você, progenitura de uma bruxa, será enviado à forca junto dela, e se livrarão de vocês lá. Entendeu?

Fiquei ao lado da minha mãe, na margem coberta por grama do rio Lark, com pernas e braços acorrentados, como os dela. Ela, novamente vestida, tremia e chacoalhava como um gato molhado, embora o dia estivesse quente. Queria falar com ela, reconfortá-la, mas sei que qualquer comunicação entre nós seria vista como trama ou plano para conjurar forças malignas.

Apenas quando a puxaram para mais próximo da beira do rio, da banqueta, as palavras escaparam da minha boca:

— Me desculpa, mãe.

— Não é sua culpa, Estienne. Não é sua culpa. Sinto muito. A culpa é minha. Não devíamos ter vindo para cá. Não devíamos ter vindo para este lugar.

— Mãe, eu amo você.

— Eu também o amo, Estienne — disse ela, uma bravura repentina aparecendo, embora chorasse. — Também o amo. Você precisa ser forte. Você é forte, como seu pai era. Quero que me prometa: você precisa se manter vivo. Aconteça o que acontecer. *Você precisa viver.* Está entendendo? Você é especial. Deus o fez assim para um propósito. Você precisa encontrar seu propósito. Promete que viverá?

— Eu prometo, mamãe. Prometo, prometo, prometo…

Observei enquanto a amarravam ao banquinho de madeira. Ela pressionou as pernas juntas, para não abrir os joelhos, como uma última defesa inútil. Então dois homens pegaram cada perna e as colocaram na posição, pressionando as costas dela contra o assento. Ela se remexeu e gritou quando a tira de metal foi fixada no banco.

Não olhei quando a levantaram. Quando ela chegou ao ponto mais alto, Manning ordenou aos homens descabelados com a corda em mãos para que parassem.

— Esperem, esperem aí…

Foi então que eu olhei e vi minha mãe contra o céu azul brilhante. A cabeça pendida, e ela olhou para mim, ainda consigo ver aqueles olhos azuis aterrorizados, séculos depois.

— Comecem a provação — disse Manning, que havia caminhado até a beira do rio.

— Não!

Fechei os olhos e ouvi o som da cadeira batendo na água. E depois os reabri. Observei-a desaparecer, tornar-se uma mancha verde e marrom, depois mais nada. Uma onda de bolhas de ar subiu até a superfície do rio. William Manning levantou a mão aberta, o tempo todo, dizendo para o homem que segurava aquela terrível corda frouxa que a mantivesse debaixo d’água.

Olhei aquela mão gorda e vermelha, a mão de um bruto, rezando para que os dedos se fechassem. Claro que, o que fosse que acontecesse, ela morreria. Mas, mesmo assim, mesmo com minha própria vida na corda-bamba, eu queria que ela emergisse com vida. Queria que falasse outra vez. Não

conseguia imaginar um mundo sem a voz dela.

Quando içaram a cadeira e o cadáver molhado saiu da água, um segredo ficou guardado pelo rio. Teria perdido o fôlego em pânico ou por querer? Tinha sacrificado a vida dela pela minha? Eu não sabia. Nunca saberia.

Mas ela tinha morrido por minha causa. E eu fiquei vivo por causa dela. E por anos me arrependi da promessa.

PARTE DOIS

O homem que era a América

Londres, agora

Aqui estou eu.

Estou no estacionamento. Terminei o segundo dia de aula na escola Oakfield e estou no processo de destravar a bicicleta, que está presa à cerca de metal ao lado do estacionamento para funcionários. Ando de bicicleta pois não confio em automóveis. Faz alguns séculos que ando de bicicleta e acredito que sejam uma das maiores invenções da humanidade.

Algumas vezes a mudança é para melhor, e algumas vezes a mudança não é para melhor. Banheiros modernos com descarga definitivamente são uma mudança para melhor. Caixas self-service definitivamente não o são. Algumas vezes as mudanças são para melhor e para pior ao mesmo tempo, como a internet. Ou o teclado eletrônico. Ou alho processado. Ou a teoria da relatividade.

E a vida é assim. Não se deve temer a mudança nem recebê-la de braços abertos, quando não se tem nada a perder. Mudanças fazem parte da vida. É sua única constante.

Vejo Camille seguir na direção do carro dela. A mulher que eu vi no parque. E no corredor, ontem, quando não conversamos muito, e eu me senti claustrofóbico e precisei ir embora.

Mas agora não há escapatória. Ela chega até o carro. Coloca sua chave na porta enquanto eu me engalfinho com a minha. Nossos olhares se encontram.

— Oi, você.

— Ah, oi.

— O cara de história.

O cara de história.

— Isso — respondo. — Não estou me entendendo com a chave.

— Quer carona?

— Não — digo, um pouco rápido demais. — Eu… só…

(Não importa quanto tempo se vive. Jogar conversa fora nunca deixa de ser complexo.)

— Bom ver você de novo. Me chamo Camille. Camille Guerin. Francês. Digo, dou aula de francês. Mas sou francesa também. Mas quem é que se define pela nacionalidade? A não ser os idiotas.

Não sei por que, mas digo, descuidado:

— Nasci na França. — Não é o que está escrito no meu CV, e Daphne está a poucos metros. *O que estou fazendo? Por que estou contando isso?*

Outro professor — que ainda não conheci — passa e Camille fala:

— Até amanhã. — E ele responde. — Então — ela se vira para mim —, fala francês?

— *Oui*. Mas meu francês é meio ultrapassado… *un peu vieillot.*

Ela inclina a cabeça, franze o cenho. Conheço o olhar. É de reconhecimento.

— *C'est drôle. J'ai l'impression de vous reconnaître.* Onde já vi você? Digo, no parque, mas antes, agora tenho certeza.

— Deve ser um *doppelgänger*. Meu rosto é bem comum.

Sorrio, ainda educado, mas distante. Essa conversa não vai dar certo. Minha dor de cabeça está piorando.

— Sou míope. Por isso uso óculos. Mas eu fiz um teste certa vez — fala, inflexível. — Eu sou uma "super-reconhecedora". É um dom. Meu lóbulo temporal. Fiquei no um por cento da escala de reconhecimento visual. Tenho um cérebro estranho.

Quero que ela pare de falar. Quero me tornar invisível. Quero ser uma pessoa normal com nada a esconder. Olho para o lado.

— Que maravilha.

— Quando esteve na França?

— Faz muito tempo — digo, ela não deve se lembrar de mim da década de 1920. Soltei a bicicleta. — Até amanhã.

— Eu vou lembrar — fala, rindo, ao entrar no pequeno carro. — Vou me lembrar de você.

— Há! — exclamo. Então, quando a porta do carro fecha, praguejo: —

Merda.

Ela buzina e dá um aceno rápido. Aceno de volta e monto na bicicleta. Penso em quão fácil seria simplesmente não aparecer amanhã. Conversar com Hendrich e desaparecer outra vez. Mas há algo em mim — uma parte pequena mas perigosa — que está ansioso por saber de onde ela me conhece. Ou, talvez, uma pequena parte que simplesmente queira ser lembrada.

Mais tarde, em casa, Hendrich telefona.

— Então, como está Londres? — pergunta ele.

Estou sentado à pequena mesa, observando a moeda elisabetana que carrego por séculos. Geralmente a deixo na carteira, em seu pacotinho de plástico vedado, mas a peguei e deixei sobre a mesa. Observo o brasão desgastado, e me lembro da mão de Marion segurando-a com força

— Tudo bem.

— E o emprego? Está… se adaptando?

Há algo no tom de voz dele que me irrita. Condescendente. O modo como pronuncia “adaptando”, vagamente divertido.

— Olha só, Hendrich, me desculpa, mas estou com dor de cabeça. Sei que aí é hora do brunch, mas aqui já é tarde e preciso acordar cedo pra preparar a aula. Quero ir dormir agora se…

— Ainda está tendo dor de cabeça?

— Às vezes.

— Faz parte da nossa vida. Todos nós temos na nossa meia-idade. É dor causada pelas lembranças. Precisa ter cuidado. A vida moderna não ajuda. Não fica olhando tanto pra telas. Nossos olhos não foram feitos pra luz artificial. Nenhum olho foi feito pra isso. São essas ondas azuis. Atrapalham o ritmo circadiano.

— Tá certo. Isso mesmo. Nossos ciclos circadianos. Enfim, preciso ir.

Menos de um segundo depois:

— Pode ser encarada como ingratidão, sabia?

— O quê?

— Sua atitude esses tempos.

Coloco a moeda de volta no saquinho e a vedo.

— Não é uma atitude. Não tem essa de atitude.

— Ando pensando muito ultimamente.

— Sobre?

— O começo.

— O começo de quê?

— Da gente. Quando ouvi falar no médico. Quando mandei o telegrama pra Agnes. Quando ela foi buscar você. Quando eu o conheci. 1891. Tchaikovsky. Harlem. Cachorro-quente. Champanhe. *Ragtime*. Tudo aquilo. Todos os dias eram seu aniversário. *Ainda* são. Ou poderiam ser, se não fosse tão obcecado por uma vida mundana. Se esquecesse a obsessão com a Marion.

— Ela é minha filha.

— Eu entendo. Mas olha o que você já teve. As vidas que te dei…

Fui para a cozinha. O telefone está no viva-voz e estou pegando um copo de água. Bebo em goles grandes e contínuos, pensando na minha mãe, debaixo d'água, expirando seu último suspiro. Então, enquanto Hendrich continua a falar, abro o laptop.

— Eu fui sua fada-madrinha, não? Você, a Cinderela, encravando cavalos ou sei lá o quê, e agora olha só pra você. Pode ter a carruagem, os sapatinhos de cristal, o que quiser.

Entro no Facebook. Tenho um perfil. É mais suspeito *não* ter um perfil, então Hendrich deu seu ok (até ele, ou o seu papel atual de cirurgião plástico aposentado, tem um).

Claro que a informação ali é falsa. Nem tem a opção de colocar 1581 como data de seu nascimento mesmo.

— Está me ouvindo?

— Sim, Hendrich, estou ouvindo. Estou ouvindo. Você é minha fada-madrinha.

— Só estou preocupado. Muito preocupado, Tom. Ando pensando desde que veio aqui. Tem alguma coisa no seu olhar. Algo que me preocupou. Uma espécie de desejo.

Dou uma risada cansada.

— Um desejo?

E então percebo algo.

Tenho uma solicitação de amizade no Facebook. É ela. Camille Guerin. Aceito. Então, enquanto Hendrich não para de falar, vou fuçar na *timeline* dela.

Ela escreve numa mistura de francês, inglês e emoji. Ela cita Maya Angelou e Françoise Sagan e Michelle Obama e JFK e Michel Foucault. Tem uma amiga na França que está pedindo dinheiro para algo relacionado a Alzheimer e ela linka a página para doações. Escreveu alguns poeminhas.

Leio um chamado “Arranha-céus” e outro chamado “Floresta”. Gostei. Então, sem pensar, clico nas fotos. Quero saber mais sobre ela, sobre como ela pode me conhecer. Talvez seja uma alba. Talvez eu a tenha conhecido há *muito* tempo. Mas não. Uma olhada rápida nas fotos mostra que em 2008, quando ela entrou no Facebook, ela parecia, bem, uma década mais jovem. Tinha uns vinte anos. Estava com um homem. Erik Vincent. Um homem decepcionantemente bonito. Em uma foto, ele está nadando num rio. Em outra, veste uma roupa de corrida com um número. Está marcado nas fotos. Em quase todas as fotos até 2011. Então mais nada até 2014. Fico pensando no que aconteceu com Erik. Volto ao poema “Floresta” e percebo que é dedicado a ele. O perfil dele não existe mais.

Não sou o único misterioso.

— Você não pode se assentar, Tom. Lembra-se da primeira regra, não? Tom, se lembra do que falei, no Dakota, pra você, a primeira regra, lembra?

Em uma fotografia, de 2015, Camille apenas olha tristemente para a câmera. Está na calçada de um café, em Paris, com uma taça de vinho tinto à sua frente. É a primeira foto dela de óculos. Está com um cardigã vermelho vivo, o qual puxa para bem perto do corpo. Um anoitecer mais frio do que ela havia previsto. Na boca, um sorriso forçado.

— A primeira regra — digo, cansado — é não se apaixonar.

— Isso mesmo, Tom. Não se apaixone. Seria uma besteira muito grande.

— Não quero ser rude, mas por que me ligou? Sabe? Ajuda a entrar no papel.

— De uma efemérida?

— É.

Ele suspira. Emite um som de pigarro para limpar a garganta.

— Eu conheci um equilibrista. Uma efemérida. Chamava-se Cedro. Como a árvore. Nome estranho. Homem estranho. Trabalhava no circo de Coney Island. Era muito bom na corda bamba. Sabe como dizer se um equilibrista é bom na corda bamba?

— Como?

— Se ele ainda estiver vivo. — Ele ri da própria risada antes de continuar: — Enfim, ele disse que o segredo da corda bamba não era relaxar e esquecer-se da queda. O segredo era o oposto. O segredo era *nunca relaxar*. O segredo era *nunca acreditar que fosse bom*. Nunca se esquecer da *queda*. Entende? Você não é uma efemérida, Tom. Não pode relaxar. A queda é grande demais.

Levo o telefone ao banheiro e mijo silenciosamente, mirando na louça e não na água.

— A queda. Certo. Ainda não sei por que me ligou, Hendrich.

Olho no espelho e noto algo. Algo incrível e excitante, logo acima da minha orelha esquerda. Um fio de cabelo grisalho! É o meu segundo. O primeiro foi em 1979. Em 2100 posso ser um homem grisalho. Fico empolgado quando vejo esse tipo de mudança (quase nunca). Deixo para dar descarga mais tarde e saio do banheiro me sentindo um feliz mortal.

— Eu ligo quando quiser. E você atende. Senão eu me preocupo. E você sabe que não deve me deixar angustiado, porque aí eu preciso agir. Então, lembre-se de seu lugar. Lembre-se de quanto a Sociedade o ajudou. Claro, a gente queria ter achado sua filha. Mas lembre-se de todo o resto. Lembre-se que antes de 1891 você estava perdido. Não tinha liberdade. Não tinha escolha. Era apenas um homem confuso e enlutado, que não tinha ideia de quem era. Eu lhe dei um mapa. Eu o ajudei a se encontrar.

Ainda não me encontrei, penso. *Estou longe disso.*

— Lembre-se de 1891, Tom. Tenha isso em mente.

Quando a ligação é encerrada, faço conforme instruído. Clico para fechar a foto de Camille e penso em 1891, penso no momento em que minha vida deixou de ser uma coisa e começou a ser outra, e tento entender. Tento entender se caí numa armadilha ou se fui liberado, ou se, talvez, possam ter acontecido as duas coisas.

Arranha-céus

Eu
Gosto
Do jeito que
Quando
Viramos
Poemas
De lado
Eles
Parecem
Cidades
Em miniatura
De
Longe
Muito longe.
Arranha-céus
Feitos
De

Palavras.

Floresta

Quero que você
Vá devagar
Quero que tudo
Vá devagar;
Quero fazer uma floresta
A partir de um momento
E morar nessa floresta
Para sempre
Antes que você vá.

St. Albans, Inglaterra, 1891

Jeremiah Cartwright havia lido o céu e declarado, com seriedade sombria, que choveria mais tarde e ele deveria usar o ferro enquanto ainda estivesse seco. Ele não voltaria antes de uma hora. Eu estava sozinho, perto da fornalha, observando o metal brilhar vermelho, depois laranja. Sim, é preciso, como dizem, mexer no ferro quando ele está quente, mas não um quente qualquer. É preciso esperar o laranja clarear, tornar-se aquele rosa-amarelo-laranja brilhante. Esse é o *forjamento a quente*. O calor da mudança. O amarelo logo se torna branco e assim que se torna branco acabou-se, é preciso observar e acertar o momento antes que seja tarde demais.

Apenas quando recolhi o metal e o coloquei sobre a bigorna para começar a bater que percebi alguém parado ali.

Uma mulher. Uma mulher de aparência peculiar.

Ainda consigo vê-la, vividamente, como se estivesse na minha frente. Ela parecia ter quarenta anos, mais ou menos.

Vestia uma saia longa e blusa, ambas negras, e o rosto estava sombreado pela aba larga de um chapéu. Um traje quente demais para o fim de junho, principalmente perto de uma fornalha infernal. Levei um segundo, por conta da sombra no rosto, para perceber que ela usava um tapa-olho negro de seda sobre o olho esquerdo.

— Olá. Posso ajudar?

— Você perceberá que é ao contrário.

— O que quer dizer?

Ela balançou a cabeça. Fez uma careta por conta do calor.

— Sem perguntas. Por enquanto. Sua curiosidade será satisfeita, garanto. Precisa vir comigo.

— Como é?

— Não pode ficar aqui.

— O quê?

— Já falei: sem perguntas.

Em seguida, ela apontou uma pequena pistola de madeira na direção do meu peito.

— Maldição! O que está fazendo?

— Você se expôs para a comunidade científica. Há um instituto… Não tenho tempo para explicar. Mas, se ficar, será morto.

O calor da fornalha sempre parecia provocar delírios, pesadelos febris. Por um instante, pensei estar sonhando acordado.

— Dr. Hutchinson está morto — disse ela. A voz estava ponderada, mas havia uma força silenciosa nela, como se não afirmasse algo simplesmente, mas contasse o inevitável.

— Dr. Hutchinson?

— Assassinado. — Ela deixou a palavra no ar, acompanhada apenas do rugir do fogo.

— Assassinado? Por quem?

Ela me entregou uma notícia recortada do *Times*.

Corpo de médico encontrado no Tâmisa.

Passei os olhos.

— Você cometeu um erro. Não devia ter ido vê-lo a respeito de sua condição. Ele escreveu um artigo a seu respeito. A respeito da condição. Deu-lhe um nome. Anageria. O artigo seria, muito provavelmente, publicado. E isso não seria possível. Não mesmo. Então, infelizmente, a Sociedade não teve escolha. Ele teve que morrer.

— Você o matou?

O rosto dela brilhava por conta do calor.

— Sim, o matei. Agora, venha comigo. Há uma carruagem à espera. Ela nos levará a Plymouth.

— Plymouth?

— Não se preocupe. Não é para turismo histórico.

— Não entendo. Quem *é* você?

— Meu nome é Agnes.

Ela abriu a bolsa e pescou um envelope. Entregou-o a mim. Soltei o malho e peguei. Não havia nome, nem endereço, mas o papel azul estava cheio de conteúdo.

— O que é isto?

— É sua passagem. E seus documentos.

Fiquei abalado.

— O quê?

— Você viveu muito. Possui instinto de sobrevivência aguçado. Mas precisa ir embora. Precisa vir comigo. A carruagem espera. De Plymouth vamos para a América. Você encontrará todas as respostas.

E ela foi embora sem falar mais nada.

Oceano Atlântico, 1891

Barcos haviam mudado.

Eu já tinha navegado antes, mas estar no mar não era mais a mesma coisa.

O progresso da humanidade parecia ser medido pela distância entre nós e a natureza. Poderíamos ficar no meio do Atlântico, em um navio a vapor como o *Etruria*, e nos sentirmos em um restaurante em Mayfair.

Estávamos na primeira classe. Nessa época, primeira classe era primeira classe e era preciso manter as aparências.

A mulher, Agnes, me providenciou uma mala com roupas novas, e eu vestia um elegante terno de três peças, feito de sarja de algodão e uma gravata tipo echarpe de seda. Estava bem barbeado. Ela havia me barbeado, com uma lâmina, e, durante o processo, contemplei seriamente a possibilidade dela cortar meu pescoço.

Da janela do restaurante, podíamos ver os deques inferiores, onde as multidões da segunda classe e de marujos andavam em roupas mais pobres, roupas que eu usava na semana anterior, ou se apoiavam no parapeito e observavam o horizonte, com a Ilha Ellis e os sonhos americanos ao aguardo.

De todos que já conheci, Agnes é a mais difícil de descrever. Ela era uma mistura rara de caráter franco, hábitos amorais e gestos comedidos. Oh, e era capaz de matar.

Ainda estava usando o estilo preto de luto, à la rainha Vitória. Era a cara da alta sociedade. Até o tapa-olho era elegante. Embora seu drinque predileto, uísque, fosse meio excêntrico.

O nome dela, naquela época, era Gillian Shields. Mas tinha nascido Agnes Wade.

— Pense em mim como Agnes. Eu sou Agnes Wade. Nunca mais use esse nome, mas pense nele sempre. Agnes Wade.

— E pense em mim como Tom Hazard.

Ela tinha nascido em York, em 1407. Era mais velha que eu, por mais de um século. Isso ao mesmo tempo me reconfortou e inquietou. Eu ainda não conhecia todas as identidades dela ao longo dos anos, mas ela me revelou que no século XVIII havia sido Flora Burn, a famosa pirata da costa americana.

Ela tinha acabado de pedir o *fricassé* de frango, e eu, a anchova grelhada.

— Você possui uma mulher?

Hesitei antes de responder, e ela sentiu a necessidade abrupta de se explicar:

— Não se preocupe. Não estou interessada em você. É sério demais. Gosto de mulheres sérias, mas prefiro, nesse quesito, um homem leve como o dia. Só curiosidade. Deve ter tido alguém. Não se vive tanto tempo sem alguém.

— Houve uma. Sim. Muito tempo atrás.

— Ela tinha nome?

— Tinha, sim. Ela tinha um nome. — Eu não entregaria mais nada.

— E mais ninguém?

— Na verdade, não. Não. Não. Ninguém mais.

— E por quê?

— Simplesmente não aconteceu.

— Até hoje de coração partido?

— Amor é dor. Melhor não arriscar.

Ela assentiu em concordância e engoliu em seco, como se minhas palavras tivessem sabor, e olhou para o além.

— Sim. É. Amor é dor.

— Então — continuei — você ia me contar: por que matou o dr. Hutchinson?

Ela olhou ao redor, para os outros passageiros, sentados endurecidos e de costas retas, vestidos daquele jeito exagerado da alta sociedade.

— Pode, por gentileza, não me acusar de homicídio na sala de jantar? Tem que aprender a arte da discrição. Falar sem mencionar. A verdade é uma linha reta que às vezes é preciso curvar, já devia saber disso. É impressionante que ainda esteja vivo.

— Eu sei, mas…

Agnes fechou os olhos.

— Você precisa crescer, entende? Ainda é uma criança. Pode parecer um homem, mas ainda é o menino de olhos arregalados e precisa se tornar, urgentemente, um adulto. Precisamos civilizá-lo.

Sua indiferença me chocou.

— Ele era um bom homem.

— Ele era um homem. Você só sabia disso, não? Ele era um homem. Um médico em busca de glória a partir da miséria alheia, cujo melhor trabalho havia ficado no passado. Um homem que rapidamente o dispensou da primeira vez. Ele tinha 68 anos de idade. Estava fraco. Era um esqueleto de tweed. Na melhor das hipóteses, teria mais alguns poucos anos de vida. Bem, se ele tivesse vivido para publicar as descobertas, fazer seu nome como o descobridor da anageria, teria feito muito mais estrago. Levaria a mortes de pessoas com séculos ainda a viver. Chama-se o bem maior, certamente entende isso, não? Vidas perdidas para salvar mais vidas. É para isso que a Sociedade luta.

— A Sociedade, a Sociedade, a Sociedade…. Você fica falando nessa Sociedade, mas não me contou nada. Nem sei como chama.

— A Sociedade Albatroz.

— Albatroz?

Nossa comida chegou.

— Posso ajudá-los em mais alguma coisa? — perguntou o garçom elegante, de cabelo lambido.

— Sim. — Agnes sorriu. — Pode sumir daqui.

O garçom ficou chocado e alisou o bigode, para se recompor.

— Tudo bem.

Encarei o peixe divinamente preparado e meu estômago roncou de fome ao perceber que não tinha comido nada assim havia mais de um século.

— Crê-se que albatrozes vivem muito. E nós vivemos muito. Hendrich Pietersen fundou a Sociedade em 1867 como maneira de nos unir e nos proteger. Proteger pessoas como nós, os albatrozes, ou albas, de ameaças externas.

— E quem é este Hendrich Pietersen?

— Um homem muito velho e muito sábio. Nasceu em Flandres, mas está na América do Norte desde que ela é a América do Norte. Ele ganhou dinheiro com a moda da tulipa e veio a Nova York quando ainda era Nova Amsterdã. Vendia peles. Ficou rico. Juntou, por fim, uma fortuna. Entrou no

mercado imobiliário. Fez de tudo. Ele *é* a América. Isso é o que Hendrich é. Ele fundou a Sociedade para nos salvar. Somos abençoados, Tom.

Dei risada.

— Abençoados… Abençoados… É uma maldição.

Ela bebeu do vinho tinto.

— Hendrich vai querer ver sua gratidão.

— Isso vai ser difícil.

— Se quiser viver, terá que demonstrá-la.

— Não sei se quero viver, Agnes.

— Não é Agnes — sussurrou ela, irritada. Olhou em volta. — Gillian.

Ela tirou algo da bolsa. Xarope para tosse. Despejou no uísque. Ofereceu para mim. Recusei.

— Você percebe como soa egoísta? Olhe em volta. Olhe nesta sala de jantar. Melhor ainda: pense nos marujos imigrantes. A maioria vai morrer antes dos sessenta. Pense nas doenças terríveis e mortais. Catapora, cólera, febre tifoide, a peste… Sei que se lembra.

— Eu lembro.

— Isso não vai acontecer conosco. Pessoas como nós só morrem de duas formas: dormindo, por volta dos 950 anos, ou em um ato violento que destrua nosso coração ou cérebro ou provoque muita perda de sangue. É isso. Somos imunes a tanta dor humana.

Pensei no tremor febril de Rose, delirando de dor em seu último dia. Pensei nos dias, semanas, anos e décadas depois.

— Em alguns momentos, atirar na minha cabeça pareceu muito preferível à benção da vida.

Agnes mexeu o drinque que tinha preparado.

— Você viveu muito. Sabe que não prejudicamos apenas a nós mesmos quando nossa verdade vem à tona.

— Certamente. O dr. Hutchinson, por exemplo.

— Não estou falando do dr. Hutchinson — ela retrucou rapidamente. — Estou falando de outros. De seus pais. O que aconteceu com eles?

Tomei meu tempo: mastiguei o peixe, engoli, limpei o canto da boca com o guardanapo.

— Meu pai foi morto na França por conta de sua religião.

— Ah. As guerras religiosas? Ele era protestante? Huguenote?

Assenti três vezes.

— E sua mãe? — Agnes me encarou. Sabia que me tinha nas mãos. E tinha

mesmo, suponho. Contei a verdade. — Está vendo? A ignorância é nosso inimigo.

— Ninguém mais é morto por conta da bruxaria.

— A ignorância muda com tempo. Mas sempre está lá, e sempre letal. Sim, o dr. Hutchinson morreu. Mas se tivesse vivido, se o artigo fosse publicado, as pessoas viriam atrás de você. E dos outros.

— Pessoas? Que pessoas?

— Hendrich explicará. Não se preocupe, Tom. Sua vida não é em vão. Você tem um propósito.

E me lembrei de minha mãe dizendo que eu precisava de um propósito. Enquanto comia aquele peixe macio, pensei estar prestes a encontrá-lo.

Nova York, 1891

Do lado de fora do deque superior do *Etruria,* Agnes falou:

— Olhe para ela. *Liberdade Iluminando o Mundo*.

Foi a primeira vez que vi a Estátua da Liberdade. O braço direito dela erguendo a tocha bem alto no ar. Ela era cor de bronze na época, e brilhava, e impressionava. Reluzia sob o sol, conforme nos aproximávamos do porto. Parecia vasta — épica e antiga —, algo à semelhança de esfinges e pirâmides. Eu tinha vivido apenas numa época menor e mais modesta do mundo. Mas olhei para o horizonte de Nova York e senti como se o mundo sonhasse grande. Tossindo antes de discursar. Ganhando confiança. Coloquei a mão no bolso, agarrei a moeda de Marion entre os dedos. Era, como sempre, um conforto.

— Eu já cheguei perto — contou Agnes. — Ela parece estar parada, mas na verdade está andando. Está quebrando as correntes do passado. Da escravidão. Da guerra civil. Está indo na direção da liberdade. Mas está para sempre presa neste momento de tempo parado. Olhe, consegue ver? Pare de olhar a tocha e olhe para os pés. Ela se move, mas não se move. Vai na direção de um futuro melhor, mas não chegou lá. Como você, Tom. Você verá. Sua nova vida o aguarda.

Encarei o Dakota — um prédio magnífico, ornamentado, de sete andares, feito de pedra cor de creme claro, com elegantes balaustradas e um telhado com frontão escarpado. Senti aquela tontura provocada pela ideia de que tudo

está indo rápido demais, e a sensação não foi embora. Havia algo na Nova York de 1890. Algo excitante. Algo tão real que era possível respirá-lo. Algo que me fez sentir outra vez.

Parei por um instante antes de entrar.

O que teria acontecido se eu tivesse saído correndo? Se tivesse empurrado Agnes e desaparecido no parque, ou corrido pela rua 72, de alguma forma conseguido escapar? Mas eu estava entontecido, suponho, por toda aquela novidade da cidade. Ela já fazia me sentir mais vivo, depois de todos aqueles mortos anos de nada.

A estátua de um índio americano — Agnes o chamava de "índio observador" — olhava solenemente para nós. Em 1980, trabalhando em São Paulo, assisti em uma pequena televisão a cores às notícias do assassinato de John Lennon. A gravação foi feita naquele mesmo prédio, onde Lennon levou um tiro. Pensei se o prédio em si era amaldiçoado, afetando a todos que passavam por sua porta.

Parado ali fora, estava nervoso. Mas pelo menos era uma sensação. Recentemente não tinha tido muitas.

— Ele sempre estará testando você. Tudo é um teste. — Subimos a escada. — Ele lê as pessoas melhor que qualquer um. Rostos, gestos. Hendrich desenvolveu, ao longo dos anos, uma *habilidade* sobrenatural.

— Que habilidade?

Agnes deu de ombros.

— Ele chama apenas de habilidade. Uma habilidade com pessoas. Ele as entende. Aparentemente, entre os quinhentos e seiscentos anos, seus talentos cerebrais ficaram tão aguçados que ultrapassam a capacidade humana. Ele já lidou com tantas pessoas, de culturas tão diferentes, que pode ler linguagem facial e corporal com precisão impressionante. Ele sabe quando pode confiar em alguém.

Chegamos lá, no flat francês (não usávamos a palavra "apartamento" nos Estados Unidos naquela época), no último andar do prédio Dakota, com o Central Park esparramado abaixo.

— Finjo que é meu jardim — disse o homem alto e careca, magro, vestido com um terno elegante, olhando pela janela. Ele segurava uma bengala com força. Para fazer tipo, e também para artrite, que ainda não estava tão grave.

— É uma vista impressionante — falei.

— Sim. E esses prédios ficam cada vez maiores. Por favor, sente-se.

Elegante era a palavra. Havia um piano Steinway elegante ao lado de uma

sofá de couro elegante e caro. Luminárias de pé, mesa de mogno, candelabro. Agnes se aconchegou no sofá e apontou uma cadeira perto da mesa. Hendrich estava do outro lado da mesa, ainda de pé e olhando pela janela. Ela assentiu com firmeza, indicando que eu deveria sentar logo.

Enquanto isso, Hendrich continuou encarando o Central Park.

— Como você sobreviveu, Tom? — Ele se virou para me olhar.

Era velho, notei. Se fosse um ser humano comum — uma efemérida como Agnes os chamava, com ar sério — diria que ele tinha setenta anos. Nos nossos dias atuais, ajustando pela inflação, diria mais. Mais de oitenta. Ele nunca aparentou tanta idade.

— Você viveu tanto tempo. E pelo que ouvi dizer, não foram nas melhores circunstâncias. O que o impediu de pular da ponte? O que o impele?

Olhei para ele. Bochechas flácidas e olhos com tantas bolsas que me lembrava uma vela derretendo.

Eu não queria falar o motivo. Se Marion estivesse viva, não queria que Hendrich soubesse. Eu não confiava em ninguém.

— Ora, estamos aqui para ajudá-lo. Você nasceu em um *château*. Foi feito para as coisas boas da vida, Tom. Vamos devolver-lhe essa vida. E sua filha.

Senti tudo se apertar ao meu redor.

— Minha filha?

— Eu li o relatório do médico. Sobre Marion. Não se preocupe, vamos procurá-la. Vamos achá-la, prometo. Se estiver viva, vamos achá-la. Vamos achar todos iguais a nós. E conforme novas gerações emergirem, vamos achá-los também.

Senti medo, mas também, confesso, uma leve excitação diante da ideia de que eu poderia receber ajuda na busca por Marion. De repente, me senti menos só.

Havia um decanter de uísque sobre a mesa. E três copos. Ele serviu uma rodada sem perguntar. Mas eu queria, para acalmar os nervos.

Ele leu o rótulo.

— Olhe isto. “Uísque de malte irlandês. O sabor do passado.” O sabor do passado! Quando eu era jovem, uísque nem existia. — O sotaque dele era difícil de adivinhar. Não era americano. — Mas eu sou muito mais velho que você.

Ele suspirou melancolicamente e sentou-se atrás da enorme mesa de mogno.

— Estranho, não é? Todas as coisas que vivemos para ver. No meu caso, a

lista é longa: óculos de grau, a imprensa, jornais, rifles, compassos, telescópio… o relógio de pêndulo… o piano… pinturas impressionistas… fotografia… Napoleão… champanhe… ponto e vírgula… outdoors… cachorro-quente…

Ele deve ter reparado na confusão em meu rosto.

— Mas é claro, Agnes. O pobre homem não deve ter experimentado um cachorro-quente ainda. Temos que levá-lo a Coney Island. Eles têm o melhor.

— Têm mesmo — disse Agnes, que parecia mais suave perto daquele homem.

— É comida? — quis saber.

— Sim. — Ele riu secamente. — É uma salsicha. Especial. Do tipo *dachshund*. Uma variação da *frankfurt*. É o céu num pãozinho. É o ápice da civilização… Se eu soubesse, na minha infância em Flandres, que um dia experimentaria um *cachorro-quente*. Bem!

Era estranho. Eu tinha sido enviado para o outro lado do oceano — deixando um cadáver para trás — para me divertir com conversas sobre salsichas?

— Prazer. Esse é o ponto, certo? Aproveitar as *coisas boas*… as coisas finas. Comida. Bebida. Arte. Poesia. Música. Charutos.

Ele pegou um charuto de cima da mesa e um isqueiro cromado.

— Gostaria de um charuto?

— Não gosto de tabaco.

Ele pareceu desapontado. Entregou um para Agnes.

— É bom para o pulmão.

— Agradeço — disse, bebendo do uísque.

Ele acendeu os charutos e falou:

— As coisas de boa qualidade. Os prazeres dos sentidos. Não há outro significado para a vida, eu descobri. Nada mais.

— E o amor? — eu disse.

— O que é que tem? — Ele sorriu para Agnes. Quando se voltou para mim, o sorriso continha ameaça. Ele mudou de assunto. — Não sei por que você foi ao médico falar da sua condição. Talvez pensou que, agora sem as superstições de bruxaria, seria seguro?

— Pensei que poderia ajudar as pessoas. Pessoas como nós. Ter uma explicação médica.

— Tenho certeza que Agnes já demonstrou a ingenuidade por trás dessa ideia.

— Sim, um pouco.

— A verdade é esta: hoje é a época mais perigosa. Os avanços feitos na ciência e na medicina não são bem-vindos: teoria dos germes e microbiologia e imunologia. Ano passado inventaram a vacina contra febre tifoide. O que você não sabe é que a pesquisa capitalizou em cima do trabalho do Instituto de Pesquisa Experimental em Berlim.

— A vacina contra a febre tifoide é certamente uma coisa boa…

— Não quando a pesquisa foi feita às nossas custas. — Ele cerrou o maxilar, tentando disfarçar a raiva.

O silêncio endurecido de Agnes me preocupou mais. Talvez houvesse uma arma naquela mesa. Talvez tivesse sido um teste e eu falhara e agora ele colocaria uma bala na minha cabeça.

— Cientistas — ele pronunciou como se a palavra possuísse o sabor do enxofre — são os novos caçadores de bruxas. Você os conhece, não? Sei que sim.

— Ele conhece caçadores de bruxas — garantiu Agnes, assoprando um fino túnel de fumaça na direção da luminária de chão.

— Mas o que você não sabe é que os julgamentos de bruxas não terminaram. Só mudaram de nome. Somos os sapos de laboratório deles. O instituto sabe a nosso respeito. — Ele se inclinou sobre a mesa, derrubando cinza sobre um exemplar do *New York Tribune*, seu olhar queimava como a ponta do charuto. — Você entende? Há membros da comunidade científica que *sabem da nossa existência*. — Ele se sentou outra vez. — Não muitos. Alguns. Em Berlim. Não se interessam por nós como humanos. Na verdade, nem nos encaram como humanos. Eles encarceraram dois de nós, os torturaram como cobaias. Um homem e uma mulher. A mulher escapou. Juntou-se a nós. Ainda mora na Alemanha, num vilarejo bávaro, mas lhe demos uma nova vida e um novo nome. Ela nos ajuda quando precisamos. E nós a ajudamos.

— Eu não sabia.

— Não era para saber.

Notei que o parque estava cheio de árvores caídas.

Um pássaro pousou na beira da janela.

Não conhecia a espécie. Os pássaros eram diferentes ali. Uma criatura pequena, robusta e amarela, com asas de um cinza opaco, cuja cabeça olhou na direção da janela, depois na outra. Nunca me canso de ver como os pássaros se movimentam quando não estão voando. Uma série de quadros em

vez de movimento contínuo. Staccato. Momentos emperrados.

— Sua filha pode estar em perigo. Todos nós. Precisamos trabalhar juntos, entende?

— Entendo.

— Uma última pergunta — avisou Hendrich, após um gole do uísque.

— Por favor.

— Você quer sobreviver? Digo, de verdade? Quer ficar vivo?

Por muito tempo me perguntei a mesma coisa. A resposta costumava ser sim, porque não queria morrer enquanto ainda tivesse uma filha, provavelmente ainda viva, e, no entanto, era muito difícil responder que queria sobreviver. Desde Rose, foi um pêndulo entre duas possibilidades. Ser ou não ser. Mas naquele apartamento extravagante, com aquele pássaro amarelo no peitoril, a resposta parecia mais clara. Daquela altura, com o céu azul brilhante e uma nova cidade ousada diante de mim, me senti mais perto de Marion. A América do Norte nos fazia pensar no tempo verbal futuro.

— Sim. Sim, quero sobreviver.

— Bem, para sobreviver, precisamos trabalhar juntos.

O pássaro voou.

— Certo. Certo. Trabalhar juntos.

— Não fique tão preocupado. Não somos uma seita religiosa. Nosso objetivo é permanecermos vivos, para que possamos apreciar a vida. Não temos deuses aqui, exceto, talvez, Afrodite. E Dioniso. — Ele pareceu melancólico por um instante. — Agnes, você vai para o Harlem?

— Sim. Vou visitar um velho amigo, me sedar e dormir por uma semana.

A luz brilhou como uma joia no decanter. A visão alegrou Hendrich.

— Olhe! O sol se pôs. Vamos dar um passeio no parque?

Um bordo arrancado do chão no nosso caminho.

— Um furacão — explicou Hendrich. — Matou algumas pessoas semanas atrás, marinheiros, na maioria. Os zeladores do parque estão demorando para arrumar.

Observei as raízes, espalhando-se como tentáculos.

— Deve ter sido intenso.

Hendrich sorriu para mim.

— Foi um espetáculo. — Ele encarou a terra revolvida e as folhas no caminho. — A experiência imigrante. Bem aqui. O vento vem e de repente você fica sem chão. Suas raízes ficam aparentes, estranhas e desconhecidas.

Mas você já foi desenraizado antes, certo? Você se desenraizou. Precisou fazê-lo, com certeza.

Assenti.

— Muitas vezes.

— Dá para ver.

Tentei encarar como um elogio. Foi difícil.

— O truque é permanecer de pé. Sabe como é se movimentar e permanecer de pé?

— Como é?

— É preciso encarar o furacão. É preciso ser uma tempestade. É preciso…

Ele parou. A metáfora perdia fôlego. Notei o brilho nos sapatos dele. Nunca tinha visto sapatos assim.

— Somos diferentes, Tom — disse ele, por fim. — Não somos como os outros. Carregamos o passado conosco. Vemos o passado em toda parte. E isso pode ser perigoso, e precisamos nos ajudar. — Pousou a mão sobre meu ombro, como se dissesse algo de extrema importância. — O passado nunca vai embora. Apenas se esconde.

Desviamos lentamente do bordo.

Manhattan emergia do chão, à frente, como um novo tipo de floresta à prova de tempestades.

— Precisamos estar acima deles. Entende? Para nossa sobrevivência futura, precisamos ser egoístas.

Passamos por um casal vestindo sobretudo, rindo de alguma piada secreta.

— Sua vida está mudando. O mundo está mudando. Ele é nosso. Só precisamos ter certeza de que as efeméridas nunca saibam sobre nós.

Pensei no corpo flutuando no Tâmisa.

— Mas matar o dr. Hutchinson…

— Isso é uma guerra, Tom. Uma guerra invisível, mas uma guerra. Precisamos nos proteger.

Ele baixou a voz quando dois homens bem-vestidos, com bigodes idênticos, passaram por nós em bicicletas pretas. As bicicletas possuíam rodas do mesmo tamanho, o que me pareceu muito moderno.

— Quem é esse Omai? — Hendrich sussurrou. As sobrancelhas levantaram-se como asas de pardal.

— Como é?

— O dr. Hutchinson escreveu a respeito dele. Do Pacífico Sul. Quem é?

Ri nervosamente. Era estranho alguém conhecer seus maiores segredos.

— Era um velho amigo. Eu o conheci no século passado. Ele veio passar um tempo em Londres, mas não quer ser encontrado. Não o vejo há mais de cem anos.

— Certo. Certo.

Então Hendrich abriu o paletó e pegou dois ingressos beges do bolso interno. Entregou-me um.

— Tchaikovsky. Hoje à noite. No Music Hall. O ingresso mais disputado da cidade. Você precisa pensar grande, Tom. Todo esse tempo vivo e ainda não consegue. Mas conseguirá, conseguirá. Pelo bem de sua filha. Pelo bem de sua filha. Acredite em mim, conseguirá… — Ele se inclinou e sorriu. — Se não conseguir, bem, pode ser que seu tempo acabe.

Sentamos em cadeiras vermelhas de veludo, e, quando uma mulher com um vestido extravagante — cor de vinho, mangas bufantes, gola alta, saia godê, decote ricamente bordado — sentada ao lado de Hendrich se levantou para ir ao banheiro, ele inclinou a cabeça na minha direção e discretamente apontou para uma celebridade na plateia.

— O homem no balcão… inclinado… ao lado da dama de vestido verde. Aquele para quem todos olham disfarçadamente. — Vi um homem amistoso, de pele rosada, cujo rosto redondo de coruja trazia uma barba branca cuidadosamente aparada. — Andrew Carnegie. Titã da indústria. Mais rico que Rockefeller. Mais generoso também… Mas, veja, é um velho. Quanto tempo lhe resta? Mais uma década? Um pouco mais? Contudo, cada naco de metal Carnegie em todas as ferrovias do país permanecerá muito mais. Este salão, construído com trocados, estará de pé enquanto ele estiver a sete palmos do chão. Por isso ele o construiu. Para que o nome dele viva muito além no futuro. É isso que os ricos fazem. Depois de se assegurarem de que eles e seus filhos viverão confortavelmente, começam a trabalhar no seu legado. Todo esse trabalho para um futuro em que não figurarão. E o que é legado, sr. Hazard? O que é legado senão um substituto vazio e medíocre do que nós temos. Aço e dinheiro e salões musicais chiques não lhe concedem imortalidade.

— Não somos imortais.

Ele sorriu.

— Olhe para mim, Tom. Aparento ter a mesma idade dele. Mas na verdade sou mais jovem que um bebê. Ainda estarei por aqui no ano 2000.

Arrisquei uma ofensa:

— Mas como você se sente? O que mais me preocupa é ter que passar por muitas vidas como um velho.

E, por um momento, pensei tê-lo ofendido mesmo. Pensei ter ultrapassado um limite invisível. E talvez tivesse, mas ele apenas sorriu e falou:

— Vida é vida. Enquanto eu puder ouvir música e saborear ostras e champanhe…

— Você não vive com dor?

— Tenho um problema ósseo, sim. Às vezes ele não me deixar dormir. E não sou mais totalmente imune a resfriados e febres. Você notará conforme envelhecer. Os benefícios físicos de ser um alba começam a arrefecer. Pega-se doenças. Torna-se mais parecidos com eles. Seu escudo biológico baixa. Mas não me ressinto da dor. É um preço baixo em troca de se estar *vivo*. A vida é o maior privilégio, então sou um dos mais privilegiados do mundo. Você devia se sentir grato também. Você ainda estará por aqui bem além do próximo milênio. Além de mim. Além de Agnes. Você é um deus, Tom. Um deus na Terra. Somos deuses, e eles, efeméridas. Precisa aprender a aproveitar sua *existência divina*.

Um homem de aparência frágil, cabelos ralos e expressão intensa caminhou até o centro do palco. Ficou de pé na frente da plateia e deu uma espécie de sorriso. O salão explodiu num aplauso. Ele ficou lá, silencioso, apenas nos encarando. E então, ele — Tchaikovsky — se virou para o pequeno púlpito, pegou a batuta e a segurou no ar. Pausou. Era como ver um velho mago e seu condão mágico, invocando a energia necessária para um feitiço.

O salão ficou em silêncio. Nunca eu tinha ouvido um silêncio daqueles. Todos pareciam prender o fôlego. Algo civilizado e moderno. Ao mesmo tempo refinado e sedutor, como um pré-orgasmo coletivo e educado.

O tempo desacelerou dentro daquele momento.

Então a música começou.

Eu não apreciava música havia anos. Não tinha nenhuma expectativa.

Depois de uma explosão de trompetes, os violinos e violoncelos ficaram a sós, criando um som que começou baixo e suave, até crescer e gerar uma tempestade sinfônica.

E, sim, no começo não me afetou. Mas, em seguida, de algum modo, *entrou*.

Não. Entrar não. Não é a melhor maneira de expressar. A música não entra. Ela já está lá dentro. A música simplesmente descobre o que já está lá, faz

com que sinta emoções que não sabia ter dentro si e sai correndo acordando a todas. Um renascimento, por assim dizer.

Havia tanto desejo e energia nela. Fechei os olhos. Não poderia descrever em palavras o que senti. O motivo pelo qual esse tipo de música existe é justamente o fato de ser uma linguagem que não pode ser expressa de outro modo. O que posso dizer é que me senti vivo outra vez.

Quando trompetes, trompas e bumbos trovejaram, foram tão poderosos que meu coração se acelerou e minha mente tonteou. Quando reabri os olhos, vi Tchaikovsky com sua batuta, como se fizesse música no ar, como se música fosse algo na atmosfera, à espera de ser localizada.

Quando tudo acabou, o compositor pareceu desinflar. Mesmo quando toda a plateia ficou de pé, aplaudindo em rondas seguidas, emitindo o rugido de "Bravo!", ele deu um leve sorriso e a menor das reverências.

— Ele mija no Brahms de cima da montanha, não acha? — Hendrich cochichou no meu ouvido.

Eu não fazia ideia. Só sabia que era bom estar de volta ao mundo das sensações.

Eu entendi, mesmo na época, que a visita ao Music Hall era estratégia de venda. A forma de Hendrich me captar. Não só ele encontraria minha filha, mas me daria uma vida boa. Eu não entendia ainda o que estava sendo vendido, mas quando ficou claro, eu já tinha fechado a compra. Na verdade, estava dentro no momento em que ele mencionou Marion. Mas, naquele instante, eu acreditava no hype do Hendrich, que a Sociedade Albatroz não era apenas uma maneira de encontrar minha filha, mas também a mim.

No dia seguinte, no apartamento de Hendrich, após terminarmos nosso café da manhã regado a champanhe, tivemos a conversa. Aquela sobre a qual sempre penso.

— A primeira regra é não se apaixonar — disse ele, limpando uma migalha de *waffle* da mesa antes de acender um charuto. — Há outras regras, mas esta é a principal. Nada de se apaixonar. Nada de ficar apaixonado. Nem pense em amor. Se seguir esta regra, vai ficar tudo relativamente bem.

Eu observei através da fumaça curvilínea do charuto dele.

— Acho que nunca mais vou amar.

— Que bom. Você pode, é claro, amar comida, música e champanhe, e as raras tardes ensolaradas de outubro. Pode amar cachoeiras e o cheiro de livro

antigo, mas não pode amar pessoas. Está ouvindo? Não se apegue às pessoas, e tente sentir o menos possível por aquelas que conhecer. Porque, de outro modo, aos poucos enlouquecerá… — Uma pausa. — Oito anos. É a regra. É o máximo que um alba pode ficar no mesmo lugar antes de as coisas se complicarem. A Regra dos Oito Anos. Você tem uma vida boa por oito anos. Depois cumpre uma tarefa para mim. E então ganha uma vida nova. Sem fantasmas.

Eu acreditei nele. Como não? Eu não me perdi depois da Rose? Eu não estava, de certo modo, ainda em busca de mim mesmo? *Uma vida boa.* Talvez fosse possível. Com estrutura. Com pertencimento. Com propósito.

— Você conhece os mitos gregos, Tom?

— Um pouco.

— Bem, eu sou como Dédalo. Sabe? O criador do labirinto do Minotauro. Eu construí um labirinto para nos proteger. A Sociedade. Mas o problema de Dédalo é que apesar de sábio, ninguém o ouvia. O próprio filho dele, Ícaro, não o ouviu. *Essa* história você conhece, certo?

— Sim. Ele e Ícaro, para fugir de uma ilha grega…

— Creta.

— Creta. Sim. Mas as asas eram feitas de cera e penas. E o pai…

— Dédalo.

— O pai dele avisou para que não voasse muito perto do sol ou do mar, senão as asas pegariam fogo ou se molhariam.

— E claro que as duas coisas aconteceram. Ele se aproxima do sol. A cera derrete. Ele cai no mar. Agora você não está alto demais. Mas já viveu abaixo demais. É um equilíbrio. Estou aqui para ajudar a encontrá-lo. Como você se vê, Tom?

— Não sou Ícaro.

— É quem, então?

— Essa é a grande questão.

— É a questão mais importante.

— Eu não sei.

— Você observa a vida ou participa?

— As duas coisas, acho. Observo, participo.

Ele assentiu.

— Do que é capaz?

— Como assim?

— Onde esteve?

— Já corri o mundo.

— Não. Digo, *moralmente*, por onde já passou? O que já fez? Quantos limites já cruzou?

— Por que está me perguntando isso?

— Porque, dentro da estrutura das regras, precisa ser livre.

Fiquei desconfortável. Devia ter confiado nessa sensação em vez de ficar entornando champanhe.

— Precisamos ser livres para fazer o quê?

Ele sorriu.

— Vivemos vidas longas, Tom. Vivemos vidas longas. Longas e secretas. Fazemos tudo que for necessário. — O sorriso se tornou uma gargalhada. Ele tinha dentes bons, considerando quantos séculos os dentes tinham. — Agora, hoje, cachorro-quente.

Londres, agora

Vivemos vidas longas, Tom.

Há uma árvore na Califórnia — um pinheiro *bristlecone* do parque da Grande Bacia — cuja idade declarada, após uma contagem intensa de seus anéis, foi de 5.065 anos.

Até para mim esse pinheiro parece velho. Nos últimos anos, quando estou desesperado e preciso me sentir mais mortal e comum, penso nessa árvore. Viva desde os tempos dos faraós. Desde Troia. Desde o começo da Era do Bronze. Desde a invenção da ioga. Desde os *mamutes*.

E ficou lá, calmamente, em seu lugar, crescendo lentamente, gerando folhas, perdendo folhas, gerando mais, enquanto os mamutes eram extintos, enquanto Homero escrevia *Odisseia*, durante o reinado de Cleópatra, enquanto Jesus era pregado na cruz, enquanto Siddharta Gautama deixava seu palácio para chorar por seus súditos sofredores, no declínio e queda do Império Romano, na captura de Cartago, enquanto os búfalos eram domesticados na China, enquanto os incas construíam cidades, enquanto eu me inclinava sobre o poço com Rose, enquanto a América do Norte lutava consigo mesma, durante guerras, enquanto o Facebook era inventado, enquanto milhões de homens e animais viviam e lutavam e procriavam e corriam, assombrados, para o túmulo, a árvore sempre foi a árvore.

Essa era a conhecida lição do tempo. Tudo muda e nada muda.

* * *

Estou de pé, como uma dor de cabeça vertical, na frente de 28 jovens de 14 anos, jogados nas cadeiras, brincando com canetas e checando o celular discretamente. É um público difícil, mas já enfrentei piores. Certamente mais fácil do que tocar para marujos bêbados, ladrões e andarilhos do Minerva Inn em Plymouth, por exemplo.

Tudo muda e nada muda.

— O East End é hoje uma área multicultural porque sempre foi uma área multicultural — é minha abertura para a aula focada na Imigração antes do Século XX. — Ninguém jamais foi um britânico nativo. Sempre chegaram aqui. Romanos, celtas, normandos, saxões. A Bretanha sempre foi um lugar feito de outros lugares. E mesmo aquilo que encaramos como imigração "moderna" já acontece faz tempo. Bem mais de trezentos anos atrás, indianos vinham para cá, recrutados por navios da Companhia das Índias Orientais. Então vieram os alemães e os judeus russos e os africanos. Mas é verdade que, embora a imigração sempre tenha feito parte da sociedade inglesa, por um longo tempo imigrantes visivelmente diferentes eram tratados como bizarrices exóticas… Por exemplo, um homem chamado Omai, no século XVIII, chegou aqui vindo das Ilhas Pacíficas. Ele chegou na segunda viagem do capitão Cook… — Faço uma pausa. Lembro-me de sentar no deque com ele, meu amigo, Omai, e mostrar a moeda da minha filha, e lhe ensinar a palavra *dinheiro*. — E quando Omai veio, era encarado como alguém tão único que todas as celebridades da época, do rei a baixo, foram conhecê-lo e jantar com ele… — Lembro-me do rosto dele, tremeluzindo sob a sombra de uma chama. — Ele teve até seu retrato pintado pelo artista mais famoso da época, Sir Joshua Reynolds. Omai foi uma celebridade por um tempo…

Omai.

Fazia muito tempo que eu não dizia o nome dele em voz alta. Desde que conversei com Hendrich a seu respeito em 1891. Mas sempre pensei nele. Sobre o que aconteceu com ele. Pensar nele agora, no entanto, piora a dor de cabeça. Tudo começa a girar.

— Ele era…

Uma menina na primeira fila, Danielle, mascando chiclete, me encara.

— Tá tudo bem, professor?

Começam as risadas. Danielle olha para trás e se regozija.

Fique firme.

Tento sorrir para a turma.

— Tudo bem. Tô bem… Esta região de Londres, em específico, sempre foi definida pela imigração. Por exemplo, ali — aponto para a janela, na direção oeste —, nos séculos XVI e XVII chegaram os franceses. Foram os primeiros imigrantes a chegar em quantidade na idade moderna. Nem todos ficaram em Londres. Muitos foram para Canterbury. Outros, para as áreas rurais. Kent… — Pausa. Respiro. — …Suffolk. Mas muitos se fixaram em Spitalfields, e uma comunidade floresceu. Começaram a indústria da seda. Muitos eram tecelões de seda. Muitos eram antigos aristocratas que precisaram inventar uma nova vida em situações muito diferentes das que estavam acostumados.

Um garoto sentado no meio, Anton, quieto e sério, levanta a mão.

— Sim, Anton?

— Por que vieram pra cá? Se tinham tudo do bom e do melhor em casa?

— Bem, eles eram protestantes, huguenotes, como eram chamados, embora não se nomeassem assim. Seguiam os preceitos de Jean Cauvin, João Calvino. E, na época, era perigoso ser protestante na França, bem como ser católico na Inglaterra. Então muitos deles…

Fecho os olhos, tento espantar a lembrança. A dor de cabeça fica insuportável.

Eles pressentem minha fraqueza. Ouço um recomeço de gargalhada.

— Muitos deles precisaram… fugir.

Abro os olhos. Anton não ri. Ele me dá um sorriso de apoio. Mas tenho certeza de que ele, como o resto da classe, pensa que que eu não *bato bem*.

Sinto meu coração bater em ritmo de jazz acelerado conforme o ambiente gira.

— Um minuto — peço.

— Professor? — Anton parece preocupado.

— Tô bem. Tô bem. Só… volto num minuto.

Saio da sala, vou para o corredor. Passo uma sala de aula. Outra. Vejo Camille pela janela. Ela está parada diante de um quadro branco cheio de formações verbais.

Ela parece tão calma e controlada. Ela me vê e sorri, eu sorrio de volto, apesar do pânico.

Vou para o banheiro.

Encaro meu rosto no espelho.

Conheço meu rosto bem demais para de fato vê-lo. A familiaridade pode

fazer de você um estranho para si mesmo.

— Quem sou eu? Quem sou eu? Quem sou eu?

Jogo água no rosto. Respiro devagar.

— Meu nome é Tom Hazard. Tom Hazard. Meu nome é Tom Hazard.

O nome em si contém coisas demais. Contém todos que já me chamaram e todos de quem me escondi. Contém minha mãe e Rose e Hendrich e Marion. Mas não é uma âncora. Pois uma âncora fixa. E eu não estou fixado. Posso continuar navegando pela vida, para sempre me sentindo assim? Um barco tem que parar em algum momento. Chegar a um porto, um ancoradouro, um destino, conhecido ou não. Precisa ir a *algum lugar*, e parar ali, senão, para que serve? Eu já fui tantas pessoas diferentes, desempenhei tantos papéis. Não sou uma pessoa. Sou uma multidão em um corpo.

Eu fui pessoas que odiei e pessoas que admirei. Fui divertido e chato e feliz e infinitamente triste. Já estive do lado certo e do errado da história.

Para resumir, eu me perdi.

— Tá tudo bem — digo para o reflexo.

Penso em Omai. Queria saber onde ele está. Não queria tê-lo deixado partir sem manter contato. Este mundo é solitário sem um amigo.

A respiração lenta acalma meu batimento cardíaco. Seco o rosto com o papel-toalha.

Saio do banheiro para o corredor e me esforço para olhar para a frente e não para a sala de aula de Camille. Agir como um professor normal, não um de merda, com, digamos, cerca de quarenta anos de memórias dentro dele.

Entro de volta na sala.

— Desculpem — digo, tentando sorrir. Tentando ser leve. Tentando dizer algo divertido: — Eu usei muitas drogas na juventude. De vez em quando me dá um flashback.

Eles riem.

— Não usem drogas. Vocês podem acabar virando um professor de história atormentado. Certo, ok, continuando…

Revejo Camille mais tarde, no intervalo da tarde. Estamos na sala dos professores. Ela está conversando com outro professor de línguas, Joachim, austríaco que ensina alemão, cujo nariz assobia quando fala. Ela se afasta e vem na minha direção enquanto me sento para tomar chá.

— Olá, Tom.

— Oi. — A menor palavra acompanhada pelo menor sorriso.

— Você está bem? Parecia um pouco — ela procura uma palavra — tenso.

— Dor de cabeça. Tenho sempre.

— Eu também.

Os olhos dela se estreitam. Temo que esteja tentando saber de onde me conhece. Por isso, continuo:

— Ainda estou… com dor de cabeça. Por isso vim sentar aqui sozinho.

Ela parece magoada e sem jeito. Assente.

— Ah, certo. Bom, melhoras. Tem ibuprofeno no armário.

Se você soubesse a verdade sobre mim sua vida estaria em risco.

— Tá certo, valeu.

Paro de olhar na direção dela e espero que vá embora. E vai. Fico com raiva. E culpa. Não, não é isso. É outra coisa. É saudade, desejo, vontade de um sentimento que não sinto há muito tempo. E quando ela vai embora e senta sozinha do outro lado, não sorri, nem me olha, sinto que algo acabou antes mesmo de começar.

De noite, estou passeando com Abraham depois do parque, de volta para casa pela Fairfield. Não costumo pegar esse caminho. Evito desde que voltei a Londres.

Evito porque é onde conheci Rose. Minhas idas até a rua Chapel e a Well foram doloridas demais. Mas preciso me livrar disso. Preciso me livrar de tudo. Preciso de um desfecho, como dizem hoje em dia. Embora nunca seja possível "fechar" o passado. Só dá para, no máximo, aceitá-lo. E é isso que desejo alcançar.

Estou na Fairfield, em frente ao desânimo iluminado da rodoviária, colocando a mão dentro de um saco plástico para recolher o cocô do Abraham e o depositando na lixeira. A história de Londres poderia ser traçada pelo constante e consistente declínio de fezes visíveis em vias públicas.

— Sabe, Abraham, você não devia fazer na rua. Por isso a gente vai no parque. Sabe, o lugar verde, com grama?

Abraham finge não entender e continuamos o passeio.

Olho em volta. Tento encontrar o lugar. É impossível. Nada é reconhecível. Como na Chapel e na Well, não sobrou uma única construção da época. Eu vejo, por um vidro, uma fileira de pessoas correndo na esteira. Todas encaram algo no alto, suponho uma fileira de televisores. Algumas trazem fones de ouvido. Uma está checando o iPhone.

Lugares não importam mais. Não são o objetivo. As pessoas são semipresenciais hoje em dia. Sempre estão com um pezinho no grande nada digital.

Tento achar onde ficava a barraca de gansos, e onde ela estava segurando a cesta de frutas.

E encontro.

Fico parado enquanto Abraham puxa a coleira conforme os carros passam, sem se tocar. A dor de cabeça aumenta um pouco, fico zonzo a ponto de precisar me apoiar numa parede de tijolos.

— Espera um pouco, menino — digo a Abraham. — Só um pouquinho.

E as memórias jorram como água explodindo uma barragem. A cabeça pulsa com uma dor ainda mais intensa que na sala de aula. Por um instante, numa calmaria entre os barulhos de carro, eu sinto, sinto a história viva da rua, o resíduo da minha própria dor pairando no ar, e me sinto tão fraco quanto em 1599, quando eu ainda seguia para o oeste, delirante e pronto para ser salvo.

PARTE TRÊS

Rose

Bow, próximo a Londres, 1599

Fazia três dias que eu andava sem parar. Meus pés estavam vermelhos, cheios de bolhas e latejando de dor. Meus olhos estavam secos e pesados por dormir pouco ao lado de trilhas na floresta e nas camas de grama ao lado da estrada. Na verdade, quase não tinha dormido. Minhas costas doíam pelo peso do alaúde. Nunca sentira tanta fome. Comera apenas alguns frutos e cogumelos e uma ponta de pão jogada do alto do cavalo por um cavalheiro apiedado.

Mas eu não me queixava.

Na verdade, tudo isso me distraía da intensidade em minha mente. A intensidade que parecia brotar de mim, infectando a grama e as árvores e cada riacho e rio. A cada vez que eu fechava os olhos, pensava em minha mãe, em seu último dia, na cadeira levantada, o cabelo esvoaçado pelo vento na minha direção. E seus gritos ainda ecoavam em meus ouvidos.

Nesses últimos três dias, eu era um fantasma de mim mesmo. Voltara a Edwardstone um homem livre, mas não poderia ficar. Eles eram assassinos. Todos eles. Voltei à minha casa, peguei o alaúde de minha mãe e procurei por dinheiro — e não achei nenhum. Então fui embora. Corri. Não podia ficar em Edwardstone. Nunca mais queria ver a cara de Bess Small e Walter Earnshaw de novo, nunca mais queria passar em frente ao chalé dos Gifford. Queria fugir desse sentimento de terror e perda dentro de mim, de solidão infinita. Mas, é claro, *disso* eu não poderia escapar.

Mas então eu me aproximava de Londres. Um homem com a língua presa do vilarejo de Hackney me contou que se eu estivesse indo a Londres

passaria pela Feira do Ganso Verde, na estrada de Fairfield, em Bow, e lá haveria comida e “muitas loucuras”. E ali cheguei. A estrada de Fairfield. E começou a loucura: uma vaca, parada no meio da estrada, me olhando feio. Como se tentasse comunicar algo facilmente perdido no abismo entre animas e pessoas.

Continuei andando, deixando a vaca para trás, e casas sugiram dos dois lados da estrada. E diferente de outros vilarejos, as casas continuavam, numa linha reta. Quase não havia espaço entre uma e outra. Estava em Londres. E vi multidões à minha frente, enchendo a rua.

Lembrei-me de quanto minha mãe detestava multidões, e senti o temor dela dentro de mim, como uma emoção fantasma.

E então, conforme me aproximei, percebi o barulho. Os gritos dos mercadores competindo entre si. A gargalhada bêbada dos encharcados de cevada. Os urros e mugidos e chiados de uma variedade de animais.

Apitos. Cantoria. Balbúrdia.

Eu nunca tinha visto nada parecido. Era o caos. A cena ainda mais intensa por conta do meu delírio.

Havia tanta gente. Tantos estranhos. A risada esvoaçava de dentro das pessoas como morcegos de uma caverna.

Uma velha de bochechas afogueadas suspirava como uma charrete ao carregar dois cestos presos a uma vara de madeira e repletos de peixes e ostras.

Dois garotos lutavam perto de um chiqueiro improvisado.

Uma barraca de tortas.

Uma de pães.

Rabanetes.

Renda.

Uma garota, que não devia ter mais de dez anos, carregando uma cesta cheia de cerejas.

De ambos os lados, barracas de ganso assado.

Um pé de alface largado em uma poça.

Um homem se divertindo com um bêbado tentando ficar de pé.

— Duas badaladas e repara, menino, já está trançando as pernas.

Coelhos.

Dois gansos vivos, guinchando e abrindo as asas um para o outro.

Mais porcos. Mais vacas. Mais bêbados. Muitos mais bêbados.

Uma cega bem-vestida guiada por uma menina órfã depauperada.

Mendigos coxos.

Uma mulher aproximando-se de um homem qualquer, apertando-o entre as pernas e sussurrando uma oferta alcoolizada.

A barafunda em volta das barracas de cerveja.

Um gigante das “Terras Nórdicas”, gritou um homem, vendendo a atração, e um anão do “Oeste”, lado a lado, para maximizar o efeito lucrativo.

Um homem engolindo uma espada.

Um violinista. Um gaitista. Um flautista, me olhando com suspeita, e mãos hábeis tocando os “Os três corvos”.

E os odores: carne assada, cerveja, queijo, lavanda, merda fresca.

A tontura voltou, mas continuei me arrastando para a frente.

A fome, com todos aqueles cheiros de comida, tornou-se dor. Andei até uma das barracas de ganso. Parei ali, inalando a carne assada.

— Quanto é?

— Três xelins, rapaz.

Eu não tinha três xelins. Eu não tinha dinheiro algum.

Cambaleei para trás e pisei no pé de um homem.

— Preste atenção, menino!

Menino, menino, menino.

— Sim, sou um menino — murmurei, embora 18 anos fosse a meia-idade da época.

E foi quando tudo começou a girar.

Em geral, eu era bem forte. Uma das características da minha biologia é que eu nunca ficava doente. Nunca pegava uma gripe ou resfriado. Nunca nem tinha vomitado. Nem tido uma crise de diarreia, o que, em 1599, era algo incrivelmente suspeitoso de se dizer. Mas, naquele momento, eu me sentia péssimo. Havia chovido mais cedo, mas o sol já tinha saído e o céu estava de um azul intenso. O mesmo azul inocente acima do rio Lark. O calor intensificava tudo, que já estava intenso o suficiente.

— *Maman* — murmurei, delirante. — *Maman.*

Achei que morreria. E, naquele instante, não me importei.

Mas então eu a vi.

Ela segurava uma cesta de frutas e me encarava. Tinha por volta da minha idade, mas aparentava tê-la. Cabelos longos e escuros, e olhos que brilhavam como seixos num riacho.

Andei até ela, encarando, maravilhado, os diferentes tipos de ameixa na

cesta.

Senti uma sensação estranha, como se não estivesse no meu próprio corpo.

— Posso comer uma ameixa? — pedi.

Ela estendeu a palma aberta. Pensei na mão de Manning e nos dedos estendidos que mantiveram minha mãe debaixo d'água.

— Eu não… Eu… Eu… o… Eu…

Eu vi a vaca perdida de antes, andando na direção da multidão. Fechei os olhos e minha mãe caiu do céu com o peso da lenha. Abri-os novamente e a vendedora de frutas me olhava com o cenho fechado, brava ou confusa ou um pouco das duas coisas.

Cambaleei, e a rua girava em círculos.

— *Fique firme* — disse a vendedora de frutas.

Essas foram as primeiras palavras dela para mim.

Fique firme.

Mas eu não conseguia me firmar.

Eu entendi por que minha mãe precisou se apoiar na parede quando papai morreu. A dor golpeia.

Tudo ficou muito claro, depois muito escuro.

No momento seguinte, não sei se um momento ou cinco minutos depois, eu caía de rosto no chão, em uma poça enlameada, rodeado de ameixas e brunhos. A maioria das frutas também na lama. Algumas eram pisoteadas pelos transeuntes. Outra foi comida por um cachorro.

Lentamente, fiquei de pé.

Um grupo de meninos ria e tirava sarro.

A garota ficou de joelhos tentando salvar algumas frutas.

— Sinto muito. — Peguei uma ameixa cheia de lama e saí andando.

— Epa! Ei! Epa! Você aí! — Ela agarrou meu ombro. Suas narinas abertas de raiva. — Olha o que você fez!

Pensei que fosse desmaiar outra vez e decidir continuar me movimentando, para não provocar novos danos.

— Pare de andar! Você não pode ir embora!

Mordi a ameixa enlameada. Ela a tirou das minhas mãos, rápida como um pássaro, e a tacou no chão.

— A cesta valia dinheiro de uma semana. Uma semana boa. Agora tenho que pagar o sr. Sharpe por frutas que nunca vendi.

— Sr. Sharpe?

— É, pode me pagar.

— Não tenho dinheiro.

O rosto dela estava vermelho de humilhação e raiva. Parecia confusa a respeito da situação monetária. Talvez fosse porque, apesar da roupa suja, eu estava muito bem-vestido comparado ao público ao redor. Minha mãe sempre garantiu isso, embora nossas circunstâncias tenham mudado drasticamente desde que havíamos nos transferido para a Inglaterra. Aparentávamos o mais nobre possível. O que era, vendo agora, um dos muitos motivos pelos quais nunca nos enquadramos entre os aldeões estropiados de Edwardstone. Não o motivo principal, claro.

— Isso. — Ela apontou para o alaúde às minhas costas.

— O quê?

— Me dê isso. Pode ser seu pagamento.

— Não.

Ela pegou uma pedra.

— Bem, então vou quebrá-lo, do mesmo modo que quebrou minha cesta.

Ergui as mãos.

— Não! Não.

Ela deve ter visto algo no meu rosto que a fez mudar de ideia.

— Você não tem o que comer, mas se preocupa com um alaúde.

— Era da minha mãe.

O rosto dela se suavizou, passando de raivoso para confuso.

— Onde está sua mãe?

— Ela morreu há três dias.

Ela cruzou os braços. Sim. Parecia ter 18 ou 19 anos. Ela usava um vestido comum, branco, um manto, como o pessoal chamava, e um lenço vermelho simples, de lado, com um nó ao lado esquerdo do pescoço. A pele dela era muito limpa — algo raro naquele lugar —, e tinha duas pintas na bochecha direita, uma pequena e outra grande, como uma lua em órbita, e uma pequena constelação de sardas no nariz. O cabelo escuro estava escondido pela metade dentro de um chapeuzinho de tecido. A metade solta estava revolta.

Ela tinha o tipo de rosto que passa a maior parte do tempo de cenho fechado, mas com um ar de travessura no canto das bocas, como se um sorriso estivesse sempre prestes a emergir, mas a autoridade desdenhosa dentro de sua mente o reprovasse. Meia cabeça mais alta que eu, à época, apesar de mais baixa do que quando me tornei, fisicamente, um “adulto”.

— Morreu?

— Sim.

Ela assentiu. A morte não era algo notável.

— Então quem sobrou?

— Apenas eu mesmo.

— E onde mora?

— Agora lugar nenhum.

— Não tem um lar?

Balancei a cabeça e senti vergonha.

— Você toca? — Ela apontou para o alaúde pendurado nas minhas costas.

— Toco.

— Você virá morar conosco — afirmou.

— Não posso.

Uma garotinha apareceu e ficou ao lado dela, trazendo uma cesta idêntica, porém intacta. Era a vendedora de cerejas que eu tinha visto pouco antes. Ela parecia ter 10 ou 11 anos. Eram irmãs, obviamente. O mesmo cabelo escuro e olhar poderoso. Um bêbado tentou pegar uma cereja, mas ela tinha reflexos rápidos e tirou a cesta de alcance, alvejando-o com os olhos.

— Não é caridade — continuou a mais velha. — Virá morar conosco até ter nos pago o que deve. As frutas e a cesta. E pagará pelo teto também.

A menor me encarou com olhos feito flechas.

— Esta é Grace — explicou a mais velha. — E eu sou Rose Claybrook.

— Olá, Grace.

— Ele tem um sotaque diferente. E tem cheiro de bunda de cavalo — comentou Grace, insensível. Virou-se para mim: — De onde é que você surgiu?

— De Suffolk — grasnei. E por pouco acrescentei: *e da França*. Mas percebi que não precisaria. Suffolk seria diferente o suficiente.

Tontura outra vez.

Rose me ajudou.

— Suffolk? Veio *andando* de Suffolk? Vamos levá-lo para casa. Grace, me ajude a ampará-lo. E lhe dê umas cerejas. É uma caminhada longa nessas condições.

— Obrigado — sussurrei, suave como ar, concentrando-me em colocar um pé na frente do outro, como se reaprendesse a andar. — Obrigado.

E foi assim que minha segunda vida começou.

Londres, agora

Talvez eu tenha ficado encostado tempo demais naquela parede, sob a garoa. Talvez não se possa mais ficar parado em uma cidade frenética, sem que esta se vingue inconscientemente.

Eu não os vi se aproximar. Estava perdido, pensando na Rose, sentindo a história intensa daquela rua. Mas ouvi Abraham rosnar, levantei os olhos e lá estavam.

Cinco. Meninos, ou homens, ou um meio-termo. Tinham parado para me olhar, curiosos, como se eu fosse uma escultura em um museu. Um deles, alto e musculoso, chega perto do meu rosto. Outro, atrás, fala:

— Ah, larga mão de ser pancada, cara. Tá tarde. Vambora.

Mas o grandão não quer ir. Ele saca uma faca. A lâmina brilha sob a luz amarela do poste. Ele espera o medo nos meus olhos, mas não o vê. Você entende, depois de tudo que me já me aconteceu, nada me surpreende.

Abraham rosna e arreganha os dentes.

— Se seu cachorro avançar em mim, ele leva também… Celular e carteira. Aí a gente vaza.

— Você não precisa disso.

O menino — ele *é* um menino, percebo, apesar da altura — balança a cabeça.

— Fica quieto. Celular, carteira. Celular, carteira. Vai. Tô com pressa.

Ele olha em volta. O sussurro molhado de um carro que passa na chuva. E segue em frente. É quando reconheço um dos garotos. O mais novo. A face

semicoberta dentro do capuz. Olhos arregalados e medrosos. Ele não para de se mexer, os olhos viram para todo lado, cochicha palavras em pânico entredentes, pega o celular, guarda, tira de novo. É o garoto que vi na sala de aula. Anton.

— Deixa ele — diz Anton, a voz abafada, afastando-se, e meu coração se apieda. — Qual é, vambora.

O tempo, percebo, é uma arma hoje em dia. Nada enfraquece mais as pessoas que esperar. Na rua. Com uma faca em mãos.

— É pequena — comento, referindo-me à faca.

— O quê?

— Tudo fica cada vez menor. Computadores, celulares, maçãs, facas, almas.

— Para de falar, cara, ou te faço parar.

— As maçãs costumavam ser *gigantes*. Devia ver. Eram como abóboras.

— Fica quieto, porra, seu merda.

— Você já matou alguém?

— Porra, cara. Celular e carteira. Ou te enfio a faca.

— Eu já — contei a verdade. — É horrível. Não queira ter essa sensação. A gente morre por dentro. Como se a morte entrasse na gente. É de ficar louco. E você leva isso pra sempre, dentro de você.

— Cala a boca.

Meus olhos encontram os deles. Pressiono a força invisível de séculos sobre ele.

Abraham rosna de novo. O rosnado torna-se um latido.

— Ele é tipo um lobo. Me protege. Se me furar, não deixa eu soltar a coleira.

A faca estremece com o medo do garoto. Talvez seja a vergonha por conta dessa fragilidade que faz com que baixe o braço.

— Vai pra porra, cara — diz ele. Ele se afasta, de marcha ré, depois corre, com os outros meninos seguindo. Anton olha para trás; eu sorrio e ele fica ainda mais confuso. Eu entendo. O modo como a gente se deixa levar, como se flutuasse na direção dos problemas, quase impossível evitar.

Hackney, perto de Londres, 1599

Eles não moravam em Bow. Viviam longe, em uma casa estreita na alameda Well, no vilarejo de Hackney. Naquela época, havia muitos campos de morangos e pomares em Hackney. Comparada à maior parte das áreas em Londres e no seu entorno, Hackney tinha um cheiro quase inofensivo, ar saudável, embora fosse muito diferente da área rural de Suffolk. Para começar, havia tido um teatro ali. Fora desativado poucos meses antes de eu chegar, mas Rose me contou que era maravilhoso, e que Richard Burbage[4] em pessoa tinha se apresentado lá, além de Lorde Brown, o urso.

Não sei se por conta do teatro, mas Hackney parecia um vilarejo mais progressista do que Edwardstone. Não havia o medo palpável do forasteiro. Bem, exceto a senhora chamada Velha Dona Adams, que cuspia nas pessoas e sempre gritava “Cu de merda” ou “Merda ambulante do diabo” para elas, mas o povo dava risada. E, nesse caso, não parecia medo do diferente, mas sim, ódio generalizado das pessoas, o que, ao menos, não era uma atitude discriminatória.

— Uma vez ela cuspiu nas minhas maçãs e a Grace correu atrás dela feito um gato selvagem — contou Rose na primeira vez que fui chamado de “merda ambulante”, ou seja, na primeira vez que passei pela Dona Adams.

O chalé dela era feito de lenha e gesso, perto de uma parede de pedra cujo nome era exageradamente ambicioso: a Grande Parede de Pedra. E a um pulo do modesto espelho d’água com o nome de Grande Lago dos Cavalos. Os cavalos em questão podiam ser encontrados num celeiro chamado de — e

não estou brincando — o Grande Celeiro.

Havia outro celeiro logo atrás — chamado, vejam só, Celeiro de Aveia — e mais além os pomares que se estendiam por acres, abarrotados de árvores. Mais adiante, o círculo de pedras do poço em si, que dava nome à alameda, enfiado entre as faias. Para o olhar do século XXI, tudo era muito rústico, mas para o meu eu da época, as divisões emparedadas da terra e a proximidade do pomar tornavam o lugar muito moderno.

Rose e Grace tinham um acerto com um dos produtores de frutas, o "muquirana miserável", sr. Sharpe, no qual elas colhiam e vendiam os frutos da estação — ameixas, cerejas, mas também maçãs e groselhas — e dividiam o dinheiro de forma favorável ao fazendeiro.

O chalé possuía mais janelas do que as casas que eu frequentara recentemente. Nada que se comparasse ao que eu conhecia na França, mas era uma habitação mais avançada do que aquelas de Edwardstone.

— Então — Rose começou, com um olhar franco. Um olhar adulto e direto. — Qual é seu nome?

— Tom — falei. A verdade. Mas então fiquei preocupado com a verdade sobre mim, e seu perigo. Então menti a respeito do sobrenome, a primeira vez de muitas: — Tom *Smith*.

— E quantos anos você tem, Tom Smith?

Eu precisava tomar cuidado. A verdade, 18 anos, seria difícil de acreditar. E se ela acreditasse, seria perigoso. No entanto, não podia falar a idade em que ela pensava, 13 ou 14.

— E você?

Ela riu de mim.

— Perguntei primeiro.

— Tenho 16 anos.

Ela nem piscou. Suponho que tive sorte pela condição ter aparecido quando eu já era alto, de pescoço grosso e ombros largos.

— Parece mais velho — foi tudo que ela disse. O que me confortou demais, pois todos em Edwardstone estavam convencidos de que eu tinha parado no começo da adolescência.

— E eu tenho 18, a Grace tem dez.

Estava tudo bem. Essa conversa. Tudo bem. Porém eu não queria revelar mais. Não poderia. Era um segredo perigoso. Era mais seguro para elas que não soubessem a verdade.

Elas me ofereceram uma refeição com pão, cozido de pastinaca e cerejas.

O sorriso de Rose era como uma brisa cálida.

— Você devia ter visto ontem. Torta de pombo. Grace é mestre na arte de pegar pombos.

Grace imitou o movimento de pegar um pombo e esganá-lo.

Um instante depois, o inevitável: outra pergunta.

— Por que você veio para cá? — perguntou Rose.

— Você me convidou.

— Não *aqui*. Por que estava indo para Londres? Sozinho? Do que está fugindo?

— De Suffolk. Se conhecesse o lugar, não acharia estranho. É cheio de cabeças de bagre supersticiosos. Viemos da França, sabe? Nunca nos encaixamos lá.

— Nós?

— Quero dizer, quando minha mãe estava viva.

— O que aconteceu com ela?

Encarei Rose.

— Prefiro não falar a respeito.

Grace notou minha mão, a que segurava a colher.

— Ele está tremendo.

— Ele está bem ali — disse Rose. — Não precisa falar como se ele não estivesse. — Ela me olhou outra vez. — Não queria chateá-lo.

— Se o preço por esta comida e uma noite confortável for falar de coisas difíceis, prefiro dormir numa vala.

Os olhos de Rose espocaram de raiva.

— Hackney tem valas excelentes.

Baixei a colher e fiquei de pé.

— Não se brinca em Suffolk?

— Eu disse que vim da França. E não estou com humor para brincadeiras.

— Você é azedo, hein? Feito leite talhado.

Grace fez questão de farejar o ar como um cachorro.

— Até cheira azedo.

Rose falou sério:

— Sente-se, Tom. Não tem para onde ir. Além disso, precisa ficar aqui até pagar o que nos deve.

Eu estava perturbado. Confuso. Tudo estava muito intenso depois de três dias cansativos de caminhada e dor. Não estava com raiva daquelas irmãs, sentia-me grato, mas a gratidão foi engolida pela dor de fechar os olhos e ver

a mão de Manning.

— Você não é o único que sofre no mundo. Não segure as dores como se fossem preciosas. Tem o suficiente delas por aí.

— Sinto muito — falei.

Rose assentiu.

— Está tudo bem. Você está cansado, dentre outras coisas. Vai dormir no quarto dos meninos.

— Quarto dos meninos?

Ela explicou que se chamava quarto dos meninos pois era onde os dois irmãos — Nat e Rowland — dormiam, mas agora ambos estavam mortos. Nat de febre tifoide aos 12 anos, e o pobre bebezinho Rowland de uma tosse misteriosa antes de completar um ano. Isso levou à explicação sobre os pais delas estarem mortos também: a mãe de "febre do parto" (comum naquela época), um mês depois de dar à luz Rowland, o que explicava a fragilidade do bebê, e o pai morrera de varíola. A menina fala do assunto sem muita emoção. Embora Grace costumasse acordar com pesadelos com o pequeno Rowland.

— Está vendo? — Rose jogou sal na minha vergonha. — Muitas tristezas por aí.

Ela me levou até o quarto. Havia uma pequena janela quadrada do tamanho de uma TV portátil dos anos 1980. (Quando eu morei em um hotel em São Paulo, nessa década, eu via muita TV, o que me fazia lembrar da janelinha quadrada de Hackney.) O quarto era vazio e modesto, mas a cama tinha cobertores, e embora o colchão fosse recheado com palha, eu estava tão cansado que a cama com dossel da rainha não me pareceria mais confortável.

Caí na cama, e ela arrancou meus sapatos e me olhou, e a dureza maternal que tinha demonstrado antes derreteu, e falou, como se diretamente à minha alma:

— Vai ficar tudo bem, Tom. Descanse.

Quando me dei conta, era tarde da noite, e eu estava sentado na cama, acordado por meu próprio grito, com a lua cheia na janela, e meu corpo todo tremendo a ponto de eu quase não conseguir respirar. O terror me invadia por todos os lados.

Rose estava lá, segurando meu braço. Grace, atrás dela, bocejava com sono na porta.

— Está tudo bem, Tom.

— Nunca vai ficar bem — falei, delirante.

— Não devemos acreditar nos sonhos. Principalmente nos ruins.

Não falei que o sonho era uma lembrança. Eu precisava negar a realidade do que vi e imaginar uma nova, como Tom Smith. Ela mandou Grace se deitar e ficou lá ao meu lado. Ela se inclinou e me beijou nos lábios. Foi apenas um roçar, mas um roçar nos lábios não é apenas um roçar.

— O que foi isso? — perguntei.

Eu vi o sorriso dela sob o luar. Não era de flerte. Era um sorriso simples e direto.

— Algo para ocupar sua mente.

— Acho que nunca conheci alguém como você — falei.

— Que bom. O que eu faria com uma cópia?

Havia uma lágrima no olho dela.

— O que foi?

— Essa era a cama do Nat. É estranho. O espaço ocupado outra vez. Só isso. Ele estava aqui, agora não está mais.

Eu vi a dor dela, e me senti egoísta com a minha dor.

— Posso dormir em outro lugar. No chão.

Ela balançou a cabeça e sorriu.

— Não, não.

O café da manhã foi pão de centeio e um copo pequeno de cerveja. Grace também bebeu. Era uma bebida que não mataria quem bebesse. Ao contrário da água que era, claro, roleta-russa.

— Esta casa é minha — explicou Rose — agora que meus pais morreram. Então, enquanto morar aqui, obedecerá minhas regras. E a primeira regra é que pagará o que nos deve, e depois disso dois xelins por semana enquanto morar aqui. E nos ajudará a buscar água.

Enquanto morar aqui.

Era um bom prospecto, ter um lugar em que pudesse ficar indefinidamente. E o chalé era suficiente para um lar. Seco e limpo e bem ventilado e cheirando a lavanda. Um ramalhete de lavanda ficava enfiado num vaso simples. Havia uma lareira para o tempo frio. O chalé era um pouco maior que o de Edwardstone, com quartos separados, e tão bem cuidado quanto, tudo limpo e arrumado e perfumado dentro do possível.

Contudo, a oferta de estalagem indefinida, se fosse isso mesmo, me deixava triste.

Eu tinha a noção, mesmo naquela época, de que não haveria mais nada

permanente em minha vida.

Nessa altura, eu não sabia que as coisas mudariam. Não tinha entendimento sobre minha condição. Não havia nome para ela. E eu não saberia mesmo se tivesse. Eu supunha. Ficaria com essa aparência para sempre. O que se imagina como algo feliz, mas não. A condição já havia provocado a morte de minha mãe. Eu sabia que não poderia contar a Rose e Grace a respeito, sem colocá-las em risco semelhante. E naquela época as coisas mudavam rapidamente, especialmente quando jovem. Rostos mudavam com as estações.

— Obrigado — agradeci.

— Vai ser bom para Grace tê-lo aqui. Ela sente muita falta dos irmãos. Nós duas sentimos. Mas se me causar problemas, nos levar a qualquer descrédito, se não pagar — ela pausou como se segurasse uma cereja prestes a ser devorada —, dou-lhe um pé no traseiro.

— Vai me jogar numa vala?

— Numa vala cheia de merda — disse a pequena Grace ao terminar a cerveja.

— Sinto muito, Tom. Ela se chama Grace, mas não é nem um pouco graciosa.

— Merda é uma boa palavra — falei diplomaticamente. — É direta ao ponto.

— Não há damas nesta casa — disse Rose.

— E eu não sou um lorde. — Este não era o momento para lhes contar que eu era, tecnicamente, membro da aristocracia francesa.

Rose suspirou. Lembro-me de seus suspiros. Raramente eram tristes. Tinham mais o ar de *é assim que as coisas são e assim que serão e está tudo muito bem*.

— Que bom. Bem, hoje é um novo dia.

Eu gostava daquelas duas. Eram um conforto em meio ao uivo silencioso da dor.

Eu queria ficar, mas não queria colocá-las em perigo. Não podiam ter curiosidade a meu respeito. Isso era o principal.

— Minha mãe caiu do cavalo — falei, do nada. — Foi assim que morreu.

— Que triste — comentou Grace.

— Sim — concordou Rose. — Muito triste.

— É com isso que sonho às vezes.

Ela assentiu. Se tinha outras perguntas, guardou-as para si naquele

momento.

— Você devia descansar hoje. Recuperar seus humores. Enquanto nós vamos ao pomar, fique no chalé. E amanhã poderá ir tocar alaúde e arranjar dinheiro.

— Não, não, vou pagar minha dívida. Vou arrumar dinheiro hoje. Você tem razão. Vou tocar na rua.

— Numa rua qualquer? — perguntou Grace, fazendo graça.

— Numa movimentada.

Rose balançou a cabeça.

— Precisa ir a Londres. Ao sul da muralha. — Ela apontou e me mostrou a direção. — Um menino tocando alaúde! Vai chover moedinhas.

— Acha mesmo?

— Olha, o sol saiu. Vai ter bastante gente. Você poderá arrumar coisas novas com que sonhar.

O sol atravessou a janela e iluminou o rosto dela, com mechas de cabelo castanho tornando-se douradas. Pela primeira vez em quatro dias, minha alma — ou o que eu costumava considerar minha alma —, pelo menor dos instantes, sentiu algo diferente de tormento insuportável.

A irmãzinha pegou a cesta e abriu a porta. O sol entrou, um retângulo inclinado de luz fazendo sua alquimia no chão de madeira.

— Então — falei, como se fosse dizer algo mais. E Rose me olhou, sorriu e assentiu, como se eu tivesse dito.

---

[4] Um dos mais famosos atores britânicos, o primeiro a interpretar Hamlet e outros grandes papéis. Sócio de Shakespeare. [N.T.]

Londres, agora

Três da manhã.

Eu devia estar na cama. Daqui quatro horas preciso ir trabalhar, na escola.

Porém, não vou conseguir dormir. Desligo o documentário sobre o Ming, o molusco de 507 anos, que eu estava assistindo no computador.

Estou sentado aqui, encarando a tela. Não vai fazer bem para a dor de cabeça. Mas já me conformei. É a sina de um alba. Um tipo de mal de altura, mas para o tempo. As memórias competindo entre si, a confusão do tempo, o estresse: a dor de cabeça é inevitável.

E, claro, ter sido ameaçado com uma faca não ajudou. Anton entre os meninos me perturbou.

Entro nos sites da BBC e do *Guardian*. Leio alguns artigos sobre as rupturas nas relações entre os Estados Unidos e a China. Todo mundo nos comentários prevê o apocalipse. Esse é o principal conforto de ter 439 anos. Entende-se muito bem a principal lição da história: humanos não aprendem com a história. O século XXI ainda pode ser uma versão cover ruim do XX, mas o que fazer? As pessoas ao redor do mundo estavam enchendo suas mentes com utopias que jamais poderiam acontecer ao mesmo tempo. A receita do desastre, mas uma receita bem familiar. A empatia sumindo, como sempre. Uma paz de porcelana, como sempre.

Depois de ler as notícias, entro no Twitter. Não tenho conta, mas acho interessante: as vozes diversas, as rixas, a arrogância da certeza, a ignorância, a compaixão (ocasional mas maravilhosa), observar a evolução da linguagem

seguir na direção de novos hieróglifos.

Então faço o de sempre: digito os nomes “Marion Hazard” e “Marion Claybrook” no Google. Nada de novo. Se está viva, não usa nenhum desses nomes.

Depois sigo para o Facebook.

Vejo uma postagem da Camille.

“A vida é confusa.”

Só isso. Seis curtidas. Sinto culpa por ter sido rude. Penso, como sempre, se algum dia terei algo próximo de uma vida normal. Olhar para Camille me deu vontade de ter. Há uma intensidade nela que consigo pressentir e com a qual me identificar. Consigo vê-la sentada ao meu lado, observando Abraham. Apenas sentados lá, no silêncio confortável de um casal. Há séculos não quero nada do tipo.

Não devia fazer nada, mas me pego pressionando o botão “curtir”, e mesmo acrescentando um “*c’est vrai*” nos comentários. Assim que comento e vejo as palavras com meu nome ao lado penso em deletá-las.

Não apago. Deixo-as lá. Vou dormir, numa cama em que Abraham já está dormindo. Ele choraminga no sono.

Há anos venho me convencendo de que a tristeza das memórias pesa mais e dura mais tempo que as alegrias. Assim, por meio de uma matemática emocional primitiva, decidi não me preocupar com amor, companheirismo ou mesmo amizade. Ser uma pequena ilha no arquipélago alba, afastada do continente humano. Hendrich tinha razão, eu acreditava. Era melhor não se apaixonar.

Mas recentemente venho pensando que não posso fazer contas com as emoções. Proteger-se da dor gera um novo tipo de dor, mais sutil. É um dilema. Um que não resolverei esta noite.

A vida é confusa.

Isso é tudo que sei, penso, e o pensamento fica se repetindo como um motivo musical enquanto lentamente adormeço.

Londres, 1599

Bankside, naqueles tempos, era feita de regalias. Regalia era uma área designada fora dos limites da cidade, onde as leis não se aplicavam. Nenhuma lei. Vale-tudo. Qualquer comércio podia ser feito. Qualquer tipo de diversão, por pior que fosse. Prostituição. Rinhas de ursos. Performances de rua. *Teatro*. Tudo que se podia imaginar acontecia ali.

Era uma área de liberdade. E a primeira coisa que descobri sobre liberdade era que cheirava a merda. Claro que, comparados a hoje, todos os lugares de Londres e seu arredores cheiravam a merda. Só que Bankside era o pior. O problema eram os curtumes que infestavam o lugar. Havia cinco nas redondezas, logo depois da ponte. E o motivo pelo qual fediam, aprenderia depois, era porque os curtidores encharcavam o couro com fezes.

Conforme eu andava, o cheiro se misturava a outros. Gordura e ossos animais dos produtores de cola e sabão. O suor azedo das multidões. Um mundo novo de fedores.

Passei ao lado do jardim do urso — chamado de Jardim Paris sabe-se lá por que — e vi um gigante urso preto acorrentado. Era a criatura mais triste que eu já vira. Ferido e malcuidado e resignado a seu destino, sentado no chão. O urso era uma celebridade. Um grande atrativo de Bankside. Chamava-se Sackerson. E eu o veria muitas vezes em ação nas semanas e meses seguintes, com seus olhos pequeninos, agarrando cachorros pela garganta, a boca espumando de raiva enquanto a plateia urrava em excitação cruel. Era o único momento em que o urso parecia vivo, quando lutava com a

morte. E eu pensaria naquele urso, naquela inclinação sem sentido pela sobrevivência, todas as vezes que a vida me colocava numa situação cruel ou de dor.

Enfim, naquele primeiro dia, eu seguira as instruções de Rose mas não senti que chegara ao lugar certo. Era bem distante do barulho dos saboeiros, embora não longe o suficiente dos curtumes fedorentos. Havia algumas pessoas perambulando. Uma mulher de verde, com dente podre e rosto empoado, me encarava com curiosidade ao se recostar na parede de uma construção de pedra, na qual havia uma placa com o desenho do chapéu de cardeal e se chamava Cardinal's Hat. Era, como eu já suspeitava, um dos muitos bordéis da área. O mais movimentado, pelo jeito, funcionando dia e noite. Havia também uma hospedaria. A Taverna da Rainha. Um dos edifícios mais limpos do local, embora a clientela estivesse entre as mais sujas.

Havia um espaço aberto em frente a pub e o bordel, um retângulo de grama onde as pessoas ficavam, e foi ali que decidi parar.

Respirei fundo.

Comecei a tocar.

Não havia vergonha na música. Não havia vergonha sequer em *tocar* música. Mesmo a rainha Elizabeth em pessoa tocava um ou outro instrumento. Mas tocar em público — tanto na França quanto na Inglaterra — não era para alguém de herança nobre. Certamente não na rua. Para o filho de conde e condessa franceses, tocar nessa parte insalubre de Bankside seria a desgraça.

Contudo, eu toquei.

Toquei algumas *chansons* francesas que minha mãe me ensinara. As pessoas passavam e levantavam a sobrancelha. Ao longo do dia, peguei confiança e mudei para canções e baladas inglesas, o que me garantiu audiência. Vez ou outra, alguém jogava uma moeda. Vira outros artistas passando o chapéu em intervalos regulares — como músicos de rua fazem até hoje —, mas eu não possuía chapéu, então eu passava meu sapato esquerdo, pulando, o que agradava a plateia tanto quanto a música. O público era uma mistura estranha e intimidadora de barqueiros, mascates, bêbados, prostitutas e frequentadores de teatro. Metade ia dos cortiços para o sul, e a outra metade — a mais inclinada a desperdiçar moedas — vinha do outro lado da ponte. Talvez por conta da plateia me encarando, tocava melhor de olhos fechados. Ao fim do primeiro dia, eu tinha ganhado o suficiente para cobrir as frutas.

Ao final da semana, eu já tinha comprado uma cesta nova.

— Não se empolgue, Tom Smith — disse Rose, segurando o sorriso, ao comer a torta de coelho que eu tinha comprado no caminho. — Ainda precisa pagar o alojamento.

— Posso comer torta de carne todo dia? — pede Grace, o rosto decorado pelas migalhas. — É bem melhor do que cozido e as pastinacas cagonas.

— Pastinacas não cagam, Grace.

— E faz mais bem do que pastinaca — falei, recontando as lendas da época. — A rainha e os nobres não comem pastinaca.

Rose revirou os olhos.

— O problema é que não somos nobres.

Para elas, eu era Tom Smith de Suffolk e assim deveria ser. Além disso, eu sabia que nunca seria conde. Nunca mais moraria numa casa boa. Não teria servos. Meus pais haviam morrido. A França era um mundo hostil para mim. Eu era artista de rua em Londres. Qualquer presunção de algo mais me traria problemas.

Eu tinha pago minhas duas primeiras semanas de alojamento na terça-feira seguinte. E, daquele momento em diante, eu era um igual no chalé, parte da família. Eu sentia, para resumir, pertencimento, e tentava ao máximo ignorar o futuro e os problemas vindouros. Enquanto cantava um madrigal para uma multidão que esperava o teatro ou observava as bochechas de Rose vicejarem de cor no meio de uma risada, eu me imaginava feliz.

Grace queria aprender a tocar o alaúde, por isso, certa noite, eu comecei a lhe dar aulas. A mão dela passava pelas cordas como uma aranha pendurada do teto. Eu a reposicionei, de modo que os dedos ficassem paralelos ao comprimento do instrumento.

Ela queria aprender “Greensleeves” e “The Sweet and Merry Month of May”, duas de suas favoritas. Eu temia ensiná-la “Greensleeves”. Como boa parte da música popular ao longo da história, “Greensleeves” era muito inapropriada para uma criança. Eu não era muito experiente na época, mas sabia que Lady Greensleeves, Dama Mangas Verdes, era o insulto da moda para mulheres promíscuas. As mangas dela ficavam verdes por conta do sexo ao ar livre que praticava. No entanto, Grace fazia questão, e eu não queria acabar com sua inocência tentando protegê-la, então consenti. Era difícil ensiná-la, pois queria correr antes de aprender a andar, mas perseveramos juntos. Tocávamos lá fora, num fim de tarde de verão, e, quando me virei, vi

Rose sorrindo na janela ao nos observar.

Certa noite, no começo do outono, Rose veio até meu quarto. Estava cansada. Parecia diferente. Um pouco apagada, um pouco perdida.

— O que foi?

— Um milhão de coisinhas. Não é nada.

Havia algo que ela queria me contar mas não estava contando.

Ela sentou na cama e me pediu para ensiná-la a tocar o alaúde. Ela disse que se ensinasse ela abaixaria o aluguel em cinco centavos. Aceitei. Não tanto pelo dinheiro, mas porque me agradava sentar ao lado dela.

Ela tinha outra pinta, como aquelas duas da bochecha, entre o dedão e o indicador. As mãos estavam manchadas das cerejas que comera. Imaginei segurar sua mão. Que pensamento infantil! Talvez meu cérebro ainda fosse tão jovem quanto meu rosto.

— É um belo alaúde. Nunca vi um igual. Todos os entalhes — disse ela.

— Minha mãe ganhou de um… amigo. Está vendo aqui? — Apontei para a boca de ressonância ornamentada, abaixo das cordas. — Isso se chama *rose*.

— É apenas ar.

Dei risada.

— É o mais importante.

Mostrei como tocar duas cordas, para cima e para baixo, dedilhando num ritmo que se acelerava no compasso do meu coração. Toquei o braço dela. Fechei os olhos e temi o quanto que sentia por ela.

— A música tem a ver com o tempo — expliquei. — Controlar o tempo.

Quando ela parou de tocar, ficou pensativa por um momento, depois falou algo assim:

— Às vezes, quero parar o tempo. Em um momento feliz, quero que o sino da igreja nunca volte a tocar. Quero nunca precisar retornar à feira. Quero que os estorninhos parem de voar no céu… Mas estamos todos à mercê do tempo. Somos todos as cordas, não somos?

Com certeza ela disse a última parte: *Somos todos as cordas*.

Rose era boa demais para colher frutas. Rose era uma filósofa, de verdade. Era a pessoa mais sábia que já conheci. (E em breve conheceria Shakespeare, para se ter uma ideia.) Ela conversava comigo como se eu tivesse a idade dela, e eu amava isso. Quando estava com ela, tudo o mais se dissolvia e eu me sentia calmo. Ela era um contraponto. Ela me dava paz só de olhá-la, o que deve explicar por que eu a olhava por tanto tempo e com tanta

intensidade. De uma forma que as pessoas não se olham mais. Eu a desejava com todos os sentidos. Querer é não ter. Isso é o que significa. Havia um vazio, um buraco, que se abriu e ampliou quando minha mãe se afogou, que pensei não ter fim, mas quando olhava para Rose, me sentia sólido outra vez, como se tivesse algo a que me agarrar. Firme.

— Quero que fique, Tom.

— Fique?

— Sim. Fique. Aqui.

— Oh.

— Não quero que parta. Grace gosta de tê-lo aqui. E eu também. Muito. É um conforto para nós. Este lugar ficou muito vazio, agora não mais.

— Bem, eu gosto daqui.

— Que bom.

— Mas talvez um dia eu precise partir.

— Por quê?

Eu quis contar, naquele momento. Queria contar que era estranho, diferente, peculiar. Que eu não envelheceria como os outros. Queria contar que minha mãe não tinha caído de um cavalo, que tinha se afogado na banqueta, acusada de homicídio por meio de bruxaria. Queria contar sobre William Manning. Queria contar quão difícil era me sentir responsável pela perda da pessoa que mais amava. Contar a frustação de ser um mistério, até para mim mesmo. Que havia uma falha no equilíbrio dos meus humores. Queria contar que meu primeiro nome foi Estienne Hazard, não Tom Smith. Queria contar que ela era o único conforto que eu tive desde a morte da minha mãe. Todas essas coisas surgiram, mas não tinham por onde sair.

— Não posso dizer.

— Você é um mistério.

Um momento de quietude.

Canto de pássaros.

— Você já foi beijado, Tom? — Pensei na primeira noite, quando ela roçou os lábios nos meus. — Um beijo de verdade, Tom? — esclareceu Rose, como se lesse minha mente.

Meu silêncio foi a resposta constrangedora.

— Um beijo — continuou ela — é como música. Para o tempo… Eu já tive um romance. Certo verão. Ele trabalhava no pomar. Beijamos e fizemos outras coisas divertidas, mas nunca me apaixonei de verdade. Dizem que, se está apaixonado, um único beijo pode calar os pardais. Você acha que pode

acontecer?

Ela colocou o alaúde de lado e me beijou e eu fechei os olhos e o resto do mundo desapareceu. Não havia mais nada. Nada, somente ela. Ela era as estrelas e os céus e os oceanos. Não havia nada, apenas aquele fragmento do tempo, aquele botão de amor que tínhamos plantado dentro dele. Algum tempo depois, o beijo terminou, e eu acariciei o cabelo dela, e os sinos da igreja badalaram ao longe e tudo no mundo se alinhou.

Londres, agora

Estou diante da classe do nono ano. De novo. Estou cansado. Ir dormir depois das três não é recomendável para professores. Gotas de chuva brilham como joias nas janelas. Continuando a desastrosa lição anterior, sobre imigração, começo a discutir a história social do fim da era Tudor, elisabetana.

— O que vocês sabem sobre a Inglaterra elisabetana? — pergunto e penso: *Talvez eu devesse ter escolhido a Sardenha. Ou ficar entre os limoeiros da Maiorca. Numa praia na Indonésia. Uma ilha cheia de coqueiros rodeada por água turquesa nas Maldívias.* — Quem vivia nessa época?

Uma garota levanta a mão.

— Pessoas que já morreram.

— Obrigada, Lauren. Alguém mais?

— Pessoas sem Snapchat.

— Verdade, Nina.

— Um Francis sei lá o quê.

Meneio a cabeça.

— Drake ou Bacon. Pode escolher. Mas quem é o símbolo dessa era?

Por décadas e décadas e décadas eu deplorei pessoas que se diziam velhas, mas agora percebo que é possível alguém se sentir velho. É só se tornar professor.

E então meus olhos pousam numa pessoa cuja presença me surpreende.

— Anton? Conhece alguém da época elisabetana?

Anton me olha timidamente. Sente medo. Culpa.

— Shakespeare — responde, quase se desculpando.

— Sim! Foi a época de Shakespeare. Agora, o que você sabe sobre Shakespeare, Anton?

Lauren se intromete.

— Ele morreu, professor.

— Você está obcecada, Lauren.

— Às ordens, professor.

— *Romeu e Julieta* — diz Anton, voz baixa, querendo consertar tudo. — E *Henrique IV, Parte I*. Estamos estudando na aula de literatura.

Encaro o garoto até ele baixar os olhos, envergonhado.

— Como vocês pensam que ele era? Como ele vivia?

Anton não responde.

— O que eu quero mostrar é que Shakespeare era uma pessoa. Ele vivia. Era um homem. Um homem de verdade. Não apenas escritor, negociante, empresário, produtor. Um homem que andava por ruas de verdade, sob a chuva de verdade e bebia cerveja e comia ostras de verdade. Um homem que usava brinco e fumava e respirava e dormia e ia ao banheiro. Um homem com mãos e pés e mau hálito.

— Mas — pergunta Lauren enquanto enrola uma mecha de cabelo — como você sabe que ele tinha mau hálito, professor?

Penso por um instante como seria bom se eles soubessem. Mas claro que apenas sorrio e comento algo sobre a não existência de pasta de dente e prossigo com a lição.

Londres, 1599

Durante todo o verão, até o começo do outono, toquei alaúde em Southwark. Costumava trabalhar até tarde, até depois de fecharem os portões, e precisava caminhar o longo trajeto até em casa, que podia levar mais de uma hora.

O clima tinha virado e as multidões diminuíram. Eu passei por todas as hospedarias, em busca de serviço, mas ninguém tinha nada. Ser músico de hospedaria era considerado bem melhor do que de rua. Eu era de uma raça indesejada e em extinção. O problema era que havia um grupo — Pembroke's Men — que dominava o mercado.

Quando ficaram sabendo que eu estava em busca de emprego, um deles — um violinista barbudo e gigante conhecido nas redondezas como Wolstan, o Tronco, por conta do seu tamanho, e, talvez, por conta do cabelo rebelde que parecia um pouco uma copa depois da tempestade — se aproximou de mim do lado de fora do Cardinal's Hat, assim que escureceu.

Ele me agarrou pelo pescoço e me jogou contra a parede.

— Deixe-o em paz — disse Elsa, uma prostituta simpática, de cabelos cor de fogo, com quem eu sempre conversava na volta para casa.

— Cala a boca, puta. — Então ele se virou para mim. Dentes podres, uma fileira torta de pedras marrons. Era difícil discernir se o cheio de merda vinha dele ou do curtume vizinho. — Não vai tocar em nenhuma hospedaria desse lado de Bishopsgate, rapaz. Principalmente perto de Bankside. Não vivo, pelo menos. Aqui é tudo nosso. Não tem lugar pra criança aqui.

Cuspi na cara dele.

Ele agarrou o pescoço do alaúde.

— Larga!

— Primeiro, vou quebrar isso, depois seus dedos.

— Devolve, seu ladrão…

Elsa apareceu.

— Ei, Wolstan! Devolve!

Ele girou o alaúde atrás de si, para tacá-lo na parede.

Nesse momento, surge uma voz, imponente e grave, teatral.

— Pare, Wolstan.

Wolstan se virou e viu três homens que surgiram atrás dele.

— Nossa — disse Elsa, subitamente excitada, ou melhor fingindo excitação, ao alisar o vestido com passadas lentas como lambidas de gato. Aquele lugar era um teatro. Dentro ou fora do palco. — É Ricardo III em pessoa.

Claro que não era Ricardo III. Era Richard Burbage, que até eu sabia se tratar do ator mais famoso da Inglaterra. Tinha uma aparência formidável. Não era um Errol Flynn ou um Tyrone Power ou um Paul Newman ou um Ryan Gosling. Se estivesse no Tinder, teria sorte se conseguisse um único coraçãozinho. O cabelo era ralo e pardacento e o rosto cheio de crateras e disforme como um Rembrandt, mas ele tinha algo mais, algo que as pessoas dessa era reconheciam de um modo que as do século XXI não conseguem mais: *aura*. Algo forte e metafísico, alma, presença, poder.

— Uma noite esplêndida a você, sr. Burbage — disse o Tronco, baixando o alaúde.

— Não parece esplêndida para todos — retrucou Burbage.

Notei os outros dois. Um era redondo como um barril, com uma barba impressionante, mais bem cuidada que a de Wolstan. Ele dava um sorriso de escárnio tão dramático que supus ser outro ator. Parecia muito bêbado.

— Seu mijo de boi, devolve o alaúde do menino.

O outro homem era magro e bem bonito, embora tivesse uma boca pequena e um cabelo comprido penteado para trás de um jeito estranho. Seus olhos eram calmos como o de uma vaca. Como os outros dois, estava vestido com um gibão acolchoado, laceado e abotoado; no caso dele, dourado, penso, difícil de ver no escuro. Um boêmio bem de vida, inclusive com o brinco de argola de ouro. Eram atores, e bem pagos. Deviam ser membros dos Homens do Lorde Chamberlain, como Burbage.

— Pff… Olhe aqui. Olhe isso. O inferno está vazio e todos os demônios

vieram para Bankside — disse o bonitão, de uma forma conformada mas amarga.

Elsa notou o homem.

— Shakespeare em pessoa.

Shakespeare — e era ele mesmo — deu um sorrisinho.

Elsa se virou para o homem ao lado de Shakespeare, o que parecia um barril.

— E sei quem você é também. É o outro Will. Will Kemp[5].

Kemp assentiu e bateu na barriga, orgulhoso.

— Sou eu.

— Me devolva o alaúde — falei para Wolstan, e dessa vez ele sabia que aquela não era a noite dele. Ele colocou o alaúde em minhas mãos e se mandou.

Elsa deu um aceno debochado, balançando o dedinho.

— O diabo que o carregue, pinto pequeno!

Os três atores riram.

— Vamos para o Queen's beber um caneco — disse Kemp.

Shakespeare fez uma careta para o amigo que só dava dor de cabeça.

— Você já está encharcado, velhaco.

Elsa murmurava algo no ouvido de Burbage enquanto ele passava a mão nela.

Shakespeare se aproximou de mim.

— Wolstan é um animal.

— Sim, sr. Shakespeare.

Ele tinha cheiro de cerveja, tabaco e cravo.

— É uma pena que o Tronco seja assim… Então, rapaz, toca bem?

Eu ainda estava abalado.

— Toco?

— O alaúde.

— Acho que sim.

Ele se aproximou.

— Quantos anos você tem?

— Dezesseis, senhor — dei a mesma resposta que dera a Rose.

— Parece ter dois anos a menos. No mínimo. E dois anos a mais. Seu rosto é um mistério.

— Tenho 16.

— Não importa, não importa… — Ele vacilou um pouco e se apoiou no

meu peito. Estava bêbado como os outros. Depois se endireitou.

— Somos os sócios dos Homens do Lorde Chamberlain e estamos em busca de músicos. Escrevi uma nova peça, *Do jeito que você gosta*, e é musical, com muitas canções. E precisamos de um *alaúde*. Sabe, tínhamos um alaudista, mas a bexiga o pegou.

Encarei Shakespeare. Os olhos dele eram duas bolas de fogo que refletiam a tocha em frente.

Kemp, puxando Burbage de Elsa, queria acelerar as coisas, e me disse bruscamente:

— Amanhã, no Globe[6], 11 horas.

Shakespeare o ignorou.

— Toque. — Acenou para o alaúde.

— Agora?

— Enquanto o ferro está quente.

Elsa começou a cantar uma canção obscena que eu não conhecia.

— O pobre rapaz ainda está apavorado — disse Kemp, fingindo empatia. — Vamos embora.

— Não — disse Shakespeare. — Deixe o menino tocar.

— Não sei o que tocar.

— Toque do coração. Finja que não estamos aqui. *Seja fiel a si mesmo*.[7]

Ele silenciou Elsa.

Oito olhos me olhavam.

Então fechei os olhos e toquei uma canção da época, pensando em Rose.

O dia todo o sol que me empresta seu brilho
Sem o qual definho
E demora a me fornecer;
Seus sorrisos, as primaveras que fazem minhas alegrias florescer,
Suas dores, os invernos do meu pesar…[8]

Quando parei de cantar, os quatro rostos me encaravam em silêncio.

— Cerveja! — berrou Kemp. — Senhor, dá-me cerveja.

— O garoto é bom — comentou Burbage —, se ignorar a canção.

— E a cantoria — acrescentou Elsa.

— Você toca bem — disse Shakespeare. — Esteja no Teatro Globe amanhã. Onze horas. Doze xelins por semana.

— Obrigado, sr. Shakespeare.

— Doze xelins por *semana*?

Rose não podia acreditar. Era de manhã. Estávamos lá fora buscando água antes de trabalhar. Rose teve que parar e abaixar o balde. Também abaixei o meu. A água — para limpeza, não para beber — vinha de um poço ao final da alameda, a um quilômetro e meio ao norte do Celeiro de Aveia e dos pomares, então precisávamos descansar de qualquer modo. O céu da manhã estava um cor-de-rosa agourento.

— Sim. Doze xelins por semana.

— Trabalhando para o sr. Shakespeare?

— Para os Homens do Lorde Chamberlain. Sim.

— Tom, que alegria.

Ela me abraçou. Como uma irmã. Mais do que uma irmã.

E então uma nuvem de tristeza cruzou seu rosto ao recolher o balde.

— Que foi?

— Não vamos mais nos ver muito.

— Voltarei para casa todas as noites, do mesmo jeito. Dando a volta nos muros ou por meio deles.

— Não é o que quis dizer.

— O que você quis dizer?

— Você terá uma vida animada demais para uma feirante sem graça.

— Você não é sem graça, Rose.

— A grama não é sem graça até que conheça a flor.

— É, sim. A grama sempre foi sem graça, e você não é a grama.

— E você não se assenta, Tom. Fugiu da França. De Suffolk. Fugirá daqui. Desde que nos beijamos seus olhos temem se assentarem nos meus.

— Rose, se algum dia eu fugir não será por sua causa.

— Por que fugirá, Tom? Por quê?

E isso eu não poderia responder.

A água pesava, mas estávamos próximos de casa. Chegamos aos estábulos e vimos uma fileira de cavalos, como lordes na galeria assistindo a uma peça repetida, encarando-nos. Rose ficou em silêncio. Senti culpa pela mentira a respeito da morte da minha mãe. Precisava contar a verdade. Eu teria que contar.

Aproximando-nos do chalé, vimos duas mulheres na rua. Uma delas era a Velha Dona Adams. Ela gritava com a outra. Merda ambulante.

Rose conhecia a outra mulher do mercado em Whitechapel. Mary Peters.

Uma mulher quieta, tristonha. Devia ter por volta dos quarenta anos. O

que, na época, não era uma idade fácil de se alcançar. Ela estava sempre vestida de viúva.

A Velha Dona Adams se aproximava, cuspindo loucuras, mas Mary se virou com tamanha fúria silenciosa nos olhos que a velha se afastou como um gato assustado pela presa.

Então Mary continuou a andar pela alameda Well na nossa direção.

Não parecia perturbada pelo encontro com a velha. Rose, reparei, tinha ficado um pouco tensa ao ver Mary.

— Bom dia, Mary.

Mary sorriu brevemente. Olhou para mim.

— Este é o seu Tom?

Seu Tom.

Era bom demais saber que Rose falava sobre mim. Sentir-me parte dela. Fazia com que me sentisse sólido, real, como se o espaço ocupado por mim fosse mesmo destinado a isso.

— Sim. Sim, é. — Rose enrubesceu um pouco. Rosa-claro, como as nuvens da manhã.

Mary assentiu. Pensou.

— Ele não está aqui hoje. Você e Grace vão ficar felizes em saber.

— Sério? — Rose parecia aliviada.

— Está com febre. Vamos torcer que seja bexiga, hein?

Fiquei confuso.

— De quem estamos falando?

Mary afastou-se um pouco, como se tivesse falado demais.

— Do sr. Willow — explicou Rose. — O administrador da feira.

Mary já ia embora.

— Nos vemos mais tarde.

— Até mais tarde.

Continuamos para o chalé e perguntei a Rose a respeito do homem.

— Ah, não se preocupe. Ele só é um pouco rígido, só isso.

E foi tudo que disse. Em seguida, estava falando sobre Mary. Rose disse que ela tinha vindo para cá alguns anos antes e era muito discreta. Ela não falava sobre o passado, então não se sabia muito.

— Ela é uma boa mulher. Mas é um mistério. Como você. Mas eu vou decifrá-lo. Conte-me algo que não sei. Um detalhezinho. Uma migalha.

Mesmo se eu pudesse comprar todo o ouro do Strand ainda preferiria morar num chalezinho na alameda Well com você, foi o que não falei.

— Eu vi um barqueiro cair no Tâmisa ontem, logo abaixo da Casa Nonesuch, com todo mundo olhando, e tudo que pensei foi como gostaria que você estivesse ali para ver também.

— Eu não me divirto com crueldades como você.

— Ele sobreviveu, suponho.

Ela me lançou um olhar duvidoso e cínico. Eu lhe ofereci algo mais.

— Gosto de como você cuida da Grace. Como conhece a si mesma. Como fez uma vida boa para si, com uma boa casa, mesmo depois de ter perdido tanto. Você encontra beleza onde não existe. É a luz que brilha na poça.

— Uma poça? — Deu risada. — Desculpe. Continue… Estou faminta por elogios. Me alimente.

— Gosto do seu modo de pensar. Gosto de como encara a vida ciente da natureza dela.

— Não sou uma dama pálida do teatro. Sou colhedora de frutas. Sou sem graça.

— Você é a que tem mais graça.

Ela colocou a mão sobre mim.

— Minhas roupas são trapos sonhadores.

— Então é melhor ficar sem.

— Sonhos?

— Não.

Eu estava perto dela. Encarei. Não havia como fugir. Não sabia que estava à sua procura quando a encontrei. Não sabia o que aconteceria. Senti-me girando rápido e descontrolado, como uma semente de sicômoro, viajando no vento mutante.

— Vá — disse ela. — Deixe nosso prazer para mais tarde. Você vai se atrasar.

Beijamos e fechei os olhos e inalei a lavanda e ela, e me senti tão atemorizado e tão apaixonado que percebi: terror, amor são a mesma coisa.

---

[5] Nascido William Kempe. Famoso por interpretar papéis originais nas estreias das obras de Shakespeare. [N.T.]

[6] Globe Theatre. palco de montagens originais das obras de Shakespeare. [N.T.]

[7] *To thine own self be true*, trecho de *Hamlet*. [N.T.]

[8] Versos da canção “Come again” de John Downland, compositor e alaúdista contemporâneo de Shakespeare. [N.T.]

Londres, agora

Eu me lembro de como é, aquela sensação de girar e ficar tonto com amor e terror. Eu lembro quando o sinal toca. Eu lembro o odor do pomar no cabelo dela e sinto tanta saudade que arde.

Fique firme.

Abro os olhos e vejo Anton se arrastando para fora da sala.

— Anton, espere.

Ele parece assustado. Ficou com essa cara a aula toda. Está colocando o fone no ouvido.

— Gosta de música?

Ele parece confuso com a pergunta. Esperava outra. Tudo nele finge que está tudo bem, exceto os olhos.

— Curto, sim, professor.

— Toca alguma coisa?

Ele faz que sim.

— Toco, piano, um pouco. Minha mãe me ensinou quando eu era pequeno.

— Cuidado com isso. Ele mexe com você. Altera a química cerebral. A emoção.

Ele não entende nada. Eu continuo:

— Sua mãe conhece seus amigos?

Ele dá de ombros, acanhado.

— Você merece coisa melhor.

Ele sabe que não pode bufar, mas quase o faz. Sua boca vira um beicinho.

— O Si não é meu amigo. Ele é o irmão mais velho de um cara que eu conheço.

— Que cara? Alguém da escola? Daqui?

Ele nega com a cabeça.

— Era daqui.

— Era daqui?

— Foi expulso.

Meneio a cabeça. Faz sentido.

Uma pausa. O rosto dele se contrai, preparando-se para algo.

— Você falou sério ontem? Já matou alguém?

— Ah, sim. Sim, matei. No deserto do Arizona. Faz muito tempo. Não recomendo.

Ele ri, não sabe se é piada (não é).

— Foi pego?

— Preso? Não. Mas conforme a gente envelhece, Anton, vamos percebendo que não dá pra se safar das coisas. A mente humana tem suas próprias… prisões. Não temos escolha sobre tudo.

— É. Isso eu já saquei, professor.

— Não dá pra escolher onde se nasce, quem vai abandonar você, não dá pra escolher muita coisa. A vida tem marés imutáveis, como a história. Mas ainda há margem pra escolha. Pra decisões.

— Pode ser.

— É verdade. Se tomar a decisão errada agora, ela vai perseguir você, como o Tratado de Versalhes em 1919 preparou o terreno para Hitler tomar o poder em 1933. Cada momento presente paga por um futuro. Uma curva errada deixa você muito perdido. O que faz nos dias de hoje permanece. Não dá pra se safar de nada.

— É o que dizem.

— As pessoas falam de um compasso moral e eu concordo. Sempre sabemos o certo e o errado para nós mesmos, o norte e o sul. Tem que acreditar nisso, Anton. As pessoas podem dar a direção errada, mandar virar qualquer esquina. Não pode confiar. Nem em mim. Como dizem dos carros? Sistema de navegação? Segue um padrão. Tudo que você precisa saber sobre certo ou errado já está aí. É *padrão*. É como música. Só precisa ouvir.

Ele assente. Não sei se absorveu algo ou se ele apenas está entediado ou assustado e quer vazar da sala logo.

— Ok, professor. Papo legal.

— Ok.

Estranho falar nisso para uma efemérida. Como se eu me importasse. Hendrich sempre disse que não há nada mais perigoso que se importar por um reles mortal, pois "prejudica nossas prioridades". Mas, talvez, as prioridades de Hendrich não sejam mais as minhas, e talvez elas precisem ser comprometidas. Talvez, eu só precise me sentir vagamente humano outra vez. Faz tempo. Quatrocentos anos.

Decido aliviar o clima.

— Gosta da escola, Anton?

Ele dá de ombros.

— Às vezes. Às vezes… não presta pra nada.

— Não presta?

— É. Trigonometria e Shakespeare e essas merdas.

— Ah, é. Shakespeare. *Henrique IV*.

— *Parte I*.

— É, você falou. Não tá gostando?

Ele dá de ombros.

— A gente foi ver. Excursão. Foi bem chato.

— Não gosta de teatro?

— Nem. É pra gente velha e rica, num é?

— Não costumava ser assim. Era pra todo mundo. Era o lugar mais louco de Londres. Todo mundo ia. Tinha os velhos ricos, claro, nos balcões, vestidos pra ser vistos, mas tinha todo o resto também. Dava pra entrar por um centavo, e mesmo naquela época não era muito. Dava pra comprar um pão, e só. Rolavam umas brigas também, com faca. As pessoas jogavam coisas nos atores quando não gostavam. Conchas de ostras. Maçãs. Todo tipo de coisa. E o Shakespeare subia no palco também. William Shakespeare. O morto dos pôsteres. Ali. No palco. Não faz tanto tempo assim. A história está bem aqui, Anton. Na nossa cola.

Ele dá uma risadinha. Esse é o objetivo de ser professor. Um feixe de esperança onde não se esperava nada.

— Parece que você tava lá.

— Eu estava.

— Como é?

Sorrio. É tentador estar tão perto de revelar minha verdade, como segurar um pássaro e estar prestes a soltá-lo.

— Eu conheci Shakespeare.

E então ele ri, com a *certeza* de que estou brincando.

— Tá certo, falou, professor.

— Até amanhã. — Amanhã. Sempre odiei essa palavra. E, no entanto, de alguma forma, não me incomoda tanto desta vez. — Amanhã. Isso aí.

Londres, 1599

Estava sentado na galeria, bem alto acima do palco, ao lado de um velho cadavérico e irritado chamado Christopher, que tocava o virginal. Digo "velho", mas ele provavelmente não tinha passado dos cinquenta, no entanto era um dos mais velhos entre os Homens do Lorde Chamberlain. Ficávamos visíveis para a maior parte da plateia, se se dessem ao trabalho de olhar para cima na nossa direção, mas ficávamos nas sombras, e eu me sentia seguro no anonimato. Christopher raramente se dirigia a mim.

Lembro-me de uma conversa com ele.

— Não é de Londres, é? — perguntou com desdém.

Era um desdém peculiar. Naquela época, como hoje, a maior parte de Londres vinha de outro lugar. Esse era o ponto de Londres. E dado que havia bem mais mortes do que nascimentos, era a única maneira de Londres seguir em frente, crescendo.

— Não, sou francês. Minha mãe buscou refúgio aqui das forças do rei.

— Os católicos?

— Sim.

— E onde está sua mãe agora?

— Faleceu.

Nem uma centelha de empatia. Ou curiosidade. Apenas um olhar longo e observador.

— Você toca como um francês. Possui dedos estrangeiros.

Encarei minhas mãos.

— Tenho?

— Sim. Você acaricia as cordas em vez de puxá-las. Faz um som esquisito.

— Bem, é um som esquisito de que o sr. Shakespeare gosta.

— Toca bem para a idade, suponho. É curioso. Mas não vai ficar jovem para sempre. Ninguém fica. Exceto aquele menino do leste.

E pronto. Nesse instante entendi que mesmo em um lugar grande como Londres eu precisava manter a guarda alta.

— Mataram a mãe dele. Uma bruxa.

Meu coração começou a bater incontrolavelmente. Precisei do máximo de esforço para manter o semblante calmo.

— Bem, se ela se afogou então era inocente.

Ele me olhou com suspeita.

— Eu nunca disse que se *afogou*.

— Supus que fosse a banqueta, se ela foi acusada de bruxaria.

Os olhos dele se estreitaram com sagacidade.

— Você parece bem animado com o assunto. Veja, seus dedos franceses estão tremendo. Para ser honesto, não sei os detalhes. Foi Hal quem me contou.

Hal, o flautista calmo, sentado no banco à frente, não queria ser arrastado para conversa. Eles se conheciam fazia tempo e trabalharam juntos em muitas peças.

— O filho não envelhecia — Hal, pálido, pardacento, da boca pequena, cedeu. — Ela tinha jogado um feitiço e matou um homem para dar vida eterna ao menino.

Eu não sabia o que dizer.

Christopher ainda me analisava. Então ouvimos passos na galeria.

— Posso participar da conversa?

Era Shakespeare em pessoa. Parado ali, abrindo a concha de uma ostra e sugando o molusco, com cuidado para não sujar o figurino de tafetá. Enquanto saboreava, manteve o olhar em Christopher.

— Sim — disse o velho —, claro.

— Bom, espero que esteja fazendo Tom se sentir em casa.

— Oh, sim, o *jovem* Tom está muito bem.

Shakespeare derrubou a concha no chão. Sorriu rapidamente.

— Que bom.

Ele apontou para mim.

— Precisamos que vá para o banco da frente, para ouvirmos o alaúde.

Christopher ficou furioso. Foi delicioso. Fiquei de pé e fui até a nova posição, quando Hal cedeu espaço. Sentei-me. A concha da ostra brilhou para mim do chão de madeira empoeirado, como um olho observador.

— Obrigada, senhor — agradeci a meu chefe.

Shakespeare balançou a cabeça, impassível.

— Isto não é caridade. Agora, todos vocês, toquem o seu melhor. Sir Walter está na plateia.

O negócio do banco da frente é que eu tinha uma boa visão. E a plateia era um show por si só. Em uma tarde ensolarada, milhares de pessoas se enfiavam no local. Bem mais do que cabe num teatro hoje em dia, mesmo no Globe. Havia sempre arruaça e brigas entre os pagantes de um centavo no gargalo e os que sentavam nos bancos de dois centavos mais atrás. Se tivesse os três centavos necessários para um banco *e* uma almofada, você se sentia mais *nobre* do que os outros dois grupos, embora eu notasse que o mau comportamento reaparecia quando alguém olhava para os balcões.

Em outras palavras, tinha de tudo. Ladrões. Arruaceiros. Prostitutas. Damas empoadas com dentes pintados de preto para parecer que arcavam com a podridão provocada pelo açúcar, um luxo (sempre me lembro disso quando vejo os bronzeadores artificiais e branqueadores de dentes dos tempos atuais).

Havia muitas canções para animar a plateia. Eu gostava especialmente de “Sob o carvalho copado”, cantada por um ator loiro e alegre, cujo nome esqueci, que interpretava o fiel Amiens, um dos duques que aceitou o exílio na Floresta Francesa com o pai da heroína Rosalinda, o Duque Sênior.

Sob o carvalho copado
Quem vem deitar-se ao meu lado
Para com voz de menino
Se unir ao canto dos passarinhos?
Vem cá, vem cá, vem cá
Pois não terá, terá, terá
Como inimigo
Mais que o perigo
Da estação má.[9]

Na minha mente, a Floresta Francesa de Ardenas era a Forêt de Pons que

eu conheci na infância, onde *maman* e eu às vezes passeávamos. Sentávamos sob um grande sicômoro, e ela cantava para mim enquanto eu observava a queda das sementes. Um mundo muito distante do fedor e da zoeira de Bankside, ou do cheiro de cerveja e moluscos e urina vindo do gargalo. Mesmo assim, a peça mexia comigo. Havia pessoas em exílio, identidades trocadas, paixão.

Era uma comédia, mas me perturbava.

Acho que o problema era o personagem Jaques. Ele não faz nada. Vi a peça 84 vezes e não me recordo do que ele fazia. Ele só andava, cínico e miserável, entre os jovens otimistas. Ele era interpretado pelo próprio Shakespeare, e a cada vez que falava, as palavras entravam nos meus ossos, como um aviso sobre o futuro:

> *O mundo inteiro é um palco, e todos, homens e mulheres, atores e nada mais: eles têm suas entradas e saídas, e um homem, em seu tempo, interpreta muitos papéis…*[10]

Shakespeare era um ator estranho. Era muito quieto — não no volume da voz, mas nos gestos e na presença. O oposto de Burbage e Kemp. Havia algo muito não shakespeariano em Shakespeare, principalmente quando estava sóbrio. Uma quietude, dentro e fora do palco, como se absorvesse o mundo em vez de projetá-lo.

Certa quinta, cheguei em casa e encontrei Grace chorando e Rose a abraçando. O sr. Willow tinha cedido o lugar delas para uma mulher que lhe concedia favores sexuais. Ele tinha tentado conseguir o mesmo de Rose. E falou coisas pesadas para ela e Grace.

— Vai ficar tudo bem. Podemos trabalhar lá, mas em outro lugar.

Senti tamanha raiva. Um ódio quente me devorava. No dia seguinte, antes de seguir para Southwark, fui à feira e encontrei o homem, e, em minha estupidez juvenil, bati nele e o empurrei na barraca de temperos. Ele caiu em uma nuvem laranja de aromas exóticos do Novo Mundo.

Grace e Rose foram então banidas da feira. E apenas porque sabíamos dos favores sexuais que ele não tomou outras medidas contra nós.

Rose xingou minha cabeça quente, direcionando a dela contra mim.

Foi nossa primeira briga. Lembro-me mais da fúria do que das palavras. Lembro-me da preocupação dela sobre o que falaria ao sr. Sharpe.

— Não podemos só *colher* frutas, Tom. Precisamos *vender*. Onde vamos

vender?

— Vou ajeitar isso. Eu quebrei, vou consertar. Prometo, Rose.

Então conversei com Shakespeare sobre a possibilidade de Rose e Grace venderem frutas no teatro. Fui vê-lo, depois de uma apresentação, atravessando uma multidão no jardim público em frente à Taverna da Rainha. Ele estava indo na direção da cervejaria, sozinho, ignorando um homem que o reconhecera, desaparecendo porta adentro.

Eu o segui. Já tinha ido naquela taverna antes. Meu rosto jovem não seria problema ali. Encontrei Shakespeare, caneco na mão, sentado em um canto vazio.

Eu estava pensando como — e *se* — eu deveria abordá-lo quando a mão dele se levantou e me intimou.

— Jovem Tom! Sente-se.

Fui até ele e sentei-me no banco à sua frente, com a mesinha de carvalho entre nós. Dois homens sentados mais adiante na mesa estavam compenetrados em um jogo de damas.

— Olá, sr. Shakespeare.

Uma garçonete recolhia os canecos largados, e Shakespeare a chamou.

— Uma cerveja para o meu amigo aqui.

Ela assentiu, então Shakespeare reconsiderou.

— Mas você é da França, certo? Provavelmente gosta de cervejas mais suaves do que essa maltada.

— Não, senhor. Prefiro a de malte.

— Sua sabedoria me reconforta, Tom. Aqui eles servem a melhor e mais doce cerveja de malte de toda a Londres.

Ele deu um gole da dele, de olhos fechados.

— O malte é sensível — continua. — Daqui uma semana, isto estará tão amargo quanto o hálito de um cavaleiro. A cerveja de lúpulo dura para sempre, o lúpulo lhe confere imortalidade. O malte é uma lição de vida. Se esperar demais dirá adeus antes de dizer bom dia. Meu pai foi testador de malte. Fui educado nisso.

O malte chegou. Era doce, de fato. Shakespeare preparou e acendeu um cachimbo. Como a maioria dos tipos do teatro com dinheiro, era fã do tabaco. (“A erva dos indígenas faz milagres nos meus achaques.”) Ele me contou que também o ajudava a escrever.

— Está escrevendo uma peça nova? — pensei em voz alta. — Estou atrapalhando?

Ele assentiu.

— Estou, e, não, não está.

— Ah — foi minha resposta. (Will Shakespeare tinha o poder de deixar as pessoas sem palavras.) — Bom. E bom.

— Chamar-se-á *Júlio César*.

— Sobre a vida de Júlio César?

— Não.

— Oh.

Ele tragou longamente o cachimbo.

— Odeio escrever — falou entre a fumaça em espiral. — Essa é a verdade.

— Mas é muito bom nisso.

— E daí? Meu talento não vale um caneco de cerveja. Não significa nada. Nulo. Ser bom escritor é a mesma coisa que ser bom em arrancar o próprio cabelo. De que adianta um talento que provoca dor? É um dom que anseia o céu mas se arrasta na bosta. É melhor ser uma puta no Cardinal's Hat do que escritor. Minha pena é minha sina.

Ele não estava num dia bom.

— Escrevo porque vira uma peça e meus sócios e eu ganhamos dinheiro. E dinheiro não é ruim. Dinheiro impede a loucura. — Ele ficou com um olhar triste por um tempo. — Vi meu pai sofrer quando eu era um garoto, um pouco mais jovem que você. Ele era um homem bom. Não aprendeu a ler, mas montou seu negócio. Testador de malte, vendedor de luvas, depois de lã. E outras coisas. Ia bem. Comíamos bem. Ave de caça todos os jantares. Ele perdeu todo o dinheiro. Emprestava muito. E, com esposa e sete filhos para manter, ficou maluco. Ele tremia e se balançava e temia a sombra de um rato. Por isso escrevo. Fujo da loucura. — Suspirou, olhou o jogo de damas, conforme um homem fazia sua jogada. — Agora, você. E você? Seu pai era louco também?

— Não sei, senhor. Morreu quando eu era pequeno. Morto na guerra. Na França.

— Os católicos?

— Os católicos.

— Então você veio pra Inglaterra?

Obviamente eu não queria falar sobre mim, mas Shakespeare queria exatamente isso, e se eu quisesse lhe pedir um favor, precisava conceder.

— Sim, viemos. Minha mãe e eu. Para Suffolk.

— E não gostou do ar do campo, Tom?

— O problema não foi o ar.

— As pessoas?

— Dentre outras coisas.

Ele bebeu, ele fumou, ele me estudou.

— Você possui um rosto jovem e uma língua sábia. As pessoas odeiam isso. Sabem que pode enganá-las.

Temi, por um momento, que ele pudesse estar me testando. Lembrando a conversa com Christopher e Hal.

— Conhece os Homens da Rainha? — perguntou ele.

— A trupe?

— Isso mesmo. Bem, um homem se juntou a eles. Henry Hemmings. Ele já tinha participado de outras companhias, e quando as pessoas suspeitaram que ele não estava à mercê do tempo, mudou-se para outra. Com razão, suponho. Quando ele chegou aos Homens da Rainha, os boatos voavam feito pardais. Um dos atores o reconheceu, de mais de dez anos antes, e começou a briga. A briga mais feia que já tinham testemunhado. Na cidade de Thame, condado de Oxfordshire. Mais dois da trupe caíram em cima dele, como cães sobre um coelho. — Ele baixou o cachimbo com cuidado sobre a mesa, a fumaça girando numa linha fina até o teto.

— Você estava lá?

Ele balançou a cabeça.

— Nunca o conheci. Mas sou grato a ele.

— Por quê?

Ele sorriu um sorriso cansado da vida.

— Pela morte dele. Ele morreu e a trupe perdeu um dos principais atores. Quando eles vieram para Stratford, fiquei sabendo da dificuldade e vi nela minha oportunidade. Pedi para me juntar a eles. Bebi com eles. Conversamos um pouco sobre tudo. Falamos de Plutarco e Robin Hood. E então a sorte me abençoou. Tornei-me um “homem da rainha”. E isso me levou a Londres.

— Entendo.

Ele suspirou.

— Foi um começo agourento. Embora eu não tenha tido parte na morte dele, a sombra de Hemmings passa sobre mim com frequência. E com frequência sinto como se, mesmo agora, eu ocupasse um lugar que não me pertence. Injustamente. Eram um bando violento e amoral. Assassinos. Doze Wolstans. E Henry Hemmings não havia cometido crime algum, exceto o de ser diferente. Possuía um rosto que não envelhecia. Este foi meu começo: a

semente podre de tudo.

Por um momento, ele pareceu frágil, em seguida, coçou a barba e pegou o cachimbo. Inalou e fechou os olhos. Soprou a fumaça por cima do ombro esquerdo enquanto eu bebericava a cerveja.

— A semente não era podre — falei.

— Ah, no entanto, a árvore é retorcida. Mas não há moral nesta história, exceto que entre folguedos e risadas as velhas rugas cheguem.[11]

Eu não sabia ao certo se ele me via como um Henry Hemmings. Nem se Henry Hemmings era como eu ou alguém abençoado e amaldiçoado com uma tez melhor do que a média. Não sabia se Shakespeare soubera do acontecido em Edwardstone, e se minha conexão a Suffolk tenha feito a ligação em sua mente. No entanto, entendi suas palavras amigáveis como um aviso.

— Então — continuou ele — por que queria me encontrar?

Respirei fundo.

— Conheço duas irmãs, Grace e Rose, e elas precisam de um emprego. Urgentemente… Poderiam vender maçãs.

— Não mando nos mascates de maçãzinhas. — Ele balançou a cabeça. Parecia irritado por eu ter sobrecarregado sua grande mente com algo de tamanha trivialidade tediosa. — Por favor, fale de outro assunto ou me deixe.

Pensei no rosto preocupado da Rose.

— Desculpe, senhor. Eu tenho uma dívida para com essas garotas. Elas me receberam na casa delas quando eu não tinha mais ninguém. Por favor, senhor.

Shakespeare suspirou. Eu estava cutucando o urso, e temi o que ele diria em seguida.

— E quem é Rose? Falou o nome dela com suavidade.

— Ela é meu amor.

— Oh! Um amor de verdade? — Ele apontou para Elsa e outra trabalhadora do Cardinal’s Hat, que costumavam buscar clientela na taverna. Elsa segurava a virilha de um homem sob a mesa, acariciando o volume. — Olhe aquele homem no qual ela está pendurada. É esse tipo de amor?

— Não. Bem, sim. Mas o outro tipo também.

Shakespeare assentiu. Os olhos dele brilharam com uma lágrima. Poderia ser da fumaça.

— Vou conversar por lá. Fale para as garotas que elas poderão vender maçãs.

E elas venderam.

E tudo foi doce e leve, embora eu sempre me preocupasse quando ouvia o solilóquio de Jaques. Eu, mais do que a maioria, era um ator na vida. Interpretava um papel. Qual seria meu próximo papel e quando eu o assumiria? Como poderia deixar o atual para trás, deixar Rose?

Naquela noite, eu contara a Rose que ela e a irmã poderiam trabalhar no Globe porque o "sr. Shakespeare fez acontecer". Foi uma noite feliz. Eu tinha levado um deque de cartas para a casa. A noite toda rimos e cantamos e jogamos trunfo e comemos torta da rua Old e bebemos mais cerveja que de costume.

Conversamos sobre como Grace parecia mais madura, e ela disse para mim, não de forma rude, mas direta, aquela sua essência:

— Logo vou passar você de altura.

E gargalhou, porque tinha bebido cerveja demais. Ela estava acostumada, mas não quatro canecos seguidos.

Mas Rose não riu.

— É verdade. Você não envelhece.

— É porque estou feliz — falei baixinho. — Não tenho preocupações que marquem meu rosto.

Embora a verdade fosse que eu tinha um oceano delas, mas ainda levaria décadas para a primeira ruga aparecer.

Eu costumava observar Rose, entre os interlúdios musicais, e ela me observava de volta, na galeria. O que acontecia nessas trocas silenciosas em um lugar lotado? Havia magia nelas, como um segredo compartilhado.

As multidões, no entanto, pareciam ficar cada vez mais desordeiras conforme adentrávamos a temporada. Na noite de abertura — com a rainha e seu cortejo na plateia —, não houve uma briga sequer. Ao fim da temporada, sempre havia uma, a qualquer momento, um desentendimento no meio do povo no gargalo. Certa vez, por exemplo, um homem cortou a orelha de outro com uma concha de ostra por conta de uma das prostitutas presentes. Me preocupava com as garotas ali embaixo enquanto eu ficava seguro no ar rarefeito da galeria, embora elas costumassem ficar bem, vendendo quatro vezes mais frutas que na feira.

Mas, certa tarde, sob o céu cheio de nuvens de chuva cor de pedra cinza: problema.

Foi no meio da canção "O que vai levar aquele que matou o cervo?" —

que, a essa altura, como as outras canções da plateia, eu já sabia tocar dormindo — que notei algo. Alguém — um homem de beiços frouxos e cara de mau, nos bancos — tinha roubado uma maçã da Grace e a mordia enquanto ela exigia o centavo de pagamento. Ele tentou espantá-la como a um mosquito, mas Grace era Grace e permaneceu firme. Ela berrava algo que não ouvi, mas, conhecendo Grace, podia adivinhar. Como ela estava na frente de outro homem, metia-se numa enrascada maior. Esse outro homem — um bruto de dentes marrons, cabelo grisalho e roupas ensopadas de cerveja — empurrou Grace, que caiu, e as maçãs saíram voando pelo chão, na areia e nas cascas de ostra e castanhas. Lembrou a vez das ameixas espalhadas na Fairfield. Aí todo mundo aproveitou: foi um tumulto para cada um garantir a sua.

Grace ficou de pé, e o primeiro homem, o ladrão de maçã, agarrou-a. Ele fez uma cara de gárgula e enfiou a língua na orelha dela.

Nessa altura, eu já tinha parado de tocar.

Hal, ao meu lado, batia o pé enquanto ainda continuava a tocar a flauta, e os atores continuavam a cantar. Ouvi Christopher suspirar em desaprovação atrás de mim. Então retomei, mas espiava Rose, que deixou a cesta no chão e atravessou o gargalo, preocupada com a irmã. Alcançou, ainda tendo problemas com o lambedor de orelha, quando o amigo do ladrão de maçã apareceu, puxou a saia de Rose para cima e enfiou a mão por baixo.

Ela deu um tapa nele, ele puxou o cabelo dela. Senti a angústia dela como se fosse minha. Grace deu uma cotovelada no rosto do assediador, sangrando o nariz dele. Não sei o que aconteceu em seguida porque escalava a balaustrada de carvalho do balcão, segurando o alaúde como um taco e — sob o som de milhares de suspiros — saltei no palco.

Aterrissei em cima de Will Kemp, dei uma ombrada num Shakespeare chocado e segui em frente. Pulei do palco para alcançar Rose e Grace.

Dei a volta pelo lado do gargalo e empurrei a multidão entre as castanhas, a cerveja e as maçãs que eram jogadas na minha direção pelos furiosos. A peça continuou atrás de mim, como sempre continuava, mas duvido que mesmo aqueles nos assentos de cinco centavos pudessem ouvir uma palavra sequer, tal a comoção no gargalo e perto dos bancos. Mesmo dos balcões as pessoas urravam e vaiavam e jogavam comida de teatro em cima de mim.

Rose já estava bem — tinha se livrado do atacante lascivo — e tentava ajudar a irmã, ainda encrencada, presa por uma chave de braço no pescoço.

Rose e eu juntos conseguimos liberar Grace.

Agarrei a mão das irmãs e chamei:

— Vamos.

Mas havia um problema potencialmente maior.

Um dos homens dos assentos caros fechou nosso caminho. Eu não o tinha visto, e duvido que ele tivesse me visto antes de eu saltar da galeria.

Alto, forte e sólido, e mais bem-vestido que a última vez, com o cabelo ralo penteado de lado em cima da cabeça. Ele estalava as mãos de açougueiro à sua frente.

— Então — disse Manning, olhando para mim com seu único olho bom —, vejo que é verdade. Chegou a Londres… Quando o vi pela última vez? Parece que foi ontem. Não mudou nada. Afinal, você não muda mesmo, não é?

Vejo que é verdade.

Nunca saberia ao certo se Christopher havia espalhado suspeitas sobre mim além da galeria dos músicos. Nem se os homens que atacaram Rose e Grace estavam em conluio.

— Vejo que fez amizades.

— Não — falei, como se uma palavra pudesse cancelar a realidade.

Ele analisou as irmãs, confusas.

— Não?

— Não são minhas amigas — falei, determinado para que ele ficasse sabendo o mínimo possível sobre elas ou a conexão delas comigo. — Hoje é a primeira vez que as vi.

Lanço um olhar para que Rose vá embora, mas ela não vai.

— Ah, ele continua mentindo. Bem, cuidado, meninas, ele não é o que parece. Ele é o mal encarnado, sobrenatural. Filho de uma bruxa.

— Minha mãe morreu inocentada. Morreu por sua causa.

— O último feitiço dela, até onde sei. Talvez ela mude de forma. Talvez esteja entre nós neste instante.

Ele encarou Rose, depois Grace, como se tentasse ler um texto obscuro. Eu não podia ficar mais. O pesadelo se tornava realidade. Apenas me conhecer era perigoso. Minha existência, uma maldição. A multidão ao redor se aquietava, assistindo a Manning mais do que ao palco. Reconheci um rosto que me encarava. Não sabia o nome dele mas sabia que era amolador. Já o tinha visto na ponte, certa manhã, vendendo facas.

Era um homem magrelo, pálido, cara de fraco, não tinha mais de vinte anos, e sempre trazia um cinto cheio de facas brilhantes.

Pensei em pegar uma, mas isso me garantiria uma passagem só de ida para Tyburn e a corda no pescoço.

Mas sabia que era tarde demais. O risco de Manning saber que eu conhecia as meninas era menor do que o risco de deixá-las para trás com eles.

Implorei a Rose:

— *Precisamos* ir embora.

— "… te matarei de cento e cinquenta maneiras diferentes: portanto, estremeça e desapareça…"[12] — Mas mesmo os atores caíram em silêncio quando Manning agarrou o cabelo de Grace.

— Esta aqui! — berrou Manning. — Quantos anos ela tem?

Grace o chutava.

— Tem vinte? Trinta? Pode ter sessenta anos. Parece uma criança, mas conhecemos outros truques, certo?

Grace o socou com força na virilha.

— Me larga, sua cobra, seu mijo de cu!

Mas não adiantou. A plateia estava ao lado de Manning e contra nós. Ficaríamos ali. Manning seria ouvido. Acusações de bruxaria e magia negra seguiriam. Eu tinha colocado Rose e Grace em perigo. A única coisa que podia nos salvar, naquele momento, foi o que nos salvou.

— Por favor, tire suas mãos da garotinha. — Shakespeare em pessoa, na frente do palco, fora do personagem.

Manning continuou segurando.

— Sou William Manning, sou o…

— Não quero saber. Os atores não querem saber. O Globe não quer saber. Solte-a e deixe-a a ir, junto de seus amigos, antes que demos um fim nesta peça.

Foi o suficiente. A ameaça de interromper a performance. As massas querem algo mais que justiça. Querem divertimento. Naquela época, Shakespeare já sabia disso muito bem.

O teatro todo vaiava William Manning. Ostras voaram no rosto enrubescido dele. Uma veia azul pulsava na testa. Ele soltou Grace. Agarramos a menina e corremos para o canto, os pés amassando os detritos na areia. Virei para o palco, para ver se Shakespeare havia retornado. Ele me viu e falou para a turba animada que o resto da performance seria dedicada a um ator a quem ele muito devia — "um homem chamado Henry Hemmings" —, e eu sabia que era uma mensagem, um código, direcionado a mim.

Assim eu soube que nunca mais poderia voltar ao Globe, ou a Bankside.

[9] *Who loves to lie with me,/ And turn his merry note/ Unto the sweet bird's throat,/ Come hither, come hither, come hither:/ Here shall he see no enemy/ But winter and rough weather*, trecho de *Do jeito que você gosta.* [N.T.]

[10] *All the world's a stage, and all the men and women merely players; They have their exits and their entrances, and one man in his time plays many parts*, trecho de *Do jeito que você gosta*. [N.T.]

[11] *Except with mirth and laughter let wrinkles come*, trecho de *O mercador de Veneza*. [N.T.]

[12] *I will kill thee a hundred and fifty ways. Therefore tremble and depart*, trecho de *Como você gosta.* [N.T.]

Hackney, redondezas de Londres, 1599

Boatos.

Boatos viviam. Não eram apenas uma moeda de troca, eram *vivos*.

As histórias zuniam e circulavam como moscas no ar, pairando entre o fedor de esgoto e o barulho das carroças.

Por exemplo: quando Mary Peters desapareceu subitamente, todos os lares a leste do muro pareciam saber a respeito. Rose, por sua vez, ficou tão transtornada com aquilo que mal falou por um dia inteiro. E agora, por conta do que Rose chamou "meu ânimo esquentado", a história do alaudista que pulou no palco do Globe certamente seria o tema das conversas em todas as hospedarias de Londres.

— Mas você e Grace estavam numa enrascada!

— Sabemos cuidar de nós mesmas. Sempre o fizemos. E agora precisamos voltar a Whitechapel…

A conversa tomou outro rumo, para onde eu sabia que seguiria. Ela queria saber quem era aquele homem. Manning.

— Eu não sei.

— Que mentira.

— Não sei dizer quem ele é.

— Ele disse que sua mãe era uma bruxa. O que ele quis dizer?

— Ele deve ter se confundido. Pensando que eu fosse outro alguém.

Os olhos verdes me fulminaram, avivados pela fúria silenciosa.

— Você pensa que sou boba, Tom Smith?

E foi isso. Aquele nome que era apenas metade meu, ouvi-lo me fez sentir que eu devesse dizer *algo*.

— Perdão, Rose. Foi um erro. Eu não devia ter vindo aqui. Eu devia ter lhe pagado a dívida e ido embora. Não devia ter deixado meus sentimentos por você crescerem, nunca devia ter deixado que você sentisse algo por mim.

— O que está dizendo, Tom? Sua conversa parece uma charada.

— Sim. Sim, é. E eu sou uma charada também. Impossível de resolver. Nem eu mesmo sei como.

Precisei me levantar e andar de um lado para o outro em círculos frenéticos. Grace dormia no quarto, então precisei manter a voz baixa mas com senso de urgência.

— Você precisa encontrar outro. Olhe para mim. Olhe para mim, Rose! Sou jovem demais para você.

— Dois anos, Tom. Não é muita diferença.

— A diferença vai aumentar.

Ela pareceu confusa.

— Como? O que quer dizer, Tom? Como pode aumentar? Não faz sentido.

— Não sou mais útil para você. Não posso voltar para Southwark.

— Útil? *Útil*? Você tem meu coração, Tom.

Expirei profundamente. Queria expulsar a realidade. Queria que a lágrima no olho dela nunca caísse. Queria que ela me odiasse. Não queria amá-la.

— Bem, você o deu para a pessoa errada.

— Conte-me sobre sua mãe, Tom… A verdade.

Os olhos dela não me deixariam mentir.

— Eu fui o motivo por que a mataram.

— O quê?

— Há algo muito estranho a meu respeito, Rose.

— O que é?

— Eu não envelheço.

— O quê?

— Olhe para mim. O tempo passa mas não altera minha face. Eu sou apaixonado por você. Sou. De verdade. E do que adianta? Sou como um garoto que tenta subir numa árvore cujos galhos não param de se distanciar.

Ela ficou tão chocada que pode apenas murmurar:

— Não sou uma árvore.

— Você terá cinquenta anos e eu continuarei com essa aparência. É melhor me deixar. É melhor que eu vá. É melhor que eu…

E então ela me beijou para que eu parasse de falar.

E ela não acreditou totalmente. Por dias, pensou que eu estivesse louco. Mas, conforme semanas e meses se passaram, ela percebeu que era verdade.

Era algo que ela não podia compreender, mas estava lá. Estava lá.

A minha verdade.

Londres, agora

Não tenho ideia se algo do que disse para Anton fez efeito. Só vivo há 430 anos, nem de perto o suficiente para entender as sutis expressões faciais de um adolescente típico.

É bem tarde, meio-dia e vinte, quando finalmente chego à sala dos professores para o almoço. Sento ali, inalando o cheiro de café instantâneo e presunto processado. Minha dor de cabeça está forte hoje. Também tenho zumbido no ouvido. De vez em quando me dá. Vai e volta desde a artilharia ensurdecedora da Guerra Civil Espanhola.

Não vou mais ao supermercado na hora do almoço. Faço meu sanduíche de manhã. Agora, nem estou com fome, apenas fico sentado de olhos fechados.

Quando os abro vejo Isham, o professor de geografia, ocupado decidindo qual sachê de chá de ervas deve colocar na sua caneca.

Também vejo Camille.

Ela está do outro lado da sala, abrindo uma embalagem de salada. Também trouxe suco de maçã, e um livro, que usa de bandeja improvisada.

Daphne pega uma mexerica da fruteira comunitária, sorri de uma forma levemente cínica.

— Como vai, Tom? Como andam as coisas?

— Bem — digo. — Estou bem.

Ela assente, e sabe que é mentira.

— Vai melhorar. Os primeiros dez anos aqui são os piores. — Ela ri e vai para o seu escritório.

Me sinto mal por causa da Camille. Fui rude com ela da última vez. Noto que ela retira algo do bolso. Uma pílula. Engole com ajuda do suco.

Eu devia ficar sentado.

Era isso que Hendrich gostaria. Agora, do ponto de vista da Sociedade Albatroz, está tudo perfeito: Camille não deve nunca mais falar comigo.

No entanto, aqui estou eu, atravessando a sala.

— Queria pedir desculpas.

— Pelo quê? — Bondade da parte dela.

Sento-me, para poder falar em voz baixa e de forma menos suspeita. Outra professora, de matemática, chamada Stephanie, nos olha esquisito enquanto come uma ameixa.

— Não era minha intenção ser tão estranho. Tão rude.

— Bem, algumas pessoas não podem evitar. São assim.

— Bem, eu não queria ser.

— O que somos e o que pretendemos ser são coisas diferentes. Tudo bem. O mundo não ajuda a não ser babaca. — Ela fala casualmente, gentilmente. Nunca fui insultado de forma tão delicada.

Tento explicar sem muita explicação:

— Eu só… Tem muita coisa acontecendo comigo, e sou dessas pessoas com rosto genérico. Todo mundo acha que sou amigo de um amigo. Ou um ator da TV.

Ela faz que sim, mas não está convencida.

— Deve ser isso então. Vamos deixar quieto.

Percebo o livro embaixo da salada. Um romance. Imagino se é o que lia aquele dia no parque. Um clássico da Penguin. *Suave é a noite*, de F. Scott Fitzgerald, com uma foto do autor na capa.

Ela percebeu meu olhar.

— Ah, você já leu? O que achou?

Tenho dificuldade em falar. As memórias se atolam na minha mente, como muitas janelas abertas no computador, ou água no barco.

A dor de cabeça piora.

— Eu… Eu… não sei… — Cada palavra parece um remo na água. — Barcos contra a corrente — falo em voz alta.

— Barcos contra a corrente? *Gatsby*?

Prendo o fôlego e agora estou num camarim em Londres e num bar em Paris, ao mesmo tempo, dividido entre séculos, entre lugar e tempo, agora e então, água e ar.

Paris, 1928

Eu estava sozinho, andando o longo caminho para casa a partir do grande hotel onde cumpria meu turno no piano, tocando para americanos e europeus ricos que saboreavam chá ou coquetéis. Me sentia sozinho. Precisava estar entre pessoas para mascarar a solidão dentro de mim. Então eu me dirigia para a balbúrdia do Harry's Bar, como fazia às vezes. Quase todos ali procediam de outro lugar, o tipo de multidão que me agradava.

Lutei para chegar ao bar e encontrei um assento ao lado de um casal glamoroso cujo cabelo estava dividido ao meio, combinando.

O homem olhou para mim e deve ter pressentido minha solidão.

— Experimente o Bloody Mary — disse ele.

— O que é isso?

— É a *novidade*. Um coquetel. A Zee ama, não é, querida?

A mulher me olhou com olhos tristes e pesados. Estava bêbada ou com sono ou ambos. Os dois pareciam muito bêbados quando penso a respeito. Ela assentiu.

— É um grande aliado na guerra.

— De que guerra? — pensei em voz alta.

— A guerra contra o tédio. É uma guerra muito real. O inimigo está à nossa volta.

Pedi um Bloody Mary. Fiquei surpreso com o suco de tomate. O homem olhou feio para a mulher. Difícil saber se era fingimento ou de verdade.

— Devo dizer que fico levemente insultado quando fala assim, Zee.

— Ah, não você, Scott… você não anda muito sem graça. Esta foi uma de suas melhores noites.

Foi então que ele estendeu a mão.

— Scott Fitzgerald. E esta é Zelda.

A melhor coisa de ter adentrado o quarto século de vida é que não ficava mais impressionado com celebridades, mas, mesmo assim, me deparar com o autor do livro que estava na minha cabeceira foi impressionante.

— Acabei de ler seu livro, *O grande Gatsby*. E li *Este lado do Paraíso* assim que saiu.

De repente, ele pareceu sóbrio.

— O que achou? Do *Gatsby*? Todo mundo prefere o *Paraíso*. Todo mundo. Meus editores insistem no pobrezinho, por pena.

Zelda fez uma careta, como se fosse vomitar.

— Aquela *sobrecapa*. Ernest não costuma ter razão a respeito de nada, mas tinha a respeito daquilo. É uma guerra contra os olhos.

— Nem tudo é uma guerra, querida.

— Claro que é, Scott.

Pareciam prestes a discutir, então intervi:

— Bem, eu achei excepcional. O livro, quero dizer.

Zelda fez que sim. Percebi que ela parecia uma criança. Ambos. Pareciam crianças brincando de se fantasiar de adultos. Havia uma *inocência* tão frágil a respeito deles.

— Eu tentei falar para ele que é bom — disse ela. — A gente pode falar e falar e falar, mas são como gotas de chuva num telhado.

Scott, no entanto, parecia aliviado por eu ter gostado.

— Bom, isso faz de você uma pessoa melhor que o cara do *Herald Tribune*. Olha, seu drink chegou… — Ele me entregou o Bloody Mary.

— Eles inventaram aqui, sabia? — disse Zelda.

Provei a bebida estranha.

— É mesmo?

Scott me interrompeu:

— Conte-nos: o que faz da vida?

— Toco piano. No Ciro’s.

— No Ciro’s de Paris? — perguntou ele. — *Rue* Daunou? Que maravilha. Já está na frente.

Zelda deu um longo gole de uma espécie de coquetel de gim.

— O que você teme?

Scott sorriu de modo escusatório.

— É a pergunta de bêbada dela. Todas as vezes.

— Temo?

— Todos temem algo. Eu temo a hora de botar as crianças na cama. E cuidar da casa. E todas essas coisas de que as governantas se encarregam. O Scott teme as críticas. E Hemingway. E a solidão.

— Eu não tenho medo do Hemingway.

Tentei pensar. Queria dar uma resposta honesta, para variar.

— Temo o tempo.

Zelda sorriu, e inclinou a cabeça de forma simpática, ou resignada.

— Envelhecer?

— Não, quero dizer…

— Scotty e eu não planejamos envelhecer, certo?

— O plano é — acrescentou Scott, com seriedade exagerada — saltar de uma infância a outra.

Suspirei, esperando que isso me fizesse parecer pensativo e sério e em posse da grande inteligência da Era de Ouro.

— O problema é que, se viver o suficiente, uma hora as infâncias acabam.

Zelda me ofereceu um cigarro, e eu aceitei (eu fumava nessa época, todo mundo fumava nessa época), e colocou outro na boca do Scott e depois um na sua própria. Uma espécie de desespero selvagem de repente acendeu-se nos olhos dela quando riscou o fósforo.

— Crescer ou enlouquecer — disse ela, depois do primeiro trago. — As escolhas divinas que temos…

— Se ao menos encontrássemos uma maneira de parar o tempo — acrescentou o marido dela. — Precisamos trabalhar nisso. Sabe, para quando surge um momento de felicidade. Precisamos pegar nossa rede e prendê-lo, como a uma borboleta, e ter esse momento para sempre.

Zelda olhava o bar lotado.

— O problema é que enfiam alfinetes nas borboletas. E elas morrem… — Ela parecia procurar alguém. — O Sherwood foi embora. Mas, oh, veja! A Gertrude e a Alice.

Momentos depois, desapareceram no salão lotado, com os coquetéis em mãos. E embora tivessem deixado claro que eu poderia me juntar a eles, fiquei ali, com vodca e suco de tomate como companhias, nas sombras seguras da história.

Londres, agora

É estranho como o passado está próximo, mesmo quando o imaginamos tão distante. Estranho como ele salta de uma frase e o atinge. Estranho como cada objeto ou palavra pode abrigar um fantasma.

O passado não é um único lugar. São muitos, e estão sempre prontos a emergir no presente. Um minuto é 1590, e o outro é 1920. E está tudo relacionado. Tudo é acúmulo de tempo. Cresce e cresce e pega você de guarda baixa, com violência, a qualquer momento. O passado reside dentro do presente, repetindo, gaguejando, lembrando a você de *tudo que não existe mais*. Sangra de placas na rodovia e de tábuas em bancos no parque e de canções e sobrenomes e rostos e capas de livros. Às vezes, a simples visão de uma árvore ou de um pôr do sol pode atingi-lo com o poder de cada árvore e cada pôr do sol que você já viu. E não há como se proteger. Não há como viver num mundo sem árvores ou livros ou pores do sol. Simplesmente não há.

— Está tudo bem? — pergunta Camille, a mão sobre a capa do livro de forma que apenas a palavra “suave” permaneça visível.

— Sim. Ainda estou com dores de cabeça.

— Você foi ao médico?

— Não. Mas eu vou. — Ir ao médico: a última coisa que vou fazer.

Olho para ela. Tem o tipo de rosto que dá vontade de falar, que o leva a contar coisas. É um rosto perigoso.

— Talvez você precise dormir mais — diz ela.

Fico pensando no que ela quer dizer, e quando ela percebe, explica:

— Eu vi no Facebook que você curtiu meu post às três da manhã. Em dia de semana.

— Oh.

Há uma nesga de travessura no sorriso dela.

— É um hábito? Espiar o Facebook de mulheres no meio da noite?

Estou envergonhado.

— É… que… apareceu no meu feed.

— Tô só brincando, Tom. Você é muito sério.

Se ela entendesse a gravidade das coisas, e o peso do tempo.

— Desculpa — digo — pela seriedade.

— Tudo bem. A vida às vezes é assim.

Talvez ela *entenda*.

— Sou só meio sem jeito com as pessoas.

— Eu entendo. *L'enfer, c'est les autres*.

— Sartre?

— *Oui. Dix points*. Sartre. O bom humor em pessoa.

Forço um sorriso e não falo mais nada porque a única coisa que tenho em mente é que olhar o rosto dela me conforta e me assusta ao mesmo tempo. Então, resolvo perguntar algo. É uma questão que ao longo dos anos fiz com frequência.

— Você conhece alguma mulher chamada Marion?

Ela franze o cenho. Eu a confundo mesmo.

— Francesa ou inglesa?

— Inglesa. Tanto faz.

Ela pensa.

— Eu estudei com uma Marion. Marion Rey. Ela me explicou sobre menstruação. Meus pais eram puritanos. Nunca me contaram nada. E é algo importante, sabe, aquele sangue saindo de você.

Ela fala em voz alta. Ainda tem gente na sala. A Stephanie continua olhando feio, segurando a semente da ameixa entre os dedos. Isham está no celular, a dois assentos de distância. Eu gosto da falta de vergonha dela.

Sei que devo jogar conversa fora. Percebo todos os sinais de que é uma coisa necessária neste momento. Mas ignoro os sinais.

— Alguma outra Marion?

— Não, desculpa.

— Tudo bem. Eu que peço desculpas. Eu só queria saber isso mesmo.

Ela sorri e me olha, e encontra algo no meu olhar que a perturba. Sinto que ela ainda está pensando de onde me conhece.

— A vida é sempre misteriosa — diz ela. — Mas alguns mistérios são maiores.

E então um curto silêncio, no qual me obrigo a sorrir e a ir embora.

PARTE QUATRO

O Pianista

Bisbee, Arizona, 1926

Agosto. Eu estava na sala de estar de uma casinha de tábuas na periferia da cidade, em uma missão para Hendrich. A cada oito anos, uma missão. Esse era o acordo. Cumpria-se a missão e depois seguia para o próximo lugar, e Hendrich o ajudava a mudar de identidade e o manter em segurança. A única vez que havia perigo era durante a missão em si. Embora eu tenha tido sorte. Havia cumprido três missões antes dessa e todas bem-sucedidas. Em outras palavras: eu havia sido capaz de localizar os albas em questão e convencê-los a se juntar à Sociedade. Sem violência. Sem um teste real de caráter. Mas ali, em Bisbee, tudo mudou. Ali, eu estava prestes a descobrir quem eu era. E até onde iria para encontrar Marion.

Embora já fosse fim do dia e o escuro rapidamente dissolvesse as montanhas vermelhas ao lado de fora da janela, o calor permanecia intenso. Era como o ar quente de fora, mas concentrado, como se alguém tivesse espremido todo o calor do deserto dentro da casa de madeira.

Suor escorria pelo meu nariz e caía sobre o nove de ouros.

— Cê num tá acostumado com o calor, né? Onde cê tava entocado? Alasca? Cavoucando ouro em Yukon? — O magricelo sem dente, cuja mão esquerda trazia apenas três dedos, perguntou. O que se passou pelo nome de Louis. Ele tomou outro gole do uísque caseiro sem fazer careta.

— Andei por toda parte — respondi. — Preciso fazer isso.

Então o outro — Joe —, o que me surpreendeu com um *royal flush*, o maior, mais esperto, começou a rir de forma agourenta.

— Tudo isso tá muito bem, e a gente sempre gosta de beber aguardente com os forasteiros. Ainda mais os com grana no bolso. Mas sei que cê é do condado Cochise. Dá pra ver. Pelas roupas. Sabe, todo mundo por aqui fica sujismundo. Do pó. Das minas. Num se vê algodão branquinho assim pelas bandas de Bisbee. E olha sua mão. Limpa como a neve.

Olhei para as minhas mãos. Estava acostumado com elas nessa época, por vê-las tocando música direto. Eu tinha aprendido piano sozinho. Foi o que aprendi nos últimos oito anos.

— Mão é tudo igual — falei pateticamente.

Havia mais de uma hora que jogávamos pôquer. Eu já tinha perdido 120 dólares. Bebi mais uísque. Queimava como fogo. Era hora, pensei. Tinha que falar o que vim falar.

— Eu sei quem vocês dois são.

— Ah, é? — disse Joe.

Tique-taque do relógio. Lá fora, distante, algum bicho uivou. Cachorro ou coiote.

Limpei a garganta.

— São como eu.

— Duvido muito. — Joe outra vez, emendando uma risada seca como o deserto.

— Joe Thompson… é seu nome, certo?

— O que cê quer saber, homem?

— Não é Billy Stiles? Não é William Larkin?

Louis endireitou as costas. O rosto endurecido.

— Quem é você?

— Eu já fui muitos. Como vocês. Como devo chamá-lo? Louis? Ou Jess Dunlop? Ou John Patterson? Ou talvez Jack Três Dedos? E isso é só o começo, não?

Quatro olhos e duas armas me encaravam. Nunca vi ninguém tão rápido em sacar arma como esses dois. Eram eles mesmo.

Apontaram para a pistola que eu carregava.

— Põe na mesa, devagar, direitinho…

Obedeci.

— Não vim atrás de problema. Quero a segurança de vocês. Sei quem são. Conheço pelo menos algumas das pessoas que já foram. Sei que nem sempre trabalharam na mina de cobre. Sei do trem que roubaram em Fairbank. Sei do Expresso do Pacífico Sul no qual pegaram mais do que alguém pode sequer

sonhar. Sei que não precisam trabalhar em mina de cobre. — Joe cerrava os dentes com tanta força que achei que quebrariam, mas eu fui em frente. — Sei que era para vocês dois terem sido baleados 26 anos atrás em Tombston. — Fisguei no bolso a fotografia que Hendrich havia conseguido. — E sei que essas fotografias foram tiradas trinta anos atrás e vocês não envelheceram um só dia.

Eles não olharam as fotos, sabiam quem eram. E sabiam que eu sabia. Eu precisava falar.

— Escutem: não quero causar problemas. Estou explicando que está tudo bem. Há muitas pessoas como vocês. Não sei a história completa, mas parecem da mesma idade. Suponho que nasceram no começo do século XVII. Bem, não sei se já entraram em contato com outra pessoa nessa condição, além de vocês dois, mas garanto que somos muitos. Muitos de *nós*. Talvez milhares. E nossa condição é perigosa. Um médico na Inglaterra a chamou de *anageria*. Se vier a público, seja por termos decidido revelar, seja por nos descobrirem, estaremos em perigo. E as pessoas que amamos estarão em perigo. Seremos trancafiados em um hospício, perseguidos e encarcerados em nome da ciência, ou assassinados pelos servos da superstição. Então, como vocês já devem saber, suas vidas estão em risco.

Louis coçou a barba por fazer.

— Desse lado da pistola, você que parece em perigo.

Joe franzia o cenho.

— Então, o que cê quer saber, homem?

Respirei fundo.

— Tenho uma proposta. Vejam, as pessoas em Bisbee já estão desconfiadas. Boatos. Estamos na era da fotografia. Nosso passado tem evidência. — Enquanto me ouço falar, com medo rondando a voz, percebo o quanto imitava Hendrich. Tudo que dizia era o que Hendrich dizia. Cada palavra vazia. — Há uma sociedade, uma união, trabalhando para o bem coletivo. Tentamos encontrar todos com essa condição, com anageria, e trazê-las para a Sociedade. Ela nos ajuda. Nos auxilia quando precisamos nos mudar e nos tornar outras pessoas. Pode ser com dinheiro, ou documentos.

Joe e Louis trocaram ideia com os olhos. Os olhos de Louis eram mais opacos, menos iluminados pela inteligência. Parecia perigosamente estúpido, mas também era mais maleável. Mais fácil de convencer. Joe era forte, de mente e corpo. Joe segurava a Colt sem tremer.

— De quanto dinheiro tá falando? — Louis perguntou enquanto um inseto

zunia em volta da sua cabeça.

— Depende da necessidade. A Sociedade aloca o orçamento de acordo com os requisitos de cada caso particular. — Nossa, eu tinha me tornado um verdadeiro Hendrich.

Joe balançou a cabeça.

— Não ouviu o homem, Louis? Tá mandando a gente dar no pé de Bisbee. Mas isso num vai dá certo. A gente tá bem aqui. Temos amizade com o pessoal dessas bandas. A gente já vagabundeou muito por esse país todo, desde que a gente desceu do navio faz tempo. Ninguém manda pra onde eu vô.

— Vai ser melhor para vocês. A Sociedade diz que depois de oito anos…

Joe suspirou de uma forma que foi quase um rosnado.

— A Sociedade diz? A Sociedade diz? A gente num tá em Sociedade nenhuma e nunca vai tá. Tá entendendo?

— Sinto muito, mas…

— Quero abrir um buraco nessa sua cabeça.

— Escutem, a Sociedade contatou as autoridades. Eles sabem que estou aqui. Se atirarem em mim, serão pegos.

Ambos riram.

— Ouviu essa, Louis?

— Ouvi sim.

— Melhor a gente explicar pro seu Peter Seiláoquê por que a piada foi engraçada.

— Pode me chamar de Tom. Eu sou como vocês. Já tive muitos nomes.

Joe me ignorou completamente e completou seu pensamento:

— Tá bom, eu conto. A piada é engraçada porque aqui a lei num vale pra gente. Essa cidade num é como as outras. A gente anda ajudando o xerife Downey e a velha P.D. faz tempo.

P.D. Phelps Dodge. Eu sabia o suficiente sobre Bisbee para saber que era a maior mineradora da área.

— Na verdade — Joe continuou —, a gente ajudou na deportação de Bisbee. Cê sabe, né?

Sabia um pouco a respeito. Sabia que, em 1919, centenas de mineradores em greve foram sequestrados e deportados para fora da cidade.

— Então cê vem aqui e fala de propostas e seu sindicato não vai mexer com a gente. O último sindicado que mexeu com a gente foi chutado pro Novo México, com o selo do xerife… Cê tá parecendo com calor, meio

incomodado. Vamos dar uma voltinha pra esfriar seu sangue…

Estava escuro. Escuro como só a noite no deserto.

O ar esfriava, mas eu suava e sentia dores, e a boca amarga pelo uísque estava mais seca que o túmulo que estava cavando havia mais de uma hora.

Balas não são infecções. Não são pestes nem uma das centenas de doenças para quais os albas são imunes. Não havia imunidade para balas de revólver. E eu não queria morrer. Queria ficar vivo para Marion. Hendrich havia me convencido de que estávamos próximos de achá-la.

Ao menos um deles mantinha o revólver fixo em mim o tempo todo. A situação não mudou quando me chamaram para fora do buraco. E todo esse tempo os dois cavalos escuros da dupla permaneceram mascando e fungando um no outro.

— Agora — disse Joe, enquanto eu me erguia para fora, ainda com a pá em mãos. Apoiei-me nela, como se fosse para descansar. — Não vamos enterrar você com o dinheiro. Esvazie os bolsos, coloca tudo no chão.

Eu sabia que esse era o momento. O único que eu teria. Olhei com curiosidade para os cavalos, fazendo com que os dois homens imitassem. Quando os olhos duros e frios de Joe voltaram-se para mim, a pá circulava rapidamente na direção do rosto dele. Ele caiu para trás, semiconsciente, largando a arma, que caiu num baque e levantou poeira.

— Mata ele — balbuciou Joe.

Louis, o que eu apostava que fosse mais covarde, mais devagar no gatilho, atirou enquanto eu procurava a arma no chão. O barulho ecoou no deserto e eu senti a dor nas costas, perto do ombro direito. Mas estava com a arma do Joe na mão do braço bom. Virei e atirei no pescoço de Louis, e atirei de novo, mas dessa vez atingi apenas a escuridão. Depois atirei em Joe duas vezes e o sangue escorreu pela noite. Mesmo com dor, dei um jeito de chutá-los para dentro da cova aberta por mim e jogar terra por cima. Bati na traseira de um dos cavalos e o fiz galopar para longe antes de pular no lombo do outro.

A dor era maior que tudo que eu já tinha experimentado, mas de algum modo consegui seguir e seguir e seguir cruzando o deserto e sobre os morros secos e montanhas e além de uma pedreira que, na minha mente delirante, parecia a escuridão da morte me chamando para si como o rio Styx. Resisti e o cavalo trotou pela noite até Tucson, quando a manhã sangrou lentamente no céu e eu encontrei a hospedaria Arizona, onde Agnes despejou álcool sobre minha ferida e eu mordi uma toalha molhada para mascarar meus berros,

enquanto ela arrancou a bala da minha carne com uma tesoura.

Los Angeles, 1926

O ferimento estava sarando, mas ainda sentia dor no ombro. Estava no restaurante do Hotel e Apartamentos Garden Court, no Hollywood Boulevard. Tudo mármore e colunas e grandeza. Uma mulher hipnotizante, com lábios escuros e face pálida como um fantasma, sentada ali do lado, conversando com dois bajuladores de terno. Era Lillian Gish, a estrela de cinema. Reconheci por conta do filme *Órfãos da tempestade*, que se passava durante a Revolução Francesa.

Fiquei fascinado por alguns instantes.

Durante minha estadia em Albuquerque, onde ficara pelos oito anos anteriores, tinha me apaixonado pelo cinema. A forma como se pode sentar no escuro e esquecer-se de si mesmo, deixar-se sentir o que o filme dizia para sentir, por mais ou menos uma hora.

— Todos vêm aqui — explicava Hendrich discretamente enquanto começava seu linguado com molho de camarão. — Gloria Swanson, Fairbanks, Fatty Arbuckle, Valentino. Semana passada Chaplin sentou-se nesta mesa. Na sua cadeira. Comeu sopa. Foi a refeição dele. Só sopa.

Hendrich sorriu. Eu nunca tinha odiado aquele sorriso até então.

— O que foi, Tom? O filé? Está passado?

— O filé está bom.

— Oh, então foi o que aconteceu no Arizona?

Quase ri.

— O que mais poderia ser? Eu *matei* dois homens.

— Fale baixo. Duvido que a srta. Gish queira ouvir tais coisas. Discrição, Tom, por favor.

— Bem, não entendo por que tivemos que vir aqui. Pensei que tivesse um apartamento lá em cima.

Ele pareceu confuso.

— Eu gosto do restaurante. Gosto de estar entre as pessoas. Não gosta de estar entre as pessoas, Tom?

— Vou contar do que não gosto…

Ele deslizou a mão pelo ar, como se me convidasse para entrar por uma porta.

— Por favor, faça isso. Conte-me do que não gosta. Se isso o faz feliz.

Inclinei-me para sussurrar.

— Não gosto de fugir a cavalo da cena de um crime com uma bala no ombro. Uma *bala*. E… E… — Perdia o fluxo. — Não queria ter feito aquilo. Não queria matá-los.

Ele suspirou filosoficamente.

— O que o dr. Johnson disse? *Aquele que faz de si uma besta se livra da dor de ser um homem*. Sabe o que penso? Penso que está se encontrando. Estava perdido. Nem sabia o que ou quem era. Não possuía propósito. Vivia na pobreza. Arrastava-se, queimando-se para se sentir vivo. Agora veja. Tem um propósito. — Uma pequena pausa. — Esse molho de camarão está divino.

O garçom veio e serviu mais vinho. Nos concentramos na comida até ele desaparecer outra vez. Um piano começou a tocar. Alguns clientes se viraram para olhar o pianista brevemente.

— Só estou dizendo que não gostei. Aqueles homens nunca se juntariam à Sociedade. Você sabia. Devia ter me dito, Hendrich.

— Por favor, tente me chamar de Cecil. Eles me conhecem por Cecil. Minha história é que ganhei dinheiro em São Francisco. Construção civil. Ajudei a reconstruir a cidade depois do terremoto. Não tenho cara de Cecil? Me chame de Cecil. Vão pensar que sou Cecil B. DeMille, e poderei fazer delas estrelas. Posso me dar bem… — Ele dispersou nessa linha de pensamento. — Amo esta cidade. Todo mundo vem pra cá. Todas essas mocinhas caipiras da Dakota do Sul e Oklahoma e Europa. Essa cidade sempre foi assim. Os animais da Era do Gelo vinham pra cá e ficavam presos nos poços de piche que pareciam lagos brilhantes, e o cheiro de carne atraía outros animais que por sua vez ficavam presos no piche grosso. Enfim, sou um predador bonzinho. Elas pensam que já passei dos 78. Setenta e oito!

Imagine. Com 78 eu estava fodendo todo mundo em Flandres. Eu era incorrigível. A quantidade de pedidos de casamento que fiz. Eu era o Valentino das Terras Baixas…

Dei um gole grande do vinho.

— Não posso fazer isso, Hendrich, não posso.

— Cecil, *por favor*.

— Sinto muito por ter ido ver o dr. Hutchinson. Sério, sinto mesmo. Mas quero minha antiga vida de volta. Quero voltar a ser eu.

— Infelizmente isto é, como dizem, impossível. O tempo move-se para a frente. Temos o luxo de ter tempo, mas ainda não podemos revertê-lo. Não podemos pará-lo. Seguimos em via de mão única, como as efemérides. Não pode se livrar da Sociedade da mesma forma que não pode deixar de ter nascido. Você entende, não, Tom? E sua filha, Tom? Vamos encontrá-la. Vamos.

— Mas não encontraram.

— Ainda, Tom, *ainda* não. Eu sinto que ela está por aí, Tom. Eu sei que está. Ela está *lá*, Tom.

Não falei nada. Eu estava com raiva, sim, mas, como muitas vezes é o caso da raiva, era apenas medo projetado. A Sociedade não era nada — não era uma presença física no mundo real, não havia placa encrustada numa pedra do lado de fora de um edifício. Era apenas Hendrich e aqueles que possuíam fé nele. E mesmo assim… Hendrich era o suficiente. Sua *habilidade*. De fato, talvez fosse essa capacidade que sempre me arrastava de volta, com as palavras certas. Talvez não fossem as palavras também. Talvez ele *pudesse* de fato sentir que ela está lá.

Mas um pensamento:

— Se sua habilidade é tão boa, como não sabia? Como não sabia que eles poderiam me matar?

— Eles não o mataram. Se tivessem matado aí, sim, eu teria cometido um erro grave. Mas o fato é que você é um sobrevivente, e eu sei disso, já foi provado. Obviamente, todos nós somos. Mas você… não sei. Há algo de especial. Possui um desejo de viver. A maioria que chega a sua idade pensa que tudo ficou para trás. Mas quando olho para você vejo sede pelo futuro, desejo. Pela filha, sim, mas por algo mais. Pelo grande desconhecido.

— Mas que tipo de vida é essa? Ter que mudar quem você é a cada oito anos?

— Você precisou mudar antes. Qual a diferença?

— A diferença é que eu podia decidir. A vida era *minha*.

Ele balançou a cabeça e sorriu solenemente.

— Não. Você estava em reclusão. Escondendo-se da vida. Escondia-se, ouso dizer, de si mesmo.

— Mas é para isso que a Sociedade serve, não? Esconder?

— Não, Tom, não. Você não entendeu nada. Olhe para nós. No meio do restaurante mais famoso de uma cidade banhada pelo sol que todos desejam visitar. Não estamos escondidos. Não estamos enfiados em St. Albans numa forja. O objetivo da Sociedade é prover estrutura, um *sistema*, que nos permita melhorar nossas vidas. Você faz um favor ocasional, é recrutado, e vive uma vida boa em troca. É a maneira de me agradecer.

— Acabei de passar oito anos em uma fazenda de Albuquerque com nada além de três vacas e cactos por companhia. A Sociedade parece funcionar melhor para outros.

Hendrich balançou a cabeça.

— Tenho uma carta para você, do Reginald Fisher. Lembra? O homem que recrutou em Chicago?

Ele me entregou a carta e a li. Era longa. A frase que se destacou estava perto do fim: *Eu teria traído a Deus e dado cabo em mim se você não tivesse aparecido, mas agora estou tão feliz, sabendo que não sou um espécime bizarro da humanidade, mas parte de uma família*.

— Tudo bem, Arizona foi um erro. Mas nem tudo foi também. Vidas são perdidas na guerra, mas isso não significa que não deve ser guerreada. Você tinha um piano, Tom. Tocava?

— Cinco horas por dia.

— Então quantos instrumentos já sabe tocar?

— Por volta de trinta.

— Impressionante.

— Não muito. Ninguém mais quer ouvir a maioria deles. É difícil tocar Gershwin no alaúde.

— Sim. — Hendrich terminou o peixe, depois me encarou com honestidade. — Você é um assassino, Tom. Sem a proteção da Sociedade, ficaria bem vulnerável agora. Precisa de nós. Mas não quero que fique por pura necessidade, Tom… Eu entendo, entendo. Sim. E nunca vou me esquecer das vidas que salvou ao trazê-las para a Sociedade. De agora em diante, levarei suas necessidades mais em consideração. Alocarei mais recursos para a busca de Marion. Temos pessoas novas. Uma em Londres.

Outra em Nova York. Na Escócia. Em Viena. Vou colocá-los para trabalhar nisso. E, claro, vou custear tudo. Vou ouvi-lo. Vou ajudá-lo no máximo possível. Quero que floresça, Tom. Quero que encontre não apenas Marion, mas o futuro que o aguarda…

Um grupo de homens entrou no salão e foram acompanhados até uma mesa. Um deles tinha o rosto mais reconhecível do planeta. Charles Chaplin. Ele viu Lillian Gish e foi conversar, sua expressão calma pontuada ocasionalmente por um sorriso breve e nervoso. Ela ria graciosamente. Eu tinha respirado o mesmo ar que Shakespeare, e agora o dividia com Chaplin. Como poderia ser ingrato?

— Somos as fibras invisíveis da história — falou Hendrich, como se lesse minha mente. Chaplin nos pegou olhando e nos cumprimentou como se tirasse um chapéu-coco invisível.

— Viu? Falei. Ele ama aqui. Deve ser a sopa. Agora, o que quer fazer da vida?

Considerei a atenção que Chaplin recebia, não havia pesadelo maior. Contemplava a questão quando olhei para o pianista, em seu paletó branco, fechando os olhos e divagando, nota a nota, tecla a tecla, invisível exceto para mim.

— *Isso* — falei, acenando com a cabeça para o pianista. — É isso que quero fazer.

Londres, agora

— Mas por que a Liga das Nações não pôde impedir Mussolini de invadir a Abissínia?

Aamina está sentada na primeira fileira. Séria, cenho franzido, alerta. Segura um lápis e usa uma camiseta que diz “Floco de neve orgulhoso”.

A aula é sobre as causas da Segunda Guerra Mundial, tentando ir de cima para baixo na década de 1930, falando sobre a Itália e a Abissínia, e a Etiópia, em 1935, bem como a ascensão de Hitler em 1933, a Guerra Civil Espanhola e a Grande Depressão.

— Bem, eles tentaram, mas não se esforçaram muito. Sanções econômicas, mas nada muito grave. A questão é que, na época, muitas pessoas não entendiam com o que estavam lidando. Sabe, quando se observa eventos históricos, há sempre duas perspectivas. Antes e depois. Mas na época o caminho era de mão única. Ninguém sabia para onde o fascismo estava indo.

A aula vai indo bem, e a dor de cabeça não está tão mal — acho que fazer as pazes com Camille ajudou —, mas, talvez por conta disso, eu caio no piloto automático. Não estou pensando muito.

— As notícias sobre a Abissínia foram um momento de virada. As pessoas perceberam que *algo* estava acontecendo. Não apenas na Alemanha, mas na Itália também. Com a ordem mundial. Eu me lembro de ler o jornal no dia em que Mussolini declarou vitória e…

Merda.

Paro.

Percebo o que falei.

Aamina, afiada como seu lápis, também percebe.

— Você falou que esteve lá.

Outros dois alunos concordam com a cabeça.

— Não. Eu não estive lá, mas é como se estivesse. Esse é o negócio da história. A gente a habita. É outro presente…

Aamina faz uma cara entretida.

Continuo. Despistei, penso. É um erro bem pequeno, mas que eu nunca cometo.

Durante o intervalo, vejo Camille conversando com alguém no corredor. Encostada nas obras de um aluno inspiradas nas favelas do Rio, muito brilhantes e fauvistas, a cara do fim do século XIX.

Está conversando com Martin. O professor de música sem jeito. Ele está usando jeans e camiseta preta. Ele tem barba e cabelo mais longo que um professor comum. Não tenho ideia do que estão falando, mas Camille ri. Fico estranhamente desconfortável. Então passo ao lado, Martin me vê e sorri como se eu fosse engraçado.

— Oi, Tim. Tá meio perdido? Cadê seu mapa?

— Tom.

— Que foi, cara?

— Meu nome é Tom. Não é Tim. É Tom.

— Tá certo, cara. Me confundi.

Camille sorri para mim.

— Como foi a aula? — pergunta com olhos de detetive. Um detetive sorridente.

— Tudo bem.

— Escuta, Tom, todas as quintas alguns dos professores se encontram no Coach and Horses pra um drink. Às sete. Eu, Martin, Isham, Sarah… Vem também. Não é, Martin?

Martin dá de ombros.

— É, ué, se quiser, manda ver.

Claro que devo dizer *não*. No entanto, quando olho Camille, digo:

— Sim, claro. Coach and Horses, às sete. Legal.

Um interlúdio sobre o piano

Eu me mudava de lugar para lugar e de época para época como uma flecha imune à gravidade.

As coisas melhoraram, de fato, por um tempo curto.

Meu ombro sarou.

Voltei a Londres. Hendrich arrumou uma vaga para mim como pianista em um hotel da cidade. A vida era boa. Eu bebia coquetéis e flertava com mulheres elegantes em vestidos bordados com pérolas e depois saía à noite para dançar jazz com playboys e melindrosas. Era a época perfeita para mim, na qual amizades e relacionamentos eram intensos e se apagavam rapidamente na devassidão regada à gim. Os *loucos* (e ribombantes) anos 20. É como chamam essa década hoje em dia, certo? E eram loucos mesmo, comparados aos tempos anteriores. Claro, as décadas londrinas de antes também foram malucas e barulhentas — a década de 1630 foi animalesca com seus mugidos, e a de 1750, cômica com suas gargalhadas —, mas era diferente. Pela primeira vez, havia sempre um som, em algum lugar de Londres, que não era natural. O barulho dos motores de carros, da trilha sonora de filmes, de estações de rádio, o som de humanos se excedendo.

Era a era do barulho, e, de repente, tocar música ganhou uma nova importância. Tornava-lhe um mestre do mundo. Entre a cacofonia acidental da vida moderna, ser capaz de tocar música, de dar *sentido* ao barulho, era algo que o tornava um tipo de deus momentâneo. Um criador. Um ordenador. Um doador de conforto.

Eu gostava do meu papel nessa época. Daniel Honeywell, nascido em Londres, mas que teclava o marfim para turistas de classe alta e *émigrés* em transatlânticos desde a Grande Guerra. No entanto, lentamente, uma melancolia tomou conta. Na época, pensei se tratar de outro episódio de melancolia pessoal, a futilidade de amar uma mulher morta havia tanto tempo. Mas também acho que foi resultado de estar afinado com a época.

Queria fazer algo. Estava cansado de simplesmente fazer coisas para mim mesmo. Queria fazer algo para a humanidade. Eu era humano, afinal, e minha empatia por outros humanos não se restringia àqueles com a maldição — ou benção — da hiper-longevidade.

— Culpa pelo tempo — foi o nome que Agnes deu quando conversei com ela a respeito. Ela tinha vindo até Londres me ver, no fim dos meus oito anos. Ela estivera vivendo em Montmartre. Tinha muitas histórias para contar. Ainda era divertida.

— Sinto certo pavor — contei. Os pés dela descansavam sobre minha barriga enquanto fumávamos cigarros deitados na cama do meu apartamento em Mayfair. — Ando tendo pesadelos.

— Andou lendo o sr. Freud?

— Não.

— E não leia. Vai se sentir pior. Aparentemente, não temos controle sobre nós mesmos. Somos governados pelas partes inconscientes da nossa psiquê. A única verdade que podemos ter esperança de encontrar sobre nós mesmos está nos sonhos. Ele diz que a maioria não quer ser livre. Pois ser livre envolve responsabilidade, e a maioria teme a responsabilidade.

— Acho que esse Freud obviamente nunca teve que mudar de identidade a cada oito anos para sempre.

Então fomos para o que Agnes chamava de “aventura”: uma missão que Hendrich nos tinha dado via telégrafo. Faríamos essa missão juntos. *Dirigimos* um *carro* até Yorkshire. Na região rural sombria, num asilo para doentes mental lúgubre da era gótica chamado hospital High Royds, havia uma mulher internada por contar a verdade sobre sua condição. Nós a sequestramos. Agnes segurou um lenço com clorofórmio sobre a face de três membros da equipe, e depois tivemos que fazer o mesmo com a coitada da Flora Brown, compreensivelmente assustada pela aparição de dois estranhos cujos rostos estavam cobertos por um cachecol.

Enfim, a carregamos para fora e escapamos com facilidade e, por algum motivo — Vergonha do hospital? Completo desprezo pelos pacientes?

Incapacidade das autoridades locais? —, o incidente nunca foi reportado pela imprensa. Se tivesse sido, nós estaríamos seguros, Hendrich teria dado um jeito, mas não foi, e eu sempre achei isso muito triste.

Flora era jovem. Tinha apenas oitenta anos. Parecia ter 17 ou 18. Era uma coisinha assustada, gaga e prejudicada quando a encontramos, mas a Sociedade a salvou, de verdade, como fizemos a muitos outros. Ela achava realmente que era louca, e descobrir-se sã fez com que chorasse de alívio. Ela foi para a Austrália com Agnes e começou uma nova vida. Depois foi para os Estados Unidos e começou outra. O ponto é: a Sociedade fazia o bem. Salvava pessoas. Flora Brown. Reginald Fisher. E muitos, muitos outros. E talvez a mim mesmo também. Percebi que Hendrich tinha razão. Havia significado e propósito em tudo isso. Nem sempre eu acreditava nele — na maioria das vezes —, mas eu acreditava no *serviço*.

Eu não queria voltar a Londres. Escrevi um telegrama para Hendrich avisando que meus patrões no Ciro's me arrumaram uma vaga no restaurante deles num hotel de Paris. Então fui morar em Montmartre, no apartamento em que Agnes estava morando. Eu era "irmão" dela. Por um momento breve, nos conectamos. Menciono isso porque tivemos uma conversa muito interessante. Ela me disse que, conforme envelhecemos, por volta da marca de meio milênio, os albas desenvolvem uma percepção profunda.

— Que tipo de percepção?

— É incrível. Uma espécie de terceiro olho. A sensação de tempo se torna tão profunda que dentro de um único instante enxergamos tudo. Podemos ver passado e futuro. É como se tudo parasse e, naquele instante, entende como tudo será.

— E isso é bom? Parece horrível.

— Não é bom nem ruim. Apenas *é*. Uma sensação incrivelmente poderosa, na qual tudo se torna claro.

A conversa me marcou por muito tempo depois de ela já ter ido embora. Eu desejava essa clareza numa época em que mal podia entender meu presente, quanto mais o futuro.

Depois de um tempo, me mudei para Montparnasse e escrevi muita poesia. Certa vez, escrevi um poema num cemitério, recostado na lápide de Baudelaire, e tocava piano todas as noites e fazia amizades superficiais com poetas e pintores e artistas, que geralmente duravam uma única noite.

Eu me ancorei na música. Além do Ciro's, às vezes tocava num clube de

jazz chamado Les Années Folles. Eu tocava piano continuamente havia três décadas e havia se tornado algo natural. O piano pode carregar muita coisa. Tristeza, felicidade, alegria idiota, arrependimento, dor. Às vezes tudo de uma vez só.

Eu seguia uma rotina: começava o dia com um cigarro Gauloise, depois seguia para o Le Dôme Café no Boulevard du Montparnasse para comer alguma coisa (eu costumava sair do apartamento já por volta do meio-dia). Às vezes, tomava café. Na maior parte dos dias, era conhaque. Álcool se tornou mais do que álcool. Tornou-se liberdade. Beber vinho e conhaque era quase um dever moral. E eu bebia e bebia e bebia, até quase me convencer de que era feliz.

Mas havia a sensação de algo desequilibrado. Aqueles tempos pareciam desconjuntados. Decadência demais. Intensidade demais. Mudanças demais. Felicidade demais sobreposta a miséria demais. Riqueza demais ao lado de pobreza demais. O mundo se tornava mais rápido e mais alto, e os sistemas sociais se tornavam mais caóticos e fragmentados, como canções de jazz. Havia um desejo, em certos lugares, por simplicidade, por ordem, por bodes expiatórios, por líderes valentões, por nações que se tornassem religiões ou cultos. De vez em quando isso acontecia.

Na década de 1930, parecia que o futuro da humanidade estava comprometido. Como parece hoje em dia, frequentemente. Muitas pessoas queriam respostas fáceis para questões complicadas. Era uma época perigosa para ser humano. Para sentir ou pensar ou se importar. Então, depois de Paris, parei de tocar o piano. E nunca mais toquei. O piano descontava em mim. Sempre pensava se algum dia tocaria outra vez. E não sei se jamais tocaria se não estivesse sentado ao lado de Camille quando a oportunidade surgiu.

Londres, agora

— Eu gosto de coisa velha — dizia Martin, exibindo seus conhecimentos, antes de tomar um gole da cerveja lager. — Hendrix principalmente, também Dylan, The Doors, os Stones. Você sabe, coisas de antes da gente nascer. Antes de tudo ser tão comercial.

Não gosto do Martin. A coisa boa de se estar por aí há quatrocentos anos é que sacamos uma pessoa bem rapidinho. E todas as épocas estão cheias de Martins, e são todos babacas. Me lembro de um Martin chamado Richard que ficava bem ao lado do palco no Minerva Inn em Plymouth, nos anos 1760, balançando a cabeça a cada música que eu tocava, cochichando para a pobre prostituta sentada no seu colo sobre meu péssimo gosto musical, ou gritando o nome de uma balada popular melhor do que aquela que eu tocava.

Enfim, aqui estamos, sentados a uma mesa do Coach and Horses. A mesa é pequena, de uma madeira escura, com a textura e a cor da parte de trás de um alaúde, e mal consegue conter a variedade de drinks e batatas e amendoins que despejamos ali. A atmosfera do pub é calma e civilizada, embora seja porque agora eu tenho o Minerva Inn e seu ambiente fedido e tumultuado em mente.

— Oh, eu também — disse Isham. — Mas todos os professores de geografia gostam dessas pérolas.

Todo mundo revira os olhos por conta da piada infame, até mesmo Isham.

— Mas também curto um pouco de hip-hop dos anos oitenta — Martin precisa acrescentar. — De La Soul, A Tribe Called Quest, PE, NWA, KRS-

One…

— Alguma coisa mais moderna? — pergunta Camille.

Ele olha muito rapidamente para o peito dela, depois sobe para os olhos.

— Não muito. Nada que você conheça.

— Deve ser mesmo. Afinal, sou francesa. Não tem música por lá. Nadinha. — Ele parece não entender o sarcasmo gentil dela, ou talvez não ouviu, mas eu gostei.

— Ok — diz Martin. — E você curte o quê?

— Sou bem eclética, acho. Beyoncé. Leonard Cohen. Johnny Cash. Bowie. Um pouco de Jacques Brel. Mas *Thriller* é meu álbum preferido de todos os tempos. E "Billie Jean" é a melhor música pop.

— "Billie Jean"? — repito. — É muito boa.

Martin vira-se para mim.

— E você? Curte música?

— Um pouco.

Ele abre os olhos, esperando uma definição melhor.

— Você toca alguma coisa? — Camille pergunta, franzindo a testa, como se houvesse mais na pergunta do que aparenta.

Dou de ombros. Seria fácil mentir, mas escapa.

— Um pouco de violão, um pouco de piano…

— Piano? — Camille arregala os olhos.

Sarah, a professora de educação física, em uma camisa larga de rúgbi galês, aponta para um canto.

— Sabia que eles têm um piano aqui? Quem quiser pode tocar.

Olho para o piano. Eu estava tentando com tanto esforço atuar como uma efemérida comum que não o notei quando entramos.

— Ah, é, você pode dar uma palhinha — diz o barman, um fortão de vinte e poucos anos, com uma barbinha rala, que está recolhendo nossos copos vazios.

Começo a entrar em pânico, da mesma forma que alguém entra em pânico quando oferecem uma droga que se esforçou para largar.

— Não, tô de boa.

Martin, notando minha vergonha diante de Camille, insiste.

— Ah, vai lá, Tom. Eu fui semana passada. É sua vez.

Camille me olha com dó.

— Não precisa. Não é obrigatório. Se ele não quiser, não precisa.

— Bom — me pego falando —, faz tempo que não toco.

Não quero que ela sinta pena de mim, e talvez seja por isso que me levanto e vou até o piano riscado e detonado, passando pelos outros únicos clientes do lugar: três amigos grisalhos encarando o eterno pesar mudo de homens velhos dentro das canecas semicheias de cerveja amarga.

Sento-me na banqueta e o salão emudece em expectativa. Bem, exceto por uma risadinha cínica de Martin.

Encaro as teclas. Não toco piano desde Paris. Não de verdade. Foi a melhor época de um século atrás. Havia algo no piano, comparado ao violão. Ele exige mais. Custa muita emoção.

Eu não sabia o que tocar.

Levanto as mangas.

Fecho os olhos.

Nada.

Toco a primeira coisa que surge na mente.

“Greensleeves”.

Estou num pub, na zona leste de Londres, tocando “Greensleeves” no piano. Martin dá risada mas eu continuo. “Greensleeves” vira “Under the Greenwood Tree”, que gera saudade de Marion, então mudo para *Liebestraum No. 3*, de Liszt. E, quando chego a “The Man I Love”, de Gershwin, Martin não está mais rindo, e agora estou dentro da música. Sinto-me exatamente como me sentia em Paris, no Ciro’s. E me lembro do que o piano é capaz.

Mas então outras memórias emergem, e minha cabeça lateja enquanto a mente sente uma espécie de câimbra emocional.

Quando, afinal, paro e olho o grupo, bocas estão abertas. Camille inicia os aplausos. Até mesmo os três velhos e os funcionários do bar se juntam.

Martin balbucia:

— “Greensleeves”.

Isham me elogia:

— Foi épico!

Sarah se vira para Martin:

— Você vai perder o emprego!

Ele manda Sarah se foder.

Sento-me no lugar ao lado de Camille.

— Quando você tocou, eu tive aquela sensação de novo. Como se já tivesse visto você tocar antes. Um *déjà-vu* ou algo do tipo.

Dou de ombros.

— Bom, dizem que *déjà-vu* existe mesmo.

— Sintoma de esquizofrenia — acrescenta Martin.

— Mas realmente — diz Camille, a mão tocando a minha, depois a retira antes que alguém veja. — Foi incrível. *Si merveilleux.*

E eu sinto uma momentânea porém intensa onda de desejo. Há séculos eu não sentia desejo sexual verdadeiro por outra pessoa, mas quando olho Camille, quando ouço sua voz forte e gentil, quando vejo as rugas delicadas no seu olhar, quando sinto a pele de sua mão contra a minha, quando olho sua boca, minha mente pensa em como seria estar com ela, me perder nela, sussurrar meus desejos em seu ouvido, devorar e ser devorado. Acordar na mesma cama e conversar e rir e ficar num silêncio confortável. Servir café da manhã. Torrada. Geleia de groselha. Suco de toranja. Talvez melancia. Fatiada. Num prato. Ela sorriria, e eu vejo na minha mente, o sorriso, e eu teria a audácia de me sentir feliz com outro ser humano.

Isso é o que o piano faz.

O perigo dele.

Ele o torna humano.

— Tom? — chama ela, me acordando do sonho. — Quer beber mais alguma coisa?

— Não, valeu — digo, envergonhado, como se eu fosse um livro aberto cujos segredos estariam expostos na página para que todos vissem. — Já bebi bastante.

Isham saca o celular.

— Alguém quer ver o ultrassom? É 3D.

— Oh — diz Camille —, eu!

Isham e a esposa vão ter um bebê. Nos juntamos em volta da imagem de ultrassom em movimento. Lembro quando começaram a falar do conceito de ultrassom na década de 1950. Até hoje parece algo do futuro. Embora seja o tipo de futuro estranho que o faz ver um ser humano em potencial como o ser de barro primitivo e delicado que é. Como observar uma escultura pela metade em busca de definição.

Eu noto, por um segundo, que Camille encara a cicatriz no meu braço. Puxo as mangas para baixo.

— Não sabemos o sexo. Zoë quer uma surpresa. — Uma lágrima brilha no olho dele.

— Eu diria que é um menino. — Martin aponta para a tela.

— Isso não é um pênis — diz Isham.

Martin dá de ombros.

— É um pênis.

Encaro a tela e lembro o que senti quando Rose me disse que estava grávida. O que Rose acharia desses ultrassons. Será que ela gostaria de saber o sexo? Recosto-me e fico mais quieto. Sinto culpa. A culpa por desejar alguém que não seja Rose.

Tão ridículo.

E eu me disperso, esquecendo a dor de cabeça, esquecendo esse Coach and Horses, e imaginando que se trata do Boar’s Head, em Eastcheap, e que poderia sair noite afora e caminhar pelas ruas estreitas até alcançar Rose e Marion e uma versão de mim abandonada há séculos.

Londres, 1607–1616

Em 1607, eu tinha 26 anos de idade.

Obviamente, eu não *aparentava* essa idade, mas já estava com uma aparência levemente mais velha em relação à época em que trabalhara em Bankside. Quando entendi que era diferente, pensei que meu físico ficaria congelado no tempo, mas então, lentamente, muito lentamente as coisas aconteciam. Por exemplo, *pelos*. Virilha, peito, axilas e face possuíam mais pelos do que antes. Minha voz, que tinha começado a engrossar aos 12 anos, tornou-se mais grave. Meus ombros, um pouco mais largos. Meus braços sentiam menos dificuldade em trazer água do poço. Tinha mais controle sobre as ereções. E meu rosto, de acordo com Rose, estava mais másculo. Eu estava tão mais adulto que Rose sugeriu que nos casássemos, e assim fizemos, em um casamento sem pais, com Grace por testemunha.

Grace também havia se casado. Tinha noivado alegremente com o seu exato oposto — um aprendiz de sapateiro tímido, envergonhado e temente a Deus chamado Walter — aos 17 anos e morava com ele num chalezinho em Stepney.

Depois que nos casamos, Rose e eu nos mudamos também. O motivo era simples. Quanto mais tempo ficávamos num lugar, mais perigoso se tornava. A ideia de Rose era se distanciar, ir para um vilarejo, mas eu conhecia os perigos potenciais disso, então sugeri o oposto. Sugeri morarmos entremuros, onde pudéssemos desaparecer na segurança das multidões. Assim nos mudamos para Eastcheap e a vida foi boa por um tempo.

Sim, havia podridão e ratos e miséria à nossa volta, mas tínhamos um ao outro. O problema era, claro, que, embora eu envelhecesse, não era na mesma velocidade que Rose. Ela agora tinha 27 anos e aparentava tê-lo. Enquanto eu começava a ter aparência de filho dela.

Eu dizia que tinha 18 anos, o que dava para passar, pelo menos no Boar's Head Inn, onde comecei a tocar quase todas as noites, mas quando Rose me contou que não sangrava mais, que pensava estar grávida, eu já achava que ela estava em perigo. E era verdade. Eu não sabia se a notícia era maravilhosa ou devastadora. Ela estava grávida. Mal tínhamos dinheiro para nos alimentar, e agora haveria uma terceira boca para comer.

Claro que havia outras preocupações também. Temi que algo poderia acontecer com Rose. Afinal, tinha ouvido tantas histórias de morte durante o parto que parecia algo corriqueiro. Então mantinha as janelas fechadas para afastar o frio. E rezava para Deus protegê-la.

E, pela primeira vez na minha vida, nada terrível aconteceu.

O que aconteceu foi isto: tivemos uma filha e lhe demos o nome de Marion.

Eu a segurava no colo, embrulhada no cueiro, e cantava em francês para acalmá-la quando chorava. Em geral, funcionava.

Eu a amei instantaneamente. Claro, a maioria dos pais ama os filhos instantaneamente. Mas menciono isso aqui porque ainda me impressiono. Onde estava esse amor antes? Onde o adquiri? O modo súbito como aparece, total e completo, como uma espécie de luto ao contrário, é uma das maravilhas do ser humano.

Ela era pequena. Obviamente, bebês, em sua maioria, são pequenos e delicados, mas, naquela época, delicadeza era uma preocupação.

— Ela vai vingar, Tom? — dizia Rose enquanto Marion dormia e nós olhávamos, procurando conforto em cada respiração dela. — Deus não vai levá-la, vai?

— Não. Ela é forte como um touro — eu respondia.

Rose era obcecada com as lembranças de Nat e Rowland, seus irmãos falecidos. Sempre que Marion tossia — ou fazia qualquer tipo de barulho vagamente semelhante a um tossido —, Rose ficava pálida e declarava:

— Foi assim que começou com Rowland!

À noite, ela observava as estrelas, sem saber ao certo o que procurava, mas sabendo que o destino de nós três estava escrito nelas.

Toda essa ansiedade prejudicou Rose, que se tornou uma pessoa muito

quieta e taciturna nos meses seguintes. Ficou pálida e cansada, e se culpava por ser uma mãe terrível, o que não era. Penso se era uma espécie de depressão pós-parto. Ela estava sempre acordada antes do amanhecer. E se tornou mais religiosa do que nunca, rezando com Marion no colo. Perdeu o apetite, comendo apenas umas colheradas de ensopado por dia. Não trabalhava mais, nem vendia mais frutas no mercado, ocupada com Marion, e penso que sentia falta da companhia e da animação da época. Portanto, encorajei Grace a vir visitá-la, o que ela fazia de vez em quando, trazendo roupas de bebês e unguentos calmantes do boticário, além do humor vulgar.

Tínhamos vizinhos amáveis, Ezekiel e Holwice, que tiveram nove filhos, dos quais cinco ainda estavam vivos. Holwice — embora já com cinquenta anos e trabalhando na lavagem da lã na azenha — tinha muitos conselhos sobre o cuidado de bebês. Era o de sempre. Abra as janelas para afastar maus espíritos. Nada de banho. Uma gota de leite materno e água de rosas na testa do bebê para dormir melhor.

Mas Rose pensava que tudo colocava a pequena Marion em risco (e ela era *pequena*, o que piorava a preocupação). Ela ficava brava consigo mesma, ou comigo, se, por exemplo, algum de nós coçasse a cabeça.

— É um hábito sujo, Tom. Pode deixá-la doente!

— Tenho certeza que não.

— Tem que parar, Tom. Tem que parar. E não deve arrotar perto dela.

— Eu não sabia que arrotava perto dela.

— E deve limpar a boca depois de tomar cerveja. E ficar quieto quando chega em casa à noite. Sempre a acorda.

— Desculpe.

Outras vezes, quando Marion estava dormindo, Rose começava a chorar sem motivo aparente e pedia para abraçá-la, o que eu fazia. Com frequência, ao voltar de uma noite tocando, eu ouvia suas lágrimas assim que entrava pela porta.

Enfim, não sei por que me alongo nisso, durou apenas alguns meses. Ao fim do verão, Rose voltou à sua antiga personalidade. Suponho que esteja contando isso pois piora minha culpa. Eu sabia, no fundo, que eu piorava tudo. Rose tinha sido a forte, a organizadora, quem tinha iniciativa, que sempre sabia qual a melhor opção. Foi a força dela que permitiu que se casasse comigo, mesmo sabendo de tudo.

Mas, de repente, suas dúvidas aumentaram. Pois mesmo se Marion sobrevivesse à infância, e depois? O que aconteceria quando parecesse mais

velha que o pai? As questões, ambos sabíamos, se procriariam feito coelhos.

Eu tinha uma nova preocupação também. Enquanto Rose se afligia com a sobrevivência de Marion ou se me ultrapassaria, eu me preocupava com igual intensidade que não. O que quero dizer: que ela fosse como eu. Temia que ela fosse anormal. Que chegaria aos 13 anos e depois pararia de envelhecer. Meu medo era que Marion enfrentasse os mesmos problemas, ou até piores, pois eu sabia (claro que sabia) que as mulheres eram quem morria no leito de rios para provar sua inocência.

Eu não conseguia dormir, independentemente da quantidade de cerveja que bebia (quantidade que aumentava diariamente). Eu continuava pensando em Manning, ainda vivo, provavelmente ainda em Londres. Embora nunca o encontrássemos, eu o *sentia*. Às vezes, pensava sentir sua proximidade, sua essência malévola nas sombras, nas fossas ou no ponteiro do relógio da igreja.

A superstição aumentava por toda a parte. As pessoas gostam de, ocasionalmente, achar que a vida humana em geral segue um crescendo vertical na direção da iluminação, do conhecimento e da tolerância, mas devo dizer que essa nunca foi minha experiência. Não é assim neste século e não foi assim naquele. A ascensão do rei James ao trono fez com que a superstição multiplicasse. Não apenas ele escreveu *Demonologia*, mas também pediu a tradutores puritanos que modificassem a Bíblia de forma a aumentar a intolerância.

A lição da história é que ignorância e superstição são coisas que podem surgir, dentro de quase todo mundo, a qualquer momento. E o que começa como dúvida na mente pode rapidamente se tornar ação no mundo.

E assim nossos medos aumentavam. Certa noite, no Boar’s Head, um grupo de homens começou uma briga quando se viraram contra um membro do próprio grupo e o acusaram de adoração ao diabo. Outra noite, conversei com um açougueiro que se recusava a receber a carne de porco de certo fazendeiro pois acreditava que todos os animais dele eram “espíritos do mal” e a carne poderia corromper a alma. Ele não possuía prova alguma, mas acreditava nisso com tamanha paixão. Lembrou-me o caso do porco em Suffolk que foi julgado e queimado por ter sido considerado um demônio.

Nunca fomos ao Globe assistir a *Macbeth*, por motivos óbvios, mas não foi coincidência que esse conto sobre política e malevolência sobrenatural fosse o entretenimento mais popular e discutido da época. Imagino, agora, se Shakespeare teria sido tão bondoso comigo. Se nesse novo ambiente ele

acreditaria que a morte de Henry Hemmings fosse justificada. Mas eu também tinha preocupações mais específicas.

Havia um homem no fim da nossa rua, bem-vestido, que lia em voz alta e enfaticamente diálogos da *Demonologia* e trechos da Bíblia do rei James. Além disso, quando Marion tinha quatro anos, mesmo nossos bondosos vizinhos, Ezekiel e Holwice, começavam a me olhar esquisito. Não sei se porque perceberam que eu não envelhecia ou se porque a diferença de idade entre Rose e eu começava a se evidenciar. Ela já parecia uma década mais velha.

E embora nunca tenhamos visto Manning outra vez, eu ouvia falar dele.

Certa vez, na rua, uma mulher que eu nunca tinha visto veio até mim e enfiou o dedo no meu peito.

— O sr. Manning me contou sobre você. Contou para todo mundo… Dizem que você tem uma filha. Eles deviam tê-la esganado ao nascer, para garantir.

Em outra ocasião, Rose estava sozinha com Marion e recebeu uma cusparada, por morar com o "encantador".

Marion, agora uma menina, percebia tudo. Era uma criança inteligente e sensível, sempre melancólica. Ela chorou depois desse incidente. Ficava bem quietinha ouvindo nossas conversas sobre esses anseios.

Lentamente, para o bem dela, mudamos nosso modo de vida. Fazíamos questão de nunca sairmos juntos. Tentávamos impedir os questionamentos. E conseguíamos.

Marion, por ser uma menina e por não ser da realeza, não frequentava a escola. Mesmo assim, considerávamos importante que aprendesse a ler para ampliar sua mente e ter lugares em seu pensamento onde se esconder. Ler era uma habilidade incomum na época, mas eu sabia. E como cresci com uma mãe que sabia ler (em francês, claro), não via nada de errado com uma garota letrada.

Ela se mostrou uma leitora capaz e curiosa. Possuíamos apenas dois livros, mas ela os amava. Aos seis anos, conseguia ler *A rainha das fadas*, de Edmund Spenser. Aos oito, citava Michel de Montaigne. Eu possuía uma tradução do inglês de seus ensaios, a qual adquiri anos antes no mercado das quartas-feiras de Southwark. O livro, de dois centavos, já estava estragado — páginas soltas da lombada. Ela via, por exemplo, a mãe tocar minha mão e dizia:

— Um bom casamento, caso exista, assemelha-se mais à amizade que ao

amor.

Ou, ao ser questionada por estar triste:

— A minha vida foi cheia de terríveis infortúnios, a maioria dos quais nunca aconteceu.

— Isso é Montaigne, não?

Ela assentia delicadamente.

— Cito outros somente para me expressar melhor — dizia, o que, por sua vez, era outra citação.

Então, certo dia, leu algo diferente.

Às vezes, ela saía sozinha de manhã para brincar. Um dia, ela voltou, enquanto eu aprendia outra canção no alaúde — "I Saw My Lady Weepe", de John Dowland —, e parecia que alguém a tinha estapeado o rosto.

— O que foi, querida?

Ela parecia sem fôlego. Demorou a responder. Me olhava de cara fechada, com intensidade e seriedade maduras para sua idade.

— Você é o Satanás, papai?

Dei risada.

— Apenas pelas manhãs.

Ela não estava com humor para piadas, então acrescentei rapidamente:

— Não, Marion. Por que está perguntando isso?

E então ela me mostrou.

Alguém havia riscado as palavras "Residência do Satanás" na nossa porta. Era horrível ver aquilo, mas era mais horrível saber que Marion também havia visto.

E quando Rose viu ela sabia o que deveria ser feito.

— Precisamos deixar Londres.

— Mas para onde ir?

Para Rose, isso era uma questão secundária. Estava resoluta.

— Precisamos começar de novo.

— Para fazer o quê?

Ela apontou para o alaúde encostado ao lado da porta.

— As pessoas de outros lugares também gostam de música.

Encarei o alaúde. A escuridão dos pequenos buracos entre os adornos torneados da madeira. Imaginei, ridiculamente, um mundo ali dentro. Bem fundo no corpo do alaúde. Onde uma versão em miniatura de nós mesmos poderia viver, segura e invisível e ilesa.

Londres, agora

Levei meu alaúde para a turma do nono ano. Seguro o instrumento enquanto me recosto à mesa.

— Este foi feito à mão há mais de quatrocentos anos na França. O design é um pouco mais intrincado que o dos alaúdes ingleses da mesma época.

— Então isso é um violão de antigamente? — indaga Danielle.

— Alaúdes não são tecnicamente violões. São primos próximos, obviamente, mas o alaúde tem um som mais suave. Olhem o formato. De lágrima. E olhem a profundidade. Olhem atrás. Chama-se concha. As cordas são feitas de intestino de ovelha. Eles fornecem um som preciso e perfeito.

Danielle faz cara de nojo.

— Esse era *o* instrumento da época. Teclado e guitarra num só. Até a rainha possuía um. Mas tocar em público era um pouco vulgar, de modo que as camadas mais baixas é que costumavam fazer isso.

Toquei algumas notas. As primeiras de “Flow My Tears”. Não causou muito efeito.

— Essa música fez muito sucesso.

— Nos anos oitenta? — quer saber Marcus, um garoto com relógio dourado e penteado complicado que se senta ao lado de Anton.

— Um pouquinho antes.

Isso me faz lembrar algo.

Começo a tocar uma corda — a Mi menor — e continuei dando estocadas curtas antes de mudar para Lá menor.

— Conheço essa música — conta Danielle. — Minha mãe adora.

Anton sorri e balança a cabeça. E então começo a cantar as letras de “Billie Jean”, em um falsete levemente ridículo.

A classe toda gargalha. Alguns cantam junto.

E então, por conta da comoção, Camille e o sétimo ano, a caminho da aula de francês ao ar livre no campo de futebol, param e me olham. Camille abre a porta para ouvir.

Ela bate palmas no ritmo detrás do vidro. Ela sorri e fecha os olhos e canta o refrão.

E então os olhos dela se abrem e caem sobre mim e me sinto alegremente assustado ou assustadoramente alegre, e em seguida Daphne aparece no corredor e paro de tocar. Todas as crianças emitem um gemido de reclamação coletivo. E Daphne fala:

— Não pare por minha causa. Sempre há tempo para uma versão de Michael Jackson na Oakfield. Eu amo essa música.

— Eu também — diz Camille.

Mas é claro que isso eu já sei.

Canterbury, 1616–1617

Foi em Canterbury que muitos dos huguenotes franceses, pessoas como minha mãe e eu, se assentaram. O duque de Rochefort tinha, inclusive, recomendado à minha mãe que morasse em Londres ou Canterbury, contando que este último — um "lugar abençoado" — era muito acolhedor para forasteiros em busca de refúgio. Minha mãe ignorou o conselho e foi atrás da calmaria de Suffolk, confundindo, fatalmente, quietude com segurança. Mas eu havia guardado o conselho.

Então nos mudamos para Canterbury.

Arrumamos um chalé quente e confortável, pagando menos que em Londres. Ficamos impressionados pela catedral e o ar puro, mas outras coisas eram difíceis. Inclusive trabalhar.

Ninguém pagava para músicos em hospedarias e cervejarias por ali, e não havia trabalho em teatro também. Fui tocar na rua, que ficava cheia apenas quando a multidão se aglomerava na praça da feira.

Quando o dinheiro apertou (depois de apenas duas semanas), Rose e Marion, agora com nove anos, começaram a vender flores. Marion era uma menina maravilhosamente musical que vivia citando Montaigne. Eu costumava falar em francês com ela e ela aprendeu, embora Rose não gostasse muito disso, pensando que a educação poderia ser mais alguma coisa que a destacasse.

Às vezes, Marion ficava andando em círculos na sala, no seu próprio mundinho, cantarolando canções baixinho, ou estalando os lábios para se

divertir. Ela parecia, com frequência, estar em outro mundo, olhando com desejo para fora da janela. Por vezes, uma preocupação lhe marcava a testa, mas ela nunca me contava o quê. Me lembrava muito a avó dela. A sensibilidade e a inteligência e a musicalidade. O mistério. Ela preferia tocar o pifarito (uma flautinha de dois centavos da feira) ao alaúde. Ela gostava de música "de sopro não de toque".

Ela tocava a flauta na rua. Andava e tocava. Eu lembro uma manhã de sábado maravilhosa — com o sol iluminando o mundo —, quando Marion e eu seguíamos para a cidade para buscar os sapatos de Rose no sapateiro. Enquanto eu conversava com o homem, Marion ficou lá fora e tocou "Under the Greenwood Tree".

Alguns momentos depois, ela correu para dentro com um pêni de prata brilhante como o dia na mão. Um raro e amplo sorriso no rosto. Eu nunca a vira tão feliz.

— Uma senhora me deu isso. Vou guardar esta moeda e ela vai nos trazer sorte, pai, você vai ver.

No entanto, nossa sorte não durou muito.

No dia seguinte, estávamos todos a caminho da igreja, em família, quando um grupo de adolescentes começou a tirar sarro.

Riam de Rose e eu de mãos dadas, e então soltamos, depois nos olhamos, envergonhados pela vergonha.

Depois, nosso senhorio, um texugo grunhidor em forma de homem chamado sr. Flint, começou a nos perguntar todo tipo de coisa quando vinha recolher o aluguel.

— Você é filho dela ou…?

— Sua filha sabe falar francês, é?

E com inevitabilidade impiedosa, as coisas desceram ladeira abaixo. Os boatos ganharam vida ali também. Começamos a habitar um mundo de sussurros e olhares feios e viradas de costas. Era fácil pensar que até as estrelas tiravam sarro. Paramos de ir à igreja, para tentar nos esconder das vistas, mas é claro que isso apenas atiçou as chamas da desconfiança. Em vez de riscar palavras na madeira da porta, desenharam círculos em volta da árvore do lado de fora, para espantar os maus espíritos com que achavam que nos associávamos.

Um dia, na feira, um homem que se dizia caçador de bruxas abordou Marion e contou-lhe que ela era filha de uma bruxa que mantinha o marido jovem para seu prazer. E então falou que ela, por ser progenitura de bruxa,

devia também ser um demônio.

Marion não abaixou a cabeça, o que piorou tudo, dizendo ao homem que "um monstro que se depara com um milagre enxerga um monstro". Não é uma citação de Montaigne, mas certamente foi influenciada por ele. Mas, pouco depois que ele foi embora, Marion chorou até cansar e ficou muda pelo resto do dia.

Rose ficou quase doente de medo, a voz tremia quando me contou sobre o incidente, após Marion ter acordado de um pesadelo e depois voltado a dormir.

— Por que esses vermes não nos deixam em paz? Temo tanto por ela. Por todos nós.

Uma lágrima surgiu no olho dela enquanto o rosto endureceu. Ela tinha tomado uma decisão. Uma decisão aterrorizante.

— Devemos voltar a Londres.

— Mas nós fugimos *de* lá.

— Foi um erro. Nós vamos. Todos nós… todos nós… todos nós. — Ela repetia, como se tivesse medo do que viria a seguir, embora tivesse que vir.

As lágrimas começaram a escorrer. Eu a abracei e ela me abraçou de volta, beijei o topo da sua cabeça.

— Você e Marion sempre estarão em perigo enquanto eu estiver com vocês.

— Deve haver um jeito…

— Não há.

Rose alisou a saia e olhou para baixo. Fechou os olhos e os secou e inspirou coragem. Uma carroça passou lá fora. Ela me olhou e não falou mais nada, porém o silêncio carregava sua própria mensagem.

— Você não está seguro conosco, Tom.

Ela não falou a outra metade. Que elas não estavam seguras comigo, mas eu sabia que ela sabia, e o conhecimento era quase o suficiente para me matar. Ser o perigo do qual queria tanto protegê-las.

Não falei nada. O que podia dizer? Sabia que Rose sobreviveria sem mim. Sabia, de fato, que tinha mais chances de sobreviver sem mim.

Agora ela era capaz de me olhar nos olhos.

— Não é por mim. Não temo por mim. Não viverei de fato sem você. Serei um fantasma que respira.

E foi assim. Nesse momento, toda a esperança desapareceu.

Marion sabia que eu iria embora. Ela estava magoada. Eu via em seus

olhos. Mas, como era de seu feitio, mantinha aquilo dentro de si.

— Você ficará segura, meu anjo. As pessoas não vão questionar mais. Ninguém vai marcar sua porta. Ninguém vai cuspir na sua mãe. Nada terrível acontecerá. Preciso ir embora.

— Vai voltar? — perguntou ela, quase formal, como se já houvesse uma distância entre nós. — Virá morar conosco?

A verdade quebraria ambos os corações, então não a falei. Fiz o que às vezes um pai precisa fazer. Menti.

— Sim, voltarei.

Ela franziu o cenho sombriamente e depois desapareceu em seu quarto. Um pouco depois, voltou, agarrando-se a algo.

— Abra sua mão.

Abri, e uma moeda caiu na minha palma.

— Minha moeda da sorte — explicou ela. — Deve mantê-la sempre consigo e, onde quer que esteja, se lembrará de mim.

Decidimos partir para Londres à noite, fora das vistas. Uma viagem de carruagem de Canterbury a Londres estava disponível a quem quer que pagasse, e conseguimos um cocheiro com bons cavalos que nos levaria por menos de dois xelins.

Naquela noite, mais tarde, Marion, minha filha, dormiu no meu ombro, na carruagem. Meu braço em volta dela. Rose me encarou, olhos brilhantes com lágrimas no escuro, enquanto eu segurava a moeda presenteada por Marion.

* * *

Os anos seguintes foram tão duros. Pensava nos dias em família, todos reunidos como ameixas numa cesta. Queria pegá-los e espalhá-los pela eternidade. Uma tarde por mês com elas pelo resto da vida. Aguentaria com uma vez ao ano, contanto que tivesse as duas à minha *frente*. Mas o problema da vida é que ela deve ser vivida *consecutivamente*.

Caí numa existência noturna.

Meu alaúde e meu rosto jovem faziam sucesso nas hospedarias, principalmente na Mermaid Tavern, onde rostos jovens eram uma raridade exótica. Comecei a me perder nos prazeres do álcool e dos bordéis. A cidade ficava cada vez mais e mais cheia, e eu, mais e mais solitário. Todas aquelas pessoas que insistiam em não ser Rose nem Marion. Sabia que elas viviam

em Shoreditch — ou ao menos esse tinha sido o plano, pois às vezes eu ia até lá mas não as via.

Certo dia, num dos anos da peste — 1623 —, eu vi alguém vagamente conhecido andando à margem do rio. Uma mulher de uns trinta anos, segurando um bebê nos braços. (Andar à margem do rio era um passatempo popular em épocas de pestes, pois o ar do rio era visto como livre de pestes, embora muitos cadáveres se amontoassem ali.) Levei um tempo para perceber que era Grace, enquanto ela não demorou um instante para me reconhecer.

Ela parecia um pouco triste e perdida; a força feroz de vida na menina que eu conhecia parecia apagada.

Ela me encarou por um tempo.

— Você ainda é o mesmo. Olhe para mim: sou uma velha!

— Você não é uma velha, Grace. — E ela não era. Não pela idade, não pela pele. No entanto, havia tristeza e peso na sua voz que me fizeram sentir como se mentisse. E então ouvi o motivo.

— Como ela está? — perguntei, emitindo a dúvida que estava na minha mente em todos os momentos sem ela.

— Rose pegou.

— Pegou o quê?

Grace não precisou explicar. Entendi pelo seu rosto. Senti um frio horrível dentro de mim, ocupando tudo.

— Ela não quer que eu me aproxime, para não pegar. Só fala comigo através da porta.

— Eu preciso vê-la.

— Ela não permitirá.

— Ela falou de mim?

— Ela sente sua falta. Só falava nisso. Que não devia tê-lo mandado embora. Que tudo de ruim que aconteceu foi porque o mandou embora. Nunca parou de pensar em você. Nunca parou de amá-lo, Tom…

Sinto agulhadas de lágrimas nos olhos. Encaro o filho dela dormindo.

— Onde ela mora agora? Onde está Marion? Eu adoraria saber sobre Marion.

Grace pareceu um pouco envergonhada, sem saber o que dizer. Respondeu apenas minha primeira pergunta.

— A Rose não quer…

— Eu não vou pegar. Não pego. Eu já teria pego. Nunca peguei nada.

Grace pensou enquanto ninava suavemente o bebê naquela tarde fresca.
— Tudo bem, vou contar…

Londres, agora

É reunião de pais. Estou sentado atrás de uma mesa, após tomar três comprimidos de ibuprofeno na última hora, perdido no flashback. Pensando naquela última conversa com Rose. A última vez em que a vi. Não. Não pensando, vivendo, outra vez, sentado naquele salão com pais, todos com os smartphones no bolso ou nas mãos. Ouço-a sussurrar, da cama, a menos de quinhentos metros deste ginásio de esportes…

Há uma escuridão que circunda tudo. É um êxtase horroroso.

Ela estava falando sobre a alucinação, mas quanto mais essas palavras ecoam, mais parecem uma afirmação sobre a vida.

— Está tudo bem, Rose — sussurro para mim mesmo, como um insano, bem aqui no século XXI. — Está tudo bem…

Então o outro eco.

O que reverberou dia e noite.

Ela é como você. Você precisa achá-la. Precisa cuidar dela…

— Sinto muito, Rose. Sinto muito…

Outra voz aparece. Uma voz do aqui e agora. Uma voz do outro lado da mesa.

— Tudo bem, sr. Hazard?

É Claire, mãe de Anton Campbell. Está me encarando, confusa.

— Sim, sim, estou bem. Estava só… Perdão, estava pensando numa coisa… Enfim, você estava me contando algo. Por favor, continue.

— Queria agradecê-lo.

— Me agradecer?

— Nunca vi Anton tão dedicado às tarefas como as de história. Está até pegando livros na biblioteca. Sobre tudo quanto é assunto. É tão bom ver isso. Ele conta que você deixa tudo muito vivo.

É tentador, claro, contar que o amigo do filho dela ameaçou me esfaquear, mas não conto. Na verdade, fico um pouco orgulhoso.

Não me lembro de sentir orgulho. Não me sinto assim desde que ensinei Marion a ler Montaigne e tocar "Under the Greenwood Tree" na flauta. Hendrich sempre dizia que eu devia me orgulhar do serviço que presto para a Sociedade, mas apenas algumas vezes me senti bom, como na vez em Yorkshire para salvar Flora. Em geral, o trabalho para a Sociedade é meio tenso, e nas piores vezes acabou comigo. Isso, no entanto, é diferente. É bom num sentido sólido, sustentável.

— Eu andava tão preocupada com ele… Andava meio perdido, sabe? Menino. Catorze anos. Muito perdido dentro si. Saindo com a turminha errada. Chegando tarde…

— É mesmo?

— Não conversava comigo… Mas agora está tomando jeito. Por isso, obrigada. Obrigada.

— Bom, ele é um jovem muito inteligente. As redações dele sobre a Segunda Guerra Mundial e o papel do Império Britânico no comércio de escravos foram muito boas. Ele está a caminho da nota dez.

— Ele quer fazer faculdade. Fazer história. O que, você sabe, hoje em dia… vai ser caro. Mas quero que ele faça. Por isso estou trabalhando sem parar, nos horários mais malucos. Mas ele está determinado. Quer fazer.

Fico todo orgulhoso. *Isto*. Isto aqui é por que quis me tornar professor. Saber que é possível mudar o mundo para melhor, embora a passos pequenos.

— Isso é incrível… — Olho para uma das mesas do outro lado do ginásio. Camille está numa pausa entre pais. Noto quando ela tira o óculos e esfrega os olhos. Não parece bem. Encara alguns papéis sobre sua mesinha, tentando focar.

Trago minha concentração de volta à sra. Campbell. Ou tento. Minha mente está repleta de imagens: a face morta de Rose, Marion com seu livro, a casa devorada por chamas.

Quando a cidade pegou fogo, em 1666, eu me juntei aos esforços dos bombeiros e contemplei andar de forma suicida para o meio de uma das lojas incendiadas que, antes do fogo, emolduravam os dois lados da Ponte de

Londres.

— Sim — digo, tentando assegurar a sra. Campbell de que estou ouvindo. — Sim, tenho certeza.

De repente, sem sobreaviso, Camille cai da cadeira. Suas costelas batem na quina da mesa durante a queda. Suas pernas começam a se sacudir violentamente. Ela está tendo uma espécie de convulsão, no chão do ginásio, bem no meio da reunião de pais.

Fui condicionado, bem antes da Sociedade Albatroz, a não me envolver no calor do momento. Seguir adiante com desprendimento. Mas parece que não é mais assim. Talvez a versão mais jovem do meu eu adulto esteja voltando. Aquela que pulou da galeria de um teatro para proteger Rose e a irmã.

Antes que eu perceba, estou sobre ela, enquanto Daphne aparece correndo. O corpo todo de Camille se sacode.

— Afaste a mesa! — ordeno a Daphne.

Ela obedece e depois pede para outra pessoa chamar a ambulância.

Seguro Camille com força.

Juntou-se uma multidão. Só que estamos no século XXI, então o fascínio macabro está temperado com ao menos o semblante da preocupação.

Ela para de convulsionar e volta a si, a confusão atrasando a vergonha. Por um minuto, ela não diz nada, apenas se concentra no meu rosto.

Daphne traz um pouco de água.

— Vamos dar um pouquinho de espaço para ela — fala para pais e professores. — Vamos lá, meninos e meninas, um passinho para trás.

— Está tudo bem — digo a Camille. — Você só teve uma convulsão.

Só. Essa foi péssima.

— Onde… onde… eu…?

Ela olha em volta. Apoia-se nos cotovelos, depois se senta. Está fraca. Algo foi extirpado dela. Daphne e eu a ajudamos a se sentar na cadeira.

— Onde estou?

— No ginásio de esportes. — Daphne dá um sorriso reconfortante. — Está no trabalho. Na escola. Está tudo bem, querida, é só que… Você teve um tipo de convulsão…

— Escola — repete para si mesma com voz de sono.

— Uma ambulância está chegando. — Um dos pais fala ao guardar o iPhone.

— Eu tô bem — diz ela. Ela não parece envergonhada. Apenas cansada e confusa.

Ela me encara, franzindo o cenho, sem entender quem eu sou, ou talvez entendendo demais.

— Você tá bem — asseguro.

Olhos fixos em mim.

— Eu sei quem você é.

Sorrio para ela, e, em seguida, mais embaraçado, para Daphne. Falo gentilmente:

— Claro que sabe. Somos colegas de trabalho. — Depois, para deixar claro para o público em volta: — Sou o novo professor de história.

Ela se encosta. Toma um gole de água. Balança a cabeça.

— Ciro's.

O nome atinge meu coração como um martelo. As palavras de Hendrich, naquele dia, anos atrás, no Central Park devastado pelo furacão, voltam a mim. *O passado nunca vai embora. Apenas se esconde.*

— Eu…

— Você tocava piano. Aquele dia, no pub… eu…

Dois pensamentos: estou sonhando. É possível. Já sonhei com Camille antes.

Ou talvez ela seja velha também. Velha, velha, velha. Arcaica. Uma alba. Talvez as fotos no Facebook tenham sido adulteradas. Talvez tenha sido isso que senti em relação a ela. A conexão. Talvez só tenha pressentido nossa semelhança exótica. Ou talvez ela saiba de outra forma.

A única coisa que tenho certeza é que ela precisa parar de falar. Se seguir em frente, não corre o risco apenas de me expor, mas a ela também. Eu tenho sentimentos por ela. Não há mais por que negar. A mentira que venho me contando — que posso existir sem gostar de mais ninguém — era isso: uma mentira. Não tenho ideia de por que Camille foi quem me fez perceber isso, mas não posso mais negar que gosto dela. E, gostando dela, tenho a necessidade sobrepujante de protegê-la. Afinal, Hendrich já silenciou pessoas permanentemente por muito menos que um murmúrio num ginásio escolar. Se ela sabe sobre os albas e fala abertamente sobre isso, automaticamente arrisca muito mais que minha identidade: arrisca a própria vida.

— Apenas relaxe. Nós… *nous allons parler plus tard*… Vou explicar tudo. Mas fique quietinha agora. Não posso falar aqui. Por favor, entenda.

Ela parece cansada pelo esforço de se sentar. Me encara, a confusão dispersando.

— Ok, eu entendo.

Levanto o copo de água e a ajudo a tomar. Ela sorri para a Daphne e para os outros rostos preocupados.

— Desculpa… De vez em quando sofro uma convulsão. É a epilepsia. Ela me deixa cansada depois. Vou ficar bem. O remédio era pra melhorar, acho que preciso de outro…

Ela me encara com pálpebras pesadas. Parece ao mesmo tempo vulnerável e invencível.

— Tudo bem? — pergunto.

Ela acena levemente, mas parece quase tão assustada quanto eu.

Paris, 1929

Eram quase sete da noite. Ao lado da grande pista de dança vazia, homens de paletó e mulheres de vestido reto e decotado e cabelos curtos bebiam *apéritifs* e ouviam a música que eu tocava.

O Ciro's era conhecido pelo jazz. Mas, em 1929, a clientela sofisticada não queria só jazz-jazz-jazz, porque jazz estava por toda parte. Portanto, às vezes eu misturava alguns ritmos. Se havia gente dançando na pista, tocava um tango argentino ou algo cigano, mas, no começo da noite, poderia tocar qualquer coisa que fosse suave e reflexiva. Assim, eu estava tocando Fauré, o período melancólico, e sentindo cada nota.

— *Prétendez que je ne suis pas ici* — falou o fotógrafo enquanto eu tocava.

— *Non* — sussurrei, lembrando a regra de Hendrich que proibia fotografia.
— *Pas de photos! Pas de…*

Mas era tarde demais. Eu estivera tão perdido na música que ele havia tirado fotos de mim sem que eu percebesse.

— *Merde* — murmurei para mim mesmo, tocando Gershwin para melhorar meu humor.

Londres, agora

Estamos num gastropub sofisticado no novo Globe.

Estou nervoso. O problema não é o local. É Camille. O mistério é aterrorizante. Como ela sabe sobre o Ciro's? Como pode? Estou com medo de todas as respostas que concebi, e das que não concebi. Estou com medo por ela. Por mim. Estou com tique nervoso, olhando em volta como um pássaro agourento na janela. Mas também tenho outro motivo para temer. Temo porque até o momento eu venho sobrevivendo.

Digo, faz muito tempo que não sinto vontade de me matar. A última vez, precisamente, foi num *bunker* perto de Tarragona, na Guerra Civil Espanhola, quando coloquei o cano da pistola na boca e me preparei para estourar meus miolos. Apenas me forçando a encarar e encarar a moeda da sorte de Marion é que fui capaz de manter o cérebro dentro do crânio. Mas isso foi em 1937. É muito tempo sem ativamente tentar morrer.

Recentemente, pensei que queria me livrar de Hendrich, mas, talvez, isso seja um erro. Sim, Hendrich é meu "dono", mas há certo conforto nisso. Liberdade pode ser superestimada.

"Angústia", Kierkegaard escreveu, no meio do século XIX, "é a vertigem da liberdade".

Eu sofri com a morte da Rose por séculos, e a dor se esmaeceu para a monotonia neutra da existência, e segui em frente antes que eu pudesse juntar mofo emocional. Fui capaz de aproveitar música e comida e poesia e vinho tinto e os prazeres estéticos do mundo e agora, percebia, estava perfeitamente

bem.

Sim, havia um vazio dentro de mim, mas vazios são subestimados. Vazios não possuem amor, mas também não possuem dor. Vazios possuem vantagens. Pode-se existir com o vazio.

Tento dizer a mim mesmo que vou encontrá-la apenas para saber o que ela tem a me contar, e que não preciso contar nada em troca. Mas é estranho estar aqui. Ainda mais neste *aqui*.

Não venho a este local desde o dia que pulei no palco. O dia em que caí em cima das costas do Will Kemp e vi Manning outra vez. Foi o dia de outra confissão: para Rose. E posso sentir um eco baixinho desse dia, em meio ao burburinho educado dos frequentadores de teatro da classe média e o tilintar de talheres à volta.

A famosa imagem de Shakespeare me encara do menu. Eu costumava achar que não parecia em nada com ele — testa e cabelo despenteado e barba rala e expressão lobotomizada —, mas agora os olhos parecem os olhos *dele*. Observando-me, ironicamente, enquanto sigo pela vida. Como se ele se divertisse observando o homem a quem ajudou a escapar aquele dia em uma interminável tragicomédia viva.

O garçom se aproxima e Camille sorri para ele.

Ela está usando uma camisa azul-escura. Está pálida, meio cansada, mas bela.

— Eu gostaria das barbatanas de arraia — pede ela, empurrando os óculos nariz acima.

— Muito bem — diz o garçom e se vira para mim.

— Vou querer o nhoque com pesto de couve.

Ele leva os cardápios, e o retrato do meu antigo patrão, e eu volto a olhar para Camille e a tentar relaxar.

— Desculpe — falo. — Por às vezes ser meio esquisito na escola.

Camille balança a cabeça.

— Você precisa parar de falar isso. Ficar se desculpando não é atraente.

— Tem razão. O negócio é que sou muito ruim, sabe, com *pessoas*.

— Ah, elas. As pessoas. Sim, é difícil.

— E eu às vezes tenho muitas coisas rolando na minha mente.

— Bem-vindo ao clube.

— Tem um clube?

— Não. Tem gente demais em clubes. Mas tudo bem. Seja como você bem entender.

— Eu não tenho sido uma pessoa muito pública. Preciso ter cuidado. — Tenho certeza, ao olhar para ela, de que nunca a conheci. Nessa vida de padrões familiares e pessoas ela possui a qualidade incrível de *não me lembrar ninguém*. Mas preciso perguntar: — Nunca nos conhecemos, né? Quero dizer, antes daquele dia no parque. Eu vi você uma vez, pela janela da Daphne, mas nunca nos conhecemos *antes*, certo?

— Depende do que você quer dizer por conhecer, mas, não, no sentido convencional, não.

— Ok.

— É.

Há um tipo de trégua. Ambos temos mais perguntas, mas estamos deixando-as no coldre, esperando o tiro do outro lado. Uma única frase pode nos deixar malucos.

Comemos um pouco do pão de centeio e das azeitonas espetadas nos palitos de coquetel.

— Como está se sentindo? — pergunto. A questão mais inofensiva, mas sincera.

Ela corta um pedaço do pão e o olha por um instante, como se houvesse algum segredo ali, contido como um elemento do universo, dentro da massa fermentada.

— Muito melhor — responde. — Faz tempo que tenho epilepsia. Antes era pior.

Faz tempo.

— Então já teve muitas convulsões?

— Sim.

O garçom enche as taças. Dou um gole. Depois outro.

Camille me olha com olhos enérgicos.

— Agora você. Você prometeu. Preciso saber sua história.

— Eu quero contar sobre mim — digo, ainda inseguro sobre quanto da verdade vou revelar. — Mas há algumas coisas que é melhor você, nem ninguém, ficar sabendo.

— Crimes? — Sinto que ela está zombando.

— Não. Quer dizer, bem, um pouco disso também. Não. Só estou falando que se soubesse sobre mim pensaria com certeza de que sou louco.

— Philip K. Dick escreveu que às vezes uma reação apropriada à realidade é enlouquecer.

— O escritor de ficção científica?

— Sim, sou nerd, gosto de ficção científica.

— Que bom — digo.

— Você também gosta?

Não. Eu sou *ficção científica*, penso.

— De algumas coisas. *Frankenstein*. *Flores para Algernon*.

— Quero que me conte sobre você — pede ela. — Conte, pelo menos, o que ia me contar. Quero saber se sou louca.

É tentador acabar com tudo isso dizendo: *você é louca*. Em vez disso, falo:

— Antes que eu conte sobre mim, precisa me contar sobre você — soo mais firme do que era minha intenção.

Os olhos dela se arregalam.

— Eu preciso?

Inspiro profundamente. Este é o momento.

— Preciso saber como me reconheceu. Preciso saber por que falou do Ciro's. O Ciro's fechou há oitenta anos.

— Não sou tão velha.

— Exato. Foi o que pensei.

Uma canção começa a tocar de fundo. Ela inclina a cabeça.

— Ah, eu amo essa. Escuta.

Escuto. Uma melodia acalentadora e sentimental. Reconheço. É "Coming Around Again", de Carly Simon.

— Minha mãe adorava Carly Simon.

— E Michael Jackson?

— Esse só eu.

Ela sorri, e há um momento de embaraço no qual ela percebe que é sua vez de se explicar. E eu me imagino com ela. Como fiz no pub. Imagino beijá-la. Tenho vontade de sair correndo e pedir uma passagem de avião para Hendrich, desaparecer em algum lugar, onde eu nunca mais a veja. Mas é tarde demais.

Ela está pronta.

— Certo. *Je vais m'expliquer.*

E se explica.

Ela conta que começou a ter convulsões aos sete anos. Os pais dela adaptaram a casa. Tapetes macios. Cantos da mesa protegidos com guardanapos colados. Encontrar a medicação adequada foi demorado. E aos poucos ela se tornou agorafóbica.

— Em resumo: eu tinha medo da vida.

Aos 19 anos, ficou noiva de um web designer bonito e divertido chamado Erik — “com K”, a mãe dele era sueca. O Erik que eu vi na internet. O Erik do Facebook. Ele morreu escalando uma montanha em 2011.

— Eu estava lá. Não escalando, claro. Escaladas e convulsão não combinam. Mas eu estava lá. Com uns amigos. Teve muito sangue. Por meses, sempre que eu fechava os olhos, só via sangue. E agora que ele estava morto eu pensei, bem… é foda.

Ela respira algumas vezes. Contar memórias é como revivê-las um pouco.

— Eu sempre achava que ia morrer a qualquer minuto. E sempre quis ser como ele, saudável, mas, então, pronto, ele era mortal também. E foi demais. Eu precisava sair de lá. Precisava sair, então fui viajar. Sabia que não podia mais viver prisioneira da minha condição. Você entende?

Claro que sim.

— Então o que aconteceu depois? Como você mudou as coisas?

— Viajei pela América do Sul por seis meses. Brasil, Argentina, Bolívia, Colômbia. Chile. Adorei o Chile. Foi incrível. Mas o dinheiro acabou e eu voltei pra França, mas não poderia voltar pra Grenoble. As lembranças, sabe? Então fui pra Paris. Passei em todos os bons restaurantes e hotéis e arrumei um emprego no Plaza Athénée. Um dos grandes hotéis pretensiosos. Havia algo de calmante no trabalho. Conversava com pessoas o dia inteiro, o tempo todo, chegando, partindo, mas não havia nada profundo, nem significava nada, sabe? Ninguém perguntava sobre minha vida, era perfeito.

É agora. Estou sentindo. A ansiedade aperta meu peito enquanto ela continua:

— E, enfim, eles tinham umas fotos lá, uma exposição no lobby, da Era de Ouro de Paris, todas dos anos vinte. E muitas em clubes de jazz, boulevards, e Montmartre, e tinham uma dela, como chama? A cantora de jazz, a dançarina, com o leopardo…

— Josephine Baker?

Ao pronunciar o nome, lembro-me de vê-la entre a névoa de fumaça de cigarro, dançando o charleston no Century Club em Paris.

Ela acena rapidamente, fazendo um movimento de giro com as mãos, como se chegasse à conclusão. Tento me preparar.

— Sim. Josephine Baker. Enfim, a foto que eu encarava, todos os dias, era a maior: um pianista num restaurante. O restaurante se chama Ciro’s. Havia o nome Ciro’s na fotografia. E a foto era preta e branca mas de alta qualidade para a época, e o homem parecia tão perdido na música que tocava, olhando

por cima do piano, ignorando todas aquelas pessoas no restaurante que olhavam para ele. Fiquei fascinada por esse momento, esse momento congelado no tempo… Pois havia algo tão atemporal nele. Algo além do tempo. E, claro, o homem era bonito. Tinha mãos bonitas. E uma cara séria e enfezada. E usava uma camisa muito branca, com as mangas arregaçadas, desleixado, e havia uma cicatriz no braço dele. Curva. E eu pensei que tudo bem me apaixonar por esse cara pois ele estava morto. Mas ele não estava morto, estava? Porque ele era você.

Hesito. De repente, não tenho ideia do que fazer. Lembro-me dela olhando minha cicatriz, no dia do pub, e agora sei por quê. Tudo faz sentido.

É ridículo, dado que a trouxe aqui para contar a verdade, que esteja com medo de fazê-lo. Meu instinto é mentir. Afinal, sou um ótimo mentiroso. Calmo e natural. Devia apenas rir e fazer cara de desapontado, e dizer que estou com vergonha, que por um minuto achei que ela tinha mesmo me reconhecido, e agora sei que era brincadeira. Fotografias enganam. Principalmente as da década de vinte.

Mas não faço isso. Suponho que em parte seja porque não quero deixá-la embaraçada. Outra parte de mim, penso, quer que ela saiba a verdade. Precisa que ela saiba.

— Então… — diz ela para o meu silêncio.

Em seguida, ela faz uma espécie de gesto difícil de definir. Ela aponta o queixo para a frente, levemente, inclina um pouco a cabeça, fecha os olhos e puxa o cabelo atrás da orelha. É um movimento suave de desafio. Não sei o que ela está desafiando. A vida? A realidade? A epilepsia? Durou apenas dois segundos, mas é nesse instante que devo admitir a mim mesmo que estou apaixonado pela primeira vez depois de quatro séculos.

Parece estranho se apaixonar por alguém por causa de um movimento, mas às vezes é possível conhecer tudo sobre uma pessoa em um único instante. Da mesma maneira que é possível estudar um grão de areia e entender o universo. Amor à primeira vista pode ou não existir, mas amor ao primeiro momento existe sim.

— Então — digo, tateando, testando o quanto ela acredita versus o quanto ela pensa que acredita. — Não apenas gosta de ficção científica como acha que eu *sou* ficção. Acha que sou um viajante do tempo ou algo assim.

Ela dá de ombros.

— Ou algo assim. Não sei. Não sei. Quer dizer, qualquer verdade que as pessoas não estão prontas a admitir soa como ficção. A terra girando em volta

do sol. Eletromagnetismo. Evolução. Raios X. Aviões. DNA. Células-tronco. Aquecimento global. Água em Marte. É tudo ficção científica até vermos acontecer.

Tenho vontade de sair dali, do restaurante. É quase tão forte quanto a vontade de conversar com ela por toda a eternidade. Não tão forte.

Fecho os olhos com força, como se pressionasse ferro quente contra a pele.

— Você pode me contar. Pode me contar a verdade.

— Não posso.

— Sei que era você na foto.

— Foi montada. A foto foi posada. Não era dos anos vinte.

— Você tá mentindo. Não mente pra mim.

Fico de pé.

— Preciso ir.

— Não precisa, não. Por favor. Por favor. Eu gosto de você. Não pode fugir de tudo.

— Está errada. Posso sim. Posso fugir e fugir e fugir. Posso fugir pro resto da vida. Posso fugir e mudar e continuar fugindo.

As pessoas param de mastigar para me olhar. Estou fazendo uma cena. Aqui, em Southwark, de novo. Sento outra vez.

— Eu tenho a foto — continua ela. — Aqui no celular. A foto de uma foto. Mas é de boa qualidade. Sei que é meio esquisito. Mas se não me contar, vou ficar com essa pergunta na cabeça e vou tentar achar a resposta de outra maneira.

— Seria arriscado.

— Eu sou assim, me arrisco. Acredito que todas as verdades devem ser conhecidas. Entende? Porque eu tenho epilepsia e ela é um mistério. Sabem tão pouco dessa porra. Há uma verdade e ninguém conhece. A gente devia conhecer todas as verdades. Ainda mais hoje em dia. E você prometeu. Prometeu que se eu viesse aqui me contaria. Se não me contar, vou continuar a perguntar.

— E se eu contar a verdade e pedir pra você não falar nada, nadinha, pra ninguém? E aí?

— Eu não vou falar nada.

Olho para o rosto dela. Não se dá para saber tudo pelo rosto. Mas confio nela. Fui treinado, principalmente no último século, a não confiar em ninguém exceto Hendrich. No entanto, confio nela. Talvez seja o vinho. Ou talvez eu esteja desenvolvendo a habilidade.

Por um momento terrível e desconcertante, conheço-a completamente. Como se tivesse passado muitas vidas ao lado dela.

— Sim, era eu. Era eu.

Ela me encara por um tempo, como se eu fosse algo lentamente emergindo da névoa. Como se ela não tivesse tido tanta certeza antes, como se quisesse que eu tivesse dito que tudo não passava de uma ilusão elaborada. Eu gosto dessa expressão. Gosto que ela saiba.

Vou me preocupar depois com o que eu acabei de dizer. A verdade que trocamos. Mas agora é apenas uma liberação.

A comida chega.

Observo o garçom desaparecer no burburinho do restaurante.

E então olho para ela e conto tudo.

Duas horas depois, estamos andando às margens do Tâmisa.

— Tenho medo de acreditar. Eu sabia que era você. Sabia. Mas existe saber algo e *saber* algo. Acho que tô louca.

— Não está louca.

Há um jovem, perto de onde ficava o Cardinal's Hat, pulando em cima de uma BMX, para delírio da plateia.

Olho para Camille e vejo a intensa seriedade dela justaposta à alegria dos turistas em volta e sinto culpa, como se não apenas tivesse contado um segredo, mas a infectado com o meu próprio peso emocional.

Eu contei a ela sobre Marion. E agora eu pegava o pacote da moeda de Marion.

— Lembro o dia que ela a ganhou. Lembro mais coisas com ela do que o que aconteceu um ano atrás.

— E você acha que ela ainda está viva?

— Não sei. É difícil ser homem e viver por quatrocentos anos. E ninguém nunca pensa que somos bruxos ou questiona o fato de não termos filhos. Ela era esperta. Sabia ler. Citava Montaigne aos nove anos. Minha preocupação é com a mente dela. Sempre foi muito sensível. Quieta. Sacava as coisas. Ficava chateada. Reflexiva. Perdida no próprio mundo. Tinha pesadelos.

— Coitadinha — disse Camille, mas percebo que ela ainda está hipnotizada com as informações.

Só não contei sobre a Sociedade Albatroz. Sinto que apenas falar a respeito já seria um perigo para ela. Quando pergunta se conheço outros como eu, além de Marion, não menciono Agnes ou Hendrich. Conto sobre Omai, meu

velho amigo do Taiti.

— Não o vejo desde que deixou Londres. Foi na terceira viagem do capitão Cook. O capitão queria que ele fosse seu tradutor. Nunca mais o vi. Ele não voltou para a Inglaterra.

— Capitão Cook?

— Sim.

Ela está se esforçando tanto para lidar com isso que não conto minhas histórias com Shakespeare e Fitzgerald. Por enquanto não.

Conversamos mais.

Ela pede para ver a cicatriz outra vez. Traceja a marca com o dedo, para torná-la mais real. Olho para o rio, onde o dr. Hutchinson foi encontrado, e percebo que devo contar algo.

— Escute: não pode contar nada a ninguém. Eu não devia ter contado. Mas é que você estava fazendo tantas perguntas. Achava que me conhecia. E esse pensamento, essa curiosidade provavelmente seriam mais perigosos que a verdade. Então, agora que sabe, precisa manter segredo.

— Perigoso? Não estamos mais no tempo da bruxaria. Você pode se assumir. Fazer testes de DNA. Ter provas. Pode ajudar as pessoas. Ajudar a ciência. Curar doenças. Você contou que seu sistema imunológico é…

— Há um histórico de coisas ruins que aconteceram pra quem ficou sabendo. Médicos que iam publicar achados e por aí afora. Eles costumam desaparecer.

— Desaparecer? E quem desaparece com eles?

A verdade traz mentiras.

— Não sei. É um mundo obscuro.

Conversamos mais e continuamos a passear. Andamos pela ponte Millennium e seguimos para o leste. Informalmente, andamos para casa. Nossa conversa nos leva para lá.

É uma caminhada de uma hora, mas o tempo está bom e nenhum de nós gosta do metrô. Passamos pela catedral St. Paul e eu lhe conto como costumava ser mais cheia, como o jardim em volta era o centro do comércio de livros londrinos. Depois andamos por uma rua chamada Ironmonger e ela pergunta a respeito, então conto que costumava passar por ali a caminho de Southwark e que fazia jus a seu nome, ferreiro, sempre barulhenta e quente por conta das forjas.

Ela mora mais a leste que eu. Quando falo que preciso levar o Abraham para passear e que é bem-vinda para nos acompanhar, ela aceita.

Sentamos juntos no banco onde a vi pela primeira vez. Uma sacola de compras flutua acima das nossas cabeças como um fantasma de desenho animado.

— Quais são as principais diferenças?

— Tudo. Tudo está diferente. Nada permanece igual. — Aponto a criatura saltitando numa árvore. — Ele teria sido um esquilo vermelho, não cinza. E não haveria sacolas voando. O som do tráfego era um *clip-clop*. As pessoas olhavam para o relógio de bolso, não o celular. E os cheiros… é outra história. Hoje não tem tanto cheiro. Todo lugar fedia. Esgoto não tratado e dejetos das fábricas eram jogados no Tâmisa.

— Que agradável.

— É sério. Houve o Grande Fedor. Por volta de 1850. Um verão muito quente. A cidade inteira fedia.

— Mas ainda é bem fedida.

— Nem se compara. A gente vivia no fedor. Ninguém tomava banho. Achavam que banho fazia mal.

Ela cheira embaixo do braço.

— Então hoje eu estaria de boa?

Eu inclino e a cheiro.

— Limpa demais. As pessoas iriam desconfiar. Está quase limpa o suficiente para o século XX.

Ela ri. É a alegria mais simples e pura no mundo, noto, fazer alguém de quem se gosta rir.

O céu começa a escurecer.

— Você era mesmo apaixonada por mim?

Ela ri outra vez.

— Você é meio imaturo para um cara de 400 anos.

— Aham, 439 anos.

— Desculpa, pra um cara de 439 anos. Perguntar isso faz você parecer que tem cinco.

— Eu me sinto com cinco. Normalmente me sinto da minha idade, mas agora me sinto com cinco.

— Sim, se é o que você quer ouvir…

— Quero ouvir a verdade.

Ela suspira. Finge dramaticidade. Faz aquela coisa de olhar para o céu. Observo seu perfil, hipnotizado.

— Sim, eu tinha uma paixonite por você.

Suspiro também. Um pouco dramático de mentirinha também.

— O verbo no passado é tão triste.

— Ok. Ok. Tenho. *Tenho*. Tenho uma paixonite por você.

— Eu também. Você é fascinante.

Estou sendo totalmente sincero, mas ela ri.

— Fascinante? Desculpa.

A risada vai abaixando. Quero beijá-la. Não sei como fazê-lo. Estou solteiro há quatrocentos anos e não tenho a mínima ideia de como proceder. Mas me sinto leve, feliz. Na verdade, ficaria satisfeito com isso. Com esse momento de "Ode sobre uma urna grega".[13] Com o beijo eternamente uma possibilidade. Com ela me olhando e eu olhando para ela.

Percebo que gostaria de desvendar o mistério dela tanto quanto ela deseja desvendar o meu; ela se aconchega em mim e eu coloco o braço ao redor dela. Bem ali. No banco do parque. Talvez seja isso o necessário para amar alguém. Encontrar um mistério feliz para desvendar para sempre.

Ficamos sentados em silêncio por um tempo, como um casal, observando Abraham galopar em volta de um springer spaniel. E estou aproveitando o peso alegre da cabeça dela no meu ombro, por aproximadamente dois minutos. Em seguida, duas coisas acontecem em rápida sucessão. Sinto uma ponta súbita de culpa, pensando na Rose. Da cabeça dela apoiada sobre meu peito quando nos deitávamos na cama estreita em Hackney. Claro que Camille não saberia no que estou pensando, exceto que meu corpo se tornou um pouco mais rígido.

Depois, meu telefone toca.

— Não vou atender.

E não atendo. Mas depois ele toca outra vez e ela diz:

— Melhor ver quem é.

Olho o telefone e vejo uma única letra na tela. H. Preciso atender. Preciso fazer exatamente o que faria se Camille não estivesse comigo. Atendo. E aquele momento breve de felicidade voa com a sacola pelo vento.

Fico de pé, com o telefone ao ouvido.

— Estou atrapalhando? — Hendrich pergunta.

— Não. Não, Hendrich. Tá tudo bem.

— Onde você está?

— Passeando com o cachorro.

— Está sozinho?

— Sim. Sozinho. Só com o Abraham — digo, espero, em voz baixa o suficiente para que Camille não ouça, e alto o suficiente para que Hendrich não desconfie. Acho que falhei com ambos.

Uma pausa.

— Bom, escute… encontramos uma pessoa.

— Marion?

— Infelizmente, não. Encontramos seu amigo.

A palavra "amigo" me confunde. Olho para a Camille, que está me olhando de volta com a cara fechada, ainda sentada no banco.

— Quem?

— Seu homem.

Sinceramente, não tenho ideia do que ele está falando.

— Que homem?

— O seu polinésio. Omai. Ele está vivo. E é um idiota.

— Omai?

Mesmo sem Camille por perto, essa notícia não me deixaria feliz. Não porque não tenho interesse pelo meu velho amigo, mas porque sinto que nada de bom pode vir de Hendrich tê-lo encontrado. Ele provavelmente não queria ser encontrado. A felicidade de um minuto atrás parece inalcançável.

— Onde ele está? O que aconteceu?

— Há um surfista na Austrália que é *a cara* de um retrato de trezentos anos do Joshua Reynolds. Ele diz que se chama Sol Davis. Anda ficando conhecido na comunidade de surfistas. Esse bonitão de trinta e poucos que está mais pra 350. E as pessoas estão comentando como ele não envelhece. Estão comentando sobre isso. Na internet, caralho. Alguém tá falando: "Tem um imortal vizinho meu que não envelhece desde os anos noventa". Ele é perigoso. As pessoas estão desconfiadas. E não é só isso. A fonte de Agnes em Berlim falou que sabem dele. No instituto. Ele pode estar numa enrascada.

O vento fica mais forte. Camille esfrega os ombros, fazendo um sinal de frio. Eu faço que sim com a cabeça e o sinal de "um minuto". Ao mesmo tempo, sei que deve parecer que não estou apressando Hendrich.

— Isto é…

— As férias estão chegando?

Não gosto de aonde essa conversa está indo.

— Sim.

— Posso colocar você num voo pra Sidney. Direto. Parada de duas horas

em Dubai. Fazer umas compras no shopping do aeroporto. Depois: Austrália. Uma semana de sol.

Uma semana de sol. Foi a mesma coisa que ele disse antes do Sri Lanka.

— Você me disse outra coisa. Você me disse que eu podia ter meus oito anos sem interrupção.

— Você está falando como alguém assentado. Você não se assenta.

— Não. Não tô assentado. Mas tenho um cachorro. Abraham. Ele é velho. Não vai durar oito anos. Não posso abandoná-lo.

— Pode deixar ele com um babá de cachorro, tem isso hoje em dia.

— Ele é muito sensível, tem pesadelos, ansiedade.

— Você andou bebendo?

Eu não podia colocar Camille em perigo.

— Tomei um pouco de vinho. Aproveitando os prazeres da vida. Esse é objetivo, não? Não é o que me falou?

— Sozinho?

— Sozinho.

Camille está levantando. Segurando a coleira. *O que está fazendo?* Mas é tarde demais. Já fez.

— Vem, amigão!

Não.

— Abraham!

O cachorro corre até ela.

O tom de voz de Hendrich resfria.

— É nisso que está assentado?

— O quê?

— A mulher que chamou Abraham. É o nome do seu cachorro, certo?

Hendrich tem mil sintomas de velhice. Infelizmente, não a perda auditiva.

Camille coloca a coleira em Abraham e olha para mim. Quer ir embora.

— Mulher?

Camille está ouvindo.

— Quem é?

— Ninguém. Ela não é ninguém.

A boca que eu sonhava beijar agora está boquiaberta, descrente.

— Ela? — sussurra Camille, mas é um desses sussurros que se trata de um grito mudo.

Faço um gesto para negar tudo.

— É só uma conhecida do parque, nossos cachorros são amigos.

Camille está furiosa.

Hendrich suspira. Não tenho ideia se acredita ou não, mas volta ao assunto principal.

— Se não for você, outra pessoa visitará seu velho amigo. Um desconhecido. Ando recrutando bastante ultimamente. Isso é o que me dá esperança de que encontrarei Marion. O ponto é: posso mandar muitos, mas eles podem não persuadi-lo e… — A voz dele se apaga. — Você que sabe. A decisão é sua.

O mito da escolha. Hendrich clássico. Ou converso com Omai, ou Omai morre. Em resumo, é isso. Se não for alguém de Berlim, outra pessoa vai pegá-lo. E o mais terrível é que ele tem razão. Hendrich pode ser um manipulador, mas em geral diz a verdade.

Camille me entregou a coleira e está indo embora.

— Ligo mais tarde. Preciso pensar.

— Você tem uma hora.

— Uma hora. Certo.

Depois de desligar, chamo Camille.

— Camille, espere. Aonde vai?

— Pra casa.

— Camille?

— Quem era no telefone?

— Não posso contar.

— Você também não podia contar quem eu era pra ela.

— Não era “ela”.

— Pra mim não dá, Tom.

— Camille, por favor.

— Vai se foder.

— Camille?

— Eu conto tudo pra você, me aproximo, imagino que tem algo entre nós, pra depois negar que me conhece. Caralho. Eu podia ter dormido com você. Deve ser o que você faz. Manipula as pessoas. Devo ser um cachorro pra você treinar.

— Eu não treinei o Abraham. Camille, por favor, espere…

— *Fils de pute!*

Ela vai embora. Eu poderia segui-la. Cada átomo do meu corpo quer segui-la. Poderia conversar e explicar sobre Hendrich. Poderia acertar tudo. Mas fico ali parado, sobre a grama, sob o céu arroxeado, o dia morrendo ao meu

redor. Calculo que Camille ficar puta é melhor do que ficar em perigo. É um dilema: a única maneira de protegê-la é me afastar.

Já sei que causei muitos danos. Hendrich ouviu a voz dela. Pode ter detectado o sotaque.

Merda. Isso é o que acontece quando se bebe vinho. E tenta se aproximar de alguém. E fica preso numa armadilha. Mas é a mesma armadilha desde 1891. É a armadilha de Hendrich, como sempre. Fico imobilizado. Nunca terei uma vida. E agora chateei a primeira pessoa com quem me importei há tanto tempo. *Merda. Merda. Merda.*

— Merda — falo para Abraham.

Abraham me olha, arfando e confuso.

Por séculos, pensei que minha angústia fosse luto. Mas as pessoas superam o luto. Após alguns anos, as pessoas superam. Se não *superam*, ao menos *suportam*. E fazem isso investindo em outras pessoas, amizades, família, ensino, amor. Aos poucos, vou percebendo.

Mas é tudo uma farsa no meu caso. Não vou fazer diferença na vida de ninguém. Devia parar de ensinar naquela escola. Devia parar de conversar. Não devia ter mais nada com ninguém. Viver em isolamento total. Devia voltar para a Islândia, não fazer nada, exceto as missões de Hendrich.

Não parece possível para mim existir sem causar dor, seja em mim, seja nos outros.

Abraham gane baixinho, como se sentisse minha dor.

— Tá tudo bem, amigo, vamos pra casa.

Dou uns biscoitinhos para Abraham e bebo um pouco de vodca e canto a música “Coming Around Again”, da Carly Simon, repetindo o título da canção até pensar que estou enlouquecendo.

Dez minutos antes do prazo de Hendrich, acesso o YouTube e digito “Sol Davis”. Encontro gravações de ondas e um homem em trajes de surfe sobre uma prancha, abrindo caminho na água.

Corta para o mesmo homem saindo da água e andando pela areia, conversando com a câmera, com um sorriso e o cenho franzido. Ele balança a cabeça.

— Ei, cara, corta essa — fala.

Ele possui um sotaque australiano e a cabeça raspada. Em termos normais, parece vinte anos mais velho, mas, sem dúvida, é Omai. Pauso a cena. Os olhos dele me encaram, sua testa cheia de gotas de água salgada.

Pego o telefone, acesso as chamadas recentes e pressiono o H. Hendrich atende.
— Tá bom, Hendrich, eu vou.

---

[13] Poema de John Keats que fala sobre o momento que antecede ao beijo. [N.T.]

PARTE CINCO

O retorno

Plymouth, Inglaterra, 1768

A história de como conheci Omai começou em uma terça-feira chuvosa de março, sobre os paralelepípedos do porto de Plymouth. Eu estava de ressaca. Eu sempre estava de ressaca em Plymouth. Bem, bêbado ou de ressaca. Era um lugar molhado. Chuva, mar, cerveja. Como se todos estivessem se afogando lentamente.

Quando encontrei o capitão Samuel Wallis, eu o reconheci do retrato pendurado no Guildhall. Ele usava seu belo paletó azul-real, e andava ao longo do quebra-mar, imerso numa conversa com outro homem.

Eu tinha chegado a Plymouth apenas um mês antes. Nessa época, minha esperança parecia à deriva no mar longínquo. Eu tinha deixado de acreditar que encontraria minha filha. Em vez disso, me dediquei a resolver a questão que me atormentava: qual o propósito de viver sem ninguém? Não tinha resposta. Penso, olhando para trás, que eu estava deprimido.

Eu corri até ele, até Wallis, e fiquei na sua frente, andando de costas enquanto ele seguia em frente.

— Fiquei sabendo que está precisando de homem a mais para a viagem. No *Dolphin*.

Os homens não pararam de andar. O capitão Wallis me olhou. Ela era, como muitos dos homens engrandecidos pela história, bem medíocre em carne e osso, e a roupa de alfaiataria ressaltava em vez de esconder suas deficiências físicas. Baixo, barrigudo, bochechas arroxeadas. Um homem feito para jantares e não para o mar. No entanto, faltavam apenas dois anos

para que uma ilha fosse batizada em sua homenagem. Nesse ínterim, os olhinhos verdes dele me olhavam com desdém.

— Quem é você? — perguntou ele, em uma voz grave e sem fôlego.

— John Frears. — Era a primeira vez que eu dizia aquele nome.

O companheiro do capitão tocou de leve seu braço. Um gesto discreto, mas com propósito. O homem era muito diferente de Wallis. Olhos astutos, mas boca gentil, com lábios curvados nos cantos, mostrando interesse. Ele trajava um casaco preto, apesar do calor. Era Tobias Furneaux, um homem que viria a conhecer muito bem nos anos seguintes. Ambos pararam em meio ao porto agitado, perto dos engradados de peixes cinzas recém-abatidos, cujas manchas brilhavam sob o sol de junho.

— E por que esse homem deveria ser você?

— Possuo habilidades, meus bons senhores, que podem ser úteis.

— Como? — perguntou o sr. Furneaux.

Peguei na minha sacola meu pifarito de madeira negra e levei-o aos lábios. Comecei a tocar as primeiras notas de uma canção popular, “The Bay of Biscay”.

— Você toca bem essa gaita — disse o sr. Furneaux, reprimindo um sorriso.

— Também sei tocar o bandolim. — Não mencionei o alaúde, por motivos óbvios. Seria como dizer, hoje em dia, numa entrevista de emprego, que sabe mexer num fax. Era uma coisa que simplesmente não se fazia mais.

O sr. Furneaux ficou impressionado e murmurou algo para demonstrá-lo.

— Hmmm — disse o sr. Wallis, duvidoso, e virando-se para o colega: — Não estamos organizando um concerto, sr. Furneaux.

O sr. Furneaux inalou o ar úmido com força.

— Se me permite a ousadia, sr. Wallis, gostaria de proferir que a habilidade musical é imprescindível em uma jornada tão longa quanto a sua.

— Eu tenho outras habilidades, senhor — falei, dirigindo-me ao sr. Wallis.

Ele me lançou um olhar inquiridor.

— Sei hastear a vela e olear os mastros e reparar cordas. Sei ler, tanto textos quanto mapas. Sei encher uma arma com pólvora, e atirar com mira razoável. Sei falar na língua francesa, senhor. E a holandesa, embora com menos proficiência. Sou um guarda-noturno de confiança. Posso continuar a lista, senhor.

O sr. Furneaux reprimia a risada agora. O capitão Wallis não parecia mais contente. Na verdade, parecia que gostava ainda menos de mim. Ele começou

a andar, o veludo do casaco batendo com a brisa, como uma vela de um navio em partida.

— Sairemos cedo. Seis da manhã de amanhã. Nos vemos no porto.

— Sim, senhor, seis da manhã. Estarei lá. Obrigado. Muito obrigado.

Londres, agora

Estou lecionando história social para a turma do nono ano quando Camille passa pela janela, como um sonho atormentador.

— Na Inglaterra elisabetana, ninguém carregava notas de dinheiro no bolso. Eram apenas moedas até o estabelecimento do Banco da Inglaterra…

Levanto a mão instintivamente, mas Camille não responde, embora me veja. Anton observa minha mão cair.

A semana inteira é assim. Estou invisível para Camille. Seus olhos nunca cruzam com os meus na sala dos professores. Ela nunca fala oi quando nos encontramos lá fora. Eu a magoei. Sei disso. Não pioro as coisas com tentativas de conversar. Meu plano simplesmente é chegar ao fim desta semana, ir para a Austrália, depois pedir para ir a um lugar bem distante daqui.

Um dia, no entanto, estamos em diagonal no corredor, e ela parece triste, não consigo evitar.

— Camille, me desculpa… me desculpa.

Ela assente a cabeça tão levemente que o gesto quase não aconteceu, e segue em frente.

Essa noite, enquanto Abraham pula num terrier maltês com um quarto do seu tamanho, encaro o banco vazio e me lembro do meu braço em volta dela. O banco exala tristeza, como se lembrasse também.

No sábado seguinte, começam as férias. Eu devo viajar para a Austrália e deixar Abraham com uma babá no dia seguinte. Agora, estou no supermercado. Coloco uma pasta de dente de viagem na sexta quando avisto Daphne, com uma blusa vibrante e olhos arregalados, atrás de um carrinho.

Não quero que ela saiba da viagem, por isso escondo a pasta e o protetor solar debaixo de um exemplar da *New Scientist*.

— Ei, sr. Hazard! — cumprimenta ela, rindo.

— Sra. Bello, oi!

Infelizmente, começamos a conversar. Ela diz que acabou de encontrar Camille a caminho do mercado de flores.

Os olhos de Daphne dançam de forma atrevida.

— Se eu não fosse sua chefe, *o que sou*, se fosse só uma vizinha, *o que não sou*, diria que a srta. Guerin, bem, por algum motivo maluco, está *a fim* de um certo novo professor de história.

Sinto a claridade artificial do supermercado.

— Mas, obviamente, *eu* não diria isso, porque sou a chefe dos professores e uma chefe de professores não pode falar esse tipo de coisa. Seria totalmente antiprofissional encorajar o romance entre funcionários. É só que… ela anda muito quieta esta semana. Você notou?

Forço um sorriso.

— Notícias falsas, sinto muito.

— Pensei que talvez você pudesse animá-la.

— Acho que sou o último da lista pra isso.

Um silêncio desconfortável. Pelo menos para mim. Não acho que Daphne se sinta desconfortável jamais. Noto uma garrafa de rum no carrinho dela, ao lado de uma embalagem de macarrão.

— Vai ter festa? — pergunto, tentando mudar de assunto.

Ela suspira.

— Quem dera. Não, não, a garrafa de Bacardi é pra minha mãe.

— Ela não vai dividir?

— Rá! Não. Coitada. Ela não divide esse rum. Ela está num lar para idosos em Surbiton, ela que quis, gosta da companhia, e sempre me faz levar uma boa garrafa escondida. Ela é meio levada, minha mãe. Eu me sinto um contrabandista, ou coisa do tipo, nos Estados Unidos durante a Lei Seca, sabe…

Lembro-me de tocar ragtime ao piano no Arizona, uma garrafa de aguardente ilícito no chão empoeirado.

— Ela tem um probleminha no rim e sofreu um derrame, não deveria beber, mas ela diz que veio ao mundo pra se divertir, mesmo que seja por pouco tempo, apesar de que ela já está por aqui faz muito tempo: 87 anos e é dura na queda. Rá!

— Ela parece ótima. — Tento ao máximo bater papo, mas meu hipocampo dolorido e hiperativo me faz pensar em Camille na escola. Pálida. Como sentou-se no extremo oposto a mim na sala dos professores.

Mas então Daphne diz algo que me acorda.

— É, ela é gente boa, minha mãe. Tá com uma turminha da pesada no asilo. Tem uma mulher lá que diz ter nascido durante o reinado do William, o Conquistador! Devia é estar no hospital psiquiátrico, isso sim.

Fico chocado. Penso em Marion. Besteira. Se Marion estivesse viva não seria uma velha. Pareceria mais nova do que eu. E ela nasceu no reinado do James, não do William.

— Pobre Mary Peters. Lunática. Tem medo da TV. Mas é uma graça.

Mary Peters.

Balanço a cabeça para Daphne ao me lembrar da fofoca sobre o desaparecimento da Mary Peters de Hackney. A que conhecia Rose do mercado. Que era xingada pela Velha Dona Adams e que ninguém sabia de onde tinha vindo.

— Oh, sério? Coitada.

Depois que Daphne vai embora, largo o carrinho no corredor e ando com determinação para fora do mercado. Pego o celular e confiro os horários do trem para Surbiton.

O asilo fica de costas para a estrada. Há árvores tampando toda a frente. Fico na calçada em frente e penso no que fazer. Há um carteiro do outro lado da estrada, e mais ninguém. Inspiro. A vida tem um ritmo estranho. Demora para se ter consciência disso. Décadas. Séculos até. Não é um ritmo simples. Mas o ritmo está lá. A cadência muda e flutua; há estruturas dentro de estruturas, padrões dentro de padrões. É assombroso. Como a primeira vez em que se ouve John Coltrane no saxofone. Mas, se insistir, os elementos familiares se tornam claros. O ritmo atual acelera. Estou me aproximando de um crescendo. Tudo está acontecendo ao mesmo tempo. Este é um dos padrões: quando nada está acontecendo, nada acontece, depois de um tempo, a quietude fica excessiva e a bateria precisa entrar. Algo tem que acontecer. Em geral, a necessidade vem de si mesmo. Você faz uma ligação. Você diz:

“Não posso mais fazer isso, preciso de mudança.” E algo acontece sob seu controle. Depois outra coisa acontece: fora de seu controle. A terceira lei de Newton. Ação gera reação. Quando as coisas começam a acontecer, outras coisas acontecem. Mas, às vezes, parece não haver explicação de por que as coisas acontecem — por que todos os ônibus passam de uma vez —, por que os momentos de sorte e de dor na vida são amontoados. Tudo que podemos fazer é observar o padrão, o ritmo, e vivê-lo.

Respiro fundo, inalo o ar.

O Residencial Ash Grange. O logotipo é uma folha caindo. Uma folha genérica. Amarelo e azul pastel. Uma das coisas mais deprimentes que já vi. O edifício em si é quase tão ruim quanto. Deve ter só uns vinte anos de construção. Tijolo laranja-claro e janelas ensombrecidas, um aspecto apagado. O lugar parece um eufemismo educado para a morte.

Entro.

— Olá — cumprimento a mulher na entrada depois que ela abre a janelinha. — Vim visitar Mary Peters.

Ela me olha e sorri de forma eficiente. Um sorriso profissional moderno. Um sorriso que não existia antes do, digamos, telefone.

— Oh, sim, você ligou agora pouco, certo?

— Sim, fui eu. Tom Hazard. Ela me conheceu quando era mais jovem, em Hackney.

Ela encara o computador e clica no mouse.

— Oh, sim. Ela quer vê-lo. Por aqui.

— Ah, que bom — falo e, enquanto caminho pelo carpete, quase sinto como se estivesse voltando no tempo.

Mary Peters me olha com olhos avermelhados e enfraquecidos pelo tempo. O cabelo cinza é frágil como sementes de dente-de-leão, e as veias sobre sua pele são como rotas de um mapa secreto. No entanto, é possível reconhecê-la como a mulher de Hackney, quatro séculos atrás.

— Eu me lembro de você — diz ela. — Quando você foi à feira. A briga que teve com aquele bastardo asqueroso.

— O sr. Willow — digo, lembrando-me dele desaparecendo em uma nuvem de temperos.

— Sim.

Sua respiração faz um barulho de guiso. Como se cada inspiração raspasse em algo. Ela faz uma careta e os dedos tortos coçam a testa de leve.

— Tenho dores de cabeça. É isso que acontece.

— Estou começando a ter também.

— Elas vêm e vão. As minhas voltaram recentemente.

Olho para ela, maravilhado. Como ainda se dá ao trabalho de falar. Deve ser uma velha há mais de duzentos anos.

— Não tenho mais muito tempo — fala, como se lesse meus pensamentos. — Por isso estou aqui. Não é arriscado.

— Não é arriscado?

— Devo ter só mais uns dois anos.

— Você não sabe. Pode ter mais cinquenta.

Ela balança a cabeça.

— Espero que não.

— Como está se sentindo?

Ela sorri como se eu tivesse contado uma piada.

— Perto do fim. Tenho vários problemas. Quando o médico me falou que é uma questão de semanas, eu percebi que… que eu tenho mais dois anos. Três no máximo. Então eu sei que é seguro, entende, vir para cá. Mais seguro…

Não faz sentido. Se ainda se preocupa com segurança, por que fala abertamente sobre a idade?

Há outras pessoas na sala. A maioria sentada, perdida em palavras cruzadas ou memórias.

— Você era o amor da Rose. Ela só falava de você. Eu tinha uma barraca de flores ao lado de onde ela e a irmãzinha vendiam fruta. Tom isso. Tom aquilo. Tom tudo. Ela reavivou depois de conhecer você. Tornou-se outra garota.

— Eu a amava tanto — conto. — Ela era tão forte. A pessoa mais incrível que já conheci.

Ela sorri com simpatia fraca.

— Eu era tristonha na época. Tinha minhas próprias dores.

Ela olha em volta. Alguém liga a TV. Passa a abertura de um programa chamado *A New Life in the Sun*, uma vida nova sob o sol. Imagens de um casal num restaurante espanhol, o Blue Marlin, estressados enquanto lavam ostras numa panela.

Quando Mary volta o rosto para mim, está pensativa, quase tremendo. E fala:

— Conheci sua filha.

Foi tão fora de contexto que não entendi direito.

— Como assim?

— Sua filha: Marion.

— Marion?

— Faz pouco. Ficamos no hospital juntas.

Minha mente se apressa a entender. Isso é comum na vida. Passa-se tanto tempo desejando algo — uma pessoa, um sentimento, uma informação — que não consegue absorver quando encontra. O buraco está tão acostumado a ser buraco que não sabe como fechar.

— O quê?

— O hospital psiquiátrico em Southall. Eu passava o dia lá, uma velha maluca chorando na cadeira. Ela ficava internada. Eu a conheci. Eu fui embora antes de ela nascer, não?

— Então como sabia que ela era minha filha?

Ela me olha como se a pergunta fosse idiota.

— Ela me contou. Contava pra todo mundo. Por isso estava naquele lugar. Ninguém acreditava, claro. Era louca. Era o que pensavam… Falava em francês às vezes, e cantava muito.

— O que ela cantava?

— Músicas velhas. Músicas *velhas*. E chorava quando cantava.

— Ela ainda está lá?

Ela balança a cabeça.

— Foi embora. Foi estranho, como aconteceu…

— Estranho? Como assim?

— Uma noite, ela foi embora. As pessoas disseram que teve muito barulho e comoção… Quando eu voltei no dia seguinte, ela tinha ido embora.

— Pra onde? *Pra onde?*

Mary suspira. Leva um tempo. Parece triste e confusa ao refletir.

— Ninguém sabia. Ninguém falou. Disseram que ela teve alta. Mas não tínhamos certeza. É estranho, mas a gente nem sempre sabia o que acontecia. O lugar era assim.

Não posso deixar passar. Por tanto tempo aguardava esperança, então a esperança vem e dura dez segundos.

— Pra onde ela poderia ter ido? Ela deu alguma pista de onde? Deve ter dado.

— Não sei. Sinceramente. Não sei.

— Ela comentou sobre algum lugar?

— Ela viajou, falou de alguns lugares onde esteve. Canadá.

— Canadá? Onde? Toronto? Eu estive em Toronto.

— Não sei. Acho que não. Ela também tinha ficado um tempão na Escócia, acho. O sotaque dela era bem escocês. Mas acho que ela viajou bastante. Pela Europa.

— Você acha que ela está em Londres?

— Honestamente, não sei.

Recosto na cadeira. Tento pensar. Fico simultaneamente aliviado por Marion ainda estar viva — ou ter estado recentemente — e preocupado pelos possíveis tormentos que enfrentou.

Penso se a Sociedade a achou. Se alguém tentou silenciá-la. Se Hendrich sabe disso e não me falou. Se alguém a raptou. O instituto em Berlim. Ou outro.

— Escute, Mary — eu digo, antes de ir embora —, acho que é importante que não comente com mais ninguém sobre o passado. Pode ter sido perigoso para Marion, e é perigoso para você. Pode pensar nele, mas é perigoso falar sobre sua idade.

Ela faz cara de dor ao se reposicionar, com cuidado, na cadeira. Passa-se um minuto. Ela está refletindo sobre minhas palavras, e as dispensando.

— Eu amei uma pessoa. Uma mulher. Loucamente. Entende? Ficamos juntas, em segredo, por quase vinte anos. E nos avisaram para não falar sobre esse amor… porque era perigoso. Era perigoso amar.

Faço que sim com a cabeça. Eu entendo.

— Chega um momento em que a única forma de começar a viver é dizendo a verdade. Ser quem você é, mesmo que perigoso.

Seguro a mão dela.

— Você me ajudou mais do que pode imaginar.

Uma das enfermeiras se aproxima e me pergunta se quero chá; dispenso e agradeço.

Pergunto a Mary em voz baixa:

— Você já ouviu falar na Sociedade Albatroz?

— Não, nunca.

— Bem, tenha cuidado. Por favor, não fale sobre, você sabe…

Olho para o relógio na parede. Quinze para as três. Em três horas preciso estar num avião para Dubai, a caminho de Sydney.

— Cuidado — digo para Mary.

Ela balança a cabeça. Fecha os olhos. O suspiro parece o gemido de um gato.

— Sou velha demais para ter medo. Velha demais para mentir. — Ela se inclina para a frente e agarra o andador até os nós dos dedos embranquecerem. — E você também.

Saio e ligo para Hendrich.

— Tom? Como estão as coisas?

— Você sabia que ela estava viva?

— Quem?

— Marion. *Marion.* Você a encontrou? Você sabia?

— Tom, fica calmo. Não, Tom. Você tem uma pista?

— Ela está viva. Estava num hospital em Southall. Depois desapareceu.

— Desapareceu? Foi raptada?

— Não sei. Pode ter fugido.

— Do hospital?

— Era psiquiátrico.

Um carteiro passa pela calçada.

— Não sei onde ela está — sussurro. — Mas não posso ir pra Austrália. Preciso encontrá-la.

— Se ela foi raptada…

— Eu não sei se foi.

— Se ela foi raptada, não vai encontrá-la sozinho. Escute, escute. Vou mandar Agnes ficar atenta a Berlim. Depois da Austrália, essa vai ser nossa operação principal. Vamos achá-la. Se foi raptada, deve estar em Berlim, Pequim ou no Vale do Silício. Você não vai encontrá-la sozinho. Digo, você está em Londres e não a encontrou.

— Eu não estava procurando. Quero dizer, eu me distraí.

— Sim, Tom. Sim. Agora você percebe. Andou distraído. Exatamente. Vamos resolver isso. Mas agora você tem um voo.

— Não posso. Não posso.

— Se quer encontrar Marion, precisa focar, Tom. Precisa ir e trazer seu amigo. Vai saber? Ele mesmo pode ter alguma informação. Sabe como é. Devemos perguntar sobre albas para albas. Precisa focar, Tom. A verdade é: não sabe onde Marion está. Mas sabemos onde seu amigo está. E Berlim sabe também. Marion sobreviveu por mais de quatrocentos anos. Sobreviverá mais uma semana. Faça isso na Austrália e eu juro, *juro*, que vamos trabalhar juntos e encontrá-la. Você tem uma pista, certo?

Não posso contar sobre Mary Peters. Não quero colocar em perigo uma mulher que obviamente não aceitaria participar da Sociedade.

— Eu… só… eu preciso encontrá-la.

— Vamos encontrá-la, Tom — afirma ele, e eu o odeio quase tanto quanto acredito nele. Duvidei dele muitas vezes, mas a verdade é que eu sinto também. Sinto cada palavra que ele diz. — Eu pressinto. Experienciei tanto o passado que agora posso pressentir o futuro. Eu sei. Eu sei. Estamos quase lá, Tom. Você vai vê-la outra vez. Mas, primeiro, se quer salvar seu amigo, vá para o aeroporto. Omai precisa de você.

E a conversa acaba e, como sempre, eu faço o que Hendrich quer. Porque é a melhor chance que eu tenho.

Taiti, 1767

Eu devia incendiar o vilarejo.

— Fogo! — urrou Wallis. — Se quiser voltar para casa, taque fogo na cabana do selvagem, Frears! Depois nas outras!

Segurava a tocha acesa na mão, o braço cansado pelo peso, o corpo todo cansado apenas por estar de pé. Seria fácil soltar, mas eu não poderia incendiar a cabana. Fiquei parado ali, sobre a areia negra, enquanto o ilhéu me encarava. O jovem não disse nada. Não fez nada. Ficou na frente da cabana e me encarou. Olhos arregalados, olhava-me com uma mistura de horror e desafio. Ele tinha cabelo ralo e comprido, até o peito, e usava mais joias do que os outros ilhéus. Braceletes de osso. Colares também. Eu diria que ele tinha por volta de vinte anos. Mas também sabia, melhor que a maioria, que em questão de idade, a aparência pode enganar.

Séculos mais tarde, observei aquele mesmo homem sair do oceano em um vídeo no YouTube, vi aqueles mesmos olhos encarando com expressão semelhante. Em algum lugar entre desafio e assombro.

Eu não era santo. Não via nada demais em descobrir novas terras e forjar um império. Eu era inteiramente um homem de outra era, para além daquela em que habitava. E, mesmo assim, não pude incendiar a casa do homem. Quer fossem os olhos dele, quer eu pudesse reconhecer nele um companheiro na estranheza, quer eu soubesse o dano provocado na alma pelo acúmulo de pecados em uma vida longa, que até hoje não sei.

Fui embora enquanto Wallis ordenava. Carreguei a tocha até a areia

molhada e deixei que o mar a levasse. Voltei até o homem cuja cabana ainda estava de pé e tirei a pistola — concedida a mim antes de desembarcarmos por um oficial enfraquecido pelo escorbuto — do cinto e a coloquei sobre a areia. Não acho que o homem tenha entendido o que era aquilo, para que servia a pistola, mas entendia a faca, e a depositei no chão também.

Eu tinha um pequeno espelho no bolso e mostrei para ele, que encarou o próprio rosto com fascínio.

Wallis se aproximou.

— Que diabos está fazendo, Frears?

Tentei olhar para Wallis com a dignidade silenciosa do ilhéu para mim.

Por sorte, Furneaux também estava perto.

— Se destruirmos a casa deles, jamais seremos bem-vindos. Precisamos tentá-los, não afugentá-los ainda mais. Às vezes, a fera precisa apenas rugir.

E Wallis balbuciou algo, olhou para mim, depois falou:

— Não me faça me arrepender por tê-lo trazido.

E as cabanas foram queimadas mesmo assim. E, dessa forma, a ilha hoje conhecida como Taiti foi vista pelos europeus pela primeira vez. Dois anos depois, seria usada pelo capitão Cook, em sua primeira viagem, como o local onde ele e seu astrônomo observariam o trânsito de Vênus ao cruzar o sol. Foi essa razão, inclusive — a posição conveniente da ilha para observação —, que proporcionou o avanço científico e o cálculo da longitude.

Enquanto o vilarejo queimava em chamas, os dois únicos naturalistas a sobreviver a viagem, junto do artista Joe Webber, partiram em exploração da floresta tropical. Nas nossas mentes, não estávamos lá para dominar, mas para *descobrir*.

E, no entanto, fizemos algo comum na história orgulhosa da descoberta geográfica: encontramos o paraíso e o incendiamos.

Dubai, agora

O aeroporto em Dubai está muito iluminado, embora seja o meio da noite. Vago por uma loja onde uma mulher quer vaporizar loção pós-barba em mim.

— Não quero, obrigado — agradeço.

Mas a mulher não acredita e espirra o líquido *Sauvage* em um cartão perfeitamente retangular e me entrega. Ela sorri tão forçosamente que me vejo pegando o cartão. Cheiro. Imagino todas as plantas de onde extraíram o odor. Penso em como estamos apartados da natureza. Como temos que fazer tanto com ela para engarrafá-la e a nomeá-la "selvagem". O cheiro não me ajuda em nada com a dor de cabeça. Sigo andando até a livraria. Alguns dos livros são escritos em árabe, mas a maioria é em inglês.

Procuro por algo para ler, mas à primeira vista vejo apenas livros sobre negócios. Encaro a capa de um. O autor está nela. Ele usa terno e um sorriso artificial pseudopresidencial. Os dentes são brancos como o Ártico. Ele se chama Dave Sanderson. O livro: *A riqueza dentro de você — Como domar o bilionário dentro de si*.

Encaro por um bom tempo, sob hipnose. É uma ideia popular moderna. Que o eu dentro de nós é diferente do eu externo. Que há uma versão mais real, melhor e mais valiosa dentro de nós, a qual podemos acessar apenas se comprarmos a solução. A ideia de que somos separados de nossa natureza, como um frasco de perfume Dior é separado das plantas na floresta.

Até onde posso ver, esse é um problema de viver no século XXI. Muitos de nós possuem todas as coisas materiais necessárias, então o trabalho do

marketing é ligar a economia às nossas emoções, nos fazer sentir que precisamos de mais nos fazendo sentir necessidade de coisas que nunca precisamos. Nos sentimos pobres com salários de trinta mil libras ao ano. Nos sentimos pouco viajados se conhecemos apenas dez países. Nos sentimos velhos se temos uma ruga. Nos sentimos feios sem Photoshop e filtros.

Ninguém que eu conheci no século XVII queria encontrar seu bilionário interno. Queriam apenas viver até a adolescência e evitar piolhos.

Ah.

Percebo que estou de mau humor.

Meus olhos estão secos pelo cansaço e pelas sete horas num avião. Não gosto de voar. O que me incomoda não é ficar no ar. É descer num país diferente, com cultura e clima totalmente diferentes, poucas horas após deixar Gatwick. Talvez seja porque ainda me lembro do tamanho das coisas. Ninguém mais entende isso. Ninguém sente a enormidade do mundo ou sua pequenez dentro dele. Quando viajei ao redor do mundo pela primeira vez, levei um ano, num barco cheio de homens, considerados sortudos se sobrevivessem. Agora o mundo simplesmente está *aí*. Todo ele. Em uma hora estarei em um voo para Sydney, e, na hora do almoço, terei chegado. Fico com claustrofobia, como se o mundo estivesse literalmente se encolhendo, como um balão soltando ar.

Sigo para uma seção diferente na livraria. A seção, cuja maioria dos livros é em inglês ou traduzido para o inglês, chama-se “Pensamento”. Ocupa uma área bem menor que a dos livros de negócios. Confúcio. Os gregos antigos. Então noto um livro, virado para a frente, com uma capa acadêmica simples.

Ensaios, de Michel de Montaigne.

Quase viro cinzas. Até pronuncio o nome da minha filha em voz alta, para mim mesmo, como se estivesse perto dela outra vez, como se uma pequena parte de nós estivesse contida em cada livro que amamos. Pego o exemplar e abro numa página aleatória. Leio uma frase: “Nada fixa alguma coisa tão intensamente na memória quanto o desejo de esquecê-la.” Sinto-me à beira das lágrimas.

O telefone apita. Guardo o livro rapidamente. Checo a mensagem de texto. Omai escreveu: “Faz muito tempo. Mal posso esperar pra colocar tudo em dia. Reservei o jantar num lugar chamado Fig Tree, às oito. Deve dar tempo de melhorar do jetlag.”

Jetlag.

É engraçado Omai escrever essa palavra. Ele pertence, em minha mente, a

uma época em que a ideia de homens voando era tão fantástica quanto, para nós agora, homens morando em Netuno. Talvez até mais.

Escrevo de volta: “Até lá.”

Deixo Montaigne e a livraria do aeroporto e me direciono até uma janela enorme, onde espero pelo anúncio do meu voo. Encosto a cabeça no vidro e encaro para além do meu reflexo, para a escuridão infinita do deserto.

Plymouth, Inglaterra, 1772

Depois de retornarmos, permaneci na região de Plymouth. Gostava de lá. Semelhante a Londres: um lugar no qual desaparecer era fácil. Uma cidade de marinheiros, pivetes, criminosos, foragidos, andarilhos, músicos, artistas, sonhadores, solitários, e eu fui, em momentos diversos, cada um desses ou todos ao mesmo tempo.

Certa manhã, deixei meu alojamento no Minerva Inn e fui até o novo estaleiro. Havia um enorme navio naval sobre a água.

— Impressionante, não? — comentou o homem na doca, ao perceber meu assombro.

— Sim, é sim.

— Destinado a encontrar novos mundos.

— Novos mundos?

— Sim, é o navio do Cook.

— Cook?

Ouvi passos atrás de mim. Uma mão sobre meu ombro. Dei um pulo.

— Minha nossa, sr. Frears, você está meio assustado.

Virei-me para ver um cavalheiro alto e magro, bem-vestido, sorrindo gentilmente para mim.

— Oh, sr. Furneaux… é um prazer, senhor.

Os olhos astutos dele me estudaram por um instante.

— Você não envelhece, Frears.

— É a brisa do mar, senhor.

— Gostaria de um pouco mais dela? Quer partir de novo? — Ele apontou o horizonte para além do porto. — Será diferente desta vez. Cook planejou melhor do que Wallis.

— Vai viajar no navio de Cook?

— Não exatamente. Vou acompanhá-lo. Na travessia. Como comandante do *Adventure*. Estou reunindo a tripulação. Quer fazer parte dela?

Algum lugar sobre a Austrália, agora

Estou em um voo de conexão entre Sydney e Gold Coast, cansado. Os últimos dias foram passados em aviões ou aeroportos. Há um bebê chorando no fundo do avião. Penso, momentaneamente, em Marion, com os dentinhos nascendo, e Rose preocupada que a dor pudesse ser fatal. Da mesma forma que um cachorro parece todos os outros cachorros, o choro de um bebê ecoa o choro de todos os bebês que já existiram.

E, falando nisso, há um jovem casal na minha frente. Uma cabeça dorme num ombro. A cabeça de um homem no ombro de um homem, como não se via antigamente. É uma visão comovente, suponho, mas me provoca inveja. Quero uma cabeça no meu ombro, como a de Camille esteve, pouco antes da ligação de Hendrich. Foi assim que me senti a respeito de Rose, no começo? Ou é algo diferente? Talvez *seja* um tipo diferente de amor. E importa?

Penso em como mal trocamos uma palavra na última semana de aula. Relembro um momento embaraçoso perto da chaleira na sala dos professores. Ela procurava o chá de camomila. O silêncio gritava.

Minha mãe me mandou viver. Depois que ela foi embora, eu precisava viver. Era fácil para ela falar, mas claro que tinha razão. E era um desejo compreensível. Quando se morre, a última coisa que se quer é que sua morte infecte aqueles para trás, que aqueles amados se transformem em mortos-vivos. E, no entanto, de forma inevitável, acontece com frequência e aconteceu comigo.

Mas eu a sinto se aproximando. A vida. Eu a sinto, a poucos centímetros

de mim. Marion é parte dela. A súbita ideia muito real de encontrá-la. Durmo e sonho com Omai. Sonho em vê-lo numa praia do Pacífico Sul, observando o pôr do sol. Quando alcanço o braço dele, ele desmorona feito areia, e há alguém debaixo dele, bem menor, como numa boneca russa. Uma criança. Uma criança de trança longa e vestido de algodão verde.

— Marion — chamo.

E ela também desmorona na areia, na praia; enquanto tento mantê-la intacta, as ondas a levam.

Acordo. O bebê não chora mais. E estou lá. Aqui. O avião pousou. Em questão de horas, verei alguém que não vejo há séculos. Impossível não se sentir amedrontado.

Huahine, Arquipélago da Sociedade, 1773

Arthur Flynn, segundo-tenente do *Adventure*, queimado de sol, suado na camisa que já foi branca, ajoelhado na areia, segurando fitas vermelhas e brancas na mão, e, numa linguagem de sinais desajeitada, gesticula amarrá-las no cabelo. Ele sorri como uma garota bonita, algo bem distante de sua face queimada e barba desgrenhada.

Mesmo assim, sua plateia de criancinhas parece impressionada. Viajamos o suficiente para entender que a risada era universal, pelo menos entre crianças. Até mesmo os ilhéus mais velhos, um pouco mais sérios logo atrás, começaram a sorrir frente a esse inglês magrelo e vermelho fingindo de bobo. Arthur entregou uma fita para a menina de cabelos compridos mais próxima dele — ela devia ter no máximo seis anos —, e, depois da permissão da mãe, a menina a pegou.

Então Arthur se virou para mim, com uma voz mais meiga que o normal:

— Frear, você trouxe as contas?

Atrás deles, os dois navios pareciam bestas elegantes e inanimadas, transferidas de outra realidade.

E ficamos lá, oferecendo presentes e negociando a paz com fitas, quando vi um rosto conhecido na multidão. Eu já tinha visto esse homem antes.

Ele segurava uma prancha de madeira, estava molhado do mar. Eu já tinha visto pranchas semelhantes na minha última visita às Ilhas do Pacífico. Eram usadas por pescadores. Ficavam de pé nelas, cavalgando as ondas. Às vezes pareciam fazer isso apenas pela diversão. Mas nada disso explicava como eu

poderia conhecer esse homem. Como seria possível? Eu nunca tinha visitado essa ilha antes. Tentei pensar. Não demorei a lembrar. Era o homem cuja casa eu me recusara a incendiar. O belo, de cabelo longo e olhos arregalados. Mas isso tinha sido no Taiti. Não era um trecho muito longo de mar, mas seria ridículo pensar que ele pudesse ter feito isso com uma prancha de madeira. E no Taiti ele trajava colares e braceletes, denotando que os atuais peito e braços sem adornos perderam o status.

Ele estava exatamente igual a minha lembrança. Supus que quatro anos não fosse tanto. A face dele queria desesperadamente me comunicar algo.

Olhei em volta, para Arthur e outros homens, torcendo para que a atenção do homem fosse tomada por outra coisa. Mas não. Estava fixa em mim. Ele falava palavras que eu não compreendia. Então, com a mão direita, ele fez uma pinça com os dedos e levou até o peito. Os dedos batiam contra o peito em uma rápida sucessão em *staccato*. Entendi a mímica.

Eu.

Mim.

Ele.

Depois ele apontou o mar, os barcos, para além do horizonte. Depois olhou a areia e demonstrou medo, ou nojo. Manteve a expressão ao olhar para trás, para as árvores de fruta-pão e a selva verde exuberante atrás da praia, depois retornou o olhar para o mar e o oceano. Repetiu o gesto algumas vezes até deixar claro.

Ouvi botas na areia andando na minha direção. Vi o capitão Cook e o comandante Furneaux, juntos, com a mesma cara perplexa.

— O que está acontecendo aqui, Fines? — quis saber Cook.

— Frears — corrigiu Furneaux com autoridade suave.

Cook não deu bola para a correção.

— Conte-nos. Parece que há uma pequena comoção com este… cavalheiro.

— Sim, capitão.

— E?

— Acredito que ele queira vir conosco.

Oceano Pacífico, 1773

O nome dele era Omai.

Ficamos sabendo mais tarde, quando o inglês dele melhorou, que o nome na verdade era Mai, ele vinha dizendo “Sou Mai”, em taitiano. Enfim, o nome pegou e ele não nos corrigia.

Quando atracávamos em outras ilhas, ele tentava me ensinar a ficar de pé na prancha. O uso do verbo “surfar” ainda estava muito distante, mas era isso o que ele fazia, e conseguia ficar de pé nela quanto tempo quisesse, não obstante o tamanho da onda. Diferente de mim, claro, que caía sob gargalhadas sempre que tentava ficar de pé. Gosto de pensar que fui o primeiro europeu a surfar.

Omai aprendia rápido. Aprendeu inglês numa velocidade surpreendente. Gostava dele, também porque ele me permitia escapar das tarefas mundanas no deque. Sentávamos à sombra, ou encontrávamos um canto tranquilo no deque inferior, e treinávamos substantivos e verbos e dividíamos um vidro de repolho em conserva.

Contei-lhe um pouco sobre Rose e Marion. Mostrei a moeda. Ensinei-lhe a palavra “dinheiro”.

Ele me educava sobre o mundo a partir do seu ponto de vista.

Tudo continha algo chamado *mana* — cada árvore, animal e ser humano.

Mana era um poder especial. Um poder sobrenatural. Poderia ser bom ou mal, mas sempre respeitado.

Num belo dia, estávamos no deque e ele apontou para as pranchas.

— Como se chama? — perguntou ele.

Segui o tracejo do dedo dele.

— Isso se chama sombra — expliquei.

Ele me explicou que mana vive nas sombras e há muitas regras a respeito das sombras.

— Regras? Que regras?

— É muito ruim ficar na sombra de um… — Ele olhou em volta, como se procurasse a palavra no ar. Então ele viu Furneaux seguindo na direção da popa sobre a plataforma e apontou.

Compreendi.

— Comandante? Líder? Chefe?

Ele assentiu.

— Quando eu o vi pela primeira vez, não ficou na minha sombra. Chegou perto, mas não nela. Foi um sinal de que eu poderia confiar em você. O mana dentro de você respeitou o mana dentro de mim.

Achei interessante que isso foi mais significativo para ele do que minha decisão de não botar fogo no seu lar. Tomei um pouco de distância dele.

Ele riu de mim e colocou a mão sobre meu ombro.

— Não é mau quando já conhece a pessoa, só quando a vê pela primeira vez.

— Você era um chefe?

Ele assentiu.

— No Taiti.

— Mas não em Huahine?

— Não.

— Então por que se mudou do Taiti para ir morar em Huahine?

Geralmente, ele era um homem leve, e notadamente relaxado para uma pessoa deixando para trás tudo que já tinha conhecido, mas quando fiz essa pergunta, seu cenho fechou-se e ele mordeu o lábio superior. Parecia quase magoado.

— Tudo bem — assegurei. — Não precisa me contar.

Foi quando ele me contou.

— Sei quem posso confiar em você. Sei com toda certeza. Você tem sido um bom professor. E você é um bom amigo. Tenho um pressentimento sobre você. Como fala sobre o passado. Seu olhar. A moeda que você diz ser velha. Todo o conhecimento que tem. Acho que é como eu. É um bom amigo. — Ele repetia como se precisasse de confirmação.

— Sim. Somos bons amigos.

— *Mururuu*. Obrigado.

Houve uma conexão entre nós: a confiança para se abrir.

Hollamby passou. Hollamby, ao lado de quem eu dormia, já tinha me dito que achava uma má ideia ter Omai à bordo.

— Ele é um peso, come nossa comida e traz maldições desconhecidas consigo.

Ele nos olhou de esguelha, suas sobrancelhas disseram tudo, e continuou andando.

— Sou mais velho que os outros — continuou Omai. — E acho que você também. Sua face não mudou nada em cinco anos.

— Sim — baixei a voz até um sussurro. Estava chocado demais para continuar falando. Senti um alívio maravilhoso e abominável, um século antes de conhecer o dr. Hutchinson, em encontrar outra pessoa como eu e poder falar a verdade. Era como ter ficado naufragado décadas em uma ilha e depois descobrir outro sobrevivente.

Ele me encarava e sorria. Havia mais alívio do que medo nele.

— Você é como eu. Eu sou como você. Sabia. — Ele riu, aliviado. — Sabia. — Ele me abraçou. Nossas sombras se uniram. — Não importa! Nosso mana é o mesmo. Nossas sombras se uniram.

Não consigo expressar a magnitude desse momento. Sim, Marion era como eu, mas ainda não a havia encontrado. Omai me fazia sentir menos só. Normal. E imediatamente quis saber *tudo*. Olhando em volta, me certificando que o resto da tripulação estivesse no deque abaixo ou em qualquer outro lugar, começamos a conversar.

— Por isso você veio? Por isso queria deixar o arquipélago?

Ele assentiu. Fazer que sim com a cabeça parecia universal. Bem como superstição.

— Sim. Foi difícil. No começo, no Taiti, foi bom. Eles me viam como… o Escolhido. Por isso me tornei um… *cacique*. Eles encaravam como… prova de que o mana dentro de mim era bom. Que *eu* era bom. Que eu era meio homem, meio deus. Ninguém se aproximava muito de mim durante o dia, por medo de pisar na minha sombra. — Ele riu e observou o oceano, como se a memória fosse algo que quase pudesse enxergar no horizonte. — E eu fiz meu melhor e acho que fui um bom chefe, mas depois de muitas e muitas luas, as coisas mudaram. Outros homens. Queriam ser cacique. E eu era para sempre chefe. A única maneira de não ser chefe era morrendo. Então eu fui…

Ele fez um gesto para claustrofobia. As mãos agitadas no ar ao redor da cabeça.

— Preso.

— Sim, preso. Precisei ir. Eu tinha começado como a aurora. Mas o dia deve durar um tempo e depois se quer a noite. Não tinha mais para onde ir. Queria viver.

Contei o que aconteceu com minha mãe. Sobre Manning. Sobre Marion ser como nós. Contei como Rose ficou em perigo por minha causa. Contei o quanto sentia falta dela.

Ele sorriu carinhosamente.

— As pessoas que amamos nunca morrem.

Não sabia o que ele queria dizer, mas suas palavras permaneceram comigo ao longo dos séculos.

As pessoas que amamos nunca morrem.

— Na Inglaterra, as pessoas não nos aceitam também — contei, voltando ao assunto. — Não pode contar a ninguém neste navio sobre a sua condição. Quando voltar à Inglaterra, precisarei me tornar outra pessoa outra vez. O sr. Furneaux já está um pouco desconfiado.

Omai ficou um pouco preocupado. Tocou o próprio rosto. Devia estar se perguntando como iria se esconder.

— Não se preocupe — falei. — Você é exótico.

— Exótico? Que palavra é essa?

— Diferente. De um lugar distante. Muito, muito distante. Como um abacaxi.

— Um abacaxi? Não tem abacaxi na Inglaterra?

— Deve ter uns trinta na Inglaterra. Sobre as lareiras.

Ele parecia confuso. O mar batia gentilmente contra a proa.

— O que é uma lareira?

Byron Bay, Austrália, agora

Sentamos na varanda, rodeados por luzinhas e o burburinho indistinto de conversas alegres.

A última vez em que vi Omai, a Austrália era, na minha mente, recém-descoberta. E, no entanto, Omai continua o mesmo. O rosto levemente mais largo — não gordo, apenas mais largo conforme a idade —, e algumas rugas ao redor do olho que não somem depois do sorriso. Um desconhecido diria que ele tem por volta de 36 anos. Ele usa uma camiseta desbotada com estampa de um autorretrato de Frida Kahlo, propaganda de uma exposição das obras dela numa galeria de arte em Sydney.

— Quanto tempo — diz Omai saudosamente. — Que saudade, cara.

— Saudade mesmo. Uau. E você fala "cara" agora? Combina.

— Desde os anos sessenta. É obrigatório aqui, com a galera do surfe.

Iniciamos com martini de coco e pimenta, o qual Omai já experimentou e insiste que eu devo tomar. Dá para ver o mar daqui, além das palmeiras atarracadas e a vasta praia, cintilando sob a meia-lua.

— Nunca tinha tomado um martini de coco com pimenta — conto. — Esse é o problema de ficar velho. Cada vez menos novidades para experimentar.

— Ah, sei lá — fala ele, ainda o otimista. — Eu sempre vivi na praia e ainda tô pra ver uma onda igual a outra. É o mana, sabe? Em toda parte. Nunca para. Mantém o mundo novo. O mundo inteiro é um martini de coco com pimenta.

Dou risada.

— Há quanto tempo você é Sol Davis?

— Dezessete anos, acho. Desde que cheguei em Byron.

Olho em volta para os australianos felizes aproveitando a noite de sexta. Um aniversário é celebrado. Um urro coletivo erupciona quando o bolo chega com três velas explosivas em cima. Uma rodada de aplausos quando ele é depositado em frente à mulher na cabeceira da mesa. O colete dela traz um broche gigante que diz a idade comemorada: quarenta.

— Uma bebê — comento.

— Quarenta — fala Omai ironicamente. — Você lembra?

Aceno positivamente com a cabeça.

— Sim — respondo com tristeza. — Lembro, e você?

Tristeza no semblante dele também.

— Sim, foi quando tive de deixar o Taiti.

Seu olhar se perde na distância, como se esses outros lugar e tempo estivessem na escuridão além da varanda.

— Eu era um homem-deus. O sol brilhava por minha casa. Estava em sintonia com o clima, o oceano e as frutas nas árvores. E você lembra que, naquela época, antes de os europeus chegarem para nos cristianizar, bem, homens-deuses não eram tão incomuns. Deus não era algo nas nuvens. Tipo, olha pra mim, eu passo por um deus, certo?

— Esses martinis são fortes — brinco.

— Já devo ter contado tudo isso antes.

— Provavelmente. Muito tempo atrás.

— Muito, muito, muito, muito, muito, muito.

Uma garçonete se aproxima. Peço uma salada de abóbora de entrada e um pardo-vermelho de principal; Omai escolhe pratos que, de acordo com a garçonete, “ambos levam barriga de porco”.

— Eu sei — diz ele, exibindo seu sorriso. Ele ainda é o homem mais bonito que já vi.

— Achei melhor mencionar, caso quisesse variar.

— Estou variando: são dois pratos diferentes.

— Tá certo.

— E mais dois desses — pede ele, levantando o copo.

— Pode deixar.

Ele encara a garçonete, ela encara de volta, depois fala:

— Eu conheço você. É o surfista, né?

Omai dá risada.

— Estamos em Byron Bay. Todo mundo surfa.

— Não. Não que nem você. É o Sol Davis, né?

Ele assente e me olha, envergonhado.

— O próprio.

— Uau. Você é bem famoso por aqui.

— Eu não diria isso.

— É, sim. Eu vi aquele seu tubo. Foi *incrível*. Tá na internet.

Omai sorri educadamente, mas vejo que está envergonhado. Depois que a garçonete vai embora, ele encara a própria mão direita. Ele estica os dedos, como se fossem uma estrela-do-mar, depois os fecha em punho e vira a mão. A pele dele é lisa e caramelada, jovem. Preservada pelo oceano. Preservada pela anageria.

Conversamos mais.

As entradas chegam.

Ele ataca. Fecha os olhos na primeira bocada e emite sons prazerosos. Invejo como ele se deleita com facilidade.

— Então — continua ele —, o que você anda fazendo?

Conto. Falo sobre minha vida de professor. Sobre minha vida antes. História recente. Islândia, Canadá. Alemanha. Hong Kong. Índia. América. Falo sobre 1891. Sobre Hendrich. A Sociedade Albatroz.

— São pessoas como nós. Somos muitos. Bom, talvez não tantos.

Explico a ajuda que se recebe. A Regra dos Oito Anos. Sobre albas e efeméridas. Omai me encara, olhos arregalados, assombrado.

— Então o que você faz?

— Vou aonde Hendrich, o chefe, manda. Cumpro *missões*. Levo as pessoas. Nem essa parte é tão ruim. Recentemente fui ao Sri Lanka. É uma vida confortável.

Até aos meus ouvidos "confortável" soa como eufemismo.

Ele ri, preocupado.

— Leva as pessoas pra onde?

— Não é um local. Quero dizer, eu faço as pessoas se tornarem membros.

— Faz? Como?

— Bem, geralmente não tem segredo. Explico como a Sociedade pode protegê-los, lidar com a troca de identidades. O Hendrich tem *todos* os tipos de contatos. É como um sindicato, com seguros. Só que somos pagos apenas para viver.

— Você é um belo vendedor. Acompanha mesmo a época, não?

— Escute, Omai, não é piada. A gente continua em perigo, como antes.

— É. Mas a gente ainda tá aqui. Respirando. Inspira, expira.

— Há perigos. Você, neste instante, está em perigo. Tem um instituto em Berlim. Eles sabem sobre você. Faz anos que eles raptam pessoas.

Omai dá risada. Gargalha. Penso em Marion, desaparecida, possivelmente sequestrada, vai saber, e sinto raiva. Sinto como se ele estivesse me desafiando, como um ateu na frente de um católico.

— Raptam? Uau.

— É verdade. E não são só eles hoje em dia. Há firmas de biotecnologia no Vale do Silício, e em outros lugares, que querem sair na frente da competição, e a gente pode fornecer isso. Não somos humanos para eles. Somos ratos de laboratório.

Ele esfrega os olhos. Subitamente cansado. Estou cansando Omai.

— Ok. Pra essa "proteção", o que você precisa fazer? Qual a pegadinha?

— A pegadinha é cumprir com as obrigações.

Ele ri, esfregando os olhos, como se minhas palavras fossem o sono a ser espantado.

— Obrigações?

— De vez em quando é preciso fazer alguma coisa pra Sociedade Albatroz.

Ele ri ainda mais alto.

— Esse *nome*.

— É, é meio antiquado.

— Que tipo de coisa?

— Varia. Coisas tipo isso. Conversar com as pessoas. Convencê-las a se inscrever.

— Inscrever? Tem que preencher o papel da matrícula?

— Não, não, sem documentos. Só boa-fé. Confiança. O tipo mais antigo de contrato. — Percebo como soo igual a Hendrich. A última vez que tive essa sensação foi no Arizona, e não acabou bem.

— E quando as pessoas dizem não?

— Não costumam dizer. É um bom negócio. — Fecho os olhos. Lembro-me do disparo da arma no deserto. — Escute, Omai, estou falando: você não está seguro.

— O que eu preciso fazer?

— Bom, a ideia é não juntar limo. O Hendrich insiste na questão de não se apegar. E faz sentido se mudar a cada oito anos. Recomeçar num lugar novo. Se tornar outra pessoa. E você tá aqui faz mais de…

— Não posso fazer isso, ficar me mudando — afirma ele com seriedade. Preciso ser honesto.

— Não tem escolha. Todos os membros da Sociedade devem…

— Mas eu não me tornei um membro da Sociedade.

— Você se torna um membro automaticamente. Assim que um alba é localizado ele se torna um membro.

— Alba, alba, alba… blá-blá-blá…

— Saber da existência da Sociedade é se tornar parte dela.

— Um pouco como a vida.

— Acho que sim.

— E o que acontece se eu disser não? Me recusar?

Demoro demais para responder.

Ele se recosta na cadeira e balança a cabeça.

— Nossa, cara. É tipo a máfia. Você tá na máfia.

— Eu não tive escolha — conto. — Essa é a questão. Mas acredite em mim: faz sentido. Entenda: se um alba for exposto, *todos* os albas estarão em perigo. Mas você sabe que precisa se esconder. Você estava se escondendo. Me contou…

Ele balança a cabeça.

— Estou na Austrália há trinta anos.

Contemplo a informação.

Estou na Austrália há trinta anos.

— Me falaram vinte.

O rosto dele endurece um pouco. Isso não é bom. Nada disso está indo bem. Penso em nós dois no navio, rindo. Penso no tempo depois, na Royal Society na Inglaterra, quando Omai insistiu para que ficasse com ele. O quanto nos divertimos. Bebendo gim e mentindo para Samuel Johnson e as celebridades do momento.

— "Me falaram"? Quem? Andam me espionando?

— Não entendo como conseguiu trinta anos. Você se muda?

— Fiquei em Sydney por 13 anos, e estou em Byron há 17. Viajei um pouco pela costa. Fui até as Montanhas Azuis. Mas na maior parte do tempo morei na mesma casa.

— E ninguém desconfia?

Ele me encara. Vejo suas narinas expandirem e contraírem com a intensidade da respiração.

— As pessoas geralmente veem o que querem ver.

— Mas você tá na internet, a garçonete viu. Alguém filmou você. Anda atraindo muito interesse.

— Você. Você ainda pensa que está com a tocha na mão. Eu ainda sou o "Outro" que você quer guiar à sua vontade. Bom, pode pegar esse fogo e jogar no mar.

Fique firme.

— Caramba, Omai. Tô tentando ajudar. Não sou eu. Sou só o mensageiro. É o Hendrich. Ele sabe das coisas. Ele pode impedir coisas terríveis de acontecer, mas ele também — a verdade horripilante me ocorre —, ele também pode fazer coisas terríveis acontecerem.

— Quer saber? — Ele pega a carteira, larga algumas notas sobre a mesa e fica de pé. — Se não é com você que estou conversando, isso não será falta de educação, correto?

E eu fico sentado lá, depois de ele ir embora. A comida chega e eu digo à garçonete que ele deve voltar. Mas claro que ele não volta.

Honestamente, pensei que seria diferente. Pensei que a gente colocaria a conversa em dia e falaríamos sobre as coisas boas e horríveis que jamais pensamos possíveis. Pensei que falaríamos sobre bicicletas e carros e aviões. Trens, telefones, fotografias, lâmpadas elétricas, programas de TV, computadores, foguetes para a Lua. Arranha-céus. Einstein. Gandhi. Napoleão. Hitler. Direitos civis. Tchaikovsky. Rock. Jazz. *Kind of Blue*. *Revolver*. Ele gosta de "The Boys of Summer"? Hip-hop. Restaurantes de sushi. Picasso. Frida Kahlo. Mudança climática. Negação da mudança climática. *Star Wars*. A crise dos mísseis de Cuba. Beyoncé. Twitter. Emojis. Realities de TV. Notícias falsas. Donald Trump. A contínua ascensão e queda da empatia. O que fizemos nas guerras. Nossos motivos para seguir em frente.

Mas, não, não conversamos sobre nada disso.

Estraguei tudo.

Em resumo: eu fui um idiota. Um idiota sem amigos.

As pessoas que amamos nunca morrem.

Foi o que Omai disse, tantos anos atrás.

E ele tinha razão. Não morrem. Não inteiramente. Vivem na nossa mente, como sempre viveram dentro da gente. Mantemos a luz delas viva. Se lembrar-se delas com clareza, ainda podem guiá-lo, como o brilho de estrelas há tanto tempo extintas guia navios em águas desconhecidas. Se parar de

velar por elas, e começar a ouvi-las, ainda possuem o poder de mudar sua vida. Podem, em resumo, ser a salvação.

Omai mora na periferia, rua Broken Head 352. Uma casa térrea de ripas.

Dá para ver o mar daqui. É claro. Omai teria morado *no* mar se pudesse.

Espero alguns minutos depois de bater. Uma dor de cabeça embotada. Escuto sons baixinhos ali dentro. A porta se abre um pouco. Uma mulher velha, com cabelo branco e curto, me espia detrás da corrente. Quase noventa anos, eu diria. A face enrugada feito um mapa. Posição assimétrica por conta da artrite e da osteoporose. Olhos preocupados e com catarata. Um cardigã amarelo brilhante. Ela segura um abridor de lata elétrico.

— Pois não?

— Oh, me desculpe. Acho que estou com o endereço errado. Desculpe incomodar tão tarde.

— Não se preocupe. Nunca durmo hoje em dia.

Ela está fechando a porta. Apressadamente, acrescento:

— Estou procurando por Sol. Sol Davis. É o endereço certo? Sou um velho amigo. Estava jantando com ele, mas acho que o ofendi.

Ela hesita por um instante.

— Tom. Meu nome é Tom.

Ela assente. Já ouviu falar sobre mim.

— Ele foi surfar.

— No escuro?

— É a hora preferida dele. O oceano nunca vai pra casa. É o que ele sempre diz.

— Onde ele surfa?

Ela pensa. Olha o caminho de cimento a partir de sua porta, como se ali houvesse uma pista.

— Minha porcaria de cabeça de velha… Praia Tallow.

— Obrigado. Muito obrigado.

Sento na areia e o observo, iluminado pela lua cheia. Uma pequena sombra surfando uma onda. E então meu telefone vibra no bolso.

Hendrich.

Não atender o deixaria desconfiado.

— Ele está por perto?

— Não.

— Estou ouvindo o mar.

— Ele tá surfando.

— Pode conversar?

— Não tenho muito tempo. Vou encontrar com ele daqui a pouco.

— Ele foi convencido?

— Será.

— Você explicou tudo?

— Estou no processo. Ainda não tudo.

— O vídeo no YouTube tem 400 mil visualizações. Ele precisa desaparecer.

Omai desaparece sob uma onda. Depois emerge. Parece o modo perfeito de viver. Surfando uma onda, caindo, levantando. Tanto da vida parece baseado na ideia de *levantar*, de elevar algo — renda, status, poder —, viver a vida na direção do alto, como um arranha-céu. Mas a existência de Omai parece tão natural quanto o oceano, ampla e aberta como o horizonte. Ele está sobre a prancha outra vez, de barriga para baixo, remando com os braços sobre a ondulação da água.

— Ele vai desaparecer, tenho certeza.

— Ah, eu sei que ele vai. Pelo bem de todos nós. Não é só Berlim. Há uma firma de pesquisa biotecnológica em Pequim e eles…

Eu estou ouvindo tudo isso há mais de um século. Sei que deveria me preocupar, ainda mais por Marion estar por aí, mas é apenas mais um barulho no mundo. Como água contra a areia.

— Sim. Olha, Hendrich, preciso ir. Ele tá saindo da água.

— Plano A. É o que você é, Tom. Lembre-se que sempre há um plano B.

— Tô sabendo.

— É bom que saiba.

Depois da ligação, apenas fico ali parado, na areia. Daqui, as ondas soam como uma respiração. Inalar. Exalar.

Vinte minutos depois, Omai sai da água.

Ele me vê e continua andando, carregando a prancha.

— Ei! — Eu o sigo pela praia. — Me escuta: sou seu amigo, tô tentando proteger você.

— Não preciso da sua proteção.

— Quem é a mulher, Omai? A mulher na sua casa?

— Não é da sua conta. E fica longe da minha casa.

— Omai. Nossa. Omai. Caralho. É importante.

Ele para na grama dura perto da areia.

— Eu tenho uma vida boa. Não quero mais me esconder. Quero ser eu mesmo. Quero uma vida íntegra.

— Você pode ir pra qualquer lugar do mundo. Havaí. Indonésia. Qualquer lugar que quiser. Muitos lugares têm ondas boas. O oceano é todo interligado. É a mesma massa de água. — Tento pensar. Tento achar algo no nosso passado em comum que quebrará a parede de teimosia. — Você se lembra do que o dr. Johnson nos falou, naquela primeira semana depois da viagem? No jantar pra você na Royal Society. Sobre *integridade*?

Omai dá de ombros.

— Isso faz muito tempo.

— Qual é, você não lembra? Comemos perdiz. Ele nos disse que precisamos estar sempre prontos para novo conhecimento. *Enquanto conhecimento sem integridade é perigoso, integridade sem conhecimento é débil e inútil*. Estou tentando dar conhecimento e você está me devolvendo apenas integridade. Integridade que vai te matar e arriscar tudo.

— E você quer um pouco de conhecimento, Tom?

Faço um gesto de "vá em frente".

Ele fecha os olhos, como se tirasse um caco de vidro do pé.

— Tá bom, vou dar um pouco de informação. Eu já fui como você. Me mudando. Por todo o Pacífico. Pra qualquer lugar onde não houvesse questionamentos. Samoa. Ilhas Salomão. Lautoka, em Fiji. Sugar City. Nova Zelândia. Até de volta ao Taiti. Pulando de lugar pra lugar. Onde era necessário, eu fazia contatos. Arrumava um jeito no submundo. Arranjava documentos falsos. Sempre recomeçando. Do zero a cada cinco anos. Então as coisas começaram a mudar.

— Como?

Um homem passa ao nosso lado, um homem de meia-idade com uma camiseta desbotada da Quiksilver, bermuda jeans rasgada e chinelo de dedo. Ele está indo para a areia, com um baseado e uma lata de Coca em mãos. Ele cantarola uma música triste, indiscernível. Ele é um bêbado e chapado, pacífico, não quer saber de nós. Senta pesadamente na areia para fumar e contemplar as ondas, seus ouvidos bem fora do alcance.

Omai também se senta, depositando a prancha molhada na areia com grama, cruza as pernas. Eu me junto a ele.

Ele encara o mar com carinho melancólico, como se fosse uma memória. Momentos se passam sem nada acontecer.

— Eu me apaixonei.

Obviamente, quero fazer perguntas, mas as silencio por enquanto.

— Você me falava sobre o amor, lembra? Me falava da menina por quem se apaixonou. Com quem casou. A mãe da Marion. Como ela chamava?

— Rose. — Falar o nome dela, numa praia da Austrália, no século XXI, me dá uma sensação estranha e vertiginosa. A distância no tempo e no lugar se funde à proximidade da emoção. Coloco as mãos sobre a grama e a areia, com necessidade de sentir algo sólido, como se houvessem traços elementares dela ali.

— Bom, eu encontrei minha Rose. Era linda. O nome dela era Hoku. Quando penso nela, hoje em dia, tenho dor de cabeça.

Faço que sim.

— Dores de cabeça de memória. Ando tendo também ultimamente.

Penso por um momento se Hoku é a velha com o abridor de lata na casa dele, mas não parece ser o caso.

— Ficamos apenas sete anos juntos. Ela morreu na guerra…

Penso em qual seria. E onde. Segunda Guerra Mundial, suponho, e tenho razão.

— Foi quando me mudei para a Nova Zelândia, arrumei documentos falsos e me alistei. Era a época mais fácil de falsificar a identidade. Aceitavam qualquer um. Não investigavam a fundo. Não que eu tenha lutado muito. Fui enviado pra Síria, fiquei lá, torrando. Depois Tunísia, torrando mais, com um pouquinho de ação. Vi algumas coisas. Foi intenso. E você? Lutou nessa?

Suspiro.

— Não permitiram. Hendrich pensou que a combinação de ciência com ideologia seria perigosa demais para nós. E ele tinha razão, com os nazistas e a obsessão iludida de criar uma raça perfeita. O pessoal da pseudociência chamada eugenia sabia sobre nós. Tinham tomado conta do Instituto de Pesquisa Experimental em Berlim e descobriram a pesquisa sobre nós, sobre os albas, e estavam atrás da gente… Enfim, Hendrich passou por uma fase paranoica. Não queria que nenhum de nós se envolvesse na guerra. E, sim, enquanto você estava salvando a civilização, eu era um bibliotecário míope e asmático em Boston. Ainda me odeio por isso. Acho que sempre evitei o amor como Hendrich evita a guerra. Tentar se manter vivo sem mais dor.

Uma sirene distante grita à distância.

Omai passa a mão sobre a água na prancha.

— Não. Não para mim. Amor é onde se encontra significado. Estes sete

anos que estive com ela foram mais importantes que todos os outros. Entende? Pode pegar todos os anos antes e depois e pesá-los ao lado desses sete e eles não terão nem chance. Esse é o negócio com o tempo, né? Não é igual. Alguns dias, alguns anos, algumas *décadas* são vazios. Não têm nada. Calmaria. Aí você se depara com um ano, ou mesmo um dia, uma tarde, e é tudo. É a coisa toda. — Penso em Camille, sentada no banco do parque, lendo *Suave é a noite*, enquanto Omai continua: — Venho tentando entender o ponto. Eu acreditava em mana. Todo mundo nas ilhas, naquela época, acreditava. Acho que ainda acredito, sabe, em certo sentido. Não como superstição, mas como a ideia de *algo*. Algo dentro de nós. Algo ainda inexplicado, que não vem do céu, das nuvens, de um palácio no paraíso, mas daqui de dentro. — Ele bate no peito. — Não é possível se apaixonar e não pensar que exista algo maior nos governando. Algo, sabe, *que não é a gente mesmo*. Algo que mora dentro de nós, aprisionado, pronto pra nos ajudar ou nos foder. Somos mistérios pra nós mesmos. Até a ciência sabe. Não temos porra nenhuma de ideia sobre como nossa mente funciona.

Depois, ficamos quietos.

O bêbado agora se deitou, olhando as estrelas. Ele apaga o baseado na areia.

Um minuto se passa. Talvez dois. Omai então se sente pronto para falar.

— Tivemos um bebê. — A voz dele ondula suavemente como o amar. — Demos o nome de Anna.

Tento absorver o significado disso. Penso em Marion. Então entendo.

— Era ela, não? A mulher na sua casa é…

O menor dos meneios.

— Ela não é como a sua filha. Envelheceu. Em tempo real. Casou-se. Mas o marido, meu genro, morreu de câncer há trinta anos. Ela mora comigo desde então.

— Então ela sabe sobre você?

Ele ri. Pergunta idiota, claro, mas é que ainda me assombro com a ideia de uma efemérida saber isso sobre um ser amado e aceitar, não perceber o risco. Claro, Rose sabia sobre mim, minha mãe também, e esse saber foi um tormento que nos afastou.

— Ela sabe. Ela sabe. E o marido sabia também.

— E o segredo não vazou?

— Quem acreditaria num segredo assim?

— Algumas pessoas. Pessoas perigosas.

O modo como ele me olha neste instante faz com que me sinta fraco, patético. Um covarde em fuga.

— Uma onda pode matar. Ou você pode surfá-la. Às vezes, fugir é mais perigoso. Não se pode viver com medo, Tom. É preciso estar pronto a subir na prancha e ficar de pé. Se estiver no tubo da onda, precisa ignorar o medo. Precisa estar no momento. Seguir em frente. Se tiver medo, vai cair e bater a cabeça na pedra. Nunca vou viver com medo. Não posso fazer isso por você, Tom, simplesmente não posso. Já fugi demais. Agora estou em casa. Te amo, cara, sério, mas nem se o fantasma do capitão Furneaux aparecer nessa areia eu vou a lugar algum com você.

Então ele se levanta e pega a prancha.

— Eu vou consertar isso — me pego falando. — *Vou consertar isso.*

Ele assente, mas continua andando, os pés descalços já no concreto. Volto a olhar o cara chapado, ele acena e eu aceno de volta. Volto a deitar na areia e penso na guerra que Omai lutou e eu não, por causa do Hendrich. Sinto que minha hora de lutar se reaproxima. Meu celular volta a vibrar contra minha coxa, como algo vivo, e apenas deixo tocar, e penso em que porra vou fazer agora.

Durmo na praia. Quando acordo, a luz da manhã sangra o céu e eu volto ao hotel, tomo café e confiro as mensagens. Estranho Hendrich ter ligado apenas uma vez. Volto para o quarto e tenho dificuldades com o wi-fi, mas, por fim, me conecto, entro no Facebook e não vejo nenhuma atualização de Camille. Quero falar com ela. Quero mandar uma mensagem. Mas sei que não posso. Sou perigoso. Enquanto eu ainda fizer parte da Sociedade Albatroz, sou o perigo do qual preciso protegê-la.

Deito na cama em posição fetal e estremeço em lágrimas, pensando que estou tendo um colapso mental.

— Vai se foder, Hendrich — sussurro para o teto. — Foda-se tudo isso.

Saio do hotel, caminhando, e continuo andando tentando afugentar as lágrimas, e penso. Preciso pensar. Ando pelo penhasco e pela praia. Vou até o farol de Cape Byron e observo o mar.

Me lembro de observar o oceano Antártico do deque do *Adventure*, na busca ambiciosa e idiota de Cook por uma terra maior que a Austrália.

Há um momento em todas as vidas que percebemos que não há terra para além do gelo. Apenas mais gelo. E o mundo continua a ser o mesmo além.

Às vezes é preciso olhar para o que está lá para descobrir o que está bem

na sua frente. As pessoas que ama.

Penso em Camille. Penso na voz dela. Penso na cabeça dela se virando para o sol. Penso no medo quando ela caiu da cadeira.

Subitamente percebo que não importa. Não importa que envelhecemos em outro ritmo. Não importa que não há uma maneira de resistir às leis do tempo. O tempo à frente é como a terra para além do gelo. É possível supor como seria, mas não é possível saber. Só conhecemos o momento presente.

Volto para a direção da terra e encontro uma lagoa. A água é de uma verde-escuro delicioso, com rochas e vegetação exuberante por toda a margem. Vivo há muito, mas não sei o nome da maioria das plantas. Nem sei o nome da lagoa em si. É tão bom estar num lugar que não conheço. Um lugar novo depois de o mundo ter me parecido tão velho e familiar. Duas pequenas cachoeiras jorram na lagoa, anulando qualquer outro barulho. Olho a água que cai até ela se transformar num véu de noiva.

Aqui não tenho wi-fi. Não tenho recepção. É calmo aqui. O ar cheira bem. O som da água parece mandar o mundo ficar quieto. Sento-me num tronco e percebo água. Minha cabeça não dói.

Sei algo com toda certeza.

Não vou converter Omai. E não vou matá-lo. Inalo o cheiro de flores do ar e fecho os olhos.

Escuto um som que não é água.

Um farfalhar, de um arbusto perto do caminho estreito atrás de mim. Talvez seja um animal. Mas, não, sinto alguém se aproximar. Um alguém humano. Um turista talvez.

Viro-me.

Vejo uma mulher e ela segura uma arma apontada na minha direção. É como se eu levasse um choque.

O choque não é por ver um arma.

O choque é por *vê-la*.

À primeira vista, ela parece tão diferente. Pra começar, o cabelo azul. Está alta. Mais alta do que pensei que ela seria. Tem tatuagens no braço. Está a cara do século XXI, com camiseta (“Gente me assusta”) e jeans e piercing no lábio e relógio de plástico laranja e raiva. Ela também parece uma mulher de quase quarenta anos, não a menina para quem disse adeus quatrocentos anos atrás. Mas é ela. Meus olhos não mentem.

— Marion.

— Não fale este nome.

— Sou eu.

— Olha pra água.

— Não, Marion, não vou olhar.

Fico de pé e continuo a olhá-la. O choque é tamanho. Tento não pensar na arma a poucos centímetros do meu rosto, da morte a poucos segundos. Tento apenas enxergar minha filha.

— É por você que ainda vivo. Sua mãe pediu para eu encontrar você. E eu sabia que estava em algum lugar. Sabia.

— Você nos abandonou.

— Sim, abandonei. Abandonei e me arrependo. Abandonei para salvar sua vida. A vida da sua mãe. Ela queria que eu fosse. Era o único jeito. Fugimos de Londres, mas não podíamos fugir da realidade. Eu vi minha mãe se *afogar* por minha casa. Sabe o que é ter essa culpa, Marion? Não queira saber. Por esse mesmo motivo você não deve matar. Foi o Hendrich? Ele que mandou? Ele recrutou você? Fez lavagem cerebral em você? Pois é isso que ele faz, Marion, lavagem cerebral. Ele sabe ser persuasivo. Ele tá vivo faz quase mil anos. Sabe manipular.

— Você nunca me quis. Foi o que contou pro Hendrich. Nunca quis ser pai.

Choque em cima de choque. Hendrich tinha encontrado Marion e não me contara. A única coisa que ele sabia que eu queria — saber onde ela estava —, e ele escondeu. Por quanto tempo ela estava na Sociedade sem eu saber?

Mal conseguia respirar o suficiente para falar.

— Não, não, não é verdade. Marion, me escute, eu procurei por você. Por favor? Quando… quando ele...

A arma ainda está lá. Penso em agarrar o braço dela e arrancá-la. Mas está é minha filha, é Marion, a ausência que sempre senti. Posso falar com ela. Se Hendrich pode, eu posso também.

— Você queria me encontrar porque eu era a única pessoa que sabia sobre você e não era de confiança. Não se importava comigo, não me viu por séculos. Só queria se proteger e pediu pra Sociedade Albatroz me encontrar e se livrar de mim.

— É exatamente o oposto.

— Eu vi a carta que você escreveu pro Hendrich.

— Que carta?

— Eu vi. Sua letra. O envelope. O que você disse. Vi suas condições pra se juntar à Sociedade. Me matou por dentro. Fiquei louca. Depressão. Pânico.

Psicose. Tive de tudo porque descobri que meu próprio pai, quem eu mais amava no mundo, queria me ver morta. Sabe, eu queria encontrar você também. Era *você* o que *me* fazia seguir em frente. Saber que o meu motivo pra viver queria me matar foi demais. Eu não devo nada a você, *papai*.

Ela está chorando. O rosto duro, mas chorando, e eu a amo tanto, e sinto a força disso como a cachoeira perene e quero que tudo fique bem. Quero que ela saiba que pode ficar.

— Hendrich mente. Falsifica coisas. Arranja falsificadores. Às vezes, a nosso favor, às vezes, contra nós. Ele tem contatos e dinheiro, Marion. Ficou rico com o comércio de tulipas e nunca mais empobreceu.

— Agnes verificou. Me disse que era verdade. Me contou que por minha causa você precisou ir embora e por isso me odiava. Seu merda.

— Eu nunca falei que odiava você. A Agnes está cega pelo dinheiro dele. Marion, amo você. Não sou perfeito. Não fui um pai perfeito. Mas sempre amei você. Procuro por você desde sempre. Desde sempre, Marion. Você foi uma criança incrível. Sempre procurei você. Sempre senti sua falta.

Penso nela, perto da janela, aproveitando os últimos raios de sol para terminar de ler *A rainha das fadas*. Penso nela sentada na cama, tocando a flauta, determinada a acertar as notas.

Ela ainda chora, e a arma ainda está mirada em mim.

— Você disse que voltaria. Nunca voltou.

— Eu sei, eu sei. Eu era o perigo, lembra? As coisas que escreveram na porta? O caçador de bruxas? As fofocas? Você sabia. Sabia o que aconteceu com minha mãe. Eu era o problema. Precisava ir. Como você precisou.

Ela fecha os olhos com força, como se fizesse um punho com o rosto.

— Filho da puta.

Eu poderia facilmente pegar a arma, mas não pego.

Por séculos, ela é o único motivo pelo qual segui em frente. Mas agora, percebo, quero de fato viver. Pela vida em si. Pela possibilidade e o futuro e a possibilidade de algo novo.

— Me lembro de você tocando “Under the Greenwood Tree” — falo para ela. — Naquela flautinha. A que arrumei na feira de Eastcheap. Lembra? Lembra quando eu ensinei você a tocar? Não foi fácil no começo. Não conseguia fechar os buracos com seus dedinhos. Mas, um dia, conseguiu. E tocava a flauta na rua, embora sua mãe não quisesse… Ela nunca queria chamar atenção. Hoje você deve entender.

Ela não fala nada. Eu olho para a água e para as árvores do outro lado da

lagoa. Escuto a respiração dela.

Coloco a mão no bolso.

— O que você tá fazendo? — pergunta ela, a voz tão baixa que quase não escuto por cima da água.

Pego a carteira.

— Um segundo. — Pego a embalagem e seguro no ar. Ela olha a moeda escura e frágil lá dentro.

— O que é isso?

— Não se lembra daquele dia em Canterbury? O sol brilhava. Você tocava a flauta e alguém jogou essa moeda na sua mão. Você me deu no último dia e disse que eu precisava pensar em você. Aqui está, a moeda que me deu esperança. Que me manteve *vivo*. Queria um dia devolver. Aqui. Pode pegar.

Levanto para ela. Lentamente, ela ergue o outro braço. Colocou a mão na palma dela. Incerta, ela baixa a arma. Os dedos se dobram sobre a moeda, devagar, como um lótus fechando as pétalas.

Ela parece zonza. Diz algo que não ouço enquanto se encosta em mim e chora convulsivamente no meu ombro. Abraço-a, tentando eliminar todos os séculos perdidos.

Quero saber tudo. Quero passar os próximos quatro séculos ouvindo sobre a vida dela, em tempo real. Mas ela se afasta, limpa os olhos e me olha com ansiedade.

— Ele tá aqui — diz, encarando-me com os olhos verdes da mãe. — Hendrich. Ele tá aqui.

Hendrich decidiu acompanhar Marion até a Austrália. Estava hospedado no mesmo hotel que ela, o Byron Sands. Ele estava preocupado, desde o momento em que pedira, que eu não fosse capaz de cumprir o serviço com Omai. Ele se preocupava comigo, e eu sabia disso, fazia tempo. Desde o Sri Lanka, e o momento em que decidi voltar a Londres.

Disse a Marion para me seguir. Não era para ela me matar, pelo menos isso.

— Vai ficar tudo bem, Marion — eu falei, petrificado ao mentir outra vez. — Tudo. Vai ficar tudo bem.

Já é de noite. Marion e Hendrich jantam no Byron Sands.

— Não vacile — falei. — Deve ser a mesma pessoa de uma hora atrás. Na frente dele, deve acreditar que quer me ver morto.

Não volto para o hotel. Ando por uma rua costeira perto do hotel deles,

caso Marion precise de mim, com a calma da grama e da areia e do mar justapostos à intensidade da minha mente, vagando atrás dos postes, na escuridão.

Estou ao telefone. Tentando ligar para Camille. Hendrich ouvira a voz dela, aquele dia quando eu estava bêbado no parque. Até onde eu sei, ele pode ter mandado um alba para Londres — Agnes ou outro —, pronto para matá-la e fingir suicídio.

— Atende — digo inutilmente para o ar. — Atende, atende…

Mas ela não atende. Envio uma mensagem.

"Desculpe por como agi. Preciso explicar mais coisas. Vou explicar. Quero apenas avisar que você deve fugir. Pode estar em perigo. Deixe sua casa. Vá pra algum lugar. Algum lugar público."

Envio.

Meu coração bate loucamente.

A vida toda, percebo, fui caçado pelo medo. Hendrich prometera dar um fim a esses medos, mas apenas os acentuou. Ele controlava pelo medo. Controlou-me pelo medo, controlou Marion pelo medo. Quando era apenas eu, era difícil perceber, mas ver como ele manipulou Marion, mentindo para nós dois, fez com que eu percebesse os segredos da Sociedade Albatroz, a manipulação de seus membros, tudo para servir à paranoia crescente de Hendrich quanto a ameaças externas. Companhias de biotecnologia interessadas em interromper o envelhecimento eram sua nova preocupação: uma chamada GeneControl e outra chamada StopTime, que pesquisavam células-tronco e que poderiam um dia evitar o envelhecimento humano.

Hendrich tinha a crença de que os cientistas em Berlim eram assassinos, e sempre surgia uma nova teoria da conspiração. Albas sabiam que era difícil serem eles mesmos, e geralmente tinham lembranças de injustiças terríveis, como eu. Mas eu não queria mais que a sombra de William Manning prejudicasse meu julgamento. Quanto mais eu pensava na ameaça, mais entendia que a ameaça era Hendrich.

Ele corrompera tudo. Até mesmo o reencontro com Marion.

Recebo uma mensagem de Camille: "????".

Um táxi passa. O único carro nessa rua.

Meu celular vibra.

Não é Camille, é Marion.

— Ele vai atrás do Omai.

— Quê?

— Acabou de sair do restaurante. Tá indo. Acabou de entrar num táxi. Vai chegar na casa em dez minutos.

Um enorme lagarto de listras amarelas passa ligeiro entre as palmeiras.

— Acabei de ver o táxi. O que ele vai fazer?

— Não me contou. Me mandou esperar. Eu não podia forçar. Ele já estava desconfiado.

— Marion, ele tem uma arma?

— Não sei, mas…

Antes que ela termine a frase, já estou correndo rumo ao norte pela rua Broken Head.

Canterbury, Inglaterra, 1617

— Pai.

Marion olhava para mim, deitada no travesseiro. Olhos pesados de preocupação. Ela suspirou. Eu estava contando sobre os pássaros que subiram até a lua e moravam lá, do lado escondido para nós.

— Sim, Marion?

— Queria estar na lua.

— Por quê, Marion?

Em sua testa surgiu uma ruga profunda. Apenas ela conseguia uma ruga tão profunda assim.

— Alguém cuspiu na mamãe. Ele foi até a barraca e ficou ali parado. Usava luvas boas. Mas então fez rosto de gárgula, mudo como uma gárgula, fez uma cara horrível para a mãe, e para mim também. A mãe não gostou de como ele me olhou. Ela falou: “O senhor deseja uma flor?” E acho que ela foi bem rude, mas ela estava nervosa.

— E então ele cuspiu nela?

Marion assentiu.

— Sim. Ele esperou um instante e cuspiu na cara dela. — Ela cerrou os dentes com tanta força que pude ver os músculos mudarem de lugar.

Ponderei.

— E ele falou mais alguma coisa? Se explicou?

Ela franziu ainda mais o cenho. A angústia nos olhos dela a deixava mais velha. Era fácil imaginar a mulher que ela se tornaria.

— Não disse mais nada. Largou mamãe se limpando, com todos os vendedores e clientes nos encarando.

— E ele foi esquisito com outras pessoas?

— Não. Só conosco.

Beijei a testa dela. Subi o cobertor.

— Às vezes — falei —, o mundo não é como gostaríamos. Às vezes, as pessoas podem nos desapontar. Às vezes, as pessoas fazem coisas terríveis com as outras. É preciso ter cuidado na vida. Sabe, eu sou diferente. Você sabe, não? O mundo todo envelhece para a frente, e eu, aparentemente, envelheço para os lados.

O rosto dela endureceu ainda mais. Estava perdida em imaginações violentas.

— Espero que aquele homem fique doente. Espero que morra em agonia por ter envergonhado mamãe daquele jeito. Gostaria de vê-lo enforcado, com as pernas se debatendo, quero ver ele fatiado com as estranhas vazando. Quero arrancar os olhos dele e dar pros cachorros comerem.

Olhei para ela. A fúria era uma força que eu quase podia sentir no ar.

— Marion, você ainda é uma criança. Não deve pensar assim.

Ela se acalmou um pouco.

— Fiquei com medo.

— Mas o que Montaigne nos ensina? Sobre o medo?

Ela assentiu lentamente, como se Montaigne em pessoa estivesse no quarto.

— “O homem que teme o sofrimento já está sofrendo pelo que teme.”

Faço que sim com a cabeça.

— Agora, ouça-me, Marion. Se algo acontecer a você, se você se tornar como eu, se for diferente, deve aprender a criar uma casca ao seu redor. Uma concha dura como a de uma noz. Uma casca que ninguém verá, mas que você sabe estar lá. Entende o que estou dizendo?

— Acho que sim.

— Seja uma noz.

— As pessoas quebram nozes e as comem.

Reprimo um sorriso. Ela sempre tinha uma resposta para tudo.

Um pouco mais tarde, depois de uma jarra de cerveja, deito-me ao lado de Rose, temendo pelo futuro que eu já sabia estar contra nós. Fico enjoado ao pensar que chegaria o momento de deixá-las. Quando eu precisaria fugir, e continuar fugindo, pelo tanto tempo de vida que eu tivesse. Para longe de

Canterbury. Para longe de Rose. Para longe de Marion. Para longe de mim. Já sentia saudades de um presente que ainda vivia. E fiquei deitado ali, tentando encontrar uma rota para um futuro distante, no qual as coisas poderiam ser melhores. Onde, de algum modo, o curso de minha vida pudesse ser redirecionado para casa outra vez.

Byron Bay, Austrália, agora

Na rua Broken Head, é possível ouvir o quebrar das ondas claramente. Batendo no penhasco. É fácil disfarçar o barulho de combustível sendo jogado na madeira. Sinto cheiro antes de ver o que ele está fazendo.

— Hendrich! — grito. — Pare!

No escuro, ele quase parece da idade que tem. Curvado e magro e ressecado, como uma escultura de Giacometti vestida de calça jeans e camisa havaiana. Um dos braços está pendurado ao lado do corpo, curvo, com dificuldade para segurar o peso do latão de combustível. Mas há uma energia urgente no movimento.

Ele para por um segundo e me olha sem emoção. Não sorri. Noto porque raramente o vi sem um sorriso.

— Você me contou que não foi capaz de queimar a casa dele no Taiti. Você nunca terminou suas tarefas, não é, Tom? Bem, a história corrige os próprios erros.

— Não faça isso. Omai não é perigoso.

— Conforme ficamos velhos, Tom, não desenvolvemos apenas a habilidade sobre as pessoas, também entendemos o tempo em si. Você ainda não chegou lá, mas há momentos em que o entendimento é tão profundo que se vê a via dupla. Para a frente e para trás. Quando dizem que “para entender o futuro é preciso entender o passado”, acho que não sabem o quanto disso é verdade, Tom. É possível ver o futuro. Não por inteiro. Partes. Flashes. Como memórias reversas. Esquecemos parte do futuro da mesma forma que

esquecemos parte do passado, é o que parece. Mas eu já vi o suficiente. Sabia que você não seria capaz de terminar o serviço. Faz tempo que percebo isso. Sabia aonde isso iria chegar.

— Não importa. Nada disso importa.

— Claro que importa. Precisamos nos proteger.

— Porra, Hendrich. Que mentira. Você quer dizer *se* proteger. Você sempre quis dizer isso. É uma sociedade de um membro só. Qual é, Hendrich. Não estamos mais no século XIX. Sabia sobre a Marion. Mentiu pra mim.

Ele balança a cabeça.

— Fiz algo que você acha difícil. Mantive a promessa. Falei que a encontraria e encontrei. Algo que você não foi capaz de fazer. Mantenho as pessoas seguras.

— Ateando fogo na casa delas?

— Você está com o nariz enfiado na tela, Tom. Afaste-se e veja o quadro completo. Nunca estivemos sob tanta ameaça. Berlim, biotecnologia, tudo. As coisas não melhoram. Olhe para o mundo, Tom. Tá tudo fodido. Efeméridas não vivem o suficiente para aprender. Nascem, crescem, cometem os mesmos erros, de novo e de novo. É um grande círculo, girando, gerando mais destruição a cada vez. Olhe a América. Olhe a Europa. Olhe a internet. A civilização nunca dura o suficiente antes de o Império Romano cair outra vez. A superstição voltou. As mentiras voltaram. A caça às bruxas voltou. Estamos caindo de novo na Idade das Trevas, Tom. Não que sequer tenhamos saído. Precisamos nos manter em segredo.

— A única coisa que você faz é substituir superstição por mais superstição. Você mente. Encontrou minha filha e a mandou me matar.

— Não sou eu que mente, Tom, sou?

Ele pega um isqueiro cromado do bolso. O mesmo que carregava consigo quando nos conhecemos, no Dakota.

— Deixei de fumar há anos. Pra não ser linchado em LA. Mas guardei essa recordação. Sabe, como aquela sua moeda idiota. O fluido, no entanto, esse eu tive que comprar.

Ele acende a chama. De repente, entendo que tudo isso é real. Não me surpreendo por Hendrich estar disposto a matar Omai, me matar, ou manter Marion em segredo. Desde que me juntei à Sociedade, sabia do que ele era capaz. O surpreendente é ele estar disposto a se expor assim, se arriscar, ficar tão perto do *fogo*.

— Omai! — grito. — Omai! Omai! Saia de casa!

E então acontece.

O auge do *crescendo*. Uma cascata de tudo. Todos os caminhos da minha vida se cruzando em um ponto.

Conforme corro na direção de Hendrich, uma voz soa, perfurando a noite:

— Pare!

É Marion, claro.

E então Hendrich para, por um instante, e parece subitamente fraco e vulnerável, como um garotinho perdido na floresta. Lança um olhar para Marion, depois para mim. Simultaneamente, Omai sai, descalço, de sua casa, carregando a filha envelhecida nos braços.

— Olha pra isso. Não é fofo? Uma reunião de pais e filhas. Essa é sua fraqueza, entenda. O que separa nós dois. O desejo de ser como eles. As efeméridas. Eu nunca senti isso. Eu sabia, antes de ficar rico, *anos* antes de vender minha primeira tulipa, que a única maneira de ser livre é não ter ninguém.

Um tiro dispara. O barulho vem do céu. O rosto de Marion está duro — sim, duro como uma noz —, mas os olhos cheios de lágrimas e as mãos tremem.

Ela atingiu o alvo. Linhas negras de sangue escorrem do ombro dele pelo braço. Mas ele ainda levanta a lata de combustível e a inclina, despejando o fluido sobre ele mesmo.

— No final, *eu* era Ícaro.

Ele derruba a lata ao trazer a chama perto do peito. Eu penso, ou imagino, ver um leve sorriso, um pequeno sinal de aceitação satisfeita, no momento anterior a ele cair em chamas. O corpo incendiado vacila para longe da casa. Ele continua andando pela grama na direção do mar. Do penhasco.

Ele segue para o precipício, os pés arrastando-se pela grama que fica mais selvagem. A grama vira fumaça, chamusca e brilha, como centenas de vagalumes minúsculos. Ele continua andando; não há hesitação ou reflexão, não há grito de dor. Apenas um impulso surpreendente. Determinação, um derradeiro ato de controle.

— Hendrich? — falo. Não sei por que o nome sai como uma questão. Suponho que, mesmo em seus últimos instantes, ele seja uma coleção de mistérios. Eu vivi uma vida longa, mas nunca é longa o suficiente para não conter surpresas.

— Ah, cara — Omai repete. — Ah, cara, ah, cara…

E o instinto dele, a boa pessoa que é, é ir até Hendrich. Ele coloca a filha

sobre a grama.

— Não! — exclama Marion. Ela ainda segura a arma. Percebo que Hendrich, para ela, não é apenas o homem que pediu para ela me matar, mas também o homem que cuspiu no rosto da mãe dela, aquele cujas entranhas ela queria ver. Ele é o William Manning não vingado. Ele é cada pessoa que a magoou nesse meio-tempo, eu pressinto que tenham sido muitas. — Deixa o filho da puta ir. Fica pra trás. Fica aí. Deixa.

Então o deixamos. E tudo é silêncio. Nenhum carro passa, ninguém vê nada. A única testemunha é o nosso lado boquiaberto da lua, como sempre. O fogo vertical que é Hendrich anda e anda e depois não anda mais. Ele se foi. O chão, que brilhava e se remexia sob o fogo, subitamente é escuridão. Ele caiu. A distância temporal entre ele andando e sua ausência é tão mínima que se torna imperceptível.

Há um mundo em que ele vive e um mundo em que ele está morto. E a mudança de um para o outro acontece sem um ricochete maior do que o sussurro das ondas batendo nas rochas distantes.

Da mesma forma que é preciso apenas de um minuto para morrer, é preciso apenas de um minuto para viver. Apenas se fecha os olhos e deixa qualquer medo inútil ir embora. E então, nesse novo estado, livre do medo, você se pergunta: quem sou eu? Se eu pudesse viver sem dúvida alguma, o que eu faria? Se eu pudesse ser bom, sem ter medo de me foder? Se eu pudesse amar, sem ter medo de sofrer? Se pudesse apreciar a doçura do hoje sem pensar na saudade desse sabor amanhã? Se não temesse a passagem do tempo e das pessoas que ele roubará de mim? Sim. O que eu faria? Com quem me importaria? Qual batalha eu lutaria? Quais caminhos pisaria? Quais alegrias me permitiria? Quais mistérios internos resolveria? Como, em resumo, eu viveria?

Londres, agora

Marion.

Minha filha. Filha de Rose.

Ela ainda é a mesma garotinha.

É o que as pessoas dizem, não? Quando as crianças crescem. Bem, na verdade, não posso falar isso sobre Marion. Ela não é mais a mesma garotinha.

Sim, a intensidade sempre esteve lá. A inteligência sensível. O amor pelos livros. O desejo — que certa vez não passou de fantasia infantil — de executar vingança sanguinolenta sobre aqueles que lhe fizeram mal.

Mas agora há milhares de coisas novas.

Afinal, não somos apenas aqueles que nascemos. Somos aqueles que nos tornamos. Somos aqueles que a vida faz. E ela, nascida há quatrocentos anos, passou por muito, viveu demais.

Por exemplo, ela tem medo do Abraham. Agora ela "não gosta de cachorro". Não ouso perguntar o que aconteceu.

O Abraham gosta dela imediatamente, assim que o buscamos na babá de cachorro, mas Marion senta bem longe dele, olhando nervosamente de soslaio na direção dele.

Ela é muito honesta sobre o que já fez.

Conta sobre alguns lugares onde já viveu, além de Londres e Heidelberg e LA. Rouen: sua primeira viagem além-mar. Depois Bordeaux. Ela sabia falar francês, e ambos tinham associação com Montaigne, isso influenciou. Outros

lugares mais recentes: Amsterdam, Vancouver, Escócia. Aparentemente, tinha vivido na Escócia por mais de cem anos, de 1840 em diante. Mudava-se. Terra Altas. East Neuk of Fife. Shetland. Edimburgo. Foi tecelã. Possuiu um tear.

— Um tear ambulante — ela fala, e ri um pouco, coisa rara.

Ela toma citalopram para depressão.

— Fico meio zoada, mas preciso.

Ela conta que sempre tem sonhos estranhos, e também ataques de pânico. Às vezes, tem ataques de pânico por medo de ter ataques de pânico. Um ciclo vicioso. Ela teve um no avião, voltando da Austrália, mas quase não percebi, ela apenas ficou muito imóvel.

Deixamos a Austrália sem problemas. Ela não havia chegado lá com Hendrich, e o corpo dele ainda não havia sido descoberto, então nada de perguntas. Ele havia mudado de identidade, é claro, para chegar até ela, portanto, de certo modo, ele nem existia. Tinha se escondido tão bem que sua morte, como qualquer outro aspecto dele, era apenas mais um segredo.

Precisei dizer adeus a Omai. Sugeri que em algum momento seria boa ideia se mudar. Ele disse que pensaria a respeito. E só. Ele não iria se mudar. Ficaria na dele, e, bom, apenas o futuro sabe no que isso vai dar.

Escrevo um e-mail. Digito e quase pressiono “enviar”. O e-mail é para Kristen Curial, que comanda a StopTime, a companhia de biotecnologia parcialmente governamental que investiga meios de interromper dano celular em doenças e envelhecimento. Uma das pessoas que provoca a paranoia em Hendrich.

Cara Kristen,

Tenho 439 anos de idade. Posso provar. Acho que posso ajudar com sua pesquisa.

Tom

Anexo a fotografia do Ciro’s e uma selfie atual, incluindo a cicatriz no braço. Encaro o e-mail e penso como é ridículo. Salvo nos “rascunhos”. Talvez mais tarde.

* * *

Marion não fala muito. Mas quando fala, xinga bastante. Ela se diverte com os xingamentos, algo que suspeito ter herdado da tia Grace. Ela gosta bastante da palavra “cuzão” (não que essa fosse usada na época da tia). Tudo é cuzão. Por exemplo, a TV é cuzona. (Nunca tem nada passando na cuzona.) Os sapatos são cuzões. O presidente dos Estados Unidos é um cuzão. O tear é um cuzão. O livro *História da civilização ocidental*, de Bertrand Russell, é um cuzão.

Ela também conta sobre sua “pequena incursão” nas drogas pesadas de 1963 a 1999.

— Oh — falo, sentindo como se tivesse perdido o jeito para a paternidade. — Isso é… uh…

Ela está morando comigo por um tempo. Nesse instante, ela está sentada na poltrona, longe de Abraham, fumando um cigarro eletrônico e cantarolando uma velha canção. Muito velha. “Flow My Tears”, de John Dowland. Uma música que eu tocava no alaúde quando ela era pequena, antes de ela começar a tocar a flauta. Ela não fala nada a respeito, nem eu. Há uma vibração na sua voz. Uma suavidade. Há uma noz macia sob a casca.

— Você sente saudade da mamãe? — pergunta ela.

— Todos os dias. Mesmo depois de todos esses anos. Ridículo, não?

Ela sorri com tristeza, depois traga o cigarro eletrônico.

— Teve mais alguém?

— Não… quase.

— Quase.

— Bom, não teve, por séculos. Mas tem uma pessoa na escola. Camille. Eu gosto dela. Mas acho que estraguei tudo.

— O amor é um cuzão.

Suspiro.

— Claro que é.

— Manda ver. Fala que estragou tudo. Conta o porquê. Seja honesto. Honestidade funciona. Bom, honestidade pode trancar você num manicômio. Mas às vezes funciona.

— A honestidade é uma cuzona — falo. Ela ri.

Ela fica quieta por um tempo. Depois se lembra de algo.

— “Eu digo a verdade, não tanto quanto deveria, mas tanto quanto consigo. E consigo mais à medida que envelheço.”

— É…?

— Ele mesmo: Montaigne.

— Uau. Ainda gosta dele.

— Tem umas coisas questionáveis hoje em dia, mas, sim, era um sábio.

— E você? Teve alguém?

— Tive. Sim. Alguns. Mas fico bem sozinha. Sou mais feliz sozinha. Sempre ficava complicado demais. Sabe, a questão da idade. Costumo achar os homens uma decepção. Montaigne dizia que o objetivo da vida era se dar a si mesmo. Estou trabalhando nisso. Lendo, pintando, tocando piano. Atirando em homens de quase mil anos.

— Toca piano?

— É mais interessante que o pifarito.

— Verdade. — Estou me divertindo, é nossa primeira conversa de verdade desde a Austrália. — Quando você furou o lábio?

— Uns trinta anos atrás. Antes de todo mundo.

— Dói?

— Não. Você tá me julgando?

— Sou seu pai. É pra isso que estou aqui.

— Também tenho tatuagens.

— Tô vendo.

— Tenho uma no ombro. Quer ver? — Ela desce o macacão e me mostra uma árvore. Embaixo, as palavras: “Under the Greenwood Tree”. — Fiz para me lembrar de você. Lembra que ensinou essa música?

Sorrio.

— Lembro.

Ela ainda está com jetlag. Eu também. Quero que ela fique, mas ela diz que Londres provoca ataques de pânico e não quer voltar ao hospital. Ela conta que tem uma casa em Fetlar, uma das ilhas em Shetland, na qual morou na década de 1920, abandonada. Quer voltar. Contou que tem um pouco de dinheiro. E, na semana seguinte, depois da volta às aulas, ela vai. Fico triste, mas entendo, e prometo visitar assim que possível.

— O tempo não anda ali — explica ela. — Nas ilhas. Me fazia sentir normal. Ficar rodeada de natureza imutável. A cidade é mais difícil. As coisas acontecem na cidade.

Suas mãos tremem suavemente. Penso nos horrores pelos quais passou. As coisas que bloqueou. Penso no futuro, o que será dela, e de mim, agora que o segredo dos albas provavelmente será revelado. Agora que nós, ou Omai, poderemos revelar.

Mas a questão é: não é possível conhecer o futuro. Vemos as notícias e é

assustador. Mas não dá para ter certeza. Esse é o negócio com o futuro. Não se sabe. É necessário aceitar que não se sabe. Precisa parar de folhear mais à frente e se concentrar na página atual.

Abraham desce do sofá e segue para a cozinha. Marion vem sentar ao meu lado. Quero abraçá-la, como um pai faz com a filha. Penso que ela não iria gostar, mas então ela coloca a cabeça no meu ombro sem dizer nada. Lembro-me da mesma cabeça deitada no mesmo ombro, quando ela tinha dez anos, naquela noite na carruagem. Aquela noite que parecia o fim de tudo. E agora a mesma coisa parece o começo.

O tempo pode surpreender.

Vou de bicicleta para a escola.

Vejo Anton entrar sozinho. Está com os fones na orelha e lê um livro. Não vejo qual, mas é um livro. Sempre que vejo alguém lendo um livro, ainda mais alguém que não esperava, sinto que a civilização está um pouco mais segura. Ele levanta os olhos. Me vê. Acena.

Gosto desse trabalho. Não consigo pensar, nesse momento, num melhor propósito na vida do que ser professor. Ensinar me faz sentir como um guardião do tempo, protegendo a felicidade futura do mundo por meio das mentes ainda informes. Não é a mesma coisa que tocar alaúde para Shakespeare ou tocar piano no Ciro's, mas é tão bom quanto. E a bondade possui sua própria harmonia.

Claro, não tenho ideia de por quanto tempo serei professor, principalmente depois que tornar público quem sou. Posso ter esse emprego por mais uma semana, um mês, uma década. Não sei. Mas não importa. Tudo na vida é incerto. A incerteza é o modo que temos de saber que existimos no mundo. Certamente é por isso que às vezes queremos voltar ao passado, porque o conhecemos, ou achamos que conhecemos. É uma canção que já ouvimos.

E é bom pensar no passado.

"Aqueles que não conseguem se recordar do passado estão fadados a repeti-lo", observou o filósofo George Santayana em 1905. E basta assistir às notícias para observar as temíveis repetições, as terríveis lições não aprendidas, o século XXI lentamente se tornando uma versão crua do XX.

Mas, embora seja possível contemplar o passado, não é possível visitá-lo. Não de verdade. Não posso sentar sob uma árvore na floresta enquanto minha mãe canta para mim. Não posso andar pela Fairfield e ver Rose e a irmã vendendo frutas em uma cesta. Não posso cruzar a velha Ponte de Londres e

entrar na Southwark elisabetana. Não posso voltar e oferecer mais palavras de conforto para Rose naquela casa sombria da rua Chapel. *Não posso mais rever Marion como uma garotinha*. Não posso voltar num tempo em que o mapa do mundo não era conhecido. Não posso andar por ruas nevadas pautadas por belos postes de luz vitorianos e escolher não me consultar com o dr. Hutchinson. Não posso voltar para 1891 e dizer a mim mesmo que não siga Agnes *Etruria* adentro.

O pássaro amarelo senta num beiral de janela por um tempo e depois voa. Assim é a natureza. Há coisas que experimentei e nunca mais o farei pela primeira vez: amor, um beijo, Tchaikovsky, um pôr do sol no Taiti, jazz, cachorro-quente, Bloody Mary. Essa é a natureza das coisas. A história era — *é* — uma via de mão única. É preciso andar para a frente. Mas nem sempre precisa se adiantar. Pode às vezes apenas olhar para os lados e se contentar com onde está.

Não sinto mais dor de cabeça. Desde a Austrália. Contudo, ainda me preocupo.

Vejo Camille me olhando pela janela da sala dos professores. Ela sorri, depois me nota e fica emburrada, ou assustada, difícil saber. Paro ali e espero. Vou falar com ela. Explicar. Contarei com quem falei ao telefone. Sobre Hendrich. Sobre Marion. Talvez algum dia possamos testar outro banco de parque. Não sei. Não posso saber.

Mas de agora em diante vou existir com sinceridade. Não deixarei segredos ferirem outras pessoas.

Sim.

É tempo.

É tempo de *viver*.

Então inalo o ar do leste londrino, que parece mais puro do que o normal, e ando, entre adolescentes, no prédio pouco inspirado da década de 1960, com uma sensação estranha e há muito esquecida.

Me sinto no começo de algo.

Me sinto pronto a me preocupar e ser ferido e arriscar na vida.

Dois minutos depois, a vejo. Camille.

— Olá — diz ela. Profissional, educada.

Vejo nos olhos dela que espera que eu diga algo. E eu ia dizer. No momento depois deste, tentarei fazer o que sempre foi tão difícil.

Vou tentar me explicar. E uma sensação peculiar me atinge bem em frente a ela. Uma sensação de total entendimento, como se dentro deste momento eu

pudesse ver todos os outros. Não apenas os anteriores, mas os posteriores. O universo inteiro num grão de areia. Era disso que Agnes falava em Paris há um século. E Mary Peters. Finalmente tive a experiência de total entendimento do tempo. O que é, o que foi, e o que será. É um único segundo, mas dentro dele é como se, apenas por olhar dentro dos olhos de Camille, eu visse o infinito.

La Forêt de Pons, França, o futuro

Dois anos depois daquele momento no corredor da escola.

França.

A floresta perto de Pons ainda existe. Aquela que um dia eu conheci.

Abraham está velho. Precisou tirar uma pedra do rim mês passado e ainda não se recuperou de tudo. Embora hoje esteja cheirando alegremente milhares de novos odores.

— Ainda tenho medo — falo enquanto passeamos com Abraham entre as faias.

— Do quê? — pergunta Camille.

— Do tempo.

— Por que você tem medo do tempo? Você é quem vai viver para sempre.

— Exato. E um dia você não estará comigo.

Ela para.

— É estranho.

— O que é estranho?

— Quanto tempo você gasta preocupado com o futuro.

— Por quê? Ele sempre acontece, o futuro é assim.

— Sim, ele sempre acontece, mas nem sempre é horrível. Olha. Olha agora. Para nós. Aqui. Este é o futuro.

Ela agarra meu braço e coloca minha sobre a barriga dela.

— Aqui. Está sentindo?

Sinto — um movimento estranho — você chutar. Você. A irmãzinha da

Marion.

— Estou sentindo.

— Exato.

— E um dia ela pode parecer mais velha do que eu.

Ela para, bem ali. Aponta as árvores. Um veado. Ele se vira e nos olha, mantendo contato por um instante antes de saltar para longe. Abraham puxa a coleira, mas sem muito esforço.

— Não sei o que vai acontecer — diz Camille, olhando o espaço onde a criatura esteve. — Não sei se vou passar uma tarde sem convulsão. Quem sabe qualquer coisa?

— Sim. Quem sabe?

Continuo encarando entre as árvores o ar que fora habitado pelo veado, e percebo que é verdade. O veado não está lá, mas sei que esteve, e o espaço está diferente do que teria sido. A memória o tornou diferente.

— "Você não está mais isolado; mas suponho que seja preciso tocar a vida para escapar dela."

— O que é? Uma citação? — pergunto.

— Fitzgerald.

Continuamos o passeio.

— Eu o conheci, sabia?

— Sim, eu sei.

— E Shakespeare também. E o dr. Johnson. E já vi a Josephine Baker dançar.

— Quantos nomes famosos!

— É verdade.

— Falando em nomes — ela começa devagar, considerando com cuidado as palavras, enquanto pisa um caminho tortuoso. — Andei pensando. Não sei o que você acha. Agora que sabemos que é uma menina, pensei em chamá-la Sophie. Em homenagem à minha avó. Sophie Rose.

— Rose?

Ela segura minha mão e explica:

— Sempre amei esse nome, e a flor, como ela brota, livre, na terra. E, sim, eu sei que é estranho chamar sua bebê pelo nome da… você sabe… Mas também é difícil ter ciúme de alguém de quatrocentos anos atrás. E, além disso, eu gosto dela. Ela ajudou você a se tornar quem é. Acho que seria legal. Ter esse fio alinhavando tudo.

— Bem, vamos ver.

Nos beijamos. Parados ali, na floresta. Eu a amo tanto. Não poderia amar mais. E o temor de não me permitir amá-la venceu o medo de perdê-la. Omai tem razão. É preciso escolher viver.

— Tudo vai ficar bem. Ou, se não ficar bem, pelo menos vai acontecer, então não vamos nos preocupar.

Vejo como ela tem razão. Às vezes, vejo futuros para além desse. Vejo-a tentando e falhando em lembrar-se do meu rosto, bem diante do dela. Vejo-a segurando minha mão, como Rose fizera, pálida e adoentada, no fim da vida. Sinto as beiradas da dor que um dia vai me dominar depois que ela se for. Ela sabe que eu sei. Mas não quer que eu conte mais. Ela tem razão. Tudo será. E cada momento dura para sempre. Vive. Em algum lugar. De algum modo. Enquanto continuamos a andar no caminho pelo qual viemos, de certo modo, ficamos lá, nos beijando, enquanto ao mesmo tempo eu parabenizo Anton pelas notas na prova e bebo uísque com Marion em sua casa em Shetland e estremeço sob o som da artilharia e converso com o capitão Furneaux sob a chuva e agarro a moeda da sorte e ando próximo aos estábulos com Rose e escuto minha mãe cantar enquanto as sementes de sicômoro giram e caem nesta mesma floresta.

Há apenas o presente. Da mesma forma que cada objeto no mundo contém átomos similares e intercambiáveis, cada fragmento do tempo contém aspectos de outro.

Sim.

Está claro. Nesses momentos que vibram com vida, o presente dura para sempre, e sei que há muitos mais presentes para viver. Entendo. Entendo que pode ser livre. Entendo que pode parar o tempo se não permitir ser governada por ele. Não estou mais me afogando no passado, ou temendo o futuro. Como poderia estar?

O futuro é você.

Sobre o autor

MATT HAIG é um dos autores mais vendidos e prestigiados da Inglaterra. Entre seus sucessos se destacam *The Radleys* e *The Humans*, e seus livros juvenis receberam os prêmios Blue Peter Book Award e Smarties Book Prize, além de serem finalistas do Carnegie Medal. Seus livros já foram traduzidos para mais de trinta idiomas. *Como parar o tempo* já é um best-seller e seus direitos para o cinema foram comprados pelo ator Benedict Cumberbatch.



Publisher
Omar de Souza

Gerente editorial
Mariana Rolier

Editora
Alice Mello

Copidesque
Dênis Rubra

Revisão
Thaís Lima

Diagramação
Abreu’s System

Adaptação de capa
Osmane Garcia Filho

Table of Contents

Folha de rosto
Copyright
Sumário
Dedicatória
PARTE UM: A Vida entre as Efeméridas
- Sri Lanka, três semanas atrás
- Los Angeles, duas semanas atrás
- Londres, agora
- Londres, 1623
- Londres, agora
- Londres, 1860
- Londres e St. Albans, 1860-1891
- Londres, 1891
- Londres, agora
- Suffolk, Inglaterra, 1599
- Londres, agora
- Suffolk, Inglaterra, 1599
- Londres, agora
- Suffolk, Inglaterra, 1599

PARTE DOIS: O homem que era a América
- Londres, agora
- Arranha-céus
- Floresta
- St. Albans, Inglaterra, 1891
- Oceano Atlântico, 1891
- Nova York, 1891
- Londres, agora

PARTE TRÊS: Rose
- Bow, próximo a Londres, 1599
- Londres, agora
- Hackney, perto de Londres, 1599
- Londres, agora
- Londres, 1599
- Londres, agora

Londres, 1599
Londres, agora
Londres, 1599
Hackney, redondezas de Londres, 1599
Londres, agora
Paris, 1928
Londres, agora
PARTE QUATRO: O Pianista
Bisbee, Arizona, 1926
Los Angeles, 1926
Londres, agora
Um interlúdio sobre o piano
Londres, agora
Londres, 1607–1616
Londres, agora
Canterbury, 1616–1617
Londres, agora
Paris, 1929
Londres, agora
PARTE CINCO: O retorno
Plymouth, Inglaterra, 1768
Londres, agora
Taiti, 1767
Dubai, agora
Plymouth, Inglaterra, 1772
Algum lugar sobre a Austrália, agora
Huahine, Arquipélago da Sociedade, 1773
Oceano Pacífico, 1773
Byron Bay, Austrália, agora
Canterbury, Inglaterra, 1617
Byron Bay, Austrália, agora
Londres, agora
La Forêt de Pons, França, o futuro
Sobre o autor
Créditos